

HEATHER JEAN BLAKEMORE

***INTEND RETURNING: UM ESTUDO DIACRÔNICO
DE COMPLEMENTOS INDEFINIDOS NA LÍNGUA
INGLESA, BASEADO EM DADOS DE CORPORA***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/ Belo Horizonte, como parte das exigências para obtenção do título de Doutora em Linguística.
Área de Concentração: Linguística
Linha de Pesquisa: Linha G - Estudos da Inter-Relação entre Linguagem, Cognição e Cultura.

Belo Horizonte

2009

BLAKEMORE, Heather Jean

Intend returning: um estudo diacrônico de complementos indefinidos na língua inglesa, baseado em dados de *corpora* / Heather Jean Blakemore. – Belo Horizonte, 2009.

233 f.; 30 cm.

Tese – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

Orientadora: Heliana Ribeiro de Mello

1. Língua inglesa. 2. Sintaxe diacrônica. 3. Complemento infinitivo. 4. Gerúndio. I. Autor. II. Título.

CDD: 410

Tese defendida por HEATHER JEAN BLAKEMORE em 07/08/2009 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:



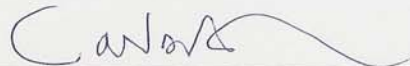
Heliana Ribeiro de Mello - UFMG
Orientadora



Guilherme Fromm - USP



Helivane de Azevedo Evangelista - UNA



Carlos Alberto Gohn - UFMG



Ricardo Augusto de Souza - UFMG

'Chaque mot a son histoire'
(Jules Gillieron)

Dedicated to: Dr. David Jordan Blakemore

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a orientadora Profa. Dra. Heliana Ribeiro de Mello por acreditar em mim e pela orientação *summa cum laude*. Agradeço Amorzinho que fez tudo, e além do necessário, e não me deixou desistir. Agradeço aprendiz Rogério Villaça pela pergunta primordial de qual complemento seria correto. I thank my father, the first Dr. Blakemore, who continues to inspire me and everyone who knew him. My mother and all my sisters know that their support was immeasurable. I thank Claudio for motivation and Glenna Mildred Bard for a push. Renate and Claudio Molz have my heartfelt gratitude. I thank Prof. Douglas Biber for insightful comments and Prof. Mark Davies (BYU) for permission to use the BNC and COCA interfaces. Agradeço com abraços Prof. Carlos Alberto Gohn, Prof. Ricardo Augusto de Souza, Prof. Tommaso Raso, Profa. Deise Prina Dutra, Profa. Laura Stella Miccoli, Profa. Maria Antonieta A. M. Cohen, e Jordana Coelho dos Reis, M.S. Agradeço Pedro Perini e os demais InCognitos. Agradeço a equipe da biblioteca FALE, principalmente, Andréia, Jânia, Marcelo do Comut e a bibliotecária Maria Cecília da Silva. Agradeço a Igreja Presbiteriana da Pampulha pelo apoio espiritual constante e D. Elaine M. Casteluber pela revisão com carinho. I thank God Almighty, *sine quo non*.

RESUMO

Este estudo buscou identificar padrões explicativos no uso do gerúndio e do infinitivo como complementos verbais indefinidos, partindo inicialmente do caos que caracteriza os dados sincrônicos contemporâneos. A metodologia empregou um banco de dados selecionados, construído a partir de *corpora* considerados relevantes. O marco teórico foi da Gramática Cognitiva de Modelos Linguísticos Baseados no Uso. Uma ampla revisão da literatura sobre a questão indicou que as análises existentes baseadas em dados sincrônicos poderiam ser iluminadas por dados diacrônicos que somente no século atual foram disponibilizados através de dados eletrônicos e novas tecnologias de busca em *corpora*. Em consequência, a pesquisa foi estendida a usos históricos desses complementos verbais, o que resultou na descoberta de mudanças complexas e inter-relacionadas na sintaxe da língua inglesa. Foi verificada uma mudança linguística em andamento caracterizada por um crescimento no número de ocorrências e nos tipos de construções do gerúndio como complemento. Os dois fatores identificados com maior poder explicativo pela estrutura do sistema atual de complementos verbais são de natureza histórica e contemporânea respectivamente, sendo o primeiro parcialmente responsável pelo segundo: entrada tardia na língua de certos verbos e a frequência atual do uso dos mesmos. Tomados juntos, os fatores formam a principal contribuição desta pesquisa: uma explicação histórica dos processos que resultaram nas diferenças de sentido e distribuição sintática atual entre as duas formas do complemento verbal indefinido.

Palavras-chave: língua inglesa, sintaxe diacrônica, complemento infinitivo, gerúndio.

ABSTRACT

Starting from the chaos of contemporary synchronic data, I sought patterns in usage of indefinite verbal complements in the form of gerunds and infinitives. The methodology employed a personalized database built from relevant corpora. Analysis utilized Cognitive Grammar with Usage-based Models of Language. Extensive study of the literature on the question led to the conviction that existing analyses of synchronic contemporary data could receive substantial illumination from diachronic corpus data only recently made available in the form of electronic databases and search engines utilizing twenty-first century technology. Consequently, research was extended to historical uses of these verbal complements, resulting in the discovery of complex and interacting changes in English syntax. Growth of the gerund complement in both token and construction types was verified as a change in progress. The two factors identified as having the greatest explanatory power over the current system of verbal complements are respectively historical and contemporary, specifically certain verbs' later entry into English and current frequency rates of use. I introduce a mechanism of language change to explain the two factors according to the hypothesis that the first factor is partially responsible for the second. Taken together, the factors and the mechanism form the most significant contribution offered by this original research: a historical explanation of the processes resulting in current differences between the two forms, both in meaning and syntactic distribution.

Keywords: diachronic English, language change, cognitive syntax, gerund complement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração do formulário utilizado para coleta de dados.....	64
Figura 2: Gráfico comparando o número de exemplos com complementos de gerúndio ou infinitivo para os quatro períodos da língua inglesa: Inglês Arcaico, Inglês Medieval, Early Modern English e Inglês Moderno.....	67
Figura 3: Diagrama representativo das preferências de cada verbo de acordo com os valores de razão de verossimilhança.....	92
Figura 4: Categorias semânticas versus preferências.....	95
Figura 5: Classes naturais das origens dos 44 verbos.....	97
Figura 6: Classes naturais das origens dos verbos associadas com a classe de entrada tardia.....	104
Figura 7: Gráfico ilustrativo demonstrando as porcentagens de verbos com preferência por complementização por infinitivo, neutro ou gerúndio de acordo com as suas respectivas frequências: alta, média e baixa.....	107
Figura 8: O uso do verbo ‘intend’ com complementos verbais nos quatro períodos de tempo.....	113
Figura 9: O uso de todos os 44 verbos estudados com complementos verbais nos quatro períodos.....	114
Figura 10: Ciclo de realimentação demonstrando os catalisadores mútuos envolvidos no crescimento de construções com o complemento gerúndio na língua inglesa ao longo dos últimos séculos.....	130
Figura 11: Diagrama ilustrativo do universo amostral avaliado neste trabalho. Em destaque, no círculo cinza estão representados os verbos que apresentam diferenciação semântica quando complementados por gerúndio e infinitivo.....	143
Figura 12: Diagrama ilustrativo do universo amostral avaliado neste trabalho. Em destaque, no círculo cinza estão representados os verbos que apresentam distribuição sintática distinta com complementos indefinidos.....	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Os 44 verbos estudados em ordem alfabética demonstrando o número associado dos exemplos constantes no bdHB de orações com complementos infinitivos e gerúndios, e o total dos complementos indefinidos.....	84
Tabela 2: Verbos sinônimos da classe semântica que expressa desgosto, incluindo dados de todos os tipos de complementos aceitos pelos seis verbos e dados de preferência entre os complementos indefinidos	87
Tabela 3: Critérios de valores de razão de verossimilhança definidos para o estabelecimento de preferência por complementação por gerúndio ou infinitivo.....	88
Tabela 4: Avaliação da frequência e razão de verossimilhança obtida para complementação por infinitivo ou gerúndio para todos os verbos estudados.....	90
Tabela 5: 44 verbos classificados nas 7 categorias semânticas do LSGSWE.....	94
Tabela 6: Verbos categorizados pela sua origem de entrada na língua inglesa, com os números totais de cada tipo.....	96
Tabela 7: Preferência de complemento associada às origens dos verbos.....	98
Tabela 8: Verbos estudados com respectivas datas do aparecimento na língua inglesa escrita.....	100
Tabela 9: Uso dos últimos verbos com complementos indefinidos.....	102
Tabela 10: Verbos que preferem gerúndios sem ser de entrada tardia.....	103
Tabela 11: Avaliação de preferências de complemento em relação à frequência observada para os verbos estudados.....	106
Tabela 12: Demonstra o número de formas idênticas (-ing + -ing) comparados com os complementos infinitivos e gerúndios.....	122
Tabela 13: Uso do verbo 'like' com complementos verbais indefinidos (dados do BNC).....	161

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	14
1.1 O objeto de estudo no ensino da Língua inglesa	14
1.2 Apresentação do estudo	20
1.3 Apresentação das teorias de base	22
2 LEITURAS PERTINENTES	27
2.1 ELE: Leituras Pertinentes na Área de Ensino da Língua Inglesa	28
2.1.1 Experiências com julgamentos de gramaticalidade por nativos.....	34
2.1.2 Experiências com produção textual de alunos.....	35
2.2 Diacronia: estudos sobre sintaxe que estendem no passado	36
2.2.1 Delimitação dos quatro períodos estudados.....	37
2.2.2 Estudos históricos existentes.....	38
2.3 Sintaxe: sincrônica, da língua inglesa	43
2.3.1 Diferença: real ou ideal?.....	44
2.3.2 Exceção ou erro?.....	51
3 METODOLOGIA	54
3.1 Preferência para dados de corpus	54
3.2 Intuição do nativo	57
3.3 Dados falados e escritos	60
3.4 Sincronia versus diacronia	61
3.5 Banco de dados	63
3.5.1 Formulário para inserção de dados.....	63
3.6 Quatro períodos	66
3.7 Lista e descrição de <i>corpora</i> fontes	68
3.7.1 Descrição de <i>corpora</i> fontes.....	68
3.7.2 Obras avulsas.....	77
3.8 O futuro do banco de dados utilizado	78
3.9 Verbos acrescentados e retirados	79
3.9.1 Sobre a palavra <i>love</i>	80
4 RESULTADOS	85
4.1 Classes de sinônimos	85
4.2 Classes semânticas e sincrônicas	86
4.3 Preferência dos 44 verbos na atualidade	88
4.3.1 Determinação de preferência.....	88
4.3.2 Preferências dos 44 verbos usados com complementos indefinidos.....	92
4.4 Teste das classes semânticas	93
4.5 Classes históricas	96
4.5.1 Classe natural de origem do verbo.....	96
4.6 Data de entrada dos verbos na língua inglesa	99

4.7 Classe natural dos últimos verbos.....	101
4.7.1 Evidência contra a classe dos últimos verbos.....	103
4.8 Classe natural de verbos com baixa frequência de uso na língua.....	105
4.9 'Intend returning'	108
4.9.1 Construções que se referem a atos futuros.....	109
4.9.2 Mais sobre o verbo ' <i>intend</i> '.....	110
4.9.3 O Verbo ' <i>promise</i> '.....	115
4.10 Sobre construções de '-ing + -ing'.....	117
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	127
5.1 Caracterização dos processos envolvidos nas mudanças sintáticas identificadas..	127
5.2 Funcionamento de 'realimentação em ciclo' proposta.....	131
5.3 Relação do ciclo de realimentação com a sintaxe diacrônica.....	131
5.4 Origem do gerúndio como complemento.....	134
5.5 Caracterização dos dois complementos indefinidos.....	139
5.6 Complementos indefinidos na atualidade.....	142
5.6.1 Verbos com poucos complementos gerundivos.....	145
5.6.2 A hipótese de diferenciação como resultado de uso igual.....	145
5.6.3 Sobre distribuição distinta.....	146
5.6.4 Sobre os dois tipos de complementos na distribuição idêntica e com significados distintos.....	149
5.7 Sugestões pedagógicas referentes aos complementos indefinidos.....	154
5.7.1 Ranking das construções em termos de frequência absoluta (BNC).....	155
5.7.2 Efeito de frequência na aprendizagem de construções.....	158
6 CONCLUSÕES.....	164
6.1 Resumo dos capítulos.....	164
6.2 Diversas funções da forma verbo-<i>ing</i>	167
6.3 Estudos sincrônicos.....	167
6.4 Sugestões pedagógicas.....	168
REFERÊNCIAS.....	170
ANEXO 1: Abreviações encontradas no bdHB para obras de William Shakespeare.....	176
ANEXO 2: Banco de dados de Heather Blakemore.....	177

APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O presente estudo é descritivo e inclui descobertas inéditas sobre uma alternância amplamente estudada tanto historicamente quanto atualmente. As descobertas são possibilitadas em primeiro lugar, pelo uso de dados de corpora, dados contemporâneos (sincrônicos) e diacrônicos; em segundo lugar, pela perspectiva da gramática cognitiva sob os dados. O tópico é a alternância entre dois tipos de complemento indefinido: o gerúndio, de forma invariável em inglês terminando em *-ing*, em, por exemplo, *'swimming'* e o infinitivo também de forma invariável em inglês que consiste das duas palavras: *'to'* e o verbo não conjugado, em, por exemplo, *'to swim'*.

1.1 O objeto de estudo no ensino da Língua Inglesa

Como escolher entre os dois tipos de complemento indefinido que existem na língua inglesa? Apesar de que a escolha aparentemente é automática para nativos, duas condições complicam a tarefa do aprendiz: uma é que não há uma forma equivalente em uso comum na língua portuguesa.¹ Portanto, na interlíngua² emergente do aluno, se emprestar a estrutura sintática do português, não ajudará nesta tarefa, poderá ainda complicá-la por depender no infinitivo como único complemento indefinido. “Inglês é diferente de todas as outras línguas da Europa por possuir dois tipos de complemento sentencial não definido, um dos quais, o gerúndio verbal, surgiu no Inglês Medieval [...]” (FANEKO, 2007, p. 219, tradução nossa).³ A segunda condição que dificulta aprendizagem do uso dos dois tipos de complemento indefinido é que o material didático disponível é pouco útil por razões que serão expostas em diante. O aprendiz brasileiro teria a escolha mais parecida com português, de evitar complementos indefinidos e optar por complementar o verbo principal com uma oração definida, subordinada e iniciada por *'that'*. Por três motivos, o aprendiz avançado rejeita esta opção (pela minha experiência como professora de inglês): primeiro, o *'that'* não está

¹ Porém, existem argumentos que o gerúndio como complemento verbal indefinido atualmente está sendo introduzido na língua portuguesa. Será possível uma mudança sintática similar a de inglês no século XVI? O CD eletrônico do dicionário Houaiss (2001) contém esta oração: “Aquele editor começou vendendo livros de porta em porta”.

² Gramática emergente durante todo o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, um conceito não estático, mas sim, evolutivo. Equivale ao conceito da *'interlanguage'* usado por Braidí (1999, p. 6-7).²

³ A original citação de Fanego (2007, p. 219) é a seguinte: “English is unlike all other European languages in having two different types of non-finite sentential complement, one of which, the verbal gerund, arose in Middle English [...]”

disponível para todos os verbos, como *begin, start, avoid e enjoy*; segundo, o aluno percebe que em sua fala e escrita falta o estilo do inglês, pois o uso que ele faz da língua soa como algo aporuguesado. Finalmente, o uso acumulado da opção definida cria um estilo redundante com pouca variação.

Pelos três motivos expostos, o aprendiz passa a procurar os padrões entre possíveis complementos para poder escolher entre os iniciados por *'that'*, o infinitivo e o gerúndio. Infelizmente, o aluno não encontra um sistema com padrões óbvios e de fácil aprendizagem. Ao contrário, o que ele encontra é caos, de uma natureza descrita nas próximas páginas. Em seguida, como ilustração introdutória da complexidade do sistema de complementação indefinida em inglês, cita-se um exemplo de um guia eletrônico disponível da escolha entre formas de complemento verbal, escrito por Ulisses Carvalho (2005):⁴

[Empregue a forma do gerúndio, verbo +] ING
DEPOIS DE: ENJOY, FINISH, CONSIDER, MIND, IMAGINE, AVOID,
MISS, GIVE UP, GO ON, INVOLVE etc.

- FINISH READING = terminar de ler
- ENJOY TRAVELING = gostar de viajar
- AVOID MISSING = evite perder
- GO ON STUDYING = continue estudando
- MISS PLAYING = sentir falta de tocar

DEPOIS DE: PREPOSIÇÕES

- TO BE SORRY FOR BEING LATE = perdão pelo atraso⁵
- TO BE AFRAID OF SWIMMING = ter medo de nadar
- TO BE ASHAMED OF LYING = ter vergonha de mentir
- BEFORE STARTING = antes de começar
- AFTER WORKING = depois de trabalhar...

A forma do complemento na última série de exemplos não será discutida no presente trabalho, pois não se trata de uma forma que pode ser substituída pelo infinitivo. Apenas o gerúndio é empregado depois de qualquer preposição e seu uso correto depende meramente da memorização de quais verbos e adjetivos são sempre seguidos por preposições. Carvalho (2005) continua sua explicação com exemplos do uso do complemento infinitivo, da seguinte maneira:

[Empregue a forma do] INFINITIVO
DEPOIS DE: AGREE, PROMISE, REFUSE, DECIDE, SEEM, PRETEND,
APPEAR, PLAN, OFFER, ARRANGE, AFFORD, TEND, MANAGE,
WANT etc.

- AGREE TO STAY = concordar em ficar
- PLAN TO TRAVEL = planejar viajar

⁴ CARVALHO, Ulisses. Gramática: Gerúndio ou Infinitivo? disponível em <http://www.teclasap.com.br/blog/2007/04/12/gramatica-gerundio-ou-infinitivo/> acessado em 08/04/2008.

⁵ As traduções para português dentro desta citação são da responsabilidade do autor original devidamente citado.

- PRETEND TO BE = fingir ser
- SEEM TO UNDERSTAND = parecer entender
- PROMISE TO GO = prometer ir

+ ING OU INFINITIVO (SEM MUDANÇA DE SENTIDO)

DEPOIS DE: START, BEGIN, CONTINUE etc.

- START WORKING / START TO WORK = começar a trabalhar
- BEGIN DOING / BEGIN TO DO = começar a fazer
- CONTINUE DOING / CONTINUE TO DO = continuar fazendo

+ ING OU INFINITIVO (COM MUDANÇA DE SENTIDO)

DEPOIS DE: STOP, REMEMBER, REGRET etc.

- STOP SMOKING = parar de fumar
- STOP TO SMOKE = parar para fumar
- REMEMBER READING = lembrar de ter lido
- REMEMBER TO READ = não se esquecer de ler
- REGRET INFORMING = arrependo-me de ter informado
- REGRET TO INFORM THAT... = sinto informar que...

(CARVALHO, 2005).⁶

A forma do tópico que é tratado no material didático será discutido mais a diante no presente capítulo. Por enquanto, com a complexidade do tópico apresentada, volto à questão da dificuldade da tarefa de aprendizagem da alternância entre os complementos indefinidos. A ordem da aquisição das unidades sintáticas por aprendizes da língua inglesa vem sendo estudado por vários pesquisadores. Braidí (1999) resumiu alguns estudos sob as categorias sintáticas ao longo do livro *Acquisition of Second-Language Syntax*. O que é pertinente ao presente estudo é o relativo grau de dificuldade de aprendizagem dos complementos em foco, e sua provável ordem de aquisição por aprendizes, apresentado por Braidí em um relatório da produção dos alunos árabes do inglês escrito. A autora aponta para a dificuldade da tarefa em questão na seguinte citação:

Em geral, as orações com tempo verbal definido (adverbiais, subordinadas, e relativas) continham menos erros do que as com tempo indefinido (complementos infinitivos, locuções com participios, complementos gerundivos). O *ranking* da dificuldade foi a seguinte:

(2.21)

1. frases adverbiais
2. complementos compostos de uma oração subordinada e com tempo verbal definido
3. frases relativas
4. complementos sem um tempo verbal definido
5. locuções com participios
6. complementos gerundivos

Estes poucos estudos demonstram que há algum grau previsível da dificuldade [na aquisição] de certos tipos de orações embutidas. (BRAIDI, 1999, p.36, tradução nossa).⁷

⁶ CARVALHO, Ulisses. Gramática: Gerúndio ou Infinitivo? disponível em <http://www.teclasap.com.br/blog/2007/04/12/gramatica-gerundio-ou-infinitivo/> acessado em 08/04/2008.

Salienta-se que os dois tipos do complemento considerados no presente estudo estão entre as formas sintáticas mais difíceis de se aprender na condição de ensino da língua inglesa. Além disso, o infinitivo vem em *ranking* número 4 de 6, e o gerúndio em último lugar da ordem. Isto é, com a semelhança de uso nas outras línguas (inclusive o árabe dos alunos da experiência, bem como o português) o complemento infinitivo é aprendido **antes** do complemento gerúndio, e com menos dificuldade. O gerúndio é de fato o tipo de forma sintática mais difícil de adquirir por aprendizes de inglês, principalmente, na posição de complemento. Dados históricos apresentados no presente trabalho iluminam este fato, com uma descrição diacrônica detalhada do caráter único do gerúndio.⁸

Em seguida, Wherrity (2004) apresenta o tópico em referência à produção textual de alunos do inglês, exemplificando com erros típicos dos aprendizes:

Entre os muitos problemas que são enfrentados pelos alunos do inglês como língua estrangeira é saber quando usar o infinitivo e o gerúndio em complementação. Mais especificamente, aprendizes, muitas vezes, não têm certeza de qual complemento escolher em dois casos: quando somente um é possível ‘*she refuses to go*’ e ‘*she enjoys going*’ e também, no caso em que ambos, pelo menos da perspectiva estrutural seriam possível: ‘*she prefers to go/going*’. Uma vez que um contraste correspondente não existe na maioria das outras línguas, inclusive as da Escandinávia, falantes não nativos, que não apreciam a semântica sutil que distinguem as duas construções, frequentemente falham na escolha do complemento adequado. Os seguintes exemplos foram escritos por alunos de inglês:

She has not finished to do her homework.

The horse practiced to leap over the fence.

I'm not allowed having lunch in the library.

Estes tipos de erros sugerem que o aprendiz está muitas vezes no escuro a respeito de quais informações entram na escolhas feitas por falantes nativos⁹ (WHERRITY, 2004, p. 1).

⁷ Doravante todas as traduções para português de citações originalmente em inglês são da nossa autoria. Originalmente: “In general, the tensed clauses (adverbial clauses, tensed sentential complements, and relative clauses) contained fewer errors than did the nontensed clauses (infinitive complements, participle phrases, and gerund complements). The rank order of difficulty was as follows:

(2.21)

1. adverbial clauses
2. tensed sentential complements
3. relative clauses
4. infinitive complements
5. participle phrases
6. gerund complements

These few studies demonstrate that there is some predictable degree of difficulty of given embedded-clause types” (BRAIDI, 1999, p. 36-37).

⁸ Vide o capítulo de Discussão, páginas 134 a 141.

⁹ “One of the many problems which confront EFL/ESL students is knowing when to use the infinitive and when to use the gerund in verb complementation. More specifically, learners are often uncertain as to which complement to chose both in those cases where only one is possible as in ‘*she refuses to go*’ and ‘*she enjoys going*’ and in those where either, at least from a structural perspective, may be possible: ‘*she prefers to go/going*’. Since a corresponding gerund/infinitive contrast does not exist in most languages, including the Scandanavian, non-native speakers, who do not appreciate the subtle semantics that distinguish the two

Do meu ponto de vista,¹⁰ a principal razão pela dificuldade de aprendizagem da alternância é que o sistema de complementação verbal em inglês é complexo, apresentando mudanças constantemente, o que faz com que ele seja difícil de aprender por motivos internos e inerentes, bem como verbos de frase¹¹ em inglês. Essa razão pode ser ainda mais significativa que as duas apontadas por Wherrity (2004); porém sua importância permanecerá como uma questão cuja resolução está fora do escopo do presente trabalho. Segundo o autor, a primeira razão pela dificuldade da tarefa de aprendizagem da alternância é que tal contraste não existe nas línguas escandinavas (bem como no português). A segunda razão é justamente a natureza das ferramentas didáticas disponíveis ao aprendiz que Wherrity (2004, p. 2) critica fortemente:

Com efeito, o método tradicional de ensinar complementação gerundivo/infinitivo de modo geral tem envolvido pouco mais que fazer os alunos decorarem listas compridas de verbos matriciais e seus respectivos complementos. O problema com isso, entretanto, é que, se os alunos se esquecem da combinação do verbo + complemento, resta a eles uma chance de 50% de acertar na escolha, que seria a mesma chance de alguém que nunca tivesse estudado as listas!¹²

Apresento, em seguida, dois exemplos do tipo de livro apontado por Wherrity (2004) e de uso amplo no ensino da língua inglesa como língua estrangeira secundária. No livro *Understanding and Using English Grammar* (AZAR, 1989), há listas em várias tabelas, seguido por exercícios do tipo *cloze* (preenche as lacunas com respostas baseadas na lista). Seção 4-3 é “*Common Verbs Followed by Gerunds*” (AZAR, 1989, p. 154); 4-4 “*Go + Gerund*” (p. 156); 4-5 “*Common Verbs Followed by Infinitives*” (p. 157); e finalmente, 4-6 “*Common verbs followed by either infinitives or gerunds*” (p. 162). Pela introdução no alto da tabela, percebe-se que a memorização dos itens listados vai ser o único recurso disponível ao

constructions, frequently fail to select the appropriate complement. Here are three examples taken from student writings.

She has not finished to do her homework.

The horse practiced to leap over the fence.

I'm not allowed having lunch in the library.

These types of errors suggest that the language learner is often in the dark as to what informs the choices made by native speakers.” (WHERRITY, 2004, p. 1)

¹⁰ O uso da primeira pessoa em toda essa tese não indica crédito exclusivo da autora. Ao contrário, o que deve ser entendida pela escolha pragmática da primeira pessoa é que todas as opiniões, erros e equívocos restantes após múltiplas revisões são da responsabilidade da autora e não devem ser identificadas com nenhuma das outras pessoas envolvidas ao longo do projeto. Salienta-se que as sugestões e ajuda de professores, colegas, linguístas, alunos e principalmente a orientadora dessa tese foram imprescindíveis.

¹¹ *Phrasal verbs*, ou verbos com mais de uma palavra, como por exemplo ‘*to put up with*’.

¹² “In effect, the traditional method for teaching gerund/infinitive complementation has usually involved little more than having students memorize long lists of head verbs and their respective complements. The problem here is, however, that if they forget the verb-complement match, students are left with nothing more than a 50-50 chance of making the right selection, the same chance someone who had never studied the lists at all would have!” (WHERRITY, 2004, p. 2)

estudante. “Alguns verbos podem ser seguidos tanto por infinitivo quanto por gerúndio, às vezes, sem diferença no significado, como no grupo A abaixo; e outras vezes, com uma diferença no significado, como no grupo B abaixo”¹³ (AZAR, 1989, p. 162). Não há uma diferenciação do Grupo A do Grupo B, exceto por seu comportamento sintático.

Um tratamento dado à questão dos complementos verbais mais baseado na semântica pode ser encontrado no livro *Using English: your second language*, de Danielson e Porter (1990, p. 300-302). A tabela 14-2, “*Verbs Followed by Gerunds*”, tem a seguinte introdução:

Em contraste com infinitivos como complementos verbais que basicamente demonstram atividade potencial, os gerúndios sugerem uma atividade contínua ou concluída. Os verbos, aos quais eles seguem, podem ser divididos em diversas categorias de significado e diversas categorias de ‘verbo + preposição’.¹⁴

As ‘categorias de significado’, acima mencionadas, incluem as seguintes descrições: ação contínua, estados mentais ou de ânimo, comunicação verbal e interrupção de ação. Uma observação que segue essa tabela menciona onze dos verbos seguidos por gerúndio que podem também ser seguidos por orações com ‘*that*’, continuando em seguida a relacionar outros oito. Estes, quando seguidos por uma oração com ‘*that*’, omitem a preposição costumeiramente ligada a eles. Entretanto, adverte que mais dois verbos (respectivamente *appreciate* e *resent*) constituem uma exceção por serem seguidos quase exclusivamente de ‘*the fact that*.’ Esse manual oferece ainda outras orientações ao aluno, além das listas descritas acima, tais como: “Use um infinitivo depois de verbos que expressem a possibilidade de atividade ou atividades que não ocorreram. Os infinitivos que se seguem a verbos, muitas vezes, expressam estágios de se alcançar um objetivo ou de se executar um plano”¹⁵ (DANIELSON e PORTER, 1990, p. 302). Imediatamente depois dos exemplos dessas diretrizes em ação, o manual inverte o curso e adverte o leitor: “Naturalmente, existem exceções para essas regras. O infinitivo pode ser usado para descrever fatos ou para expressar ações que já aconteceram, e o gerúndio pode sugerir a possibilidade de ação”¹⁶ (PORTER, 1990, p. 302). Embora, aparentemente, trate de ‘exceções das regras’, os exemplos pela última advertência se constituem de verbos extremamente comuns: *do*, *happen*, *turn out* e *plan on*.

¹³ “Some verbs can be followed by either an infinitive or a gerund, sometimes with no difference in meaning, as in Group A below, and sometimes with a difference in meaning, as in Group B below.” (Azar, 1989, p. 162).

¹⁴ “In contrast to infinitives as verbal complements, which basically show potential activity, gerunds suggest ongoing or completed activity. The verbs they follow can be divided into several meaning categories and several verb categories.” (DANIELSON e PORTER, 1990, p.300).

¹⁵ “Use an infinitive after verbs that express possibility of activity or activities that haven’t happened. Verbs followed by infinitives often express stages in reaching a goal or carrying out a plan.” (ibid, p. 302).

¹⁶ “There are, of course, exceptions to the general rules. The infinitive can be used to describe facts or to express actions that have already happened, and the gerund can suggest the possibility of action.” (ibid).

A categoria seguinte de verbos relacionados é introduzida com uma orientação de utilidade questionável pelo meu ver: “Um infinitivo ou um gerúndio pode seguir a esses verbos. Os significados são **mais ou menos os mesmos**” (DANIELSON e PORTER, 1990, p. 302, grifo nosso). Essa categoria contém as três subclasses: “sentimentos, exemplo *like*; ações, exemplo *begin*; e permissão e intenção, exemplo *allow*” (ibid).¹⁷ (O presente trabalho analisa todos os três verbos listados por último). Apesar da categorização fornecida por Danielson e Porter (1990), a apresentação da alternância entre os complementos não passa de ser uma lista com comentários, caráter que compromete sua utilidade na tarefa do aprendiz. Como disse o Wherrity (2004, p. 2):

Listas, por sua própria natureza, não fornecem ao aprendiz uma oportunidade de participar ativamente no processo de aprendizagem. [...] De uma perspectiva pedagógica, eles não estimulam os alunos a testar e desenvolver hipóteses quanto às fronteiras dos conceitos dos itens linguísticos em questão. A tarefa é reduzida de fato a memorizar, e não formar hipóteses.¹⁸

Se fossem descobertas pelo menos classes semânticas em que os verbos das listas didáticas pudessem ser logicamente classificados, seria um grande avanço para o ensino da língua inglesa. Portanto, ao iniciar o presente estudo, elaborei os objetivos em torno das classes semânticas imaginadas, da maneira exposta a seguir.

1.2 Apresentação do estudo

Como afirmam Quirk et al (1972, apud WULFF e GRIES, 2008, p. 1), “*There ought to be a big award for anyone who can describe exactly what makes him say ‘I started to work’ on one occasion and ‘I started working’ on another*”. Muitos linguistas já concorreram a tal ‘prêmio’, eu entre eles, como meta inicial do presente trabalho. A tal propósito, estabeleci o objetivo ao iniciar este estudo de descobrir e confirmar classes naturais semânticas mais lógicas e baseadas em processos cognitivos aplicados à linguagem. Eu pretendia estudar vários *corpora* se for necessário para se delimitar tais classes. Alguns linguistas defendem suas classes encontradas ao explicar a mesma questão deste estudo. Egan (2006, 2008) e

¹⁷ “An infinitive or gerund can follow these verbs. The meanings are more or less the same.” Categories: feelings (like), actions (begin), permission and intention (allow). (DANIELSON e PORTER, 1990, p. 302).

¹⁸ “Lists, by their very nature, do not provide the learner with an opportunity to actively participate in the learning process. [...] From a pedagogical perspective, they do not encourage students to test and develop hypotheses as to the conceptual boundaries of the linguistic items in question. The learning task is, in effect, to memorize, not to hypothesize.” (WHERRITY, 2004, p. 2).

Duffley (2003, 2006), por exemplo, defendem suas classes semânticas com muito ânimo, e até se apresentam satisfeitos com suas investigações sincrônicas de corpora. Após muita consideração, penso que os dados sincrônicos não são satisfatórios.¹⁹ Para apontar apenas um problema entre vários, na seguinte frase dos dados do presente trabalho, o verbo *intend* refere-se a um ato que pode ou não ser realizado em um momento posterior ao momento referido pelo verbo.

EXEMPLO 1: “*Now that I have begun this pilgrimage, I intend to go through with it.*” (bdHB 275²⁰ escrito pelo autor norte-americano Mark Twain em 1867.)

Bem como na maioria dos exemplos do presente estudo, o verbo (frasal) ‘*to go through with*’ está na posição sintática de complemento ao verbo principal ‘*intend*’. Nessa posição, ele exerce o papel de objeto do verbo ‘*intend*’ evidenciando sua natureza de substantivo. No entanto, o mesmo verbo complementar na forma infinitivo ‘*to go through with*’ ainda exerce o papel do verbo, com seu próprio objeto, o pronome ‘*it*’. Essa natureza dupla do infinitivo é compartilhada com o outro tipo de complemento verbal indefinido: o gerúndio. O problema com esse exemplo do uso do infinitivo se localiza na explicação dada por Duffley (2006) que exclui a possibilidade de se usar o gerúndio neste contexto, pois ele é contrastado com o gerúndio. O gerúndio, segundo esse autor, não deve refletir propósitos ou intenções futuras, mas sim ações na sua íntegra, completos e atemporais. Portanto, pelo sentido básico do verbo ‘*intend*’, segundo Duffley (2006),²¹ ele deve sempre ser usado com o infinitivo, como no exemplo 1, e nunca deve ser usado com o complemento verbal gerúndio. Considere, então, o seguinte exemplo do presente banco de dados:

EXEMPLO 2: “*Does your Editor know you intend returning?*” (bdHB 782, escrito pela autora inglesa Rosamund Pilcher em 1987.)

Para evitar que o Exemplo 2 seja descartado como extraordinário ou excepcional, enfatize-se o fato que há 338 exemplos da mesma construção (‘*intend*’ + gerúndio) no *British*

¹⁹ Porém, não pretendo criticar as conclusões dos sincronistas como, por exemplo as de Fanego, (2007, p. 205).

²⁰ O número identificador foi dado pelo programa organizador do banco de dados montado durante o presente estudo. O anexo contém todos os exemplos, cada um identificado pelo número dado no texto da tese, junto com detalhes do contexto do que foi retirado e o corpus da sua origem. A sigla ‘bdHB’ significa ‘banco de dados de Heather Blakemore’; detalhes sobre sua montagem se encontra entre páginas 63 a 66 do capítulo ‘Metodologia’.

²¹ Não somente Duffley, mas muito outros sintaticistas concordam com essa caracterização do complemento gerundivo, contrastando-o com o infinitivo, como pode-se conferir na seção 2.3 do capítulo 2: Leituras pertinentes.

National Corpus, uma fonte de dados que será descrita no capítulo da metodologia dessa tese. Com o surgimento de dados conflitantes como os exemplos do ‘*intend*’, me ocorreu a necessidade de investigar a história do uso dos complementos, começando com o período do Inglês Arcaico. Consequentemente, o estudo de dados diacrônicos proporcionou algumas conclusões. Primeiro, o infinitivo era o tipo de complemento dominante até o século XIX. No entanto, na última década do século XX, o gerúndio foi dominante²² para a maioria dos verbos que foram estudados durante toda a pesquisa. A terceira descoberta foi que o complemento gerúndio existiu há muitos séculos, como por exemplo, em construções com o verbo ‘*cease*’, das quais este complemento consta desde o ano 1400, embora não tenha se tornado dominante até recentemente (século XX). Formulei, portanto, uma nova hipótese de que o uso do gerúndio trata de uma mudança sintática ainda em curso, havendo uma expansão do uso deste complemento verbal ao longo do tempo. Investigar esta mudança sintática se tornou a nova meta para o presente trabalho.

1.3 Apresentação das teorias de base

Evidências advindas da aquisição da língua materna (L1) demonstram que crianças usam a verificação de hipóteses (conhecida entre os *Junggrammatiker* como aplicação de analogia). Tais métodos de aprendizagem de L1 levaram Chomsky, Halle e, mais tarde, outros gerativistas a estabelecerem regras sincrônicas que operam em ‘representações linguísticas subjacentes’ e podem ser vistas operando na produção da linguagem. Em contraste com essa teoria, a gramática cognitiva reflete o equipamento cognitivo completo disponível aos seres humanos (e a outros animais) que está inerentemente envolvido no modo pelo qual o falante e o ouvinte compreendem o mundo em que eles vivem e a cultura específica em que eles se comunicam.

Para que seja ‘cognitiva’, uma teoria precisa objetivar a maneira em que a língua, a cultura, **bem como** o ato cognitivo, estejam envolvidos no processamento da língua pelos seres humanos. Em termos de metodologia, para a linguística cognitiva (Modelos Baseados no Uso – *Usage-based Models*), apenas exemplos gravados (ou escritos) de linguagem real em uso (a *parole* de Saussure, não a *langue*) são dados aceitáveis para o estudo, já que exemplos inventados servem os propósitos do pesquisador, mas não necessariamente os do

²² Em número de possíveis construções; não em número total de exemplos das construções no *corpus* BNC. Será esclarecida a diferença na discussão da Tabela 4 das páginas 90 a 91.

usuário da língua.²³ Qualquer língua é falada por e para alguém, num lugar e momento específicos. De acordo com Barlow e Kemmer (2000), os gerativistas clássicos consideram esses detalhes insignificantes, enquanto os cognitivistas, principalmente os que trabalham apenas com *corpora*, consideram esses aspectos os formuladores básicos de qualquer parte de discurso, independentemente do tamanho.

Schwartz e Causarano (2007, p.43) apresentam a posição de ‘funcionalismo’ frente ao ‘gerativismo’, partindo, como é usual, da aprendizagem da língua materna:

Foi proposto que a gramática não seja o resultado de um certo conjunto inato e pré-programado de regras universais dado a cada ser humano como foi proposto por Chomsky. Ao contrário, funcionalistas alegam que a gramática surge de milhares de construções diferentes que são internalizadas e mapeadas nas nossas capacidades cognitivas em função da frequência dos dados de entrada e produção linguística [*input* e *output*...]. Portanto, a diferença fundamental entre os gerativistas e funcionalistas seria identificação da fonte do conhecimento gramatical na aquisição da primeira língua. Gerativistas acreditam que a gramática é inata e que o léxico e o meio entram em cognição em momentos distintos e não relacionados. Os funcionalistas, em contraste, acreditam que o léxico combinado com o meio em que a língua é usada constituem as condições cruciais para a emergência de estruturas gramaticais. O debate persiste sobre essa diferença fundamental e polêmica.²⁴

O paradigma que forma a base teórica do presente trabalho basicamente compartilha a posição do funcionalismo²⁵ e acrescenta a posição cognitivista. Além de rejeitar a habilidade de aprender linguagem como inato, e defender sua dependência do meio social em função da vivência e convivência, a posição tomada por cognitivistas é que a habilidade linguística é apenas uma das múltiplas habilidades cognitivas compartilhadas por muitos seres desse planeta. Cognitivistas acreditam que, retirando os instintos mais básicos que permitam sobrevivência, tudo que humanos aprendem é por meio da nossa experiência corporal e social

²³ Seção 2.1.1. do capítulo 2: ‘Leituras Pertinentes’ trata de exemplos ‘inventados’ em contraste com os ‘gravados’. Vide também seção 3.2 para uma discussão sobre intuição do nativo.

²⁴ “[...] it has been proposed that grammars are not a result of some sort of innate, preprogrammed set of universal rules that each human being is born with as proposed by Chomsky. Rather, functionalists claim that grammars emerge from thousands of different constructions, and these constructions are internalized and mapped onto our cognitive capacities through the frequency of input and output (WRAY, 2002; TOMASELLO, 1998). Thus, the fundamental difference between the generativists and the functionalists is that of the source of grammatical knowledge in first language acquisition. Generativists believe that grammar is innate and that the lexicon and environment enter into cognition at a different, unrelated time. The functionalists, however, believe that it is the lexicon and the environment in which language is used to create the conditions for grammatical structures to emerge. This fundamental difference continues to be hotly debated.” (SCHWARTZ e CAUSARANO 2007, p. 43-44)

²⁵ Concordo com o princípio de que formas sintáticas são derivadas de funções semânticas. Entretanto, discordo de que esse princípio evidencia-se em uma proporção uma-a-uma sendo uma única forma sintática ligada a uma única função semântica. Mais discussão nesse assunto se encontra nas páginas 28 a 30.

como animais de convivência em grupo. Humanos se tornam falantes de uma língua (ou mais) ao utilizar as idênticas habilidades cognitivas dos outros animais; habilidades que emergem, evoluem e são ativamente aperfeiçoadas em função de uma dada estrutura social. Em outras palavras, a habilidade de usar uma língua não é pelo instinto, não é inata, e não é de caráter única entre outras habilidades cognitivas. Muitos dos princípios sintáticos dos linguistas gerativistas são compartilhados pelos cognitivistas e são detalhados nos próximos capítulos.

O presente trabalho trata do contraste entre construções mais ou menos equivalentes, um tópico que David Lee (2001, p. 77) aproveita para esclarecer a posição cognitiva relativa às outras linhas do pensamento sobre sintaxe:

Esses contrastes [entre verbos causativos], porém, são plenamente consistentes com os princípios da gramática cognitiva. Se uma língua for conceituada como um sistema de símbolos com o intuito de expressar as idéias produzidas pelos sistemas cognitivos dos seres humanos, com experiências humanas do mundo que estimulam esses processos cognitivos, então seria de se esperar justamente o tipo de gradação e variabilidade ilustrados pelos dados acima [dos verbos causativos]. As orações serão totalmente naturais se seus significados corresponderem às maneiras naturais de conceituar a situação relevante. Caso contrário, elas irão apresentar diversos graus de falta de naturalidade que reflitam a falta de consistência de correspondência. As avaliações de orações particulares são fortemente ligadas à nossa experiência cotidiana em vez de algum conjunto de regras abstratas que se refiram apenas às propriedades das orações.²⁶

Vários grupos de linguistas hoje estão pesquisando a abordagem denominada Gramática Cognitiva. Entre eles, há quem trabalhe em nível da oração e outros com discursos extensos. Há pesquisadores que usam exclusivamente dados de corpora, dados reais e atestados da língua em uso. Deste último grupo destaque-se Kemmer (2008) por sua insistência em modelos baseados no uso, e por valorizar a perspectiva diacrônica. Kemmer (2005, p. 42) justifica sua abordagem diacrônica de várias formas, entre elas a seguinte descrição de realimentação recursivo mútuo²⁷ entre uma construção e um lexema na história do uso de construções com o verbo *'make'*:

Desta forma, a observação da história da palavra *'make'* demonstra, pela primeira vez, como uma construção surge por extensão gradual do uso pelos falantes até que percebamos que a construção exerce um efeito coercivo que, por si só, motiva análise do uso causativo de *'make'* como uma construção válida. Sua evolução seguiu um caminho de construção em metamorfose constante em termos de predicados preferidos e de tipos de predicados

²⁶ “Contrasts of this kind [among more-or-less acceptable coercive verb constructions, from p. 70-77] pose serious problems for theories that hypothesise that speakers of a language distinguish sharply between grammatical and ungrammatical sentences, and assume that the primary goal of the theory is to explain such an ability. On that view relatively minor lexical substitutions of this kind should not produce significant differences of ‘grammaticality.’ (LEE, 2001, p. 77)

²⁷ Em inglês: *a mutual feedback loop*.

permitidos. O perfil mutável da própria construção é, ao mesmo tempo, um sintoma e um mecanismo de mudança; isso por que os falantes são sensíveis à frequência e a mudança na frequência [aumento, no caso] terá o efeito de induzir o seu reconhecimento da construção [...].²⁸

Da mesma forma como as interpretações dos dados do presente trabalho foram apresentadas, a explicação dada por essa autora do efeito coercivo da construção com ‘*make*’ depende crucialmente em um conceito central da gramática cognitiva: **entrincheiramento**. Uma trincheira é algo cavado por soldados como proteção. Quanto mais fundo melhor para os soldados. A metáfora é baseada em resultados de experiências neurolinguísticas fora do escopo do presente trabalho. Não obstante, sabe-se que sinapses que ativam entre si (com eletricidade) levam um conceito, ou idéia ou palavra de uma parte do cérebro para outra parte (geralmente muito próxima). Um alto número de vezes que for trilhado o conceito causa as sinapses no caminho a serem ativadas com mais brilho (visível através de tomografia computadorizada) e com mais rapidez. Logo, chamam-se tais caminhos entre sinapses de ‘entrincheirados’.

O primeiro uso da metáfora de ‘entrincheiramento’ foi de Langacker (1991, p. 45), que a definiu dessa forma: “Entrincheiramento descreve a frequência com que uma estrutura tem sido usada e, portanto, quanto completo seja o domínio sobre ela e a facilidade da sua ativação subsequente”.²⁹ Em outras palavras, uma construção que é pouco usada é mais propícia de ser esquecida ou usada de forma errada. Por outro lado, uma construção usada frequentemente é mais propícia a ser ativada (lembrada) no momento apropriado do seu uso, e o domínio sobre ela será maior pelo falante, resultando em menos erros (no caso do aprendiz, por exemplo). A interação entre grau de entrincheiramento e crescimento no uso de uma dada construção é um conceito crucial do presente trabalho. A discussão dos resultados apresentados no capítulo 4 retomará o conceito de entrincheiramento.

Concluindo esta parte da apresentação do marco teórico do presente trabalho, ressalta-se que as teorias que guiaram a pesquisa e suas conclusões, no princípio, à medida do possível, a metodologia, bem como as análises, respeitam os princípios da linguística cognitiva. A base teórica que informou a metodologia, bem como as interpretações dos dados,

²⁸ “Observing the history of *make* in this way allows us to see for the first time how a construction emerges by gradual extension by speakers until we can see the construction exert a coercion effect which itself motivates the analysis of the *make* causative as a full-fledged construction. The development followed a trajectory of a changing constructional profile in terms of preferred predicates and predicate types. The changing constructional profile is itself both a symptom and a mechanism of change, because speakers are sensitive to frequency and the changing frequency will have the effect of inducing them to reorganize the construction...” (KEMMER, 2005, p. 42).

²⁹ “Entrenchment pertains to how frequently a structure has been invoked and thus to the thoroughness of its mastery and the ease of its subsequent activation” (LANGACKER, 1991, p. 45).

é da Gramática Cognitiva. Trabalho com um modelo dinâmico de linguagem em uso (*A dynamic usage-based model*) de Langacker (2000). Além disso, a metodologia espelha a de Kemmer (2005) e dos outros diacronistas trabalhando apenas com *corpora* compostos de exemplos gravados do uso real da língua em qualquer época devidamente identificada.

O segundo capítulo resume leituras relevantes à presente pesquisa. Capítulo 3 discorre sobre a metodologia empregada para estudar o objeto à luz do marco teórico recém apresentado. Capítulo 4 apresenta os resultados da forma estatística e gráfica. O quinto capítulo oferece discussão e interpretação dos resultados, a luz da teoria da Gramática Cognitiva. A conclusão segue os capítulos acima descritos; referências e anexos encerram essa tese.

2 LEITURAS PERTINENTES

Leituras feitas ao longo do presente estudo foram demasiadamente variadas para serem listadas aqui. Apenas o processo de adquirir a habilidade razoável de leitura do Inglês Medieval envolveu muitas leituras e horas investidas. Considero que o próprio leitor esteja bastante familiarizado com as leituras de base, as que são fundamentais para uma compreensão da tese nas mãos; portanto, não pretendo listar leituras que não são diretamente pertinentes ao presente trabalho.³⁰

A metodologia adotada pela presente pesquisa privilegiou trabalhos baseados em *corpus* ou *corpora*, além dos dentro da linguística cognitiva. Entretanto, tais preferências não resultaram na exclusão de estudos sintáticos à luz de outras teorias. Ao contrário disso, foi considerado que todos e qualquer escrito que tentou explicar a questão da alternância entre os complementos verbais indefinidos merece uma consulta, até quando a alternância foi apenas mencionada em função de um conceito não relacionado à pesquisa em si. O tópico nunca deixou de despertar interesse para gramáticos desde o século XIX, e vem sendo estudado amplamente até hoje. Artigos, apresentações em congressos, livros, capítulos, páginas virtuais de grupos linguísticos, forums no Internet, etc. baseados em múltiplos tipos de metodologia foram consultados. Serão expostos aqui somente os que iluminaram e contribuíram ao presente estudo. Por serem tão variados nos termos metodológicos acima descritos, eles serão apresentados dentro das subáreas de linguística às quais pertencem.

As leituras tendiam a pertencer às três classes, a seguir: Ensino de Língua Estrangeira (ELE), Diacronia e Sintaxe em geral. Dentro das três grandes áreas são obras dedicadas especificamente à:

- a) ELE: SLA (*Second Language Acquisition*), EFL (*English as a Foreign Language*), interlíngua, relatórios de experiências na sala de aula, estudos de *corpus* produzido por alunos, livros didáticos para ensino/aprendizagem de inglês;
- b) Diacronia: história da língua inglesa, sintaxe do inglês ao longo da história, diacronia comparativa dentro da família de línguas germânicas, história da língua portuguesa, latim ibérica desde século XIV, gramaticalização, teoria de mudanças na sintaxe, prática (estudos de caso) de mudanças sintáticas, diacronia e variação sintática, dialetos de Minas Gerais, mudanças dialetais, mecanismos de mudança sintática;

³⁰ Caso contrário, recomendo livros introdutórios da área de linguística cognitivo, como por exemplo, *Cognitive Linguistics: an introduction*. Oxford, RU: Oxford University Press, 2001 escrito por David Lee, ou *Cognitive Grammar*. Oxford, RU: Oxford University Press, 2002, por John R. Taylor.

- c) Sintaxe: em geral, linguística cognitiva em geral, tipologia de linguagens baseada na sua sintaxe, princípios e parâmetros, sintaxe gerativista, sintaxe funcionalista, gramática cognitiva, gramática de construções, sintaxe da língua inglesa específica, sintaxe comparativa entre inglês e português, sintaxe translinguística, dialetos de inglês, World Englishes.

Gramáticas da língua inglesa, propriamente dito, foram frequentemente consultadas, mas não serão classificadas em um grupo separado. Ao invés disso, serão apresentadas em uma das três áreas às quais pertencem, baseado no seu leitor previsto. Em outras palavras: há gramáticas escritas para linguistas, (QUIRK, et al. 1972; GIVON, 1990; LANGACKER, 1987, 1991); para diacronistas (BARBER, 1993); para professores da língua inglesa (LOCK, 1996; CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999); para aprendizes (BIBER et al. 2002; CARVALHO, 2005); para ser usada na sala de aula de ELE (AZAR, 1989; DANIELSON e PORTER, 1990); e outros mais gerais, sem um leitor previsto explicitamente (BIBER, et al. 1999; HUDDLESTON e PULLUM, 2002).

2.1 ELE: Leituras pertinentes na área de ensino da língua inglesa

Duas gramáticas, a serem apresentadas a seguir, compartilham seu leitor pretendido e sua base teórica de funcionalismo. Foram escritas para professores da língua inglesa: *Functional English Grammar: an introduction for second language teachers* por Graham Lock (1996); e *The Grammar Book (second edition, 1999)*, por Marianne Celce-Murcia e Diane Larsen-Freeman.

Lock (1996, p. 110-112) trata da alternância em questão sob o título *'Two processes with one Subject'*. A descrição enfatiza a sutileza da diferença entre os sentidos dos complementos indefinidos, pois sua perspectiva de funcionalismo insiste, a priori, na unidade de forma-função. Em outras palavras, uma dada forma tem somente uma função que a exerce, sendo que outras formas não podem exercer a mesma função. Ao exemplificar a diferença de sentido dos dois complementos verbais na função de objetos diretos do verbo matricial (com os mesmos sujeitos implícitos), Lock (1996, p. 111) cita os seguintes exemplos com sua explicação em seguida.

(50) *I like swimming (especially when the weather is warm)*. Que pode ser compreendido como *I enjoy (the activity of) swimming*, enquanto uma outra, como por exemplo: (51) *I like to swim (whenever I can)*, mais aproxima o sentido de *I desire to swim*. Outros verbos que expressam um processo

afetivo que podem ser complementados por ambos as formas incluem: *hate*, *prefer*, e *love*. Tais diferenças são muito sutis e a forma Verbo+ing normalmente pode ser substituído pela forma *to* + Verbo com nada mais que uma pequena perda de naturalidade. Na maioria dos contextos de ensino, portanto, faz sentido inicialmente generalizar o uso da forma Verbo+ing para todos os casos de verbos que complementam um verbo de processo afetivo.³¹

Pelos resultados do presente estudo, a política sugerida pelo autor é desaconselhável, pois os verbos do presente estudo que representam o ‘processo afetivo’ do Lock são 9 (dos 44 analisados no presente estudo), especificamente *like*, *prefer*, *enjoy*, *miss*, *regret*, *dislike*, *approve*, *appreciate*, *adore*. Entre eles, somente dois mostram uma tendência muito forte ao uso com o gerúndio: *enjoy* (na proporção de 160 a 1 infinitivo no BNC ³²) e *dislike* (com 100% uso do gerúndio). Além disso, o verbo *like* é usado três vezes mais frequentemente com o infinitivo do que com o gerúndio.³³ Os outros são usados com o infinitivo como escolha secundária, mas em proporção não exagerada ao gerúndio, como, por exemplo, o verbo ‘*approve*’ com o gerúndio apenas 1,9 vezes mais do que o infinitivo. O ‘*regret*’ também é usado apenas 2,05 vezes mais com o gerúndio. Lock (1996, p. 52) ³⁴ reconhece este último verbo como “exceção da regra” acima, e a explica da seguinte forma:

Uma exceção a isso é o verbo *regret*. Com a forma ‘Verbo+ing’, *regret* indica que ‘Quem Sente’ lamenta o que já fez (ou deixou de fazer) como no exemplo 43. Com a forma do ‘*to*-infinitive’, porém, o *regret* indica que ‘Quem Sente’ realiza a ação com a sensação de lamentação. Nesse caso, é similar a um processo em fases do tipo de verbo que expressa ‘maneira’, como no exemplo: (52) *I regret to inform you that you will not be offered a renewal of contract [...]* (‘informá-lo com lamentação’).

A explicação do Lock procede, pois a realização prévia da ação expressada pelo verbo ‘*regret*’ de fato diferencia as duas construções bem como existe essa diferença com os verbos ‘*remember*’ e ‘*forget*’.

³¹ “(50) I like swimming (especially when the weather is warm). could be paraphrased as *I enjoy (the activity of) swimming*, while a clause such as: (51) I like to swim (whenever I can). is closer in meaning to *I desire to swim*. Other affection process verbs which can take both forms include *hate*, *prefer*, and *love*. (P. 112) Such differences are very subtle and the Ving form can normally be substituted for the *to* + V form with no more than a slight loss of idiomaticity. In most teaching contexts, it therefore makes sense to initially generalize the use of the Ving form to all cases of verbs following an affection process verb.” (LOCK, 1996, p. 111-112).

³² *British National Corpus*, identificado e descrito no capítulo 3: Metodologia, páginas 76 e 77.

³³ Dados do BNC, vide página 161 dessa tese.

³⁴ “One exception to this is the verb *regret*. With the Ving form, *regret* indicates that the Senser feels sorry about something he or she has already done (or not done) as in number 43.³⁴ With the *to* + V form, however, *regret* indicates that the Senser does something regretfully. In this case, it is much more like a phased process of the manner type, for example: (52) *I regret to inform you that you will not be offered a renewal of contract . . .* (‘inform you regretfully’)” (LOCK, 1996, p. 52).

Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) consideram a alternância junta com outros tipos de complemento, inclusive o definido *'that-clause'*. Seu tratamento compreensivo de sete páginas parte do mesmo ponto discutido por Wherrity (2004, p. 2), o qual foi citado na página 20 da apresentação dessa tese: listas de verbos não são ideais para facilitar aprendizagem. Bem como a gramática de Lock, *The Grammar Book* leva como dado o conceito que a alternância reflete uma diferença semântica que motiva a forma sintática distinta. Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 434) citam o “Princípio de Bolinger” que contrasta os dois complementos da seguinte forma: “O infinitive muitas vezes expressa algo ‘hipotético, futuro, não realizado,’ enquanto o gerúndio expressa algo ‘real, vivente, realizado.’”³⁵

Em seguida, as autoras exemplificam o tipo de erro que falantes não-nativos cometem quando não percebem uma diferença palpável entre os dois complementos. Sua conclusão é que há muito ainda não compreendido sobre o sistema complexo de complementação verbal em inglês. Ainda na conclusão há um questionamento do ‘Princípio de Bolinger’ devido às múltiplas exceções:

Há muito mais de que precisamos saber sobre infinitivos e gerúndios na língua inglesa. Embora seja tão atraente à hipótese de Bolinger, os trabalhos de Kiparsky e Karttunen demonstram que existem exceções importantes³⁶ (CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 440).

The Cambridge Grammar of the English Language de Huddleston e Pullum (2002), apresentam um perfeito quadro caótico que revela a complexidade do sistema de complementação verbal indefinido:

...*to* como preposição tem um caráter associado com uma meta; há uma associação metafórica entre os ‘*to*-infinitivos’ e metas que existem no fato de que eles comumente envolvem projeção temporal no futuro, como por exemplo com complementos dos verbos: *ask, choose, consent, hesitate, order, persuade, promise, resolve, strive, tell, threaten*, e inumeráveis outros verbos que combinam com outros. Ligado a isso é a qualidade de potencialidade. O gerúndio-particípio, em contraste, é comumente associado com que é atual em real, como por exemplo *They enjoy walking, She finished working, He practiced speaking with an American accent*; sendo plausível levar isso como um resultado da fonte nominal da maioria dos complementos gerundivos. Porém, deve-se enfatizar que estamos falando aqui de tendências motivadas pela história e associações históricas não de

³⁵ “The infinitive very often expresses something ‘hypothetical, future, unfulfilled,’ whereas the gerund typically expresses something ‘real, vivid, fulfilled’.” (CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 434).

³⁶ “There is much more we need to know about infinitives and gerunds in English. As attractive as Bolinger’s hypothesis is, the work of Kiparsky and the work of Karttunen demonstrate that there are important exceptions.” (CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 440).

elementos constantes de sentido³⁷ (HUDDLESTON e PULLUM, 2002, p. 1241).

Em seguida, há uma tentativa de categorizar os verbos. Infelizmente, as categorias são mistas entre comportamento sintático e classe semântica: verbos sem uma diferença semântica entre as duas formas, (*bother, intend, plan, propose*); verbos de aspecto (*begin* e *start*); verbos de gosto/desgosto (*like, hate*, mas não *regret*); verbos de memória (*remember, forget*, sendo que *recollect* é citada como exceção dos outros dois); verbos com aspecto durativo (*get*, mas não *want*); e finalmente ‘*some individual cases*’: uma categoria do resto que não cabem dentro das outras (*try, fear, scorn, regret, report*), segundo Huddleston e Pullum (2002).

O sistema como descrito nessa gramática merece a caracterização de ‘*messy*’ dada por Bourke às descrições de gramáticas ‘tradicional’, crítica que será citada no seu contexto discursivo original na citação que segue. Nesse trecho Bourke (2007) avalia várias gramáticas em função da sua utilidade ao aprendiz frente à tarefa de compreender a alternância no artigo “Verbal complementation: A pedagogical challenge.” De acordo com o autor:

Muitas gramáticas pedagógicas ignoram [a complementação verbal] com a desculpa de que ela não pode ser ensinada, ou pelo menos, é muito caótica e complexa. É vista como uma daquelas áreas da gramática do inglês que é melhor adquirida sem instrução explícita.³⁸ (BOURKE, 2007, p. 35).

Mais adiante, o mesmo autor contrasta as gramáticas tradicionais com as novas, baseadas em dados de *corpus*:

Deve-se notar que as gramáticas mais recentes do inglês são baseadas em *corpus*, como por exemplo, a *Cambridge Grammar of English* (CGE) de Carter e McCarthy (2006), a qual contém uma seção inteiramente dedicada à complementação verbal (p. 503-529). [...] Os autores da CGE deixam claro que a sua gramática é informada pelo *corpus* e não determinada e controlada por ele. A taxonomia da complementação verbal apresentada pela CGE não

³⁷ “Prepositional *to* is characteristically associated with a goal, and a metaphorical association between *to*-infinitivals and goals to be found in the fact that they commonly involve temporal projection into the future, as with the complements of *ask, choose, consent, hesitate, order, persuade, promise, resolve, strive, tell, threaten*, and countless other catenatives. Linked with this is the modal feature of potentiality. The gerund-participial, by contrast, is commonly associated with what is current and actual, as in *They enjoy walking, She finished working, He practiced speaking with an American accent*, and it is plausible to see this as connected with the nominal source of most gerund-participial complements. But it must be emphasised that we are talking here of historically motivated tendencies and associations, not constant elements of meaning” (HUDDLESTON e PULLUM, 2002, P. 1241)

³⁸ “Many pedagogical grammars ignore it [verbal complementation] on the grounds that it is unteachable, or at least very complex and messy. It is seen as one of those areas of English grammar that is best acquired without overt instruction” (BOURKE, 2007, p. 35).

difere fundamentalmente das estruturas descritivas das gramáticas tradicionais.³⁹ (BOURKE, 2007, p. 46).

Havia chegado até esse ponto, me parece útil ao leitor uma apresentação das conclusões de Bourke (2007) a respeito das gramáticas pedagógicas, embora uma discussão mais profunda encontra-se no capítulo 5, páginas 154 a 163, em que são apresentadas as sugestões pedagógicas sobre a alternância central dessa tese.

A conclusão do artigo é tripartite, conforme Bourke (2007), com certo grau de conflito entre a primeira e a última sugestão. Em primeiro lugar, ele afirma a necessidade de tarefas do tipo *'focus on form'*, ou seja, atividades que explicitamente ensinam verbos específicos e seus respectivos padrões de complementação sintática. Ao longo do seu artigo, ele sugere que o sistema é demasiadamente complexo para que alunos superem seu uso incorreto meramente pela sua intuição ou pela exposição contínua ao uso correto.⁴⁰ Em segundo lugar, ele indica que aprendizes devem ser levados a “reestruturar (ou em alguns casos, desfossilizar) suas interlínguas emergentes” (BOURKE, 2007, p 48). Esta sugestão, segundo o autor, segue “o princípio bem conhecido que o significado determina a estrutura e não o inverso” (ibid). Portanto, Bourke propõe que os professores aceitem tal princípio e comecem a instrução a partir da semântica da construção para depois apresentar a forma sintática em que ela se realiza. Essa última sugestão me parece um pouco conflitante, dada a primeira sugestão de ênfase à forma em si, um conflito que até Bourke reconhece com o seu conselho que os professores de ESL devem enfrentar o desafio de adequar uma meta à outra (efetuar essa transição).

Minha opinião sobre as conclusões de Bourke (2007) é a seguinte: nos dados de fala e escrita do *corpus* BNC, a frequência da construção *'like + to-infinitive'* é cerca de três vezes maior que a de *'like + gerúndio'*.⁴¹ Em contraste, *'dislike + to-infinitive'* não consta no inglês atual (do BNC).⁴² A única construção aceitável com *'dislike + um complemento verbal indefinido'* é *'dislike + gerúndio'*. Esse fato se deve à evolução histórica da língua inglesa,

³⁹ “It is worth noting that most recent grammars of English are corpus-based, for instance the Cambridge Grammar of English (CGE) by Carter and McCarthy (2006) contains a whole section on verb complementation (pp.503-529). [...] The authors of CGE make the point that their grammar is ‘informed’ by the corpus and not driven and controlled by it. The verbal complementation taxonomy offered by the CGE does not depart fundamentally from the older descriptive framework” (BOURKE, 2007, p. 46).

⁴⁰ *Input* correto é insuficiente, sugestão que desafia a teoria de Krashen, S.; Terrell; T., *The Natural Approach: Language Acquisition in the classroom*. Oxford, R.U.: Pergamon, 1983.

⁴¹ Vide páginas 90 a 92 e 161 para a discussão destes dados de frequência. Para o *'like'* 11.293 complementos infinitivos contrastem com 3.693 com o gerúndio.

⁴² Porém, o *Corpus of Contemporary American English* contém 5 exemplos do verbo *'dislike + infinitivo'*.

sendo o verbo ‘*dislike*’ um dos que entrou na língua recentemente,⁴³ e não devido a qualquer qualidade semântica da palavra em si. A pergunta que me perturba, segundo as sugestões de Bourke (2007), é: Como deve-se ensinar, a partir da semântica, a diferença entre os usos de ‘*like*’ e ‘*dislike*’?

Pense na situação complexa que o aprendiz enfrenta: esses dois verbos não estão entre os que aceitam tanto um complemento verbal quanto um complemento definido de oração subordinada introduzida por ‘*that*’; o que o força a escolher entre o ‘*to-infinitive*’ ou o gerúndio, a menos que tenha um SN (objeto) que o substitua facilmente.⁴⁴

Resta ao aprendiz evitar usar o verbo ‘*dislike*’ e substituí-lo por um sinônimo (tipo ‘*detest*’, que também aceita somente o gerúndio) ou ainda ‘*not like*’, sendo que a segunda opção não resolveria o problema, pois a escolha entre ‘*not like* + infinitivo’ ou ‘*not like* + gerúndio’ não é óbvia e apresenta um dilema complexo. Em alguns casos, não há diferença perceptível de significado entre o uso de um ou outro complemento com ‘*like*’; em outros casos, somente um será aceitável, dado o contexto. Seguem dois exemplos que ilustram esses fatos, de acordo com COCA (1990)⁴⁵:

a) “They **like to play** games and we catch them.”⁴⁶

b) “They **like playing** church.”⁴⁷

Proponho que não haja uma diferença perceptível no sentido das duas construções de ‘verbo + complemento indefinido’ acima exemplificadas. Além disso, no contexto discursivo que segue, sem um SN objeto do verbo ‘*play*’, apenas o infinitivo serve.

c) “A second strategy to assess friendship of young children is the use of peer ratings where children provide a rating for all peers on a particular dimension such as how much **they like to play**, eat lunch, or study with the identified peer.”⁴⁸

⁴³ Encontra-se nas páginas 101 a 105 do capítulo 4: Resultados, uma discussão da classe de verbos com entrada tardia no inglês.

⁴⁴ Menos que 50 instâncias de um ‘*that-complement*’ seguem o verbo *like* em todo o corpus do COCA, o qual contém mais de 398 milhões de palavras, sendo assim, um número muito insignificante ao se comparar com as 11.293 ocorrências de ‘*like** + *to-infinitive*’ e 3.693 de ‘*like** + gerúndio’. O corpus COCA apresenta apenas 3 exemplos de ‘*dislike** + *that-complement*’.

⁴⁵ O *Corpus of Contemporary American English* é identificado e descrito no capítulo de Metodologia.

⁴⁶ “They **like to play** games and we catch them.” fonte: COCA: 1990 (19900320) Title Newshour 900320 Source PBS_Newshour. O exemplo não consta no bdHB.

⁴⁷ “The girls made it.” She hands him a stick of incense. “**They like playing** church. Weddings with no groom. Funerals”. Fonte: COCA: 1991 Publication information # Autumn91, Vol. 27 Issue 4, p826, 11p Title El Ojito del Muerto Eye of the Dead One. Source Southern Review. O exemplo não const no bdHB.

⁴⁸ Fonte: COCA. 2001 (v30:4) Publication information 2001, Vol. 30 Issue 4, p568, 18p, 6 charts Title Elementary Children’s School Friendship: A Comparison of Peer Assessment Methodologies. Author Yugar, Jeanne M. Shapiro, Edward S. Source School Psychology Review. O exemplo não consta no bdHB.

2.1.1 Experiências com julgamentos de gramaticalidade por nativos

A metodologia empregada na experiência de Wherrity (2004) difere da minha, pois inclui exemplos inventados pelo linguista pesquisador a propósito de analisar julgamentos de falantes nativos sobre o grau de gramaticalidade exibido por cada alternância:

A análise se baseia em uma série de testes quantitativos que foram aplicados usando os seguintes verbos: *like, love, hate, prefer, continue, begin, start, can't stand, try*. Esses verbos geralmente são classificados em livros didáticos do ensino de inglês como capazes de ser complementados por ambos os complementos [indefinidos] com pouco ou nada de diferença semântica. Os testes, na forma de um questionário com 24 itens, foram aplicados em 72 falantes nativos de inglês na universidade de Rutgers de New Brunswick, etc. As escolhas comprovam que os sujeitos perceberam uma diferença semântica entre os complementos com *to* e com *-ing* para cada item. O teste do Qui-quadrado foi aplicado aos resultados, que foram então julgados estatisticamente significantes.⁴⁹ (WHERRITY, 2004, p. 9).

Na minha perspectiva, o problema do princípio dessa experiência é que o autor equivocou-se ao confundir uma diferença na frequência de uso de um tipo das duas construções com uma diferença no sentido entre elas. Graus diferentes de entrenchment⁵⁰ resultam numa intuição que uma construção ‘soa melhor’ que outra para falantes nativos. Isto não significa que uma construção tem uma diferença de sentido em termos práticos. A questão aqui é que familiaridade com uma construção está sendo confundida com gramaticalidade da mesma.

A conclusão de Wherrity (2004) está de acordo com os sincronistas listados na seção 2.3, tais como Duffley (2003, 2006), Egan (2006, 2008) entre outros. Duffley (2003, 2006), principalmente, conta com um ‘sentido do cerne’ dos dois complementos indefinidos para suas explicações das construções que os incluem.

“A distribuição de ambas as construções é uma função dos sentidos centrais de *to* e *-ing* e que falantes nativos escolham complementos de acordo com suas necessidades

⁴⁹ “The analysis is supported by a series of quantitative tests which were performed for the following verbs: *like, love, hate, prefer, continue, begin, start, can't stand, try*. These verbs are usually classified in ESL texts as able to take either complement with little or no change in meaning. The tests, in the form of 24 items on a questionnaire, were administered to 72 native English speakers at Rutgers University in New Brunswick, New Jersey. As evidenced by the choices they made, the subjects discerned a semantic difference between the *to* and *-ing* complements for every item. The results were subjected to *chi-square* test and found to be statistically significant” (WHERRITY, 2004, Appendix, p. 9).

⁵⁰ Conceito central de linguística cognitiva. Definição dado ao conceito por Langacker: “Entrenchment pertains to how frequently a structure has been invoked and thus to the thoroughness of its mastery and the ease of its subsequent activation” (LANGACKER, 1991, p. 45).

comunicativas”⁵¹ (WHERRITY, 2004, p. 1). A conclusão de Wherrity (2004) implica a seguinte observação sobre o verbo ‘*cease*’, um dos ‘*aspectuals*’, com o qual discordo plenamente:

No caso dos verbos de aspecto, as distinções semânticas sinalizadas pelo uso do gerúndio ou do infinitivo, muitas vezes, são bastante sutis. Entretanto, estão presentes e não podem ser desprezados como insignificantes, ou, pior ainda, como não existentes.⁵² (WHERRITY, 2004, p. 6).

O estudo de Wherrity (2004) não é de *corpus*, escolha de metodologia que o levou até seu equívoco. A meu ver, não há evidência de *corpus* para sustentar a diferença de sentido (independente de quão sutil) em todos os usos das construções equivalentes do gerúndio e infinitivo com o mesmo verbo, como por exemplo, o ‘*cease*’ citado por Wherrity (2004).

Conforme será discutido na seção 2.3.1, não concordo que haja diferenças entre os dois complementos indefinidos entre si, porém diferenças entre construções usando-os, da forma apresentada por Egan (2008), por exemplo, parece sustentável. Egan (2008) propõe múltiplas e complexas classes semânticas de verbos que podem ser complementadas pela alternância em questão, em um sistema tão complexo que seja aparentemente impossível de aprender como língua estrangeira. Tal sistema ainda sofre com certos ‘vazamentos’ de usos de um tipo de complemento em lugar do outro, que são explicados por Egan como exceções ou erros (vide páginas 51 a 53). Contudo, a posição teórica tomada no presente trabalho é complementar a de Egan (2008) e diametralmente oposta a de Wherrity (2004) acima exposta.

2.1.2 Experiências com produção textual de alunos

Schwartz e Causarano (2007) compararam as frequências de uso dos infinitivos e gerúndios no *corpus* do BNC às frequências de uso por três grupos de alunos de inglês (ESL) sendo: intermediário, alto-intermediário, e avançado. Além disso, os autores levantaram dados de frequência de erros da produção textual dos alunos. Os resultados foram os seguintes: para cada 10.000 palavras do BNC, complementos infinitivos foram usados 12 vezes, o que significa quase nove vezes mais que gerúndios. No que os alunos escreveram, as proporções

⁵¹ “The distribution of both constructions is a function of the core meanings of *to* and *-ing* and that native English speakers select complements in accordance with their communicative needs” (WHERRITY, 2004, p. 1).

⁵² “In the case of aspectuals, the semantic distinctions signalled by *to* and *-ing* are often quite subtle. Nevertheless, they are present and cannot be [sic] written off as insignificant or, even worse, non-existent” (WHERRITY 2004, p. 6).

foram similares, porém o número total de erros diminuiu gradativamente nos níveis mais altos. Quanto ao tipo de erros cometidos, Schwartz e Causarano (2007, p. 50) concluíram que:

Nos termos da nossa análise de frequência dos erros produzidos com ambas as construções de ‘verbo + complemento’, nós determinamos que há uma tendência de aparecer mais erros com gerúndios do que com infinitivos. Esse resultado apoia nossa hipótese que ALI (aprendizes da língua inglesa) terão a tendência de cometer mais erros com construções de frequência menor.⁵³

Os resultados da minha análise dos dados sobre as frequências dos dois tipos ao longo dos séculos está de acordo com os resultados da experiência acima citada. Uma explicação de tais frequências envolve a hipótese do mecanismo de mudança sintática que proponho no capítulo 5: Discussão. Ainda no mesmo capítulo, haverá sugestões didáticas decorrentes dos resultados da minha pesquisa e do trabalho acima citado de Schwartz e Causarano (2007).

2.2 Diacronia: estudos sobre sintaxe que estendem no passado

Hock (1991) forneceu a introdução de dois fatos cruciais. Primeiro, a sintaxe tem a tendência de mudar mais lentamente do que todos os outros módulos tradicionalmente classificados como léxico, fonológico, morfológico. Segundo, de fato o ritmo de mudança pode sofrer épocas de aceleração ou estagnação devido a muitos fatores de origem intralinguística ou extralinguística, sendo os fatores externos geralmente devido contato entre línguas (MOLZ, 2006). Harris e Campbell (1995) forneceram exemplos e explicações (gerativistas) de mecanismos de mudança, principalmente a reanálise e a gramaticalização. Cohen e Ramos (2002) esclareceram como mudança de categoria linguística e reanálise funcionam na língua portuguesa. April MacMahon (1994) permitiu ligar mudanças na evolução de *pidgins* e crioulos com a alternância estudada na língua inglesa (vide capítulo 5, páginas 139 a 141).

⁵³ “In terms of our analysis of the frequency of errors produced in both *verb + complement* constructions, we found there was a tendency for more errors to occur with gerunds as apposed to infinitive constructions. This finding supports our hypothesis that ELLs [English Language Learners] will tend to produce more errors with low frequency constructions.” (2007, p. 52)

2.2.1 Delimitação dos quatro períodos estudados

Barber (1993, p.38) comenta sobre o ritmo de mudanças na língua inglesa:

Também pode-se ver que, ainda nas quatro citações feitas, o ritmo da mudanças tem variado. Entre a *New English Bible* [publicada em ano de 1961] e a *Bíblia do Rei James* [pub. 1611], há um período de três séculos e meio, porém as diferenças entre elas são menores que as que existem entre a *Bíblia do Rei James* e a versão de [John] Wycliffe [c. 1384], que são separadas por somente eu usaria 225 anos. Ainda mais, as diferenças entre Wycliffe [c. 1384] e a Bíblia [do início do século 11], a qual antecede (ou é anterior à) a conquista [de William, em 1060] são muito grandes. Se estudássemos um número maior de citações para preencher todas as lacunas cronológicas, descobriríamos que os séculos 12 e 15 foram períodos de mudanças particularmente rápidas na língua inglesa. Assim sendo, é conveniente dividir a história da língua inglesa em três grandes épocas, as quais são geralmente chamadas de: Inglês Arcaico, Inglês Medieval e Inglês Moderno (o Inglês Novo). Margens exatas não podem ser traçadas, porém o Inglês Arcaico cobre os anos do início da colonização da Inglaterra pelos anglo-saxônicos [c. 450] até aproximadamente o ano de 1100; o Inglês Medieval até cerca de 1500; o Inglês moderno de cerca de 1500 até o presente. Esses períodos frequentemente são ainda subdivididos, resultando nos subperíodos *Late Old English* (c. 900-1100) e *Early Modern English* (c. 1500-1650).⁵⁴

Em termos de mudança sintática, duas épocas são da maior importância (de 1500 a 1650) e (de 1650 a 1800). Os séculos XIX e XX também se agrupam em termos do crescimento e mudança de sentido de construções, principalmente no que se trata do uso do gerúndio como complemento verbal. A importância do século XIX para a alternância central dessa tese é comentada por De Smet e Cuyckens (2005), De Smet (2008), Fanego (1996a, 1996b, 1996c, 2007) Mair (2002, 2006) Rodenburg (2006), Rudanko (2002, 2006). Portanto, as épocas determinadas acima por Barber (1993), não são baseadas na pronúncia, mas sim, na sintaxe da língua inglesa e servem aos propósitos particulares do presente estudo.

⁵⁴ “It can also be seen, even from the four passages that I have quoted, that the pace of change has varied. Between the New English Bible [published 1961] and the King James Bible [pub. 1611] there is a period of just three and a half centuries, but the differences between them are less than those between the King James Bible and Wycliffe’s version, which are separated by only about two and a quarter centuries. The differences between the Wycliffe and the Pre-Conquest Passage, too are very great [from the beginning of the 11th Century]. If we were to study a large number of passages to fill in the chronological gaps, we should find that the twelfth and fifteenth century were periods of particularly rapid change in English. This makes it convenient to divide the history of the English language into three broad periods, which are usually called Old English, Middle English, and Modern English (or New English). No exact boundaries can be drawn, but Old English covers from the first Anglo-Saxon settlements in England [c. 450 AD] to about 1100, Middle English from about 1500, and Modern English from about 1500 to the present day. These periods are often subdivided, giving such sub-periods as Late Old English (c. 900-1100) and Early Modern English (c. 1500-1650).” (BARBER, 1993, p. 38-39)

2.2.2 Estudos históricos existentes

O objetivo desta parte é estabelecer a carência de estudos cobrindo o período que o presente estudo trata. O ponto de partida será um comentário sobre os estudos diacrônicos existentes sobre a alternância gerúndio/infinitivo como complemento verbal indefinido:

Pesquisas anteriores sobre a evolução do gerúndio deram pouca atenção à questão do aumento ou redução da frequência de seu uso ao longo do tempo, a principal exceção sendo Donner (1986), que, após analisar todas as formações com *-ing* citados nos volumes do *Middle English Dictionary*, de ‘A’ a ‘O’, comenta (p.398) que no século XV há quase o dobro de citações de gerúndio em relação ao século XIV. De passagem, ele atribui esse aumento à frequência absoluta das formações com *-ing* à sua ‘utilidade como um meio fácil de derivar um substantivo de qualquer verbo, notavelmente os inúmeros verbos franceses que entraram para a língua’ (Donner 1986:398). Ainda não foi comprovado se essa última observação é correta, mas os dados da porção do *corpus* de Helsinki do período do *eModE* [*Early Modern English*] de fato confirmam a tendência de maior frequência dos gerúndios ao longo do tempo”⁵⁵ (DONNER, 1986 apud FANEGO, 1996b, p. 118).

A citação toca uma meta principal do presente trabalho: descobrir o porquê do aumento do uso do gerúndio. Vide capítulo 5, páginas 127-131 para a resposta. Além das pesquisas de outros, Fanego (1996b, p.118) relata os resultados de suas próprias pesquisas na próxima citação. Nota-se que a pesquisa dessa autora termina com ano 1710:

Como a Tabela 2 demonstra, em sete dos dez registros examinados, especificamente Diários, Cartas Pessoais, Ficção, Comédias, Filosofia, Manuais e Ciências, o uso do gerúndio aumentou consideravelmente entre os séculos XVI e XVII, especialmente no subperíodo E3 (1640-1710). Ações Judiciárias, Sermões e Estatutos não compartilham essa tendência, mas parece provável que o desvio nos Sermões é mais aparente que real e deve ser atribuída às peculiaridades estilísticas [...]⁵⁶.

⁵⁵ “Previous research on the development of the gerund has paid little attention to the question of its increase or decrease in frequency in the course of time; the main exception is Donner (1986), who, after examining the *-ing* forms quoted in the volumes of the *Middle English Dictionary* running from A through O, notes (p.398) that in the fifteenth century there are almost twice as many citations for gerunds as in the fourteenth. In passing, he attributes this rise in the absolute frequency of *-ing* forms to ‘their utility as a ready means of deriving a noun from any verb, notably the torrent of French verbs that had come into the language’ (Donner 1986:398). Whether this latter observation is correct or not remains to be proved, but the data from the *eModE* [*Early Modern English*] section of the Helsinki Corpus indeed confirm the trend for gerunds to become more frequent in the course of time.” (FANEGO, 1996b, p. 118)

⁵⁶ “As Table 2 shows, in seven out of the ten registers examined, namely in Diaries, Private Letters, Fiction, Comedies, Philosophy, Handbooks and Science, the use of gerunds increases considerably from the sixteenth to the seventeenth centuries, and specially in subperiod E3 (1640-1710). Trials, Sermons and Statutes do not share in this tendency, but it seems likely that the deviation of Sermons is more apparent than real, and should be put down to the stylistic peculiarities [. . .].” (FANEGO, 1996b p. 118)

A citação não deixa dúvida de que o crescimento do uso do gerúndio aconteceu e foi mais marcante no final do período (1710) estudado por Fanego (1996b). A autora oferece a especulação de que o crescimento do gerúndio *como complemento verbal* ('post-head dependents' nos termos usados por ela) devia ter continuado de forma similar a que foi comprovado até o ano 1710, inclusive até os dias de hoje. "[Dependentes após núcleo] são muito mais comuns no final do século XVII que no início do século XVI, e me parece razoável presumir que no *Late-Modern English* e Inglês Atual seus números teriam continuado a aumentar"⁵⁷ (FANEGO, 1996b, p. 120). Minhas pesquisas confirmam essa hipótese de que o crescimento continua até o Inglês Atual (vide seção 4.9, em particular Figura 9 na página 114).

Sobre os períodos que carecem de estudos, Rudanko (2006) estuda os séculos XIX e XX enquanto Mair (2006, p. 214) focou especificamente no século XIX, dando o motivo do que a maioria dos estudos é sincrônica do século XX ou XXI:

O enorme e complexo sistema de complementação por orações não definidas no Inglês Atual ganhou atenção dos sintáticos de praticamente todas as linhas teóricas. Embora não compreendidas em todos os detalhes, as características principais do uso atual, inclusive a variação regional e estilística, têm sido documentadas e analisadas de maneira satisfatória. O que não foi estudada suficientemente é a história desse complexo sistema, particularmente em seus estágios mais recentes desde c. 1800. Este fato surpreende uma vez que, em contraste com ordem das palavras, formas de interrogação ou negação, em que, após evoluções rápidas durante o período do Early Modern English, observa-se uma certa estabilidade no início do século XIX, há muitas indicações que o uso de infinitivos, participios e gerúndios tem continuado a mudar incessantemente nos últimos dois séculos.⁵⁸

Bem como Mair (2006), Egan (2006) relata um estudo sobre a alternância com dados restritos ao século XX, na coleção de artigos *Syntax, Style and Grammatical Norms: English from 1500-2000*. Com a meta de verificar uma mudança em andamento, ele compara dados do ano 1960 com o ano 1990. Baseado na observação da lentidão de mudança sintática, na minha

⁵⁷ p. 120 "[post-head dependents] are far more common in the late seventeenth century than in the early sixteenth, and it seems reasonable to assume that in late Modern and Present-Day English their numbers will have continued to increase." (FANEGO, 1996b, p. 120)

⁵⁸ "The vast and complex system of nonfinite clausal complements in Present-Day English has attracted scholarly attention from syntacticians of virtually every theoretical persuasion. While not understood in every detail, the major outlines of present-day usage, including regional and stylistic variation, have been documented and analysed satisfactorily. What is covered far less well, however, is the history of this complicated system, in particular in its more recent stages since c. 1800. This is all the more surprising since in contrast to word order or the forms of question and negation, where after rapid developments during the Early Modern English period a degree of stabilization set in in the early nineteenth century, there is every indication that usage of infinitives, participles and gerunds has continued changing with unabated vigour also in the past two centuries." (MAIR, 2006, p. 214).

perspectiva, dados que abrangem mais tempo serão mais adequados a determinar que um processo sintático está em andamento.

De Smet (2008) publicou o artigo intitulado *Functional motivations in the development of nominal and verbal gerunds in Middle and Early Modern English* que trata do mesmo assunto de Mair (2002), Donner (apud Fanego, 1996b) e Fanego (1996b) acima citados à luz do funcionalismo. Porém o período compreendido por De Smet (2008) é do ano 1250 a 1640. A história toda do gerúndio na língua inglesa está fora do escopo do trabalho de De Smet. Sua conclusão é que a utilidade do gerúndio como objeto de preposição (posição impossível para o concorrente infinitivo) não explica o crescimento do gerúndio com outras funções sintáticas e pragmáticas, uma afirmação com que concordo, conforme páginas 137 a 139.

De Smet e Cuyckens (2005) pesquisaram também verbos específicos à luz de funcionalismo com ênfase nas funções pragmáticas da construção com os verbos *like* e *love* com o complemento infinitivo. Eles concluíram que:

...*like/love + to-infinitive* têm evoluído usos aspectuais e epistêmicos que não podem ser explicados pela interação semântica das partes que compõem o padrão, mas que surgem dos contextos particulares de discurso baseados nas implicações desejadas pelos interlocutores.⁵⁹ (De SMET e CUYKENS, 2005, p.3).

Resumindo, essa parte da seção dedicada aos estudos diacrônicos foi apresentada com o propósito de demonstrar uma lacuna que o presente trabalho vem preencher. Apenas o presente estudo introduz dados do período entre 1710 e 1800, além de situar tais dados no quadro como um todo da evolução da sintaxe da língua inglesa. Ao concluir essa parte, cito o resumo do trabalho ainda não publicado pela pesquisadora acima citada, Fanego (no prole), em que ela afirma haver uma carência de pesquisas sobre os gerúndios entre 1700 e 2000. No resumo, ela apresenta um trabalho a ser publicado ainda no ano 2009, sendo assim, tarde demais para incorporá-lo às leituras bibliográficas do presente trabalho:

Complementação sentencial, isto é, a situação que surge quando uma oração subordinada funciona como um argumento regido por um elemento matricial, ou principal, como por exemplo, ‘Acho que ela vai chegar amanhã’ ou ‘Ligar para a polícia seria um erro’, tem sido uma prolífica área de pesquisa há muito anos entre linguistas históricos e não-históricos; [...] Entretanto, há muitos aspetos do complicado sistema dos complementos

⁵⁹ “‘*like/love + to-infinitive*’ has developed aspectual and epistemic uses that can no longer be explained from the semantic interaction of the pattern’s component parts but that arise as speaker-based conversational implicatures in particular discourse contexts” (DeSMET e CUYKENS, 2005, p. 3).

sentenciais na língua inglesa que ainda não foram documentados e analisados com detalhes, especificamente, no que se trata das mudanças desde c. ano 1700. No presente trabalho, portanto, pretendo analisar algumas das mudanças que afetam orações de complementação no período do *Late Modern English* (1700-1900) e as interpretar à luz dos princípios do processamento formulados por John A. Hawkins nas suas obras sobre preferências de performance na linguagem (HAWKINS, 1994, 2004, apud FANEGO, no prole).⁶⁰

O estudo de Rohdenburg (2006) propôs explicar mudanças sintáticas em inglês na área, porém não especifica o(s) período(s) de história a que refere quando afirma ter acontecido um “re-estruturamento massivo do sistema de complementação ao longo dos últimos séculos”. Além disso, há uma afirmação que “estas mudanças têm atingido o sistema total até agora” (ROHDENBURG, 2006, p. 143) exemplificada apenas com frases inventadas pelo propósito, e sem dados de uso real.

O reestruturamento afirmado por Rohdenburg (2006) envolve quatro mudanças, explicadas com base na teoria de princípios e parâmetros: a primeira mudança dos quatro estudados é relevante à questão central do presente trabalho (crescimento de uso do gerúndio como complemento verbal); mudança definida por esse autor com estas palavras: “*The establishment of the gerund at the expense of infinitives (and that-clauses)*”⁶¹ (ROHDENBURG, 2006, p. 143). As outras três mudanças citadas no artigo são fora do escopo do presente estudo, sendo construções concorrentes aos complementos indefinidos (que utilizam preposições e orações subordinadas interrogativas, como por exemplo ‘*whether to do it*’). Tomadas junto, todas as quatro mudanças que Rohdenburg (2006) considera são explicadas através do proposto movimento entre dois pólos que restringem o tipo preferido por uma dada língua (*constraints*). Os pólos são representados por princípios conflitantes: o princípio de complexidade, e o princípio de explicitação gramatical.

Um exemplo que é pertinente é o resultado de negação sobre a alternância entre o complemento indefinido, gerúndio e o infinitivo. Segundo Rohdenburg (2006), a preferência demonstrada pelos dados do BNC do verbo ‘*advise*’ é de 85.4% gerúndios, 2.2% infinitivos, e 12.4% construções passivos com um modal, tipo ‘*should*’, o auxiliar ‘*be*’ conjugado e o

⁶⁰ “Sentential complementation, i.e. the situation that arises when a subordinate clause functions as an argument with respect to a governing element or head, as in ‘I think that she will arrive tomorrow’ or ‘Calling the police would be a mistake’, has been a prolific area of research for many years among English historical and non-historical linguists; [. . .] Yet there are still many aspects of the complicated system of English sentential complements that have not been documented and analysed in detail, specially as regards developments since about 1700. In what follows, therefore, I propose to look at some of the changes affecting complement clauses in Late Modern English (1700-1900), and to interpret them in the light of the processing principles formulated by John A. Hawkins in his research on performance preferences in language (HAWKINS 1994, 2004).” FONTE: <http://www.usc-teresafanego.es/> acessado em 02/02/2009.

⁶¹ ‘at the expense of’ é questionado no presente estudo, vide páginas 139 a 140.

particípio passado *'advised'*. Com o uso de negação pela partícula *'not'* a preferência é até invertida: 12.2% gerúndios, 25.6% infinitivos, e 62.2% construções passivas. Exemplos de Rohdenburg (2006, p.149) que envolvem negação seguem:

- a. She advised not to do it in advance.
- b. She advised not doing it in advance.
= (forma minoritária)
- c. She advised that it should not be done in advance.
= (forma dominante).

Sem negação, as proporções são totalmente diferentes: o gerúndio com a grande maioria de 85.4%, orações definidos com *'that'* de 12.4%, e infinitivos são uma pequena minoria de 2.2%. No presente estudo, de forma geral, os dois tipos de complemento indefinido são comparados, sem dados levantados dos vários outros tipos de complemento possível,⁶² inclusive o definido introduzido por *'that'*, com exceção da classe de verbos que expressam *'desgosto'*, vide página 87. Porém, as porcentagens relatadas por Rohdenburg (2006) relativas aos complementos em geral são apoiadas pelos dados do presente trabalho, (vide capítulo 4: Resultados). Sua explicação também procede: complementos definidos são mais gramaticalmente explícitos, porém são mais complexos do que seus rivais indefinidos. Isto é, os indefinidos exigem menos esforço de processamento cognitivo pelo locutor/interlocutor.⁶³ Por essa razão, é esperado que o complemento definido terá mais frequência combinada com a negação, que adicione mais um dado às informações carregadas pela construção, e conseqüentemente exige mais processamento cognitivo. Entretanto, a explicação da preferência de infinitivo sobre o gerúndio com negação não é convincente. Afinal, tal *'preferência'* afirmada por Rohdenburg (2006), é determinada por poucos dados (gerúndio: 11 exemplos, comparado com o infinitivo: 23 exemplos) quando se compara com o complemento definido com *'that'*: (56 exemplos). O número total de dados levantados no presente estudo para o mesmo verbo é maior (gerúndio 57; infinitivo 468), e a proporção de 8,21 infinitivos para 57 gerúndios não inclui frases com negação. Pela minha perspectiva diacrônica, os dados apontam para outro fator em ação sobre a preferência do verbo *'advise'* para o infinitivo, que proponho seja histórico.

⁶² Vale salientar que SN comum de qualquer substantivo é o complemento mais usado pelo verbo *advise*, e não os três tipos considerados por ROHDENBURG (2006).

⁶³ Locutor: quem fala. Interlocutor: quem ouve.

2.3 Sintaxe: sincrônica, da língua inglesa

Além de expor os trabalhos pertinentes nessa área, esta seção serve para definir minha posição em relação às posições dos sincronistas. Os sincronistas acima referidos são todos aqueles que usam dados sincrônicos contemporâneos da língua inglesa à luz de qualquer teoria de sintaxe, cujas metas incluíram uma explicação da diferença entre construções com o mesmo verbo matriz, com complementos verbais da forma ‘*to- infinitive*’ e ‘*verb -ing.*’⁶⁴

Parte-se da opinião da diacronista mais citada na literatura específica, Teresa Fanego (2007), sobre os estudos sincrônicos da alternância entre construções equivalentes com o mesmo verbo complementado pelo gerúndio ou infinitivo:

O fato é que esses padrões pseudo-iguais exibem equivalentes comportamentos sintáticos e semânticos comprove a futilidade da tentativa do Duffley a distingui-los ao referir os sentidos inerentes que ele propõe para a forma *-ing* e o *to-infinitive*. A análise dele sofre, de fato, das mesmas falhas exibidas por Egan (2003) e a maioria das outras pesquisas funcionais ou cognitivas sobre complementação sentencial, porque suas alegações sobre as distinções semânticas entre gerúndios e infinitivos são feitas antecipadas, com os exemplos do *corpus* sendo interpretadas posteriormente na luz das mesmas.⁶⁵ (FANEGO, 2007, p. 205).

Concordo com o cerne da crítica expressada acima pela autora, ao mesmo tempo em que discordo com a força com que ela despreza os trabalhos do Duffley (2006) e Egan (2006) entre outros. Em primeiro lugar, o método dedutivo usado por eles certamente pode levar até equívocos. Em segundo lugar, a meu ver, a asseveração do que existe uma diferença semântica inerente, isto é, fora dos contextos específicos das construções, entre o gerúndio e o infinitivo carece de provas.

⁶⁴ Embora esse trabalho em todas as outras instâncias refira-se aos complementos como ‘gerúndio’ ou ‘infinitivo’, é necessário descrever os complementos verbais dessa forma, para possibilitar a comparação com os trabalhos dos outros pesquisadores que usaram essa terminologia (GIVÓN, 1993; DUFFLEY, 2003, 2006, EGAN 2006, 2008).

⁶⁵ “The fact that these various pseudo-equative patterns behave alike both syntactically and semantically shows the futility of Duffley’s attempt to distinguish them by reference to the inherent meanings he proposes for the *-ing* form and the *to-infinitive*. His analysis suffers, in fact, from the same flaws exhibited by Egan (2003) and most other functional and cognitive research on sentential complementation, in that his claims regarding the existence of a systematic semantic distinction between gerundives and infinitives are made in advance, with the corpus examples being then interpreted in that light.” (FANEGO, 2007, p. 205).

2.3.1 Diferença: real ou ideal?

Esta seção dedicada aos estudos sincrônicos continua com o mais atual (2008) e mais compreensivo deles sobre o complexo sistema de complementação verbal em inglês, intitulado *Non-finite Complementation: A usage-based study of infinitive and –ing clauses in English*. Nessa obra de 432 páginas, Egan (2008) classifica construções com dois parâmetros básicos: um semântico (agentes dos verbos) e um sintático: relações de tempo-aspecto-modalidade entre o verbo matricial e a situação expressada pelo complemento. O primeiro parâmetro é binário, usado para categorizar os 310 verbos em uma das duas classes: de ‘sujeito-igual’ ou ‘sujeito-diferente’. Isto que dizer, na primeira classe, o sujeito gramatical (geralmente o agente da ação do verbo) do verbo matricial é idêntico ao agente do verbo complementar, exemplificado por Egan (2008, p.26) com esta frase:

“(28) *Effortlessly, she contrives to have a violin class which clashes head-on with hockey.*”

Ao contrário, o tipo ‘sujeito-diferente’ é exemplificado com o seguinte:

“*We will require the gas and electric companies to invest in insulation and other energy-saving measures [...].*” (EGAN, 2008, p. 24).

O segundo exemplo é assim explicado: “Construções de ‘Require S2 to infinitive’ estipulam a imposição por um sujeito principal (S1) em um sujeito secundário (S2) de uma obrigação a realizar a situação expressa pelo complemento.”⁶⁶ (ibid, p. 24) O presente estudo contém mais exemplos de ‘sujeito-igual,’ pois foram excluídas construções do tipo ‘SN1 + verbo matrix + SN2 + complemento verbal’ exceto nos casos em que este tipo de construção foi o único encontrado num dado período histórico, i.e. quando não foram encontradas construções sem material interposto entre o verbo matricial e verbo complementar.⁶⁷

Abaixo do guarda-chuva do primeiro parâmetro de classificação dos sujeitos, Egan (2008, p.25) separa seus 310 verbos nas seguintes seis classes semânticas que pertencem à categoria “sujeito-diferente”: percepção, processo mental, atitude, comunicação, capacitação, causa.⁶⁸ Em contraste, para verbos da categoria “sujeito-igual” há seis categorias, que

⁶⁶ “‘Require S2 to infinitive’ constructions stipulate the imposition by S1 of an obligation on the part of S2 to realise the complement clause situation” (EGAN, 2008, p. 24).

⁶⁷ Nesses casos, que pertencem apenas os 3 períodos mais antigos de inglês (arcaico, medieval e *Early Modern English*) foram incluídos no banco de dados frases com material interposto, como exemplos das construções mais comuns para servir em comparação com construções exibindo a alternância em foco no presente estudo.

⁶⁸ EGAN, 2008, p. 25 Tabela 2.1 Categorias: “Perception, Mental Process, Attitude, Communication, Enablement, Causation.”

compartilham apenas três com os do “sujeito-diferente”, sendo as seis: esforço, processo mental, atitude, comunicação, aspecto e atitude aplicados, conforme Egan (2008). Os 310 verbos do autor, assim categorizados, incluem todos os verbos do presente estudo, com a exceção do verbo ‘*repent*’ que será discutido no capítulo de Metodologia na seção 3.9: ‘Verbos acrescentados e retirados’.

Já classificados em geral, os verbos ainda são descritos baseado na sua forma sintática com uma interpretação semântica sinalizando uma das três situações: *Same-time* ou *Backward-looking* ou *Forward-looking*. Egan (2008) situa essas classificações dentro do modelo evolucionário dinâmico do Langacker (1991), explicando sua aplicação nas páginas 33 a 43. Além do modelo do Langacker (1991), Egan (2008) inova com mais três categorias semânticas, não baseadas em formas sintáticas: *General*, *Judgment*, *Contemplation*. Com as ferramentas descritas, ao longo da obra, Egan (2008) categoriza e explica 868 exemplos de uso dos 300+ ⁶⁹ verbos com todos os dois tipos de complementos verbais, comparados entre si, também comparados com complementos definidos (de *that* e SN simples) e ainda comparados com outros tipos de construção com material interposto entre os dois verbos. Apesar da complexidade do sistema de categorização desse autor, que o possibilita um poder explicativo quase completo, ainda existem exemplos fora do sistema. Tais exceções o autor trata uma por uma às vezes admitindo a impossibilidade de serem explicadas. Ele não recorre às explicações diacrônicas, apesar de declarar seu desejo de traçar a evolução do sistema que o levou até a presente situação: “Traçar os passos a que a presente situação evoluiu pode levar mais profundo nosso conhecimento de duas coisas: o sistema atual e processos de evolução de linguagens” ⁷⁰ (EGAN, 2008, p. 310).

De certa forma, o desejo de Egan (2008) é realizado em duas metas do presente trabalho, através das análises diacrônicas. Pelo meu ponto de vista, a obra desse autor é uma análise bastante coerente pela perspectiva estritamente sincronista, por consistência interna e externa ao comparar com meus resultados. Tomei a obra, portanto, como uma das bases de comparação do presente estudo. Não considero minha pesquisa conflitante às de Egan (2008, 2006), mas de fato complementar.

A metodologia adotada por Egan (2008) é de gramática cognitiva, que tenta unir os pólos de semântica de sintática ao explicar o sistema de complementação indefinido de inglês. Esse autor identifica e defende o caráter cognitivo do seu trabalho com cinco características.

⁶⁹ Outros exemplos com verbos além dos 310 categorizados são incluídos nas explicações ao longo da obra (EGAN, 2008).

⁷⁰ “Tracing the steps by which the present situation evolved might well deepen our understanding both of the present state and of processes of language evolution” (EGAN, 2008, p. 310).

Em primeiro lugar, o estudo de Egan (2008) é verdadeiramente baseado em uso, com a fonte de um único *corpus*, o BNC.⁷¹ Ele não utiliza frases inventadas. O motivo da metodologia escolhida por ele é exposto na seguinte citação: “O que o pesquisador do *corpus* pode assegurar, com cautelosa atenção a evidência linguística, é evitar generalizar com base em afirmações não comprovadas de semelhanças entre construções”⁷² (EGAN, 2008, p. 306).

Em segundo lugar, o estudo de Egan (2008) não apresenta descrições gramaticais sem conteúdo fonológico e semântico. Em momento nenhum, ele propõe estruturas abstratas subjacentes. Minha posição em relação a essa última é que as chamadas ‘estruturas subjacentes’ não existem de fato nos processos cognitivos dos falantes. Elas não passam de uma invenção conveniente ao acadêmico para explicações teóricas. Em terceiro lugar, a abordagem desse autor utiliza o modelo do protótipo de categorização, originalmente descrito por Eleanor Rosch (1977). As vantagens desse modelo incluem a não restrição às escolhas binárias de atributos, além de que nem todos os membros de uma classe precisam mostrar uma dada característica da classe, nem mesmo o atributo julgado mais saliente entre eles.

Em quarto lugar, Egan (2008) propõe suas classificações de construções baseadas no modelo evolutivo dinâmico do Langacker (1991). A razão dessa escolha metodológica é que uma das classificações necessárias ao seu conjunto é do ‘futuro projetado’ sem o qual Egan não consegue distinguir os divergentes sentidos nas construções ‘*remember to do*’ e ‘*remember doing*’.⁷³ Segundo Egan (2008), o futuro projetado na visão do Langacker (1991) é o que mais oferece ao falante uma escolha ampla ao construir o sentido da situação a ser expressa.

A quinta e última característica que Egan (2008) defende como ‘cognitiva’ é compartilhada com o presente trabalho. Citando Langacker (1991), Egan (2008) descreve a construção de sentido através de cenas conceitualizadas:

Toda expressão linguística, no seu pólo semântico, contém a estrutura de uma situação (ou cena) conceituada por meio de uma imagem específica. No processo de conceitualizar uma cena ao expressá-la, o falante (e secundariamente o interlocutor, ao reconstruir a intenção do falante) é obrigado a escolher utilizando [...] vários parâmetros de escolha⁷⁴ (LANGACKER, 1987, p. 128).

⁷¹ Vide o capítulo 3: metodologia, páginas 76 a 77 em qual esse corpus é identificado.

⁷² “What the *corpus* investigator can ensure, by careful attention to the linguistic evidence, is the avoidance of generalisations on the basis of unwarranted attestations of similarity between constructions” (EGAN, 2008, p. 306).

⁷³ Conforme páginas 149 a 153 do presente trabalho, minha explicação está de acordo com a de Egan, sem se restringir à explicação sincrônica.

⁷⁴ “Every linguistic expression, at its semantic pole, structures a conceived situation (or scene) by means of a particular image. In conceptualizing a scene for expressive purposes, the speaker (and secondarily the hearer, in

A partir da posição teórica acima exposta, sobre o que é mais pertinente à alternância central do presente trabalho, Egan (2008, p.307) escreve:

A decisão de um falante no que diz respeito à representação de uma cena influenciará sua escolha de uma construção onde existem várias opções. Este fato é mais evidente no caso do futuro projetado, que também é o domínio onde existe o maior número de opções em termos de construções não definidas. [...] A obrigação de escolher persiste mesmo quando a escolha não faz uma diferença para o falante no contexto discursivo particular. Em tais casos, [...] o falante precisa apenas optar por uma das várias alternativas e passar a tarefa de compreensão para o ouvinte, que ele deve retirar da mensagem quaisquer implicações indevidas.⁷⁵

A última citação é importante para entender como esse autor se posiciona a respeito das formas que demonstram nenhuma diferença de sentido num dado contexto discursivo. A meu ver, o autor quer manter duas posições incompatíveis ao mesmo tempo, ou seja, *'to have his cake and eat it, too'* como diz o velho ditado em inglês.

Ao propor um processo cognitivo que determina a escolha entre duas formas distintas, Egan (2008), inevitavelmente, entra em conflito em sua explicação das formas sinônimas, quando seus dados do BNC demonstram nenhuma diferença no sentido das construções com as duas formas. O problema desse autor e de todos os outros sincronistas é o seguinte: pode-se dizer de fato que certos verbos escolhem uma forma de complemento verbal e não a outra, que significa uma coisa diferente, como no caso do *'remember to do'* e *'remember doing'*. Porém, para outros verbos, nesse exato momento de uso sincrônico contemporâneo, o mesmo verbo não demonstra nenhuma diferença em sentido quando usado com um complemento verbal ou outro, como no caso do *'like to do'* e *'like doing'*. O sistema classificatório desse autor funciona nos casos do *'remember'*, mas falha para *'like'*. A única saída desse dilema é aquela posição tomada por todos os sincronistas, é em defender o seguinte: há diferença em todos os casos.

Duffley (2006), por exemplo, descreve os dados referentes aos sinônimos *'begin'* e *'start'* como *'misteriosos'* e oferece uma explicação malabarística. Pela sua abordagem

reconstructing the speaker's intent) is obliged to make choices with respect to [...] various parameters." (LANGACKER, 1987, p. 128).

⁷⁵ "A speaker's decision with respect to the construal of a scene will influence his or her choice of construction where various options are available. This is particularly true in the case of the projected future, which is also the domain which affords us the most options in terms of non-finite constructions. [...] This obligation also pertains when this choice is of no great import to the speaker in the actual context of communication. In such cases [...] the speaker has just to opt for one of several available alternatives and rely on his or her addressee to weed out any undesired implications" (EGAN, 2008, p. 307).

sincrônica, ele precisa apontar uma diferença entre os dois complementos usados com os sinônimos ‘*begin*’ e ‘*start*’ mesmo se fossem minúsculos, para sustentar seu uso divergente com os dois complementos. “266) ‘This year, coach Royal told me if I’d work on my place-kicking he thought he could use me,’ said Moritz. ‘So I started practicing on it in spring training. (Brown University Corpus A12 0160)”. O exemplo é seguido pela explicação do próprio autor:

A presente abordagem assim pode explicar o desaparecimento misterioso da distinção entre *begin* e *start* como notado por Freed quando estes dois verbos são empregados com o particípio-gerúndio. [...] Uma vez que a forma *-ing* exerce o papel do objeto direto de ambos os verbos, ele denota o que foi começado (*started* ou então *begun*). A mensagem passada em ambos os casos do uso do particípio-gerúndio é conseqüentemente que o evento denotado pelo complemento *-ing* se iniciou. Isto também é a mensagem expressa por **todos os usos to infinitivo com *begin*** e **a maioria dos usos com *start***, em que a realização do segmento inicial de um evento é entendido como um movimento em direção a sua realização integral, à configuração do sentido que implica iniciação do evento em questão. Devido ao fato de que o *start*, diferentemente do *begin*, não designa, por sua natureza, um segmento de um evento a noção de romper com um estado de descanso ou inatividade que ele denota também pode ser entendida, meramente como um movimento preparatório ao primeiro momento do evento do infinitivo, do caso em que o último será entendido como não iniciado ⁷⁶ (Duffley, 2006, p.107, grifo nosso).

Em contraste com as explicações sincrônicas contemporâneas, a perspectiva diacrônica possibilita uma explicação da diferença entre ‘*start*’ e ‘*begin*’ baseada nos seus sentidos originais, cujas relíquias podem ser percebidas até hoje. Duffley (2006) descreve ‘*start*’ como um indicador do fim de um período (muitas vezes abrupta) de inatividade ou descanso. Em contraste, o ‘*begin*’ indica o início de uma atividade nova, sem referência a uma anterior. Essa explicação capta bem a sutil diferença entre os sinônimos, evidente pelos primeiros registros do ‘*start*’ na língua inglesa em que a palavra significa ‘susto’ com parentesco ao verbo ‘*startle*’ (‘assustar’). O ‘*begin*’ (que existia desde o Inglês Arcaico) sempre e somente significava ‘começar’. O próprio Duffley sugere que essa diferença

⁷⁶ “The approach proposed here can thus explain the mysterious disappearance of the distinction between *begin* and *start* noted by Freed when these two verbs are construed with the gerund-participle [...] Since the *-ing* form is the direct object of both of these verbs, it denotes that which was *started* or *begun*. The message conveyed in both cases where the gerund-participle occurs is consequently that the event denoted by the *-ing* complement was initiated. This is also the message expressed by **all uses of the to-infinitive with *begin*** and **most of its uses with *start***, in which the realisation of the initial segment of an event is construed as a movement towards its integral accomplishment, a meaning-configuration which implies initiation of the event in question. Due to the fact that *start*, unlike *begin*, does not inherently designate a segment of an event, the notion of breaking out of a state of rest or inactivity which it denotes can also be construed merely as a preparatory movement towards the first moment of the infinitive’s event, in which case the latter will be understood to be non-initiated.” (DUFFLEY, 2006, p. 107, grifo nosso).

semântica atual exerça um efeito no uso do complemento com esses dois verbos. Duffley reconhece a diferença histórica entre os sinônimos ‘start’ e ‘begin’. Porém, eu sugiro que os distintos usos dos dois tipos dos complementos verbais ao longo da história é o que influencia seus usos distintos atualmente.

Atualmente, o ‘begin’ é usado cerca de sete vezes mais frequentemente com o infinitivo do que com o gerúndio. Isto porque ele é um verbo de alta frequência de uso na língua como um todo, e desde que nós temos registros, foi complementado pelo infinitivo. Proponho que o efeito de **entrincheiramento**, ou seja, a pressão da frequência de uso e a forte presença do mesmo, na memória do falante, impediram o crescimento do complemento mais novo, o gerúndio, como um alternativo válido. Em comparação, atualmente o ‘start’ combina com o gerúndio tanto quanto o infinitivo em proporções quase iguais (pelos dados do BNC).⁷⁷ Isto é porque o verbo com este sentido é relativamente novo no inglês. O ‘start’ começou a ser usado como sinônimo do ‘begin’ apenas no século XIX. Do ano c.1000 até 1821 (primeiro registro pelo OED), o ‘start’ foi usado com o significado de ‘assustar’ (*startle*) ou então, ‘partir para (um destino)’. A forma da construção coincide com a forma do infinitivo, por compartilhar a preposição ‘to’, mas que não seja um exemplo verdadeiro do uso do infinitivo. Vide o exemplo abaixo:

EXEMPLO 3: c. 1500 For which cause he was ugly astonyd, and in hys mynd kouth thynk on none other socoure, bot **start to the chymney**, and toke the tonges of yren that men rightid the fire with...(bdHB 517).⁷⁸

Modernizado: *For which cause he was ugly astounded, and in his mind could think on none other succor, but **jump up to the chimney**, and took the tongs of iron that men righted the fire with...*

Tradução: “Por esta razão ele foi espantado, e na sua mente pensou em nada exceto de socorro, mas **pulou para a lareira** e pegou a tenaz de ferro com que homens ataçaram o fogo...”

Concluindo a discussão sobre os exemplos do Duffley (2006), ao se restringir a exemplos sincrônicos, ele se obriga explicar a diferença mínima entre os verbos principais *start* e *begin*, bem como a diferença no uso dos dois com complementos infinitivos e

⁷⁷ Constam 2.529 usos de *start* com complemento infinitivo, comparado com 3.747 usos com gerúndio no BNC.

⁷⁸ Fonte: *U. Michigan Middle English Prose and Verse* ano c.1500, bdHB 517.

gerúndios. Com a perspectiva diacrônica, o poder explicativo é maior, e não depende das sutilezas semânticas.

Egan (2008) também critica as explicações de Duffley (2006), entretanto, ele também defende que há uma diferença em todos os casos de uso dos dois complementos em questão, mas que certos contextos discursivos ‘cancelam’ a diferença e deixam tal diferença sem saliência. Meu posicionamento teórico diretamente questiona essa explicação de ‘cancelamento’. Uma visão mais ampla da história do uso das construções oferece a base teórica de afirmar: há diferenças de sentido com muitas construções, sim, mas há situações discursivas em que a diferença não esteja presente. Para dizer muito claramente, eu proponho que não haja diferença no sentido entre as duas construções citadas abaixo, nem na mente do falante, nem do interlocutor.

EXEMPLO 4: Fonte BNC: For example, if you **like swimming**, this exercise is good for strength, stamina, and suppleness; three swimming sessions a week will make you considerably fitter. (bdHB 705)

EXEMPLO 5: Fonte BNC: For example, you may **like to swim** on Mondays and Fridays, play squash on Wednesdays, and go for a long brisk walk or jog on Saturdays and Sundays. (bdHB 706).

Minha posição teórica referente às construções acima citadas é a seguinte: não existem níveis subjacentes de sentido referentes a tais construções. Não há sentido embutido que seja ‘cancelado’ pelo contexto particular. Simplesmente existem duas maneiras de dizer a mesma coisa. Este uso paralelo é previsto pela história das múltiplas construções do verbo ‘like’, bem como a evolução do seu uso como adjetivo e preposição. A opção da construção ‘*like + -ing*’ surgiu recentemente (cerca do ano 1800) pelo processo descrito nesse trabalho devido um mecanismo de realimentação recursivo entre tais construções e a língua como um todo.⁷⁹ A outra construção ‘*like + to-infinitive*’ já existiu há mais tempo (desde cerca 1350). Nos dados sincrônicos contemporâneos, geralmente essas construções aparecem em uso igual, sem nenhuma diferença de sentido e podem ser substituídas umas pelas outras.⁸⁰

⁷⁹ Vide o capítulo 5: Discussão, páginas 127 a 131. O mecanismo de realimentação em ciclo é descrito em trabalhos na língua inglesa como um ‘*feedback loop*’.

⁸⁰ Porém sua frequência não é igual, sendo uma proporção de 3,06 infinitivos para um uso de gerúndio pelos dados do BNC, vide páginas 90 a 91.

Egan (2008), bem como os outros sincronistas, se encontra restrito pelo seu posicionamento teórico. Ele é obrigado a explicar de maneira convincente como as construções aparentemente sinônimas realmente têm uma diferença de sentido (talvez escondido). A solução dos sincronistas sem preocupação com dados de uso é de inventar as frases que mais demonstravam diferenças de sentido. Entretanto, muitos cognitivistas de hoje não se gozam mais dessa saída. Eles são obrigados a encontrar dados reais dentro do *corpus* escolhido que demonstram claras diferenças. O presente trabalho usou o mesmo *corpus* sincrônico que Egan (2008) usou (BNC). Portanto, cheguei a mesma conclusão do uso (aparentemente) sem uma diferença em sentido entre os complementos nas construções dos diversos verbos a seguir: *allow, begin, cease, commence, consider, continue, decide, imagine, intend, like, manage, offer, permit, prefer, recall, recommend, regret, start, suggest, understand*.

2.3.2 Exceção ou erro?

Existem verbos cuja escolha de complemento é justamente uma escolha entre sentidos diferentes. Um deles, ‘*try*,’ é um verbo polissêmico bem comentado na literatura específica de DUFFLEY (2006), Duffley e Tremblay (1994), Egan (2008), Fanego (2007) e de Rohdenburg (1995). Com ‘*try*’ o gerúndio é usado para construções com o sentido de ‘experimentalizar’; enquanto o infinitivo é reservado pelo uso com o sentido ‘tentar, realizar uma tentativa’. Existem outros sentidos não discutidos aqui.

Há um estudo de caso em que Egan (2008) explica uma ‘exceção da classificação’ como um ‘erro’. O caso é do uso da construção minoritária de ‘*try (VP) verb +–ing*’ para dizer, na definição desse autor, ‘tentar solucionar um dado problema com a ação do verbo complementar’. De fato, o autor propõe os sentidos distintos para ‘*try + (verbo)–ing*’ e ‘*try + to infinitive*’, respectivamente, como ‘salientar uma dada alternativa no futuro projetado’ e ‘tentar solucionar um dado problema com a ação do complemento no infinitivo’. Entretanto, Egan (2008) admite que o sentido o qual define como protótipo explica apenas 80% dos casos encontrados por ele no *corpus*. O seguinte exemplo é um dos ‘casos minoritários’.

“(377) The city had **tried ameliorating** its appalling traffic congestion by restricting entry to the city: cars whose registration plates ended in an even number were permitted to enter one day and those in an odd number the next (BNS 371)” (EGAN, 2008, p. 159).

Na explicação do exemplo 377, novamente, encontra-se um pesquisador que caracteriza os dados sincrônicos como um ‘mistério’.

Não pode haver dúvida que ‘*restricting entry*’ é o meio empregado pelo sujeito em direção a sua meta de ‘*ameliorating its appalling traffic congestion*’. Porque o falante, neste caso, teria escolhido empregar o *-ing* ao invés do padrão *to infinitive* tem de permanecer como um mistério. Sempre que uma língua contém duas construções similares (similar neste caso porque os dois têm o mesmo verbo matricial e um complemento indefinido) **com sentidos distintos**, é sempre possível que alguns falantes terão suas linhas gramaticais cruzadas, para dizer em metáfora, assim usando uma construção com o sentido de uma construção, intimamente ligada com a primeira. Aparentemente, foi isto que aconteceu aqui. Além disso, o fato é que complementos com *-ing* também são encontrados em outras construções (*Forward-looking*) com outras classes de verbo matrix que podem ter facilitado este ato de cruzamento de linhas ⁸¹ (EGAN, 2008, p. 159, grifo nosso).

Na minha opinião, não há mistério na escolha da ‘*had tried ameliorating*’ em que foi esperada a oração ‘*had tried to ameliorate*’. Além disso, duvido que houvesse ‘cruzamento de linhas gramaticais’. A explicação é mais simples. Um processo de mudança no uso das construções alternativas está em andamento na língua inglesa. O uso do gerúndio é crescente na atualidade; portanto, é esperado que esta forma seja usada gradativamente, mas no lugar onde anteriormente, apenas o infinitivo foi usado. Em outras palavras, acredito que o sentido protótipo da construção ‘*try + infinitive*’ passará a ser expressado pela construção ‘*try + -ing*’ cada vez mais no futuro, da mesma forma que ‘*intend + -ing*’ hoje em dia, ainda em uso minoritário, diz o que foi dito apenas por ‘*intend + infinitive*’ antes do ano 1940. Pela minha perspectiva diacrônica, não houve ‘erro’ na parte de quem escreveu ‘*had tried ameliorating*’ em vez de ‘*had tried to ameliorate*’.

⁸¹ “There can be no doubt that *restricting entry* is the means employed by the subject to reach its goal of *ameliorating its appalling traffic congestion*. Why the speaker in this case should have chosen to employ the *-ing* rather than the standard *to infinitive* complement form must remain a mystery. Wherever a language contains two similar constructions (similar in this case in that they both contain the same matrix verb and a non-finite clausal complement) **with distinct senses**, it is always possible that some speakers will get their grammatical wires crossed, so to speak, thereby imbuing one construction with the sense of another, closely related construction. This would appear to be the case here. Moreover, the fact that *-ing* clauses also occur in *Forward-looking* constructions with other classes of matrix verb may have facilitated this act of wire-crossing” (EGAN, 2008, p. 159, negrito nosso).

A qualidade polissêmica do verbo ‘*try*’ foi a provável causa da confusão manifestada por Egan (2008), Duffley e Tremblay (1994) e ainda por Rohdenburg (1995), nas suas respectivas determinações dos sentidos das construções com ‘*try*’. Entretanto, penso que o verbo ‘*try*’, futuramente, manterá os sentidos múltiplos de ‘experimentalizar’ e ‘testar o valor de’ e ainda ‘tentativa de solucionar’. Porém, não serão restritos os sentidos distintos às construções de complementos verbais de um tipo ou outro, e sim haverá cada vez mais coincidência entre elas para dizer a mesma coisa. A respeito dessa coincidência, Sapir (1921) apud Egan (2008) oferece a seguinte explicação:

[...] gramáticas tendem a vazar, como foi apontado por Sapir (1921), e não há nenhuma razão aparente porque construções com complementos deveriam ser menos tendenciosas a vazamento do que outras combinações de forma-função. Nunca se pode completamente excluir a possibilidade de uma construção ser empregada em circunstâncias particulares para expressar uma função não canônica ⁸² (SAPIR, apud EGAN, 2008, p. 41).

Os dados do presente estudo comprovam a tendência do vazamento de toda língua natural. Aponto o uso minoritário do ‘*try -ing*’ para dizer ‘uma tentativa não bem sucedida’ como um exemplo do vazamento na estreita margem entre a construção com o infinitivo e com o gerúndio.

Encerre neste ponto o presente capítulo de apresentação das leituras básicas e específicas no que concerne a questão da alternância entre os dois complementos indefinidos da língua inglesa. Havia estabelecido um posicionamento em relação às demais pesquisas, no próximo capítulo o presente trabalho passa a descrever o método pelo qual a questão foi investigada ao longo do projeto.

⁸² “[...] grammars have a tendency to leak, as was pointed out by Sapir (1921), and there would appear to be no reason why complement constructions should be any less prone to leakage than other form-function combinations. One can never completely exclude the possibility of a construction being employed in certain circumstances to encode a non-canonical function.” (EGAN, 2008, p. 41).

3 METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é descrever os métodos e *corpora* que serviram como fontes das orações estudadas nessa pesquisa sobre o uso dos dois complementos verbais indefinidos de inglês: infinitivo e gerúndio.

3.1 Preferência para dados de *corpus*

Dizem que todos os estudos diacrônicos são estudos de *corpus*, pois não há a possibilidade de entrevistar ou experimentar com um falante vivo no século XV. Entretanto, existem estudos com dados históricos, e existem estudos de *corpus*, uma diferença que é muito significativa. O estudo de caso que segue bem demonstra a diferença entre conclusões tomadas a partir de dados históricos avulsos, e as conclusões tomadas com base em estudos estatísticos de um *corpus* diacrônico.

Na gramática, podemos ver a continuação, em pequenos passos, da tendência histórica longínqua da língua inglesa da [passagem] de um sistema sintético para um sistema analítico; de um que depende de sufixos para um que depende da ordem das palavras e de palavras com funções gramaticais. Um exemplo é [o sistema de] comparação de adjetivos, em que ‘*more*’ e ‘*most*’ estão tomando o lugar das terminações flexionadas *-er* e *-est*. Houve uma época em que *-er* e *-est* foram usadas muito mais que hoje, sendo que no *Early Modern English* encontra-se formas como *ancientest*, *famousest*, *patienter*, *perfecter* e *shamefuller*. Na primeira metade do século XX, adjetivos de mais que duas sílabas sempre foram modificadas por ‘*more*’ e ‘*most*’ (‘*more notorious*, *most notorious*’), enquanto adjetivos de uma sílaba normalmente tinham *-er* and *-est* (‘*ruder*, *rudest*’). Adjetivos de duas sílabas variavam, alguns com uma forma de comparativos (‘*more famous*, *most famous*’) e outras com a outra forma (‘*commoner*, *commonest*’). Nesse grupo de adjetivos de duas sílabas, há uma tendência nos últimos anos de *-er* e *-est* serem substituídos por *more* e *most*, sendo bastante normal hoje se dizer ‘*more common*, *most common*’, e de forma similar com *cloudy*, *cruel*, *fussy*, *pleasant*, *quiet* e *simple*. Além disso, recentemente, *more* e *most* têm sido empregados para modificar adjetivos de uma sílaba, não sendo raro ouvir expressões como, por exemplo, ‘*John is more keen than Robert*’, ou então, ‘*It was more crude than I expected*’”⁸³ (BARBER, 1993, p. 274, grifo do autor).

⁸³ “In grammar we can see the continuation, in small ways, of the long-term historical trend in English from synthetic to analytic, from a system that relies on inflections to one that relies on word-order and grammatical words. An example is the comparison of adjectives, where *more* and *most* are spreading at the expense of the endings *-er* and *-est*. At one time, *-er* and *-est* were used much more widely than today, and in Early Modern English you meet forms like *ancientest* *famousest*, *patienter*, *perfecter* and *shamefuller*. In the first half of the twentieth century, adjectives of more than two syllables always had *more* and *most* (‘*more notorious*, *most*

A posição exposta por esse autor, até então, não foi polêmica, e gozou de ampla aceitação entre linguístas. Porém, o estudo de *corpus* de Kytö e Romaine (2006) contradiz tal conclusão. Em primeiro lugar, cito sua apresentação do tópico do estudo: “A variação envolve concorrência entre o [sistema de] comparativos/superlativos usando sufixos (ex. *happier/happiest*), historicamente a forma mais antiga, e a construção mais nova e perifrástica usando morfemas livres (ex. *more/most elegant*)”⁸⁴ (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 194). O tópico acima apresentado foi estudado usando uma nova ferramenta do *corpus*, bastante flexível e poderosa, o CONCE, apresentada pelos autores da seguinte forma:

Dado o amplo leque de possibilidades de pesquisa existente e a carência de *corpora* disponível, qualquer projeto de montar um *corpus* deve se restringir à tentativa de captar o contínuo de variação existente do inglês do século XIX. O presente volume é, em sua maior parte, o resultado de tal projeto de montagem de um *corpus*, lançado pelos departamentos de Inglês da Universidade de Uppsala [Suécia] e pela Universidade de Tampere [Finlândia] na década de 1990. O objetivo do projeto foi a compilação do *Corpus of Nineteenth-Century English* (CONCE), um *corpus* de um milhão de palavras com foco no inglês da Inglaterra, e a produção de pesquisas baseadas nesse novo recurso de dados linguísticos.⁸⁵ (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 4).

O CONCE é dividido em três períodos: 1800-1830, 1850-1870, 1870-1900 e compreende sete gêneros de escrita e fala (obviamente não gravada, mas sim transcrita na própria época): Debates parlamentares, Ações judiciais (no formato de diálogos). Teatro (comédias, incluindo paródias), Romances de ficção, Cartas entre parentes e amigos íntimos, Monografias históricas, Monografias de ciências naturais ou sociais, conforme Kytö e Romaine (2006). Além da diversidade de gêneros, atingiu-se uma meta de igualdade na

notorious’), while adjectives of one syllable normally had *-er* and *-est* (‘ruder, rudest’). Adjectives of two syllables varied, some being compared one way (‘more famous, most famous’) and some the other (‘commoner, commonest’). In this group of two-syllabled adjectives there has been a tendency in recent years for *-er* and *-est* to be replaced by *more* and *most*, and it is now quite normal to say ‘more common, most common’, and similarly with *cloudy*, *cruel*, *fussy*, *pleasant*, *quiet* and *simple*. Recently, moreover, *more* and *most* have been spreading to adjectives of one syllable, and it is not at all uncommon to hear expressions like ‘John is more keen than Robert’ and ‘It was more crude than I expected’ (BARBER, 1993, p. 274).

⁸⁴ “This variation involves competition between the inflectional comparative/superlative (e.g. *happier/happiest*), historically the older form, and the newer periphrastic construction (e.g. *more/most elegant*)” (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 194).

⁸⁵ “Given the wide range of research possibilities and the shortage of available corpora, any one corpus project must be selective in terms of attempting to capture the spectra of variation existing in nineteenth-century English. The present volume is, for the most part, a result of one such corpus project, launched at the Departments of English at Uppsala University [Sweden] and the University of Tampere [Finland] in the mid-1990s. The aim of the project was to compile CONCE (A Corpus of Nineteenth-century English), a one-million-word corpus focusing on English English [UK], and to produce research based on this new source of linguistic data.” (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 4).

representação de autores dos dois sexos inclusos do *corpus*. “Na tentativa de incluir vozes de mulheres e homens, o gênero ‘Cartas’ foi proposadamente dividido para incluir o mesmo número de textos por escritores de ambos os sexos.”⁸⁶ (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 8). Usando o novo *corpus*, esses autores apresentam uma conclusão diametralmente oposta ao que foi afirmado por Barber (1993) do tópico acima apresentado:

A análise revelou um aumento contínuo no uso das formas com sufixos em todo o período estudado. Assim como nos estudos anteriores de comparação dos adjetivos, estrutura das palavras, notavelmente o tamanho de palavra e a natureza das terminações, demonstrou-se um efeito sobre a variação. Por exemplo, já no período de Early Modern English, sufixos como *-ous* (ex. *gracious*) e *-ful* (*painful*) promoveram o uso da forma perifrástica de adjetivos dissilábicos.”⁸⁷ (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 12).

Na citação acima, duas coisas chamam a atenção. O sistema de comparação dos adjetivos em inglês não representa uma mudança simples, como proposto por Barber, em que a forma perifrástica gradativamente substitui a forma flexional mais antiga. Em vez disso, uma mudança mais complicada é evidente: da introdução da forma concorrente, que começa a substituir a forma antiga (na época do inglês medieval) e que cresce muito em certa época (*Early Modern English*), mas que começa a declinar a partir do século XVIII. Junto com a declinação, as convenções começam a se estabelecer como regras rígidas sobre qual das formas concorrentes será apropriada em cada caso. Não se trata de uma mudança simples, mas sim, complexa, fato que emerge claramente somente com um estudo de *corpus*. Barber (1993) reconhece a existência das formas perifrásticas e se engana ao considerá-las dominantes. Kytö e Romaine (2006), por outro lado, contam com um estudo quantitativo de maior poder explicativo: a frequência é mais significativa que a simples existência. Os dados do *corpus* comprovam que as formas perifrásticas estão perdendo espaço para as formas mais antigas (com sufixos) em termos numéricos. Da mesma forma, no capítulo 4, proponho que a frequência de uso das construções com o complemento gerundivo teve um efeito coercivo e que o ciclo de realimentação descrito no presente trabalho foi crucial para manter o crescimento das construções com complemento gerundivo. Simplificando, cada vez que era usada, a construção ganhava aceitação na comunidade de fala, resultando em seu uso

⁸⁶ “In an effort to include both women’s and men’s voices, the Letters genre has been stratified in order to include the same number of texts by female and male letter-writers.” (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 8).

⁸⁷ “The analysis revealed a steady increase in the use of inflectional forms throughout the period studied. As in previous studies of adjective comparison, word structure, notably word length and the nature of word endings, was shown to constrain variation. For example, as early as in the Early Modern English period, word endings such as *-ous* (e.g. *gracious*) and *-ful* (*painful*) promoted the use of periphrastic form in disyllabic adjectives. (KYTÖ e ROMAINE, 2006, p. 12).

gradativamente maior, num efeito recursivo (vide páginas 127 a 134 do capítulo 5: Discussão).

3.2 Intuição do nativo

Sou uma falante nativa de inglês, natural da Califórnia, EUA. Porém, descobri que esse fato não se constitui numa vantagem para fins deste estudo. Ao contrário, no presente trabalho, a famosa ‘intuição do nativo’ me levou a precipitar conclusões falsas, bem como Egan (2008) acusa Verspoor (apud EGAN, 2008): “Verspoor chega às suas conclusões a respeito da forma baseada em apenas, um exemplo; além disso, distinto em um importante aspecto em relação à vasta maioria das instâncias de ‘*pretend to infinitive*’ do BNC [British National Corpus]”⁸⁸ (EGAN, 2008, p. 72). ‘*Pretend*’ não consta entre os 44 verbos estudados no presente trabalho; portanto, o debate entre Egan (2008) e Verspoor não está no escopo do presente estudo. Contudo, a crítica metodológica de Egan a Verspoor é pertinente. Os dados apresentados para negar a conclusão de Verspoor são 443 exemplos do BNC, sendo 95% deles em oposição ao seu único exemplo. Egan (2008, p. 73) explica que “na maioria dos casos da construção, o sujeito finge uma ação com o propósito de enganar alguma pessoa que o observa. Esse aspecto da construção não poderia passar despercebido a alguém utilizando dados de uso, mas passou despercebido a Verspoor”.⁸⁹

A citação acima foi incluída com o objetivo de demonstrar o risco que o pesquisador corre em não utilizar quantidades significativas de dados de uso real, gravados ou escritos. Portanto, o presente trabalho conta com 1112 orações extraídas de *corpora* da língua inglesa em seu contexto original. Nenhum exemplo é apresentado sem comprovação de sua origem.

A construção do ‘*verbo + complemento verbal gerundivo*’ é o núcleo do presente trabalho, tendo o verbo ‘*intend*’ uma posição central na pesquisa. Combinando as duas coisas, a construção ‘*intend + gerúndio*’ é comentado por Egan (2008, p. 75) a partir do seguinte exemplo: “in the meantime, the solicitor *intended administering* the estate on behalf of the

⁸⁸ “Verspoor (1998, p. 511) reaches her conclusions regarding the form on the basis of just one example, an example, moreover, that is dissimilar in one important respect to the vast majority of occurrences of ‘*pretend to infinitive*’ in the BNC” (EGAN, 2008, p. 72).

⁸⁹ “In the majority of instances of the construction, the subject feigns an action with a view to deceiving the judgment of some onlooker. This aspect of the construction could not be missed by anyone examining usage data, but is overlooked by Verspoor.” (EGAN, 2008, p. 73).

family (HHC 2205).” (Tradução: enquanto isso, o advogado pretendia administrar o inventário por parte da família).

Mais uma crítica metodológica a Verspoor segue o exemplo: “Infelizmente, Verspoor nega a própria existência de construções como a do exemplo (151).⁹⁰ Ela escreveu [-ing] não pode ocorrer com verbos que dizem que alguma forma de intenção a priori esteja envolvida (*refuse*).” (EGAN, 2008, p. 75).

Constata-se que o verbo que Verspoor usa para exemplificar o princípio é ‘*refuse*’, o qual realmente não é usado com o gerúndio, conforme os dados do *corpus* BNC e do *corpus* COCA. Porém, o princípio que Verspoor generaliza a partir do verbo ‘*refuse*’ é invalidado por não admitir o uso do gerúndio com ‘*intend*’, bem como Egan apontou. Além disso, meus dados contêm o uso de ‘*promise*’ com o gerúndio, (5 do BNC e 61 do COCA) o qual certamente contém o elemento de ‘intenção a priori’. Sendo assim, o princípio que Verspoor propõe é inválido.

Considerando todos os fatos, penso que a crítica de Egan (2008) foi demasiadamente dura. Segundo minha intuição, como nativa da Califórnia, EUA, eu nunca tinha usado a construção ‘*intend + gerúndio*’ nem imaginava que existisse, o qual suponho também tenha sido o caso de Verspoor. Durante o período inicial do presente projeto, li o período escrito por uma autora da Nova Zelândia contendo a oração conjunta ‘*and [which] he never intends using again...*’,⁹¹ a qual muito me surpreendeu, pois usa o gerúndio e claramente refere a um ato futuro imaginado (embora negado com o ‘nunca’).

Com o objetivo de compensar minha intuição enganadora, resolvi usar apenas dados de *corpus*, decisão esta que me levou a coletar dados do *British National Corpus*, onde descobri, entre seus 100 milhões de palavras, 336 orações contendo o verbo ‘*intend*’ seguido por um complemento gerundivo. Em contraste, no *Corpus of Contemporary American English*, com 385 milhões de palavras,⁹² o número de orações com ‘*intend + gerundivo*’ é de apenas 44, não algo em torno de 1.300 esperado, se o seu uso fosse igual ao da Inglaterra. Essa proporção de 28 usos pelos britânicos para um uso pelos americanos confirma que a minha intuição realmente representa o dialeto da minha origem e conforme a um dialeto específico do inglês. Definitivamente essa limitação na intuição nativa causa um problema na tentativa de propor princípios semelhantes ao de Verspoor, sendo que eles não se aplicam com

⁹⁰ (151) In the meantime, the solicitor *intended administering* the estate on behalf of the family. (HHC 2205) Unfortunately, Verspoor denies the very existence of constructions like the one in (151). She writes: ‘[-ing] may not occur with verbs that express that some form of prior intention is involved (*refuse*)’ (EGAN, 2008, p. 75).

⁹¹ Banco de Dados número 16.

⁹² Número crescente e não estável pois COCA está atualmente ainda no processo de crescimento de dados.

igualdade a outras variedades da língua inglesa. Na avaliação final do assunto, concordo com Egan (2008) na sua insistência em analisar apenas *'usage-based data'*, ou seja, dados da língua em uso, e não dados inventados pelo linguista para conformar a sua análise.

Biber, (2000) (americano, principal autor do *Longman Grammar of Spoken and Written English*) é um proponente entusiasta do uso de *corpora* e considera a 'intuição nativa' extremamente enganadora:

O que começa a ser percebido justamente agora é a extensão e a sistematicidade dos padrões do uso da linguagem. Tais padrões de associação são aquém do acesso das intuições, apesar de que esses padrões são demasiadamente sistemáticos para serem desprezados como acidentais.⁹³ (BIBER, 2000, p. 290).⁹⁴

Nesse sentido, o presente trabalho não conta com 'julgamentos' do que seja correto ou aceitável por falantes nativos, mas apenas com o que foi devidamente registrado (gravado ou escrito) como uso da língua em algum *corpus* previamente publicado.⁹⁵ As fontes de cada um dos 1112 exemplos estudados nesse projeto são identificadas e discutidas na seção 3.7. do presente capítulo. Segundo Labov (1982), toda língua foi falada em algum lugar, em algum momento por alguém para alguém. Assim, o contexto de uso da língua, contemplando todas as variáveis sociolinguísticas⁹⁶ será refletido na sua estrutura. Considerando os limites inerentes dos *corpora* fontes, detalhes do contexto e gênero de cada exemplo foram identificados com comentários vinculados às próprias frases no banco de dados criado para a presente pesquisa.

'*Usage-based studies*' são preferidos dentro da linguística cognitiva pelas razões expostas acima, sendo todas elas pertinentes ao presente estudo. A citação a seguir⁹⁷ apresenta algumas das razões:

⁹³ "What is just now coming to be realized is how extensive and systematic the patterns of language use are. Such association patterns are well beyond the access of intuitions, yet these patterns are much too systematic to be disregarded as accidental" (BIBER, 2000, p. 290).

⁹⁴ Durante a sua palestra na UFMG em 21 de Outubro de 2008, Douglas Biber demonstrou que as especulações da platéia sobre a frequência do uso dos verbos com aspecto durativo são enganadores. Em um momento leve da oficina em que apresentei minha previsão que frases do tipo *'you intend returning'*, prevalecerão no futuro, Biber disse, "I will never say that!"

⁹⁵ Exceções são devidamente identificados na seção 3.7.2. do presente capítulo.

⁹⁶ Não foi possível comprovar efeitos das variáveis sociolinguísticas sobre a alternância em foco no presente estudo, apesar do armazenamento devido de tais detalhes.

⁹⁷ "Studies of use are concerned with actual practice, and the extent to which linguistic patterns are common or rare, rather than focusing exclusively on potential grammaticality. As such, adequate investigations of language use must be empirical, analyzing the functions and distribution of linguistic features in natural discourse contexts. In descriptive lexicography, which is concerned with the actual use of words, new meanings are discovered only by examining the use of a word in actual discourse contexts. Grammatical structures can also be compared from a use perspective, by studying the ways in which seemingly similar structures occur in different contexts and serve different functions" (BIBER, 2000, p. 287).

Estudos de uso focam o emprego real [dos elementos de uma dada língua], o quanto certos padrões linguísticos são comuns ou raros; portanto, [tais estudos] não focam exclusivamente a gramaticalidade potencial. Sendo assim, as investigações adequadas do uso da língua devem ser empíricas, devem analisar as funções e a distribuição de aspectos linguísticos nos seus contextos discursivos naturais. Em estudos lexicográficos descritivos focados no emprego real das palavras, novos sentidos semânticos são descobertos apenas ao examinar o uso da palavra nos contextos dos discursos reais. Estruturas gramáticas também podem ser comparadas pela perspectiva de uso, estudando como estruturas aparentemente similares acontecem em contextos distintos e servem funções distintas⁹⁸ (BIBER, 2000, p. 287).

Para concluir, os propósitos dos exemplos apresentados ao longo do presente trabalho não incluem o objetivo de demonstrar o que seria possível na língua inglesa, ou gramaticalmente correta/incorrecta. A meta é apenas analisar o que está sendo usado por falantes de inglês presente e passado. Portanto, todos os exemplos, isto é, todas as 1112 orações contidas no banco de dados que serviu como base da pesquisa foram originalmente gravados ou escritos, em contextos ‘naturais’⁹⁹ e não situações inventadas pela autora.

3.3 Dados falados e escritos

O banco de dados do presente trabalho inclui frases faladas e devidamente transcritas pelas duas fontes de *corpora* contemporâneos,¹⁰⁰ e frases escritas (em sua maioria, sentenças completas) de todas as outras fontes, que estão devidamente listadas na próxima seção. A gravação e transcrição de dados é um recurso utilizado muito recentemente na história da língua inglesa. Portanto, a grande maioria dos dados (1045 dos 1112 totais) originalmente fora escrita.

Apesar disso, algumas tendências exclusivamente existentes nos dados falados foram identificados neste estudo, o que indica a importância de se incluir dados falados nos *corpora* diacrônicos sempre que for possível e de se utilizar textos escritos que possam estar um pouco mais próximos da fala nos *corpora* de períodos mais antigos, tal como afirma Claridge (2001)

⁹⁸ Mais que uma vez, ao longo do presente estudo, inventei uma oração para provar a ‘gramaticalidade’ de uma construção, como, por exemplo, ‘*She promised him to study*’. Ao lembrar da minha proposta metodológica, busquei uma referência real nos *corpora* do BNC e também no COC. Para minha surpresa, não encontrei tal oração entre os mais de 400 milhões de palavras. Vamos avaliar melhor a validade da famosa intuição nativa?

⁹⁹ Isto é: *corpora* usados como fontes das frases são de publicação anterior a este estudo, por instituições identificados no presente capítulo. Frases não provenientes dessas fontes foram publicadas em obras de ficção e são devidamente identificadas na seção 3.7.2.

¹⁰⁰ *British National Corpus e Corpus of Contemporary American English*.

na citação a seguir que resume os pressupostos sobre mudança linguística formuladas por Samuels (1972):

a maioria das mudanças linguísticas se originam na língua falada e podem ou não finalmente se estender à forma escrita; (b) um menor número de mudanças, geralmente de natureza distinta, surge na língua escrita, as quais podem ou não serem incorporadas à língua escrita e, (c) ela exerce uma influência conservadora, impedindo ou retardando a aceitação de muitas mudanças que surgem na língua falada. Os problemas são óbvios: não temos nenhuma fonte primária da língua falada em períodos mais antigos, podendo então apenas trabalhar com aproximações como, por exemplo, transcrições de julgamentos, cartas pessoais e diálogos de peças teatrais. Não podemos presumir que todas as características encontradas no meio escrito têm representação nesses textos escritos e, entre os evidenciados, não podemos saber por quanto tempo já existiam antes de eles finalmente aparecerem por escrito. Também não é fácil para nós avaliar quais dos fenômenos encontrados em nossos dados seriam considerados como particularmente ou até exclusivamente típicos da forma escrita. (CLARIDGE, 2001, p.4).¹⁰¹

A citação acima foi incluída na íntegra com o objetivo de mostrar que todas as interpretações provenientes do banco de dados aqui utilizadas foram elaboradas com total reconhecimento das limitações inerentes à utilização de dados antigos em forma escrita.

3.4 Sincronia *versus* diacronia

Desde que as primeiras hipóteses explicativas sobre a alternância entre os dois tipos de complementos verbais se provaram inadequadas, eu percebi que dados sincrônicos não forneceriam uma solução convincente à questão. Tendo isto em vista, optei por investigar a questão pela via diacrônica.¹⁰² Esta opção não foi adotada pela maioria dos pesquisadores que vieram a estudar a mesma questão. Um dos sincronistas é Duffley (2003), que considerou a questão da alternância entre o infinitivo e o gerúndio sob a mesma perspectiva que eu adotei no início do presente trabalho, com a metodologia de um estudo de *corpus*. Esse autor

¹⁰¹ “(a) the majority of linguistic changes originate in the spoken language, and may or may not ultimately spread to the written form, (b) fewer changes, usually of a different nature, arise in the written language, and may or may not be incorporated into the spoken language, and (c) the written language exerts a conservative influence, by preventing or slowing down the acceptance of many changes that come about in the spoken language. The problems are obvious: we do not have any first-hand record of the spoken language for older periods of the language, but can only work with approximations, such as court room transcripts, private letters and dramatic dialogue in stage plays. We cannot assume that all features found in the spoken medium are reflected in the written texts, and of those actually found we do not know how long they have already been in existence before eventually turning up in writing. It is also not easy for us to assess which of the phenomena we find in our data would have been regarded as particularly, or even exclusively typical of the written form.” (CLARIDGE, 2001, p. 4-5).

¹⁰² Vide página 43 do capítulo anterior que cita a crítica de Fanego (2007) aos sincronistas.

investigou a possibilidade de se substituir uma forma pela outra, tentando explicar casos em que não há esta possibilidade. Sua obra mais recente (2006), intitulada *The English gerund-participle: a comparison with the Infinitive*, forneceu uma das bases de comparação com o presente estudo.

No parágrafo que conclui um artigo publicado em 2003, Duffley demonstra a limitação de uma explicação sincrônica da alternância acima mencionada.

Este estudo, ao menos, demonstra muito claramente o que a distinção entre o gerúndio e o infinitivo não é. Nem a diferença entre particular versus geral, nem entre reificação versus hipótese/potencialidade, nem quaisquer das oposições derivadas em termos de factividade versus não-factividade, referente versus não-referente ou validado versus não-validável pode dar conta de toda a abrangência dos significados expressos por estas duas formas no seu uso como sujeito da sentença. A distinção entre as duas formas pode ser descrita **com limitações** em termos de distribuição. O *corpus* revela uma forte tendência do uso do infinitivo em contextos que evocam eventos irrealis (90% de suas ocorrências). Porém o gerúndio também é usado para se referir a eventos irrealis em um terço de seu uso e restam ainda 10% do uso do infinitivo que se referem a eventos realmente ocorridos (DUFFLEY, 2003 p. 349, grifo nosso).¹⁰³

Em seguida, esse autor propõe uma hipótese que descreve apenas tendências encontradas. Isso, a meu ver, deve-se ao tamanho inadequado do *corpus*, que contém apenas 147 gerúndios e 129 infinitivos em posição do sujeito da frase principal. Portanto, a resposta bem elaborada baseada em dados sincrônicos, não é convincente e definitiva. Decidi, então, montar um banco de dados muito maior do que o *corpus* usado nos estudos até então, que abrange todas as épocas da história do inglês. Logo no início da investigação, considerei a hipótese que havia uma mudança sintática ainda em curso entre as duas formas verbais analisadas. Portanto, a perspectiva adotada no presente estudo é a diacrônica. O método de coleta dos dados é explicado na próxima seção.

¹⁰³ “This study has at least shown very clearly what the distinction between the gerund and the infinitive is not. Neither the distinction between particular versus general nor that between reification versus hypothesis/potentiality, nor any of the derivative oppositions in terms of factivity versus nonfactivity, referring versus nonreferring or validated versus validatable, can account for the full range of meanings expressed by these two forms in their use as subject of the sentence. The distinction between the two constructions could be described *to some extent* in terms of distribution. The corpus reveals a powerful tendency for the *to*-infinitive to be used in contexts evoking nonreal events (90 percent of its occurrences). However, the *-ing* form is also used to refer to nonreal events in one-third of its uses, and there remain the 10 percent of the uses of the infinitive that refer to actually realized events.” (DUFFLEY, 2003 p. 349, grifo nosso).

3.5 Banco de dados

O banco de dados utilizado no presente trabalho é inédito. Os itens que o compõem foram selecionados e inseridos um a um. Por esta razão, optei por nomear o banco de dados que compilei o bdHB (banco de dados da Heather Blakemore). Quanto aos procedimentos metodológicos adotados em relação ao *corpus*, primeiramente fiz a coleta dos dados, ao longo do período de junho de 2006 a fevereiro de 2008. Concomitantemente a este período, aprendi a identificar estruturas sintáticas do Inglês Arcaico. Atualmente, sou capaz de analisar dados do Inglês Medieval. Os métodos utilizados para encontrar dados inevitavelmente exigiram muito tempo investido, pelo fato de que há poucas frases que possuem quaisquer tipo de complemento verbal antes do Inglês Moderno. Simplificando, o processo assemelha-se ao do velho ditado ‘procurar agulha em palheiro’. Para o período do Inglês Medieval, há um total de apenas 138 exemplos de complementos verbais no resultante banco de dados. Eles foram inseridos e classificados durante o período da coleta como descrito na próxima seção. Posteriormente os dados foram analisados e reanalisados múltiplas vezes à luz das novas leituras e hipóteses que surgiram.

3.5.1 Formulário para inserção de dados

O formulário de inserção criado para o meu banco de dados inclui diversas informações vinculadas a cada frase, incluindo a fonte (os números 1-12, acima identificados) e a data de acesso, no caso dos *corpora* de livre acesso, para que qualquer pesquisador posteriormente possa repetir as mesmas buscas e receber resultados idênticos. Outros detalhes da inserção dizem respeito a variáveis relacionadas à forma verbal do verbo, que viabilizaram análises da escolha entre o complemento infinitivo e gerúndio.

A figura 1 é do formulário usado para inserir dados no bdHB. As explicações sobre cada campo seguem a figura.

Figura 1 – Ilustração do formulário utilizado para coleta de dados.

Phrase code:	1119	7- MV COMPOUND: Participle type:	
Phrase:	BNC SPOKEN: we er did a er a list of what wants doing , exactly what wants	8- Translation from Latin?:	No
1- Source:	9	9- Period:	Modern English
2- Date Accessed:	29/1/2008	10- Main Verb Origin:	Parish Council meeting (Pub/instit). Rec. on 21 Apr 1993
3- Verb:	want	11- Year:	1993
4- Complement Type:	gerund	12- Region:	UK
5- Main Verb Type:	Simple		
6- MV SIMPLE: tense:	Simple present		

Registro: 1104 de 1115

Itens da coluna esquerda do formulário:

- **Phrase code:** trata-se de um número que identifica cada dado do banco, cujo exemplo é o número 1119.
- **Phrase:** No exemplo, ‘BNC SPOKEN’ identifica uma frase falada do *corpus* British National *Corpus*. A frase está registrada com o máximo de contexto permitido pelo espaço, antes e depois do núcleo ‘verbo + complemento verbal’. As palavras mostradas na pequena janela não mostram toda a frase, mas apenas o início dela:
 - 1 **Source:** No exemplo, a fonte número 9 está identificada (BNC). O menu inclui números de 1 a 20, podendo-se selecionar, assim, outras fontes.
 - 2 **Date Accessed:** No exemplo, o *website* que contém a ferramenta de pesquisa do BNC foi acessado em 29 de janeiro de 2008.
 - 3 **Verb:** O verbo principal do exemplo é ‘*want*’.
 - 4 **Complement Types:** A seta abre um menu com duas opções: ‘*gerund*’ e ‘*to-infinitive*’, tendo sido escolhida a opção ‘*gerund*’ no exemplo.
 - 5 **Main Verb Type:** A seta abre um menu com duas opções: ‘*simple*’ e ‘*compound*’, tendo sido escolhida a opção ‘*simple*’ no exemplo.
 - 6 **MV SIMPLE: tense:** Este item é vinculado ao quinto. Se a opção ‘*simple*’ for escolhida no menu 5, o menu atual abre três opções: *simple past*, *simple present* e *simple future*. Se for escolhida a opção

'*compound*' no menu 5, o menu atual continua desativado. Neste exemplo, a resposta '*simple present*' foi selecionada na janelinha achurada em cinza.

Itens da coluna direita do formulário:

- 7 MV COMPOUND: Participle type: Este menu continua desativado até que for escolhida a opção '*compound*' do menu 5. Suas opções são *present, past, present continuous, e past continuous*.
- 8 Translation from Latin?: A seta abre um menu com as respostas *Yes, No, e Impossible to determine*. Neste exemplo de Inglês Moderno, a resposta é obviamente '*No*.'
- 9 Period: Este menu contém as quatro opções: *Old English, Mid English, Early Modern, e Modern English*. O exemplo está mostrando '*Modern English*.'
- 10 Main Verb Origin: Essa variável foi abandonada logo no início da fase de coleta de dados. Ficou óbvio que teria no máximo apenas 44 variações, a partir da definição do conjunto de verbos a serem estudados. Logo, resolvi usar este campo vazio para comentários pertinentes, que acabou sendo preenchido para a metade das frases. Para todas as frases do inglês moderno (BNC *corpus*), como na figura, o campo nunca foi deixado em branco, sendo usado para acrescentar informações provenientes do próprio *website*, como no exemplo, em que é identificada a situação social da fala: "*Parish Council Meeting (Public/Institutional setting) recorded on 21 April 1993*", que significa: uma reunião do Conselho da Paróquia, situação pública/institucional, gravada no dia 21 de abril de 1993. Outros dados que entram neste campo sobre frases escritas do BNC incluem gênero, data e tipo de publicação.
- 11 Year: No exemplo da figura, o ano está identificado pela data de gravação. Para frases de ano 800 cerca de 1500, às vezes foi necessário estimar o ano da escrita, quando esta informação não foi fornecida pela fonte.
- 12 Region: No exemplo, a região é identificada como UK, que significa para esta fonte (BNC) apenas a Inglaterra. Outras regiões representadas

presentes no banco de dados são Escócia, país de Gales, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e EUA.

3.6 Quatro períodos

Há várias maneiras de se definir os períodos da história da língua inglesa. Eles ainda são sujeitos a um debate. Por exemplo, uma definição que eu rejeito, demarca o fim do *Early Modern English* em 1800. Esta definição baseia-se na pronúncia das palavras de Barber (1993). Como foi descrito na página 37 dessa tese, foi determinado que o *Early Modern English* termina com o final da Guerra Civil dos Ingleses (1650), período marcado na história pela era da monarca Elizabeth I e pela obra de William Shakespeare. Então, foram escolhidos os seguintes quatro períodos, com as suas determinadas datas:

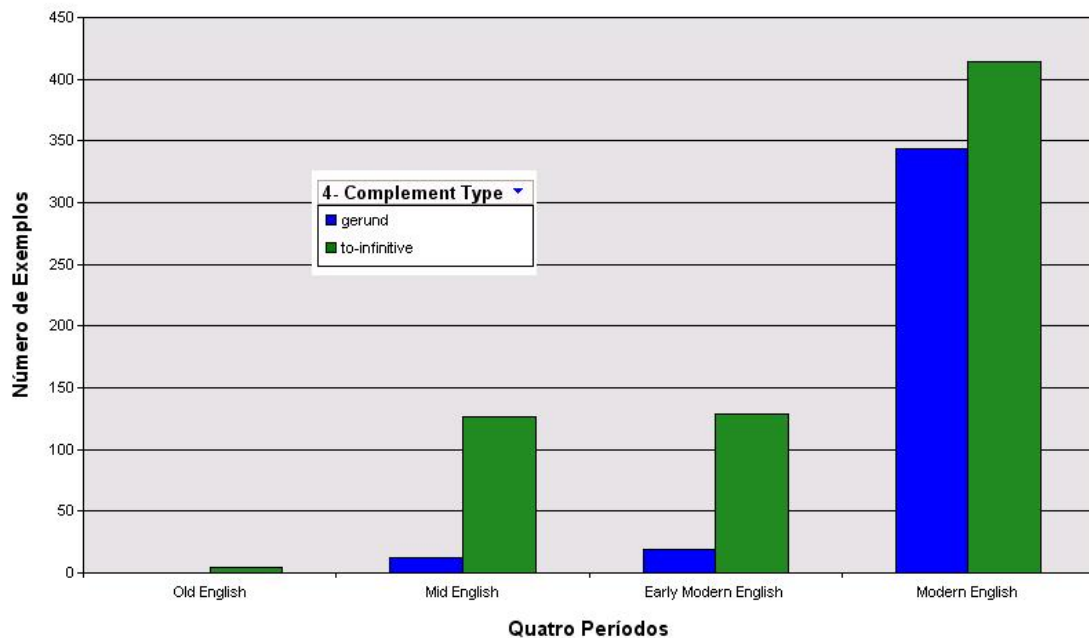
- INGLÊS ARCAICO de 800 AC até 1100
- INGLÊS MEDIEVAL de 1100 até 1500
- *EARLY MODERN ENGLISH* (em diante identificado como *EModEng*) de 1500 até 1650, que inclui toda a obra de William Shakespeare
- INGLÊS MODERNO de 1650 até 2000

O banco de dados usado (bdHB) pelo presente estudo contém um total de 1112 exemplos de orações escritas e faladas entre ano 800 e 1995. A maioria deles (758 exemplos) é do Inglês Moderno, sendo muitos das últimas décadas do século XX, o que reflete não uma seleção preferencial, mas sim a falta de dados existentes nos períodos anteriores. Inicialmente estabeleci uma meta de estudar um número igual de exemplos (15) nos quatro períodos para cada 44 verbos, totalizando 2.640 exemplos. Esta meta se revelou impossível de atingir, por falta de registros nos períodos Arcaico e Medieval de verbos com complementos verbais, ou de gerúndio, ou de infinitivo. Parece que o recurso sintático de complementos verbais foi pouco usado até o período do Inglês Moderno. Ao longo do estudo, esta conclusão foi confirmada. Além disso, dos 44 verbos estudados, oito foram emprestados pelo inglês no período *EModEng* ou Moderno, e portanto, não há dados mais antigos relatando o uso deste verbos.

O gráfico abaixo mostra os quatro períodos na história da língua inglesa e seus respectivos números de exemplos do bdHB. Apesar de haver um número muito mais expressivo de dados no período Moderno, eu optei por manter um banco de dados com apenas

1.113 exemplos, pois se mantivesse a meta inicial de coletar 2.640 exemplos, a proporção entre os três períodos de poucos dados e o período de dados expressivos seria ainda mais distorcida.

Figura 2: Gráfico comparando o número de exemplos com complementos de gerúndio ou infinitivo para os quatro períodos da língua inglesa: Inglês Arcaico, Inglês Medieval, *Early Modern English* e Inglês Moderno.



3.7 Lista e descrição de *corpora* fontes

A lista abaixo contém as fontes de busca dos dados dispostas na ordem cronológica em que foram encontradas, compreendendo o período de junho de 2005 a fevereiro de 2008. Fontes número 4, 8, 10, 11 são livros de ficção, sendo assim não publicados para propósitos de pesquisa linguística. Serão comentadas tudo junto no final da presente seção.

1. Oxford English Dictionary (em CD-ROM) (referência fundamental)
2. U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse (*on-line*)
3. ---fonte posteriormente retirada---¹⁰⁴
4. Margery Allingham (livros de ficção)
5. Oxford Text Archive (textos eletrônicos)
6. U. Michigan Early Modern English Materials (*on-line*)
7. Shakespeare's Works (*on-line*)
8. Charlotte MacLeod (livro de ficção)
9. British National Corpus (*on-line*)
10. Nikos Kazantzakis (livro de ficção, traduzido)
11. Rosamund Pilcher (livro de ficção)
12. Corpus of Contemporary American English (*on-line*)

3.7.1 Descrição de *corpora* fontes

1. OXFORD English Dictionary. Verson 1.13. Oxford: Oxford University Press, 1994. CD-ROM.

No princípio do projeto, realizei uma busca de todos os verbos contemplados nesta pesquisa com os seguintes objetivos: investigar a origem de cada verbo; seu primeiro registro na língua inglesa, e quais significados ele passou a possuir ao longo da história do inglês. Eu descobri, como um exemplo, que 34 dos 44 verbos analisados (77%) têm a língua latina como sua eventual origem, sendo que a maioria deles (28) foi emprestada pela língua francesa (durante Francês Medieval); enquanto apenas 5 provêm diretamente do Latim. Coletei os exemplos mais antigos de cada verbo e os inseri no banco de dados, juntamente com exemplos, compreendendo todos os períodos diacrônicos, de frases contendo os complementos verbais estudados (quais sejam: infinitivo e gerúndio).

¹⁰⁴ O que constava na criação do banco de dados como fonte número 3, *International Corpus of English*, posteriormente foi abandonada.

Em seu artigo intitulado “Nonfinite complement clauses in the nineteenth century: the case of *remember*”, Mair (2006) aponta as limitações inerentes no uso do *Oxford English Dictionary* como fonte única:

Em primeiro lugar, é impossível determinar a quantidade exata do material contido no banco de citações [do OED...] Em segundo lugar, não é prática diferenciar os resultados obtidos pelo OED de acordo com estilo ou gênero textual, ou ainda pelas variedades de inglês mais grossas, como por exemplo, inglês britânico ou americano. Qualquer generalização derivada dos dados do banco de citações do OED, portanto refletirá a história da língua inglesa em um nível muito geral e abstrato, que foca nas tendências na linguagem como um todo ao invés das mudanças limitadas a uma variedade regional particular ou um registro específico. Em termos práticos, o *software* de busca, embora impressionante no seu *performance*, é menos útil do que programas de ponto que realizam uma busca de *corpus* linguística, como por exemplo o *Wordsmith*. Por isso, é difícil de encontrar certas frases raras ou especiais de uma dada construção, como por exemplo, os casos quando há palavras entre o verbo *remember* e o gerúndio ou infinitivo.¹⁰⁵ (MAIR, 2006, p. 219).

Pelas razões expostas por Mair (2006), após o estudo preliminar do OED, principalmente pelo propósito de esclarecer as origens dos verbos matriciais, outras fontes diacrônicas foram procuradas e felizmente encontradas como se descreve em seguida.

2. *U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse*. Acessado em: <http://quod.lib.umich.edu/c/cme/> durante o ano todo de 2007.

Neste *corpus*, não foi possível buscar a construção ‘verbo + complemento verbal’ por quatro razões: primeiramente, devido ao fato de que uma busca do tipo *‘promise to’* não fornecer apenas o verbo *‘promise’* seguido pelo *to-infinitive*, mas sim centenas de exemplos como o seguinte:

¹⁰⁵ “Firstly, it is impossible to determine the precise amount of material contained in the quotation base. . . Secondly, it is not practical to differentiate results obtained from the *OED* quotation base according to style or genre, or even major regional varieties such as British or American English. Any generalization derived from the data in the *OED* quotation base will therefore concern the history of the English language at a very general level of abstraction, focusing on the tendencies in the language as a whole rather than developments limited to individual regional varieties or registers. On a practical level, the *OED*’s search software, though impressive in its performance, falls short of the state-of-the-art corpus linguistic retrieval programs such as *WordSmith*. This makes it difficult or impossible to retrieve some rare or special instances of a construction, such as, for example, those cases in which material intervenes between the verb *remember* and the gerund or infinitive” (MAIR, 2006, p. 219).

EXEMPLO 6: c1548 The Constable had **promised to** the kyng and the duke, to render vp to them the towne of saint Quintynes. (bdHB18) *Hall Chron., Edw. IV 228*.

Modernizado: *The constable had **promised to** the king and the duke, to render up to them the town of Saint Quintynes.*

Tradução: a1548 Hall Chron., Edw. IV 228 O Constábulo tinha **prometido ao** rei e duque, que ele renderia a eles a villa do santo Quintynes.

No exemplo 6, o ‘*to*’ funciona como uma preposição (que equivale ‘*ao*’ da tradução) que sinaliza os beneficiários da promessa (o rei e o duque). Sendo assim, ‘*to*’ não faz parte de um complemento infinitivo, apesar da sua posição posterior ao verbo e da sua coincidência formal com a forma do ‘*to-infinitive*’. Este problema, mencionado acima por Mair, do material interposto entre o verbo e seu complemento persistiu ao longo da pesquisa durante toda coleta de todos os dados, inclusive os do Inglês Moderno. O Mair, afinal, optou para ignorar exemplos com material interposto.¹⁰⁶ Ao contrário, minha opção foi de investir mais tempo, examinando exemplos potenciais um por um, sendo que foi necessário reduzir o número total de verbos estudados para que isso fosse possível. Seção 3.9. abaixo descreve a maneira em que foram escolhidos os verbos do conjunto final.

A segunda razão que dificultou a busca no *corpus* ‘*U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse*’ foi que, analogamente ao que ocorre com o infinitivo, qualquer palavra terminada em *-ing* pode ser identificada como gerúndio, mesmo que não o seja de fato, pois o *corpus* não dispõe do recurso de pesquisa booleana, tal como ocorre, por exemplo, nos *corpora* fontes de Inglês Moderno.

A terceira razão foi que todos os verbos que foram identificados como pertencendo ao período do Inglês Medieval foram grafados sem um padrão, necessitando serem pesquisados um a um e em cada uma de suas múltiplas formas. Por exemplo, para o verbo *avoid*, pesquisei todas as seguintes formas: *auvoide*, *auvoyde*, *awoyde*, *aduoyde*, *advoyde*, *avvoid*, *awode*, *auoyd*, *auoid*, e *avoide*.

Além disso, adotei o procedimento de pesquisar por outras formas do verbo, como o passado simples e terceira pessoa, com o objetivo de descobrir diferenças na distribuição da construção, caso houvesse (vale salientar que este procedimento foi adotado em todos os

¹⁰⁶ Sua opção e justificação: “The quotation base from 1701 onwards was searched for all occurrences of *remember* to* and *remember * *ing* (where * stands for ‘any sequence of characters not divided by a space’). This strategy could be relied on to find the majority of relevant instances; it would miss rare cases in which *remember* and its complement were separated by adverbials or other intervening material (e.g. *remember him/his being there*). In accord with Visser (1963-73: 2357) I will assume that the latter type is an elaboration of plain *remember –ing* and did not play a major role before the end of the nineteenth century” (MAIR, 2006, p. 219).

bancos de dados eletrônicos pesquisados). No Inglês Moderno, essa investigação de verbos regulares foi feita por lema, como por exemplo a busca de *start**, que basta para todas as constatações de *to start, starts, started, e starting*, inclusive dos sintagmas verbais compostos destas formas com verbos auxiliares. Por verbos irregulares de inglês, foi necessário pesquisar apenas as cinco formas do verbo, como por exemplo, *forget, forgot, forgotten, forgets e forgetting*. Contudo, no Inglês Médio, esta busca se torna muito mais difícil, devido ao fato de que havia uma flutuação entre a presente terminação dos verbos regulares em *-ed*, e a terminação *-en* do Inglês Arcaico, como também uma variação das vogais dos verbos irregulares (processo de harmonização vocálica, tal como ocorreu no alemão). Da mesma maneira, havia uma flutuação ortográfica da terminação das formas verbais da terceira pessoa do presente do indicativo, que poderia ser: *-ith, -yth, -eyth* ou *-eth*. Todas as possibilidades ortográficas de cada verbo foram pesquisadas uma a uma, para que pudesse encontrar complementos verbais, que tiveram raras ocorrências durante o período do Inglês Medieval. O procedimento de escolher exemplos entre todas as frases que contém o verbo procurado assemelha o seguinte descrito por Mair (2006): “[...] Embora, como já mencionado, não haja um jeito fácil de extrair as construções relevantes automaticamente da base de citações do OED, decidi extrai-las uma a uma no processo de pós-edição dos resultados da busca para *remember** [...]”¹⁰⁷ (MAIR, 2006, p. 223).

O mesmo processo de pós-edição foi feito no presente trabalho com o objetivo de retirar palavras que seguem os verbos matriciais com formato que coincidem gerúndios, mas que de fato não podem entrar na contagem total de complementos gerundivos, inclusive, mas não limitado a *‘something, anything, nothing, thing(s), morning, etc.’* Além dessas exceções, há casos em que apenas uma leitura cuidadosa diferencia verdadeiros usos do gerúndio. Um exemplo seria *‘considering building in the spring’* sendo referente a um futuro ato de construir na primavera, mas não *‘considering building number 6 on the lot’*¹⁰⁸ sendo o objeto do verbo *‘consider’* apenas um nome *‘building 6’* que se refere a um edifício em particular.

A última razão pela qual os verbos seguidos por complementos não poderiam ser encontrados diretamente, foi que, no Inglês Medieval, a ordem de constituintes das frases era mais flexível. Sendo assim, nem sempre os complementos apareciam após o verbo. O problema do material interposto novamente complica a busca por essa razão. Além disso, a poesia sempre goza de uma ordem mais flexível do que a prosa, fato evidente ainda no Inglês

¹⁰⁷ “. . . Although, as has already been mentioned, there is no easy way of retrieving the relevant constructions automatically from the *OED* quotation base, I decided to extract these manually by post-editing the search output for *remember**. . .” (MAIR, 2006, p. 233).

¹⁰⁸ Frases citadas encontram-se no BNC.

Moderno. O bdHB contém vários exemplos da ordem de complemento verbal seguido pelo verbo que o rege.

Em conclusão, o número total de exemplos é lamentavelmente pequeno considerando a alta qualidade do *corpus* ‘*U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse*’ como fonte. Isto ocorreu por duas razões: Seis dos quarenta e quatro verbos entraram na língua inglesa após o período Inglês Medieval: *appreciate, dislike, mention, regret, resent, risk*; e nenhum exemplo de complemento verbal foi encontrado para outros vinte e dois verbos do conjunto. Estes últimos (sem exemplos) representam a maioria dos 44 verbos. Isto não significa necessariamente que houve ausência dessas construções no período estudado (veja a citação de Claridge acima) mas sim, que seus registros por escrito não sobreviveram até os dias de hoje. Felizmente, a evidência negativa está de acordo com a hipótese central dessa tese.

Detalhes do *corpus* citado em seguida, acessível no *website matrix* do *corpus U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse* demonstram a vasta abrangência de dados contidos neste único *corpus*, que contém 1.713 documentos de vários gêneros e tipos textuais que remanesceram até nossos tempos. Além do gênero ficcional, os gêneros e tipos mais recorrentes, escolhidos para compor os dados do bdHB foram: registros de igrejas e justiças, pregações, procedimentos governamentais locais e nacionais, cartas pessoais, biografias e autobiografias, contratos legais, regulamentos das guildas. Dos textos pertencentes ao gênero ficcional, foram escolhidos os seguintes tipos: poemas épicos (que incluem obras do Geoffrey Chaucer), peças de teatro religioso, histórias e poesias mais curtas. Um cuidado extremo foi tomado ao escolher as frases a serem incluídas no bdHB, pois não mais que quatro exemplos contidos em uma dada obra foram incluídos, independentemente de quantos apareceram.

Frases da Bíblia foram incluídas no bdHB, associadas ao mesmo cuidado dado a todas as outras obras traduzidas, tal como explicarei a seguir. Uma variável com três possíveis respostas foi embutida no formulário principal de entradas: Esta frase é uma tradução? Respostas foram ‘Sim’ ‘Não’ e ‘Impossível de determinar.’ Após pesquisas biográficas fornecidas pelo *site* do próprio *corpus* e por outros *websites*, dúvidas de que foi originalmente escrito em inglês e o que foi traduzido foram resolvidas, resultando nos seguintes dados numéricos:

- Não é uma tradução: 1081 frases;
- É uma tradução (geralmente do Latim): 13 frases;
- Impossível de determinar: 18 frases.

Um exemplo do segundo tipo (tradução do Latim) é a seguinte tradução de Geoffrey Chaucer do poema épico de autoria de Severinus Boetius ‘*De consolatione philosophiae*’ (tradução feita aproximadamente em 1400 AC), revisada e publicada por Morris (1868):

EXEMPLO 7:

Chaucer: Who so ȝeueþ þan largely hys sedes to þe feldeþ þat **refuse to receiuen** hem. (bdHB 511).

Modernizado: Who so gives then largely his seeds to the fields that **refuse to receive** them.

Tradução: Quem assim dá então amplamente suas sementes aos campos que **recusam a recebê-las**.

Um exemplo do terceiro tipo (impossível a determinar se foi uma tradução) é a seguinte frase contendo a antiga forma do infinitivo ‘*for to do*’, escrita em 1349 e publicada em 1863.

EXEMPLO 8:

He says "he has no wille to fele, / Ne to understand **for to do wele**". (bdHb522) Richard Rolle de Hampole.

Modernizado: He says he has no wish to feel / Nor to **understand to do** good.

Tradução: Ele diz “ele não tem a vontade de sentir / Nem de **entender fazer** bem.”

Como a bíblia é necessariamente uma tradução do hebraico, aramaico, grego e/ou latim, as versões dela tendem a incluir construções sintáticas das línguas originais, alheias ao período do inglês em que foram escritas ou deliberadamente arcaicas.¹⁰⁹ Portanto, muito poucos exemplos que compõem os dados do bdHB foram retirados da bíblia e nenhum exemplo foi retirado desta fonte para compor os dados do Inglês Moderno, que oferece mais opções de obras a serem incluídas no banco de dados.

5. Oxford Text Archive (textos eletrônicos)

Outra fonte gratuita, cujos textos são organizados por obra individual, e não como um *corpus*. Isto é, a ferramenta de pesquisa do *website* possibilita achar todos os exemplos de uma única palavra ou frase em uma dada obra simultaneamente, mas não em todas as obras

¹⁰⁹ Mais informações sobre o caráter ‘latino’ da sintaxe do inglês traduzido no período medieval são fornecida no capítulo 4: Resultados, nas páginas 134 a 139.

que compõem o *site*, como é o caso da fonte 2: *U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse*. O critério de escolha de obras e autores desta fonte foram das datas que não puderam ser encontradas em nenhum dos outros *corpora* fontes. Os textos incluem ficção e não ficção, tendo sido escritos por norte-americanos e britânicos.

Tal como o procedimento adotado para os exemplos do *corpus* fonte 2, foram incluídos no bdHB **no máximo quatro exemplos de um autor** contendo uma dada construção ‘verbo + complemento infinitivo’ OU ‘verbo + complemento gerúndio’, com o objetivo de evitar proporções distorcidas dos dados, provenientes do estilo preferido de escrita dos autores. A seguir, as obras desta fonte estão identificadas numa lista cronológica. As datas mencionadas são dos anos nos quais as obras foram escritas, e não da sua publicação.

- 1787: *The Federalist Papers* é o nome coletivo dado aos 85 ensaios escritos com o propósito de defender as idéias da primeira constituição dos EUA; escritos por Alexander Hamilton, James Madison, John Jay (norte-americanos): 10 exemplos de não-ficção.
- 1818: *Frankenstein* ou *The modern Prometheus*, obra de ficção escrita por Mary Wollstonecraft Shelley (inglesa) : 44 exemplos de ficção.
- 1867: *The Innocents abroad or The New Pilgrim's Progress*, obra de ficção escrita por Mark Twain (Samuel L. Clemens, norte-americano): 72 exemplos de ficção.
- 1895: *The new Arabian nights; The pavillion on the links, and other tales*. Obra de ficção escrita por Robert Louis Stevenson (inglês) : 46 exemplos de ficção.

Justifico a escolha destas obras tão bem reconhecidas e escritas por autores clássicos da mesma forma que justifico a escolha das obras de William Shakespeare. Antes dos tempos atuais, em que há uma facilidade de acesso à informação, as pessoas, mesmo os analfabetos, se divertiam ouvindo e decorando poemas, letras de músicas, provérbios, linhas de prosa, citações, e falas pelo simples amor de algo bem escrito. Isto implica no fato de que os autores clássicos necessariamente exerceram uma influência na maneira como as gerações futuras passaram a construir as estruturas sintáticas. Kellner (1890) explica esta influência assim: “Mas, Morte Darthur do Malory usa muito [o infinitivo absoluto]; os exemplos são abundantes; e provavelmente é devido à influência deste grande favorito do século XVI que o infinitivo absoluto é usado muito pelo Berners, e persiste até a época Elizabetana” ¹¹⁰ (KELLNER, 1890, p. lxix).

¹¹⁰ “But Malory’s *Morte D’Arthur* makes a very large use of [the Infinitive Absolute]; instances abound; and it is probably due to the influence of this great favourite of the 16th century that the absolute infinitive is very frequent in Berners, and occurs even in Elizabethan times. . .” (KELLNER, L. 1890, p. lxix.)

6. U. Michigan Early Modern English Materials

Doze exemplos incluídos no bdHB foram retirados desta fonte, que pode ser acessada pelo endereço eletrônico: <http://quod.lib.umich.edu/m/memem/index.html> Tal como informado pela própria home page do *corpus*: o arquivo fonte tem cerca de 16 megabytes e consiste em cerca de 50.000 registros. O *Michigan Early Modern English Materials* (MEMEM), compilado por Richard W. Bailey, Jay L. Robinson, James W. Downer, com Patricia V. Lehman, **consiste em citações de verbos modais e certas outras palavras coletadas para o dicionário *Early Modern English Dictionary*.**

7. As obras de William Shakespeare

As datas de cada peça de teatro, poema e soneto, foram coletadas neste valoroso recurso: “*Chronology of Shakespeare’s Plays*” (<http://www.shakespeare-online.com/keydates/playchron.html>), com consulta adicional de (http://www.shakespearesmonument.com/wst_page14.html). Abreviações usadas para identificar cada obra no bdHB constam no anexo 1 dessa tese.

As obras completas de Shakespeare possuem acesso fácil e gratuito em vários *websites*, sendo o seguinte particularmente bem estruturado: *The Works of the Bard* (<http://www.it.usyd.edu.au/~matty/Shakespeare/test.html>). Ele oferece uma ferramenta de pesquisa booleana (insensível a diferença entre maiúsculo e minúsculo) na qual cada verbo pode ser inserido e, em instantes, obtém-se todos os exemplos associados a tal verbo em toda a obra de William Shakespeare.

Seguindo o procedimento metodológico adotado para a fonte 2, quatro exemplos foram o limite retirado desta fonte, para cada verbo e seu complemento verbal, independente do número de ocorrências ao longo da obra. Foram encontrados 41 dos 44 verbos estudados em construções sintáticas múltiplas e variadas. Dos três verbos que não aparecem nas obras (*regret*, *appreciate* e *risk*), os dois últimos tiveram sua entrada na língua inglesa após a época do Shakespeare. Além disso, dos 41 verbos encontrados, embora 19 apareçam com complementos verbais, apenas um deles é seguido por gerúndio, (*imagine*). Este fato apóia a hipótese geral desta tese, de que há um crescimento do uso do gerúndio como complemento, o que também torna esta fonte bastante valorosa para o presente estudo.

9. British National Corpus

O *corpus* foi acessado com ajuda de uma poderosa ferramenta de busca, montada pela equipe do Prof. Mark Davies da Brigham Young University (BYU), no endereço:

<http://corpus.byu.edu/bnc/>. O *corpus* é expressivo, contendo cem milhões de palavras em inglês britânico. Tal como informado pelo portal do site: *O British National Corpus* (BNC) é um *corpus* de 100 milhões de palavras formado por amostras da língua escrita e falada de fontes variadas e representativo do inglês britânico contemporâneo, tanto falado como escrito. É impossível descrever todos os gêneros escritos e falados (gravados) que compõem este *corpus* extremamente variado. Todas as fontes que contêm dados que selecionei e incluí no bdHB, estão identificadas com títulos e datas de publicação ou gravação.

Devido ao tamanho expressivo deste *corpus*, uma busca direta por um verbo qualquer retornava milhares de exemplos, além dos homônimos substantivos, como, por exemplo, no caso do verbo ‘*promise*’. Esta palavra, no singular, aparece em 3816 frases no *corpus* como um todo. Foi inviável ler cada uma destas frases procurando por ‘*promise* + complemento verbal’. Felizmente, o *site* possui uma ferramenta de busca sofisticada e poderosa, tendo sido possível, durante todo o ano 2007, procurar diretamente pela construção, ‘verbo + complemento verbal gerúndio’ usando caracteres curinga do tipo, ‘*begin* + **ing*’ que forneceu-me períodos no seu contexto, como, por exemplo “*Plums can be harvested as they begin to show colour*” (bdHB 528). Para a contagem de todos os exemplos do *corpus*, foi necessário excluir frases com as palavras “*nothing, something, everything, during, evening, morning, etc.*” que aparecerem nos exemplos. Também foi possível procurar diretamente por ‘verbo + infinitivo’, porém, foi mais difícil. Por exemplo: a busca ‘*promise* + *to*’ encontra 582 frases, tendo sido necessário eliminar aquelas que possuíam a forma substantivo + preposição, como em “*I can not promise to you*”.

A partir de janeiro de 2008, foram implementados vários melhoramentos na interface do website deste *corpus*, inclusive a nova opção de procurar por palavras identificadas por classes gramaticais. Por exemplo: uma pesquisa por “*start to [v*]*” fornece todas os períodos que contêm este verbo com complementos na forma infinitiva (que totalizam 2.529). Analogamente, uma pesquisa de “*start [v?g]*” fornece todas os períodos que contêm este verbo com complementos na forma de gerúndio (que totalizam 3.747). Assim, foi possível completar a tabela com as proporções dos dois tipos de complementos presentes neste *corpus*¹¹¹ sem que houvesse necessidade de se eliminar uma por uma as estruturas que não possuíam de fato uma construção do tipo ‘verbo + infinitivo ou gerúndio’. Facilitadas pela nova ferramenta e com intuito de confirmar os resultados relatados no capítulo 4, todas as

¹¹¹ A tabela 4 das páginas 90 e 91 no capítulo 4: Resultados contém as estatísticas de uso do complemento verbal associado a todos os 44 verbos no *British National Corpus*.

buscas de dados desse *corpus* foram novamente realizados no período de janeiro até março de 2009, sem diferenças significantes.

12. *Corpus of Contemporary American English* (Interface: Mark Davies, BYU)

Disponível a partir de 20 de fevereiro de 2008 em: <http://www.americancorpus.org/>. Enquanto ainda estava sendo desenvolvido, foi nomeado como *BYU American National Corpus*, montado por Professor Mark Davies da Brigham Young University, sendo um projeto posterior ao BNC (fonte 9). A descrição do *corpus* no dia do seu lançamento (18/02/2008) incluiu a seguinte:

- Exclusivamente de fontes norte-americanas, ex. televisão, rádio, revistas, jornais, periódicos acadêmicos publicados nos EUA,
- 20 milhões de palavras por ano de 1990 até o presente,
- 360 milhões de palavras no total em dezembro de 2007 (17 anos X 20 milhões ao ano),
- Será atualizado 4 vezes ao ano (5 milhões de palavras a cada 3 meses, 1 milhão em cada registro),
- Dividido (o todo e de cada ano) em 5 registros de igual tamanho.

Os cinco registros do último item poderiam ser assim resumidos: “Falado (gravações posteriormente transcritas dos programas de televisão e rádio); ficção, revistas populares, jornais diários e jornais acadêmicos (que abrangem 100 disciplinas)”. A interface deste novo *corpus* será a mesma do *British National Corpus* (fonte 9 acima).

3.7.2 Obras avulsas

Certos registros no banco de dados criado durante esse projeto foram retirados de publicações de literatura do gênero de ficção, não sendo incorporados em um outro *corpus*, como no caso de ficção incluído no *British National Corpus*. Estas obras são listadas pelo seu número identificador no banco de dados; tem autores de várias partes de mundo e foram escritas em anos variados, compreendendo basicamente a segunda metade do século XX:

4. Margery Allingham: Esta autora (1904-1966) nasceu e foi criada na Nova Zelândia, tendo publicado seus livros de ficção dos anos trinta aos anos sessenta. Para compor o

bdHB, foram retiradas duas orações de dois livros da referida autora, publicados em 1945 e 1967, com o propósito de se estudar variações regionais do inglês.

8. Charlotte MacLeod: Esta autora (1922-2005) nasceu e foi criada no Canadá, tendo publicado seus livros de ficção nos EUA. Uma frase de um dos seus romances, escrita em 1978, foi utilizada no banco de dados.

10. Nikos Kazantzakis em tradução: Uma biografia de São Francisco de Assis, traduzida do grego para o inglês por P.A. Bien em 1962 “Saint Francis” é considerada uma obra de ficção. A oração selecionada deste livro não se distingue do inglês americano da época, como pode ser comprovado pelos exemplos do bdHB.¹¹²

11. Rosamund Pilcher: Esta autora (1924-) nasceu em Cornwall, Reino Unido. Coletei três frases de um dos seus romances, *The Shell Seekers*, escrito em 1987.

3.8 O futuro do banco de dados utilizado

Na criação do banco de dados (bdHB) o objetivo imediato foi o armazenamento de dados coletados de diversas fontes em um único programa para análises subsequentes com intuito de formar e testar hipóteses sobre o uso dos dois tipos de complementos verbais em inglês. Portanto, foi criado um banco de dados com o programa Microsoft Access™ que oferece uma interface personalizada e simples, permitindo as operações de entrar, retirar e organizar dados coletados.

Um objetivo posterior reflete minha preocupação com o futuro – a criação de um banco de dados que poderá ser compartilhado gratuitamente com a comunidade de pesquisadores linguistas. Possivelmente será acrescentada a uma coletânea eletrônica de *corpora* como *Oxford Text Archive*. Esse objetivo tornou-se mais relevante a partir de minha leitura das obras baseadas em estudos de *corpus*, conforme Duffley (2006). Esse autor utiliza várias *corpora* fontes, porém minhas tentativas de recorrer às mesmas frases citadas por ele faliram, mesmo quando a busca foi facilitada por uma interface eficiente como a do BNC descrito acima. Assim, apesar do número limitado de exemplos incluídos nesta tese, qualquer leitor pode facilmente acessar os mesmos dados utilizados na pesquisa.

As variáveis a serem testadas foram armazenadas já ligadas às frases conforme descrito na parte 2.5 acima. Através das ligações de variáveis inseridas no banco de dados, foi

¹¹² O bdHB contém 7 exemplos do verbo “*chance*” com o complemento verbal infinitivo no Inglês Moderno.

possível analisar o efeito de variações sintáticas como tempos e aspectos verbais, registro de texto, dados falados versus escritos. Por fim, pela maneira em que foi criado o banco de dados, ficam perceptíveis aspectos como qual tipo de complemento foi utilizado na frase, e também em qual época (ano e período) essa frase foi escrita.

3.9 Verbos acrescentados e retirados

Quando foi aprovado o projeto definitivo de doutorado, em novembro de 2006, o conjunto de verbos que pretendia estudar continha 30 verbos selecionados de várias fontes, que incluíam: intuição nativa, que se provou bastante falível ao longo do estudo; literatura linguística sobre o assunto, sobretudo Langacker (1987) e Givon (1993); e todas as fontes citadas no capítulo da apresentação, que descreve o objeto de estudo. A lista original foi composta dos seguintes verbos: *admit, advise, allow, appreciate, approve, avoid, cease, chance, consider, decide, deny, dislike, enjoy, imagine, intend, mention, miss, permit, practice, prefer, promise, recommend, refuse, regret, resent, risk, stop, suggest, try, e understand.*

O infinitivo com ‘to’ como unidade sintática é amplamente usado com funções diversas. Ainda como apenas complemento de um verbo principal, o infinitivo tem múltiplas funções na língua inglesa. Portanto, qualquer conjunto, seja os 310 do Egan (2008) ou 44 do presente estudo, não compreenderia todos os verbos normalmente complementados pelo infinitivo. Por outro lado, verbos complementados pelo gerúndio representam um conjunto menor. Não obstante, delimitando tal conjunto não é uma tarefa simples. Potencialmente, qualquer verbo pode ser complementado por um gerúndio, embora certos verbos são associados com tais complementos mais frequentemente. Observe a dificuldade da tarefa de montar um conjunto adequado pela seguinte citação: .

Um outro problema [em fazer listas compostas de verbos matriciais e seus complementos associados] é que listas nunca serão completas uma vez que, como observa W. Petrovitz (2001, p. 173), é improvável que os verbos em, por exemplo, ‘the coach *criticized* drinking before the game’ e ‘the law *encourages* conserving natural resources’ seriam incluídas em tais listas¹¹³ (WHERRITY, 2004, p. 2).

¹¹³ “Another problem [of making lists of head verbs + complements for students to memorize] is that lists can never be complete since, as W. Petrovitz (2001: 173) observes, it is doubtful whether the head verbs in, for example, ‘the coach *criticized* drinking before the game’ and ‘the law *encourages* conserving natural resources’ would be found on them” (WHERRITY, 2004, p. 2).

Afinal, ofereço o conjunto como não necessariamente completo, mas sim, representativo de verbos normalmente associados com complementos indefinidos.

3.9.1 Sobre a palavra *love*

Todos os verbos do conjunto original (de 30 verbos) foram estudados. Porém, verbos acrescentados ao longo do estudo foram, em vários casos, retirados até que foi confirmado o conjunto definitivo, sendo uma das retiradas a palavra '*love*'. Razões para incluir os verbos '*like*' e '*love*' são vários. Por terem uma alta frequência de uso em construções simples e cotidianas, o aprendiz de inglês é muito exposto aos usos destes verbos, com os dois tipos de complementos verbais. Eles foram os melhores candidatos para provar a hipótese que há construções com os dois tipos de complementos e sem uma diferença perceptível de sentido. Apesar destas razões, o '*like*' pertence ao conjunto final, e o '*love*' foi retirado. Eu gostaria de lembrar ao leitor que os *corpora* do inglês dos dois períodos mais antigos, especificamente, o enorme e abrangente *U. Michigan Collection of Middle English Prose and Verse Middle English* necessitava da inserção de cada verbo na busca dos raros exemplos de 'verbos + complementos indefinidos'. Infelizmente, o verbo 'amar', quando não conjugado em terceira pessoa ou no tempo passado, é homógrafo ao o substantivo 'amor'. Por esta razão e pelo fato de que '*love*' sempre foi uma palavra com alta frequência de uso, a entrada do verbo '*love*' retorna 2.758 exemplos desse *corpus* de Inglês Medieval. Ao começar a ler e decifrar estas frases, percebi que 100% dos objetos do verbo foram substantivos, ou seja, o sintagma nominal do verbo é quase sempre a pessoa amada. Portanto, o que me levou a abandonar a investigação deste verbo, que hoje é muito usado com complementos verbais dos dois tipos (em proporções iguais e com significados idênticos), foi a remota possibilidade de encontrá-lo com um complemento verbal nos períodos mais antigos. Destaque-se o fato de que o conjunto final dos verbos inclui um sinônimo de '*love*' que compartilha sua alta frequência e seu estado atual de esvaziamento semântico qual seja: '*like*', além de quatro outros sinônimos *adore*, *enjoy*, *prefer* e *appreciate*, de média e baixa frequência. No que diz respeito à frequência na língua em uso, as estatísticas que se seguem devem esclarecer a situação.

É importante abordar a questão da frequência, pois esta variável foi estudada buscando-se observar sua provável influência na escolha entre os dois tipos de complementos verbais. Como citado no último parágrafo, um sinônimo de '*love*' de baixa frequência no meu

conjunto de verbos é *'adore'*, que aparece apenas 157 vezes entre as 100 milhões de palavras do *British National Corpus*. Em contraste, a palavra de alta frequência de uso *'like'* é quase mil vezes mais frequente, exatamente 147.872 vezes no *corpus* (incluindo os substantivos e preposições homógrafos). Isto é, em cada mil palavras, uma é *'like'*, porque ela consta aproximadamente 1,5 vezes em cada mil palavras do BNC. Para se ter uma base de comparação, compare estes dados com a palavra de máxima frequência em inglês, que é o artigo definitivo *'the'*, que neste *corpus* aparece 6 vezes a cada 100 palavras (6% de todas as palavras do corpus) ou ainda com palavras muito comuns, como *'to'*, que aparece 2,5 vezes a cada 100 palavras e *'if'*, que aparece 2,3 vezes a cada mil palavras.

Como *'love'*, há outras palavras que, por serem homógrafas, dificultaram a pesquisa. Em alguns casos, tal como foi demonstrado com a palavra *'promise'*, a busca fornece muito mais substantivos do que verbos. Há dois casos em que num primeiro momento, optei por estudá-los, mas abandonei a tentativa, retirando-os do conjunto, devido ao mesmo problema descrito acima para os verbos *'love'* e *'promise'* e devido ao fato de terem homógrafos de frequência muito alta: *'mind'*, com o significado de mente, e não de 'a ser incomodado por algo'; e *'need'* com o significado 'necessidade' e não de 'necessitar'. Ainda há muitos verbos homógrafos aos substantivos mantidos no conjunto dos verbos, especificamente: *chance, mention, miss, offer, practice* (dos EUA, mas não o *practise* do Reino Unido), *recall, regret, risk, start, stop* e *want*.

O conjunto final também inclui um verbo homógrafo ao substantivo antônimo de *'like'*, que é o verbo *'dislike'*, que possui um comportamento totalmente diferente quando comparado aos seus antônimos *'like'* e *'adore'*, apesar de todos os três verbos possuírem uma baixa frequência. Um outro antônimo de *'like'*, *'despise'*, eventualmente foi retirado do conjunto, após extensivo estudo, que revelou não haver nenhum exemplo dele antes do período do Inglês Moderno. Os demais antônimos: *hate, loathe, detest, abhor* and *abominate* não foram incluídos no conjunto dos verbos e são discutidos como uma classe semântica no capítulo de Resultados¹¹⁴.

Logo no início da pesquisa, ao descobrir o artigo de Duffley (2003) sobre o gerúndio e infinitivo como sujeito, vários verbos, chamados por ele 'verbos positivos e negativos do ato de lembrar', foram acrescentados à lista: *'recall', 'remember'* e *'forget'*. *'Recollect'* foi incluído por um curto tempo, devido a seu uso extensivo com complementos verbais por Mark Twain (1867), mas foi retirado por não ser usado por outros autores. *'Stop'* e *'cease'*

¹¹⁴ Páginas 86 e 87 apresentam a classe semântica dos sinônimos de 'desgosto'.

estiveram no conjunto original, sugerindo que seria interessante compará-los com *begin*, *start*, *commence* e *continue*, à procura de uma classe semântica com comportamento semelhante.

No começo da pesquisa, eu estava particularmente interessada em investigar o verbo ‘*regret*’ que, pela minha intuição de falante nativa, hoje tem a mesma frequência de uso de ambos os complementos verbais, utilizados com o mesmo sentido, porém em distribuição diferente, sendo assim um excelente exemplo de construções paralelas usando o mesmo verbo e evoluindo com tempo. No entanto, deparei-me com a ausência deste verbo nas obras de Shakespeare. De fato, ‘*regret*’ aparece com os dois complementos apenas em Inglês Moderno (a partir do ano 1684). A razão deste fato é que embora ele tivesse sua entrada no inglês em 1350 com seu significado atual (arrepender ou lamentar) ‘*regret*’ começou a substituir o verbo ‘*repent*’, cognato do português ‘arrepender’, apenas quando ‘*repent*’ começou a se restringir ao seu uso atual, que é exclusivamente religioso, como, por exemplo, em “*I repent my sins*”¹¹⁵ que significa ‘Estou arrependido dos meus pecados.’ Portanto, ‘*repent*’ foi acrescentado ao conjunto de verbos e se provou valoroso com um objeto de estudo.

Hesitei em acrescentar o verbo ‘*want*’ ao conjunto, pelo fato de sua frequência ser muito alta e do verbo ser tão fortemente associado ao complemento verbal infinitivo. Isto pode ser comprovado pelas seguintes estatísticas: o *corpus* BNC tem 57.850 períodos com o verbo ‘*want*’, sendo que em 34.548, o verbo é seguido pelo complemento verbal infinitivo e em apenas 221, o verbo é seguido por gerúndio. Além disso, usando a minha intuição falível de falante nativa norte-americana reconheci apenas o sentido de ‘desejar’ para o verbo ‘*want*’, deixando de considerar a princípio a construção muito antiga e ainda comum com ‘*want*’, usado pelos ingleses com o significado de ‘falta, ou carecer de’, como no seguinte exemplo dos dados falados e gravados do BNC:

EXEMPLO 9: “...they haven't got parcels they want moving next Monday, they've got parcels that want moving today” (dbHB1115)¹¹⁶

Além da necessidade de incluir esta segunda construção com ‘*want*’, li um estudo da aquisição da construção ‘*want to + verbo*’ por crianças (L1) descrito por Michael Tomasello no seu livro *A Usage-Based Theory of Language Acquisition* (2002, p. 245-249). Tomasello demonstra pelo estudo de *corpus* construído em experiências que a partícula ‘*to*’ do infinitivo

¹¹⁵ Exemplo retirado de http://letrasdemusicas.clickgratis.com.br/s/still_life/angel.html no dia 26 de março, de 2009.

¹¹⁶ Nossa tradução do Exemplo 9 seria: “Eles não têm encomendas que precisam ser enviadas na próxima segunda-feira, não, elas precisam ser enviadas hoje”.

em inglês vem perdendo seu status como morfema independente, e está atualmente empregado como clítico no final das palavras *'want, 'have' e 'got'* de tal forma que elas estão sendo realizadas fonologicamente como *'wanna, hafta, gotta'* respectivamente, com a prosódia de uma só palavra. Esse processo pode ser identificado como uma reanálise da partícula *'to'*, ou então pode ser considerado como um estágio no processo de gramaticalização do novo clítico *'na/ta'*. Não cabe a presente trabalho decidir essa questão, mas esse fato me levou a reconsiderar a importância da palavra *'want'* no seu uso altamente frequente com o *'to + verbo raiz'* (i.e. o infinitivo como complemento verbal). Por esses motivos, acrescentei o verbo *'want'* ao conjunto. Essa decisão mostrou-se profícua conforme consta no capítulo de Resultados.

Concluindo, é impossível estudar todos os verbos que são complementados por infinitivos. Por outro lado, acredito que o conjunto final de verbos inclui quase todos dos verbos normalmente complementados com o gerúndio, faltando muito poucos, como o *'need'* acima mencionado. Com o propósito de comparar os dois tipos de construção, eu fiz questão de incluir verbos cujo comportamento contradizem minha intuição de falante nativa, como por exemplo, o verbo *'intend'*, cujo complemento tradicional era o infinitivo e recentemente passou a ser usado também com o complemento gerúndio.

Ao longo do processo de leitura da literatura específica sobre a alternância em questão, foram acrescentados mais três verbos ao conjunto final: *adore, manage e resolve*. A tabela 1 abaixo lista todos os verbos que compõem o banco de dados utilizado (bdHB), apresentando tanto o número total de ocorrências de cada complemento verbal, quanto o número total de ocorrências com dos dois tipos de complementos verbais para cada verbo. Percebe-se que o número total geral de exemplos com complementos não é igual ao número total de períodos inclusos no banco de dados. Isto é porque o total de períodos no banco de dados inclui exemplos dos 44 verbos com complementos definidos, com sintagmas nominais como objetos, e outras construções altamente frequentes e representativas de uma dada época histórica pelo propósito de comparação com as construções em foco. O próximo capítulo descreve os resultados da presente pesquisa.

Tabela 1: Os 44 verbos estudados em ordem alfabética demonstrando o número associado dos exemplos constantes no bdHB de frases com complementos infinitivos e gerúndios, e o total dos complementos indefinidos.

Verbo	com infinitivo	com gerúndio	Total de exemplos com complementos verbais no bdHB
admit	12	7	19
adore	3	5	8
advise	17	7	24
allow	13	5	18
appreciate	1	7	8
approve	8	8	16
avoid	3	14	17
begin	37	4	41
cease	29	12	41
chance	19	4	23
commence	10	10	20
consider	8	7	15
continue	19	12	31
decide	10	4	14
deny	9	7	16
dislike	0	9	9
enjoy	4	12	16
forget	26	5	31
imagine	12	7	19
intend	44	11	55
like	38	7	45
manage	16	6	22
mention	2	8	10
miss	11	15	26
offer	24	7	31
permit	23	5	28
practise	9	8	17
prefer	23	9	32
promise	35	3	38
recall	1	9	10
recommend	4	8	12
refuse	40	4	44
regret	5	3	8
remember	24	17	41
repent	1	6	7
resent	2	10	12
resolve	25	1	26
risk	2	10	12
start	14	18	32
stop	16	19	35
suggest	7	12	19
try	18	10	28
understand	13	10	23
want	32	12	44
Total Geral	673	374	1047

4 RESULTADOS

O presente capítulo inclui relatórios das tentativas de análise bem sucedidas e mal sucedidas. Todas as etapas da pesquisa são apresentadas sem preconceito contra hipóteses não comprovadas. Portanto, a primeira parte explica a busca para classes semânticas, a qual não resultou em categorias adequadas. A primeira análise dos dados detalhada a seguir buscou comprovação de propostas das classes semânticas dos verbos estudados à luz dos dados sincrônicos do *British National Corpus*. Em todos os casos, os dados revelam que não há uma manifestação de comportamento sintático igual entre todos os membros de uma dada classe de verbos. Por esta razão, concluí que, pelo menos no meu objeto de estudo, não existem evidências suficientes para sustentar o princípio básico aceito por muitos linguistas de que palavras com significados semelhantes também demonstram comportamento sintático semelhante. Ao contrário, percebi que o comportamento será muito melhor explicado em termos diacrônicos de uma mudança sintática em curso do que em termos semânticos e sincrônicos.

4.1 Classes de sinônimos

Mesmo os linguistas que adotaram a perspectiva sincrônica sentem-se perturbados pelo comportamento aparentemente aleatório ao se analisar a questão dos complementos verbais. Na seguinte citação, Duffley se revela bastante incomodado com o comportamento do verbo ‘*cease*’. “Esta proporção [de muito mais infinitivos] é ainda mais surpreendente sendo que nenhum dos outros verbos que denotam o término de um evento podem sequer ser complementados por um infinitivo”¹¹⁷ (DUFFLEY 2006, p. 120).

Ao analisar o comportamento do verbo ‘*cease*’, categorizado por Duffley (2006) em uma classe de verbos sinalizadores da terminação de um evento, ele não consegue justificar o comportamento aparentemente contrário à tendência geral da classe (que é preferência para o gerúndio). Na minha análise, (cf. abaixo 4.3.2) o verbo ‘*cease*’ possui o mesmo comportamento de todos os verbos que estão em processo de mudança sintática.

¹¹⁷ “This proportion [of many more infinitives] is all the more surprising as none of the other verbs denoting the end on an event can even be complemented by an infinitive” (DUFFLEY 2006, p. 120).

4.2 Classes semânticas e sincrônicas

Quase todos os sintaticistas que estudaram a alternância central a essa tese partiram com classes de sinônimos, alguns bem sucedidos Egan (2008); Mair (2006). Vide o capítulo de leituras pertinentes (2) para uma avaliação profunda de alguns trabalhos. DeSmet e Cuyckens (2005) estudaram verbos de ‘gostar’ em “Pragmatic Strengthening and the Meaning of Complement Constructions: the case of *like* and *love* with the to-infinitive.” Fanego (1996c) descreve verbos de ‘lembrança’ em “On the Historical Development of English Retrospective Verbs”, bem como Mair (2006). Vários estudos tratam apenas verbos ‘de esforço’ como Fanego (1997) “On Patterns of Complementation with Verbs of Effort” e Duffley e Tremblay (1994) “The infinitive and the –ing as complements of verbs of effort”. A seguinte lista é das seções do capítulo 2, da obra prima do Duffley (2006): “2.1. As Complements of Verbs of Effort; 2.2. As Complements of Verbs of Positive and Negative Recall; 2.3. As complements of Verbs of Liking; 2.4. As Complements of so-called Aspectual Verbs.” A última classe, sem ser de sinônimos, presume uma qualidade semântica comum entre os membros.

Um fato claro emerge que classes semânticas são presumidas. Assume-se que palavras com significados muito próximos teriam comportamento sintático muito parecido em termos da suas preferências para complementos (em geral, não somente indefinidos). Tal presunção não procede pelos dados da presente pesquisa; de fato, a situação oposta é emergente: dados sincrônicos demonstram comportamentos diversos para sinônimos; dados históricos demonstram comportamentos mais diversos ainda. Um só exemplo da classe de ‘degosto’ ilumina o caos em que se manifestam as preferências entre complementos, usando apenas dados sincrônicos contemporâneos.

Tabela 2: Verbos sinônimos da classe semântica que expressa desgosto, incluindo dados de todos os tipos de complementos aceitos pelos seis verbos e dados de preferência entre os complementos indefinidos.

dados do <i>British National Corpus</i>	abhor	abominate	despise	detest	dislike	hate ¹¹⁸	loathe
total número de ocorrências do verbo no <i>corpus</i> ¹¹⁹	118	11	660	259	1.702	5.249	337
PREFERÊNCIA GERAL de tipo de complemento	SN	SN	SN	PREP	PREP	SN	INF
total número de usos com complementos indefinidos	0	0	0	3	113	919	52
preferência entre complementos indefinidos	--	--	GERU	GERU	GERU	NEUTRO	INF
usos com infin.	0	0	0	0	0	410	132
usos com gerúndio	0	0	3	11	113	509	19
usos com preposições	2	0	51	35	418	11	15
usos com 'that'	0	0	0	0	0	141	0
usos com sintagma nominal	26	11 ¹²⁰	285	27	327	1.709	116

Consta que não há um padrão visível de preferência para complemento entre os verbos sinônimos de *'dislike'*. Com exceção do próprio *'dislike'* os mesmos não foram inclusos no conjunto dos 44 verbos estudados, pela razão que o conjunto foi montado com o objetivo de incluir verbos de diversos tipos de significado. Da classe semântica que trata de 'gosto/desgosto' o conjunto contém sete verbos: *like*, *prefer*, *enjoy*, *dislike*, *approve*, *appreciate*, e *adore*. Consta que essa classe semântica também demonstra muita diversidade em termos de complementos associados.¹²¹

¹¹⁸ Foram pesquisadas as formas do verbo separadamente, sendo que o número de complementos no quadro representa o sumo das construções existentes no BNC, como por exemplo, para o verbo *'hate'*: *hate* + gerúndio = 215 (verbo raiz que inclui construções com modais e outros auxiliares; *hated* + gerúndio = 256) entre eles um grande quantidade de *'hate being* + complemento' = 40; *'hates* + gerúndio = 35', *'hating* + gerúndio' = 3.

¹¹⁹ Nos casos específicos do *'dislike'* e *'hate'* substantivos homógrafos são incluídos no número total.

¹²⁰ 11 usos representa 100% dos objetos do verbo *'abominate'*; não há outros tipos de objetos com este verbo.

¹²¹ Preferências são: *like* (NEUTRO), *prefer* (GERU), *enjoy* (GERU), *dislike* (GERU), *approve* (PREP-'of'), *appreciate* (SN), *adore* (TENDE A GERU).

4.3 Preferência dos 44 verbos na atualidade

Em primeiro lugar, foi necessário determinar as preferências em termos de complemento indefinido dos 44 verbos à luz dos dados do *British National Corpus*. Determinação de preferência foi feita da seguinte forma: por um lado, enfrentei quantidades muito altas de uso (*want + infinitivo* = 34.548 orações), fato que necessitou o limiar de categorizar preferência de 10 vezes maior do uso de um complemento comparado com o outro; por outro lado, verbos de baixa frequência de uso na língua como um todo teve poucos exemplos de complementação no BNC (*adore + gerúndio* = 16 orações). Portanto, adotei os limiares descritos na tabela 3 abaixo com a justificativa a seguir.

4.3.1 Determinação de preferência

A literatura sobre ‘razão de verossimilhança’ registra que valores de RVs superiores a 10 ou inferiores a 0,1 originam mudanças grandes e geralmente conclusivas de uma determinada característica para outra. RVs de 5 a 10 e de 0,1 a 0,2 originam mudanças moderadas, mas às vezes significativas. RVs de 1 a 5 e de 0,2 a 1,0 geram mudanças muito pequenas e raramente significativas, conforme Jaeschke et al (1994).

Tabela 3: Critérios de valores de razão de verossimilhança definidos para o estabelecimento de preferência por complementação por gerúndio ou infinitivo.

Intervalos de Razão de Verossimilhança		Critérios
1 a 5	0,2 a 1	Neutro
5 a 10	0,1 a 0,2	Leve preferência
10	0,1	Clara preferência

A tabela abaixo apresenta os resultados da análise dos 44 verbos em ordem de frequência de uso no BNC com complementos indefinidos. Seu uso com outros tipos de complementos, ou ainda sem complementos, não consta no quadro. Mais informações decorrentes da análise do quadro serão expostas nas próximas seções do presente capítulo. A tabela está sendo apresentada aqui para demonstrar apenas a preferência para um tipo do complemento ou outro de todos os 44 verbos estudados na atualidade através do *British National Corpus*.

Tabela 4: Avaliação da frequência e razão de verossimilhança obtida para complementação por infinitivo ou gerúndio para todos os verbos estudados.

	Verbos	Compl. verbais	total INF	Total GERU	RV INF	RV GERU
1.	want	34769	34548	221	156,33	0,01
2.	try	21972	21121	851	24,82	0,04
3.	like	14986	11293	3693	3,06	0,33
4.	begin	12774	11159	1615	6,91	0,14
5.	start	6276	2529	3747	0,67	1,48
6.	continue	6193	6031	624	9,67	0,10
7.	refuse	5216	5207	9	578,56	0,00
8.	intend	4977	4639	338	13,72	0,07
9.	decide	4587	4582	4	1145,50	0,00
10.	manage	4042	4017	25	160,68	0,01
11.	allow	3651	3562	89	40,02	0,02
12.	stop	3569	614	2955	0,21	4,81
13.	remember	3031	507	1264	0,40	2,49
14.	consider	2902	1604	1298	1,24	0,81
15.	prefer	2021	118	1903	0,06	16,13
16.	promise	1688	1683	5	336,60	0,00
17.	cease	1686	1486	200	7,43	0,13
18.	offer	1642	1454	188	7,73	0,13
19.	avoid	1542	2	1540	0,00	770,00
20.	enjoy	1291	8	1283	0,01	160,38
21.	forget	978	953	25	38,12	0,03
22.	risk	641	2	629	0,00	314,50

Em negrito, valores de razão de verossimilhança que são indicativos de uma preferência significativa.

	Verbos	Compl. verbais	total INF	Total GERU	RV INF	RV GERU
23.	permit	554	516	38	13,58	0,07
24.	admit	539	61	478	0,13	7,84
25.	advise	525	468	57	8,21	0,12
26.	understand	492	447	45	9,93	0,10
27.	deny	380	1	379	0,00	379,00
28.	suggest	373	60	313	0,19	5,22
29.	resolve	347	344	3	114,67	0,01
30.	imagine	289	34	255	0,13	7,50
31.	recommend	275	129	146	0,88	1,13
32.	recall	222	18	204	0,09	11,33
33.	regret	198	65	133	0,49	2,05
34.	practise	178	16	162	0,10	10,13
35.	miss	159	13	146	0,09	11,23
36.	commence	111	31	80	0,39	2,58
37.	dislike	100	0	100	0	>10
38.	mention	97	7	90	0,08	12,86
39.	resent	68	0	68	0	>10
40.	approve	58	20	38	0,53	1,90
41.	chance	46	40	6	6,67	0,15
42.	appreciate	35	2	33	0,06	16,50
43.	adore	19	3	16	0,19	5,33
44.	repent	1	1	0	>10	0

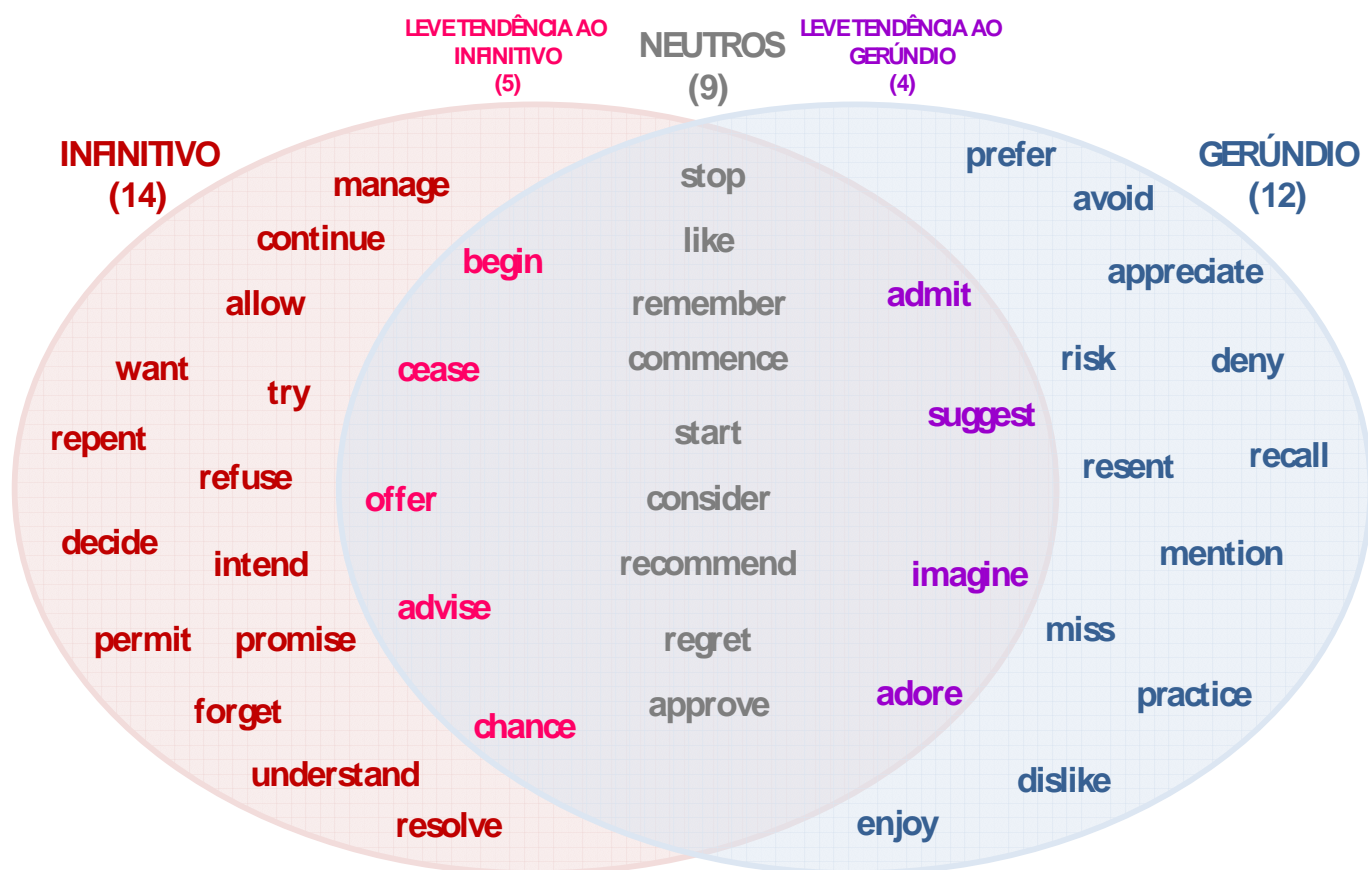
Em negrito, valores de razão de verossimilhança que são indicativos de uma preferência significativa.

Tabela 4: Avaliação da frequência e razão de verossimilhança obtida para complementação por infinitivo ou gerúndio para todos os verbos estudados.

4.3.2 Preferências dos 44 verbos usados com complementos indefinidos

A partir dos resultados demonstrados na tabela 4 acima, um diagrama foi elaborado para ilustrar a categorização dos verbos pelo complemento preferido. Consequentemente, na Figura 3 abaixo, ao lado esquerdo, em vermelho, estão os verbos que apresentaram preferência clara para complementação por infinitivo. Em rosa, verbos neutros que apresentam leve, porém não significativa, preferência por infinitivo. Ao meio e em cinza, verbos completamente neutros. Em roxo, verbos neutros que apresentam leve, porém não significativa, preferência por gerúndio. Ao lado direito, em azul, verbos com clara preferência por complementação por gerúndio.

Figura 3: Diagrama representativo das preferências de cada verbo de acordo com os valores de razão de verossimilhança.



4.4 Teste das classes semânticas

Com os dados do comportamento sintático dos 44 verbos em termos de preferências para um complemento ou outro, em seguida, as classes semânticas dos verbos foram testadas para ver sua relação (se houver) com comportamento sintático. Uma das tentativas de achar categorias semânticas ligadas com comportamento sintático foi inspirada pela seguinte citação de Bourke (2007, p. 47):

Assim como a CGE [*Cambridge Grammar of English*], a *Longman Student Grammar of Spoken and Written English* (LSGSWE), de Biber, Conrad e Leech (2002), é uma gramática baseada em corpus, a LSWE contém 40 milhões de palavras em textos. O tópico de complementação verbal é tratado dentro da categoria de ‘padrões de valência’, isto é, o padrão de elementos numa oração que pode combinar com um dado verbo, ex. intransitivo, ditransitivo, transitivo complexo, e copular. A descrição dos padrões de valência é bastante breve (p. 119-122). Existe, porém, uma seção mais extensa que apresenta as categorias semânticas dos verbos lexicais (p.106-114). A LSGSWE distingue sete categorias semânticas de verbos: atividade, comunicação, mental [e emocional], causativo, ocorrência, existência [e relacionamento] e de aspecto. No entanto, não há uma tentativa de relacionar essas categorias semânticas aos padrões estruturais diversos que eles permitam ou requiram¹²².

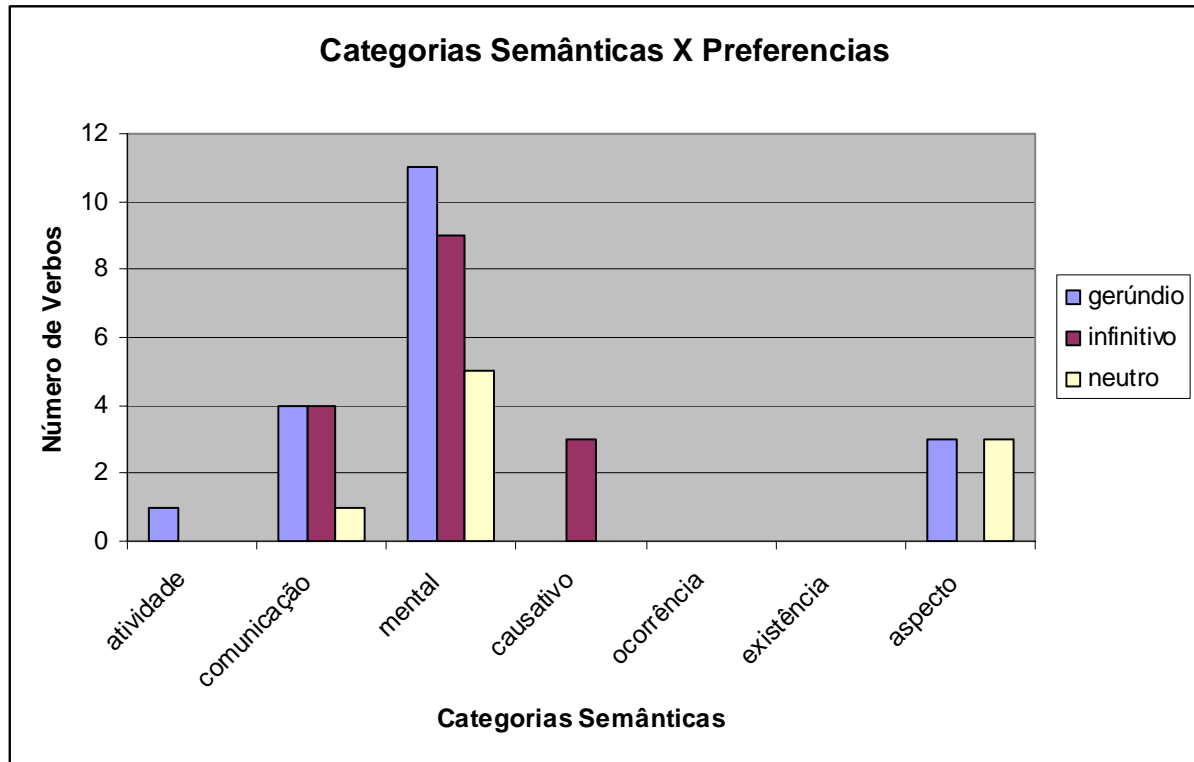
No presente trabalho, já com dados de preferência para todos os verbos, resolvi experimentar categorizar tais verbos em função de sua complementação verbal preferencial (infinitivo ou gerúndio). Os resultados seguem na tabela 5, o qual relaciona os 44 verbos com as categorias do LSGSWE e na figura 4, o qual demonstra as categorias em função da comparação dos tipos de complementos. A tabela não exclui dados negativos, sendo que ‘sem preferência clara’ recebeu o rótulo de ‘neutro’.

¹²² “Like the CGE, The *Longman Student Grammar of Spoken and Written English* (LSGSWE) by Biber, Conrad and Leech (2002) is also a modern corpus-based grammar, based on the Longman Spoken and Written Corpus (LSWE) containing 40 million words of text. The topic of verb complementation is treated under the heading ‘valency patterns’, i.e. the pattern of clause elements that can occur with a given verb, e.g. intransitive, ditransitive, complex transitive and copular. The description of valency patterns is quite brief (pp.119-122). There is, however, a longer section (pp.106-114) on semantic categories of lexical verbs. The authors of LSGSWE distinguish seven semantic categories: activity verbs, communication verbs, mental verbs, causative verbs, verbs of occurrence, verbs of existence and verbs of aspect. However, there is no attempt to link these semantic categories to various structural patterns that they allow or require” (BOURKE, 2007, p. 47).

Tabela 5: 44 verbos classificados nas 7 categorias semânticas do LSGSWE, Biber, et al. (2002, p. 119-122).

atividade	comm.	mental	causativo	ocorrência	existência	aspecto
practise	admit	adore	allow			begin
	advise	appreciate	manage			cease
	deny	approve	permit			commence
	mention	avoid				continue
	offer	chance				start
	promise	consider				stop
	recommend	decide				
	refuse	dislike				
	suggest	enjoy				
		forget				
		imagine				
		intend				
		like				
		miss				
		prefer				
		recall				
		regret				
		remember				
		repent				
		resent				
		resolve				
		risk				
		try				
		understand				
		want				

Figura 4: Categorias semânticas *versus* preferências



A tabela 5 demonstra que a maioria dos verbos estudados podem ser classificados na categoria semântica de ‘verbos de processo mental e emocional’. Porém, percebe-se pela figura 4 acima que há uma proporção similar nas categorias com menos membros, sem diferenças significativas entre os três tipos de preferência identificada: verbos com preferência ao gerúndio; ou com preferência ao infinitivo; ou sem preferência. Do meu ponto de vista, a única conclusão segura frente a esses dados é que essas categorias semânticas não são refletidas no tipo do complemento preferido dos verbos estudados.

As categorias propostas por Egan (2008) parecem ser válidas para explicar, na medida do possível, o comportamento sintático dos verbos estudados baseado na semântica das construções em quais se encontram complementados. Não obstante, há muitas exceções no seu sistema de categorização que comprometam a simplicidade das explicações. Os resultados sugerem que análises diacrônicas complementam os estudos sincrônicos com certos *insights* inéditos no que se trata de entendimento do sistema de complementação verbal como um todo.

4.5 Classes históricas

O presente estudo teve como meta proposta ligar o pólo sintático ao semântico. Portanto, eram esperadas classes naturais semânticas dos verbos estudados, confirmando uma ou mais hipóteses propostas na literatura linguística sobre esta questão. Tais classes não foram encontradas na minha pesquisa. De fato, os grupos de sinônimos, quase-sinônimos, relacionados ou antônimos não demonstram comportamento semelhante. Constatou, por fim que as classes que existem entre os verbos estudados são históricas.

4.5.1 Classe natural de origem do verbo

A primeira classe natural investigada foi de origen dos verbos com intuito de testar a hipótese de que verbos com origen comum demonstrariam comportamento sintático comum. Tal hipótese foi descomprovada, conforme os resultados a seguir. É necessário partir por uma apresentação dos verbos associados a suas origens com comentários sobre as cinco classes.

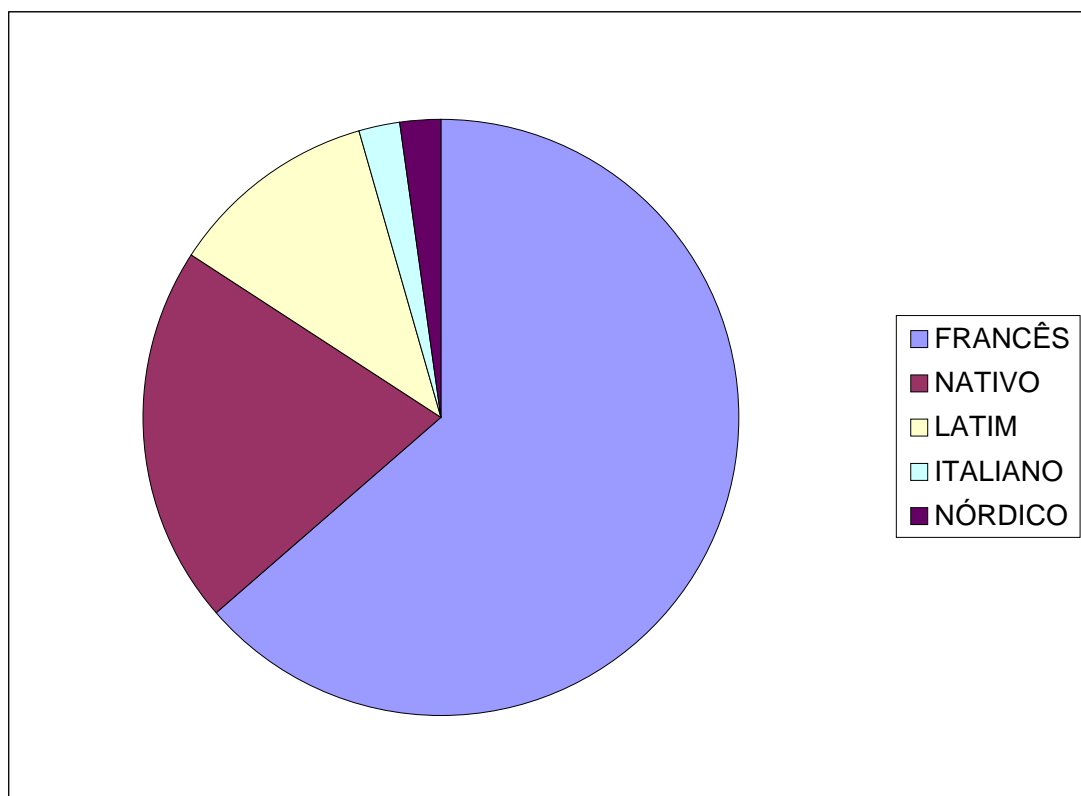
Tabela 6: Verbos categorizados pela sua origem de entrada na língua inglesa, com os números totais de cada tipo.

ORIGEM	NÚMERO TOTAL	VERBOS
FRANCÊS	28	admit adore advise allow appreciate approve avoid cease chance commence consider continue decide deny enjoy imagine intend mention practise prefer promise refuse regret ¹²³ remember repent resent risk try
NATIVO GERMÂNICO ¹²⁴	9	begin dislike forget like miss offer start stop understand
LATIM	5	permit recall recommend resolve suggest
ITALIANO	1	manage
NÓRDICO ARCAICO	1	want

¹²³ O OED prefere não se comprometer ao declarar uma origem definitiva do verbo 'regret', se Francês ou Latim. Além de mais, o OED avisa que a forma escrita aparentemente foi estabelecida como imitação da palavra nativa germânica 'grete' que significa cumprimentar.

¹²⁴ Categoria inclui as línguas: Teutonic, Frisian, Frankish.

Figura 5: Classes naturais das origens dos 44 verbos



Consta que não há um padrão visível que associa a preferência de tipo dos complementos com as origens das palavras, considerando-se somente os dados sincrônicos. A tabela abaixo resume esta evidência negativa. Observe que há uma falta de um padrão visível entre os quatro grupos de verbos, no que diz a respeito às suas respectivas origens.

Tabela 7: Preferência¹²⁵ de complemento associada às origens dos verbos

origens dos verbos	preferência para infinitivo	leve preferência para infinitivo	verbos neutros (sem preferência)	leve preferência para gerúndio	preferência para gerúndio
Francês, (originalmente do Latim)	decide promise refuse allow continue intend try	advise cease chance	approve commence recommend regret remember consider	admit adore imagine	avoid deny enjoy resent risk appreciate mention prefer practise
Nativo Germânico, (Teutonic, Frisian, Frankish)	forget understand	begin offer	like start stop	-	dislike miss
Latim (direto)	resolve permit	-	-	suggest	recall
Italiano	manage	-	-	-	-
Nórdico Arcaico	want	-	-	-	-
Total	13	5	9	4	12

Além das evidências negativas, algumas observações podem ser feitas a partir da última tabela. A primeira observação é que apenas dois dos 13 verbos de origem nativa preferem a forma infinitiva hoje, ao contrário do que ocorria no passado. Por outro lado, três verbos desta classe são usados igualmente com os dois tipos de complementos e **sem uma diferença no sentido**, fato que será explorado no próximo capítulo: Discussão. Por fim, com objetivo de transparência estatística, convém explicitar que o total de verbos nesta tabela não é corresponde aos 44 verbos estudados, mas a 43 deles, pois o verbo ‘*repent*’ foi encontrado no BNC com apenas um complemento verbal (infinitivo), quantidade que não admite comparação.

¹²⁵ Vide Tabela 4 das páginas 90-91 para números absolutos dos exemplos do BNC. São 43 verbos em total, sendo ‘*repent*’ excluído por falta de dados no BNC.

4.6 Data de entrada dos verbos na língua inglesa

Dois terços (29 de 44) dos verbos estudados constam em uso na língua inglesa pelas primeiras vezes apenas no período do Inglês Medieval, i.e. entre anos 1290 e 1489. Mais precisamente, a maioria dos verbos (24 de 44) constam pela primeira vez no século XIV apenas. Os outros grupos são três: os 7 verbos em uso constante desde o Inglês Arcaico (800-1099); os 6 que entraram durante o período chamado *Early Modern English* (1500-1649) e os 2 que entraram no Inglês Moderno (1650 em diante). Tabela 8 lista os verbos com suas respectivas datas de primeiro uso em inglês escrito, conforme *Oxford English Dictionary*.¹²⁶

¹²⁶ *Oxford English Dictionary* (electronic) Citação: OED2 on CD-ROM; Version 1.13 Copyright 1994 Oxford University Press, Oxford, UK.

Tabela 8: Verbos estudados com respectivas datas do aparecimento na língua inglesa escrita

PERÍODO		VERBO	DATA ¹²⁷
INGLÊS ARCAICO	•	miss	800
	•	offer	825
	•	forget	888
	•	like	888
	•	understand	888
	•	begin	1000
INGLÊS MEDIEVAL	•	start	1000
	•	want	1200
	•	repent	1290
(Século XIV)	•	advise	1297
	•	allow	1300
	•	avoid	1300
	•	cease	1300
	•	deny	1300
	•	adore	1305
	•	commence	1314
	•	refuse	1330
	•	remember	1330
	•	try	1330
	•	approve	1340
	•	continue	1340
	•	imagine	1340
	•	regret	13??
	•	resolve	1364
	•	intend	1374
	•	consider	1375
	•	stop	1375
	•	decide	1380
	•	enjoy	1380
	•	practise	1380
	•	prefer	1386
	•	recommend	1386
•	chance	1393	
•	promise	1400	
(Século XV)	•	admit	1413
	•	permit	1489
<i>EARLY MODERN</i>	•	suggest	1526
	•	mention	1530
	•	dislike	1555
	•	manage	1561
	•	recall	1582
	•	resent	1605
INGLÊS MODERNO	•	risk	1687
	•	appreciate	1742

¹²⁷ Conforme avisos do OED as datas antes de 1500 são impossíveis de serem confirmadas com precisão.

Os sete verbos nativos, sempre existentes na língua inglesa desde o Inglês Arcaico, são de origem germânica. *Oxford English Dictionary* (doravante OED) especifica as origens de cinco deles como Frisian (3), Teutonic (1), e Frankish (1). Eles não constam nos meus dados como uma classe natural, sendo seus diversos comportamentos sintáticos muito distintos. A próxima classe histórica consiste naqueles verbos que entraram na língua durante o período Medieval, (um total de 29 dos 44, sendo assim 66% de todos os verbos). Esta classe também exibe comportamento em todos os pontos de um espectro imaginável, entre 0% infinitivo e 100% gerúndio, e vice-versa (vide Tabela 4 que lista preferências dos verbos), também não sendo passível de identificação como uma classe natural. Porém, no que diz respeito à época de entrada do verbo na língua, uma classe, cujo comportamento apóia a hipótese geral desta tese foi identificada. Esta classe consiste nos verbos do conjunto que entraram por último na língua.

4.7 Classe natural dos últimos verbos

A seguinte tabela constitui um recorte da Tabela 4 acima, apresentando apenas os verbos que entraram no inglês durante os períodos do *Early Modern English* e no período atual do Inglês Moderno. A terceira coluna apresenta a data da primeira constatação de uso na língua escrita. Na quarta coluna, consta a razão de verossimilhança para todos os 8 verbos considerados, pelos dados do *British National Corpus* (BNC). Uma constatação de preferência obtida consta na última coluna.

Tabela 9: Uso dos últimos verbos com complementos indefinidos

PERÍODO	VERBO	DATA do 1º uso em inglês escrito	RV GERU	PREFERÊNCIA ¹²⁸
EARLY MODERN ENGLISH	suggest	1526	5,22	LEVE TENDÊNCIA AO GERÚNDIO
	mention	1530	12,86	GERÚNDIO
	dislike	1555	>10	GERÚNDIO
	manage	1561	0,01	INFINITIVO
	recall	1582	11,33	GERÚNDIO
	resent	1605	>10	GERÚNDIO
INGLÊS MODERNO	risk	1687	314,50	GERÚNDIO
	appreciate	1742	16,50	GERÚNDIO

Deve-se observar na tabela acima que há uma clara tendência, porém não absoluta, dos verbos apresentados serem usados com o complemento verbal gerúndio quase exclusivamente. Apenas o verbo *'manage'* consta como exceção à tendência. Apenas dois verbos nunca são usados com o complemento infinitivo na atualidade, conforme dados do BNC. Destaque-se o verbo *'dislike'*, que é único entre todos os 44 verbos, cujos exemplos não apresentam nenhum complemento verbal na forma infinitiva, pelo menos nas fontes usadas no presente trabalho. Em contraste, o outro verbo sem complementos infinitivos na atualidade, *'resent'* apresentou dois exemplos de uso com infinitivo na sua história, que constam no banco de dados HB, como números 846 e 847, escritos nos anos 1704 e 1884, respectivamente, podendo ser consultados no anexo com todos os exemplos analisados no presente trabalho. A complementação exclusiva do verbo *'dislike'* ilustra o vínculo entre as variáveis de entrada tardia na língua inglesa e sua tendência a preferir o complemento gerúndio no inglês moderno.

Os seguintes dados numéricos resumem as informações sobre a classe dos últimos verbos (8 membros):

I: Os associados com gerúndio (na ordem de entrada)

Sete: *suggest, mention, dislike, recall, resent, risk, appreciate*

II: O não associado com gerúndio, e sim com infinitivo

Um: *manage*

¹²⁸ Vide os limiares para estabelecimento de preferência na página 88.

4.7.1 Evidência contra a classe dos últimos verbos

Há evidências que comprometem a definição da classe acima apresentada. Em primeiro lugar, o verbo ‘*manage*’, um empréstimo da língua italiana, não se comporta conforme a preferência dos outros membros da classe. Em segundo lugar, há seis verbos que também preferem gerúndios, mas não entraram na língua inglesa por último: *miss* (verbo nativo), *avoid*, *deny*, *enjoy*, *practise* e *prefer* (empréstimos de francês). Tabela 10 abaixo os mostra com suas respectivas datas do primeiro uso em inglês e as razões de verossimilhança de uso sincrônico (BNC).

Tabela 10: Verbos que preferem gerúndios sem ser de entrada tardia

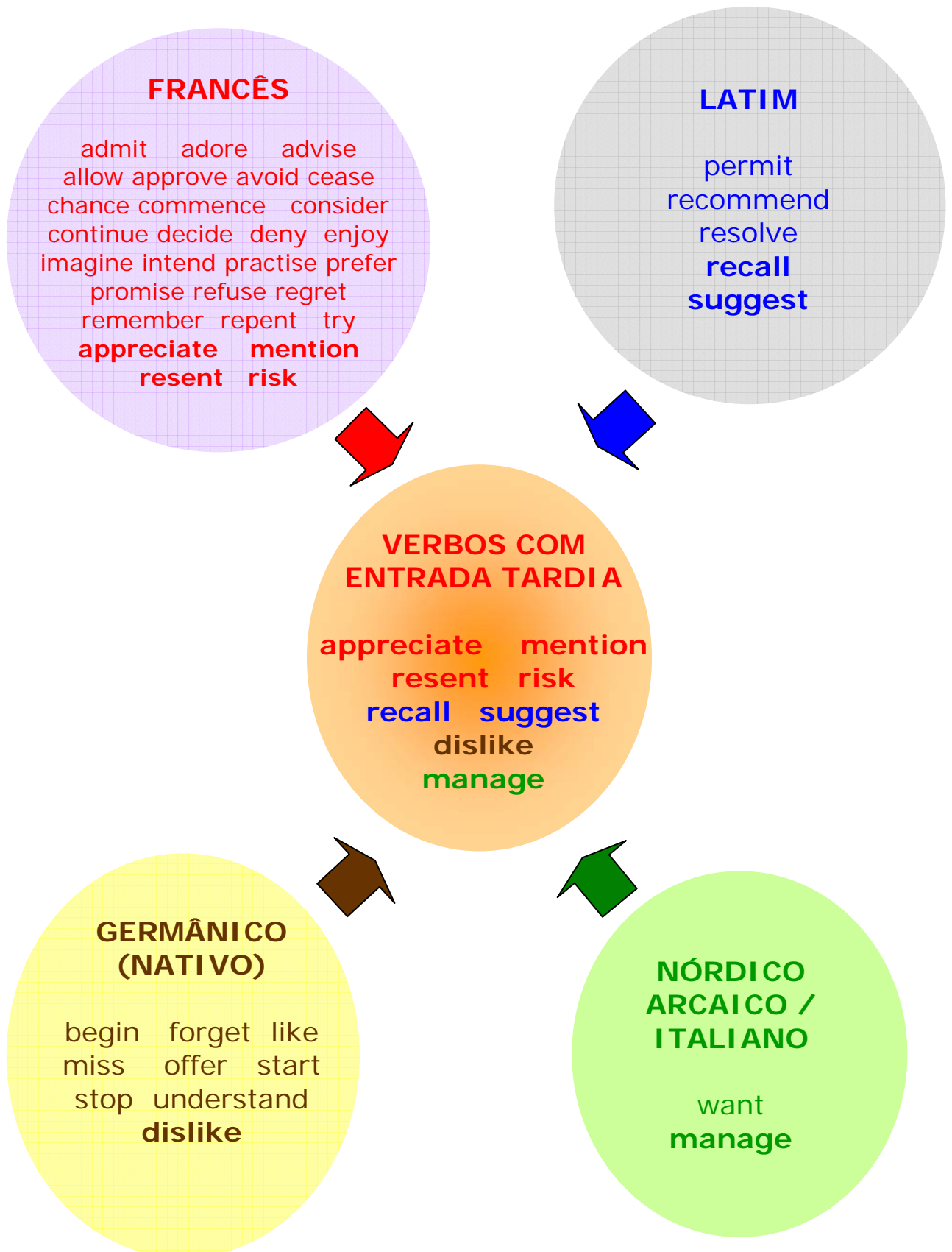
PERÍODO	VERBO	DATA do 1º uso em inglês escrito	RV GERU	PREFERÊNCIA ¹²⁹
INGLÊS ARCAICO	<i>miss</i>	800	11,23	GERU
INGLÊS MEDIEVAL	<i>avoid</i>	1300	770,00	GERU
	<i>deny</i>	1300	379,00	GERU
	<i>enjoy</i>	1380	160,38	GERU
	<i>practise</i>	1380	10,13	GERU
	<i>prefer</i>	1386	16,13	GERU

Observe que, embora estes dados comprometam a hipótese da classe dos últimos verbos, eles apóiam a hipótese geral da pesquisa: o crescimento do gerúndio como complemento verbal é uma mudança em andamento. O bdHB contém mais infinitivos que gerúndios para o verbo ‘*deny*’ (9 infinitivos / 7 gerúndios), o que indica que a preferência pelo tipo do complemento transformou-se ao longo do tempo, até chegar aos dias de hoje, em que ‘*deny*’ é usados quase exclusivamente com o gerúndio. Mais detalhes sobre esta mudança encontram-se no capítulo 5 de discussão dos resultados.

Como foi apresentada acima, a variável do tipo de complemento está associada à classe natural dos últimos verbos que entraram na língua inglesa, a maioria deles do Francês Medieval. Em seguida, as duas características mencionadas, de origem e de entrada tardia, foram comparadas, na tentativa de se encontrar uma interseção entre elas. Figura 6 abaixo ilustra que esta tentativa falhou, pois não há uma visível associação entre estas características.

¹²⁹ Vide os limiares para estabelecimento de preferência na página 88.

Figura 6: Classes naturais das origens dos verbos associadas com a classe de entrada tardia



Consta-se na figura 6 acima que a classe natural de entrada tardia não coincide com nenhuma das classes de origem. Não há interseção entre os conjuntos; portanto, não se deve associar as duas variáveis.

4.8 Classe natural de verbos com baixa frequência de uso na língua

Para concluir a apresentação sobre a classe natural das origens dos verbos, foi levada em consideração esta variável em comparação com a classe a ser apresentada a seguir: de frequência de uso atual. A classe dos verbos de origem germânica (9) parcialmente coincide com a de alta frequência (7), neste estudo, bem como em todos os estudos de corpus da literatura linguística, pois é bem conhecido o fato de que o vocabulário nativo é usado com muito mais frequência na língua como um todo, englobando todos os gêneros de escrita e de fala (BAR-ILAN e BERMAN, 2007, p. 1). Os verbos contidos nas duas classes de origem germânica e alta frequência são três: *begin*, *like*, e *start*. Estes verbos não demonstram comportamento semelhante na questão de tipos de complementos verbais preferidos (confira as proporções na tabela 4 das páginas 90-91). ‘*Like*’ e ‘*start*’ têm proporções iguais a dos dois tipos, enquanto ‘*begin*’ tem uma tendência ao infinitivo. ‘*Begin*’ e ‘*like*’ têm uma longa história de uso com o complemento verbal infinitivo.¹³⁰ Ao contrário, ‘*start*’ apenas começou a ser usado com um complemento verbal quando acrescentou aos seus significados o atual de ‘começar’, sinônimo de ‘*begin*’. O primeiro uso de ‘*start*’ com um complemento consta em 1821 no bdHB, pelos dados de duas fontes: *Oxford English Dictionary* e *U. Michigan Early Modern English Materials*.

Definições de quatro classes de frequência foram adotadas com base nos totais de complementos verbais associados com cada verbo estudado. Recomendo que o leitor confira páginas 90-91 onde a tabela 4 lista todos os verbos estudados em ordem de frequência de uso com complementos indefinidos. O primeiro item da tabela é o verbo ‘*want*’ com 34.769 em total de exemplos com complementos indefinidos, sendo 34.548 deles com o infinitivo, e 221 com o gerúndio. O penúltimo item da tabela é o verbo ‘*adore*’ com apenas 19 complementos em total, sendo 3 de infinitivo e 16 de gerúndio.

¹³⁰ O constante uso de ‘*begin*’ e ‘*like*’ com complemento verbal infinitivo começou em 1307 e cerca 1350, respectivamente, segundo o *Oxford English Dictionary*.

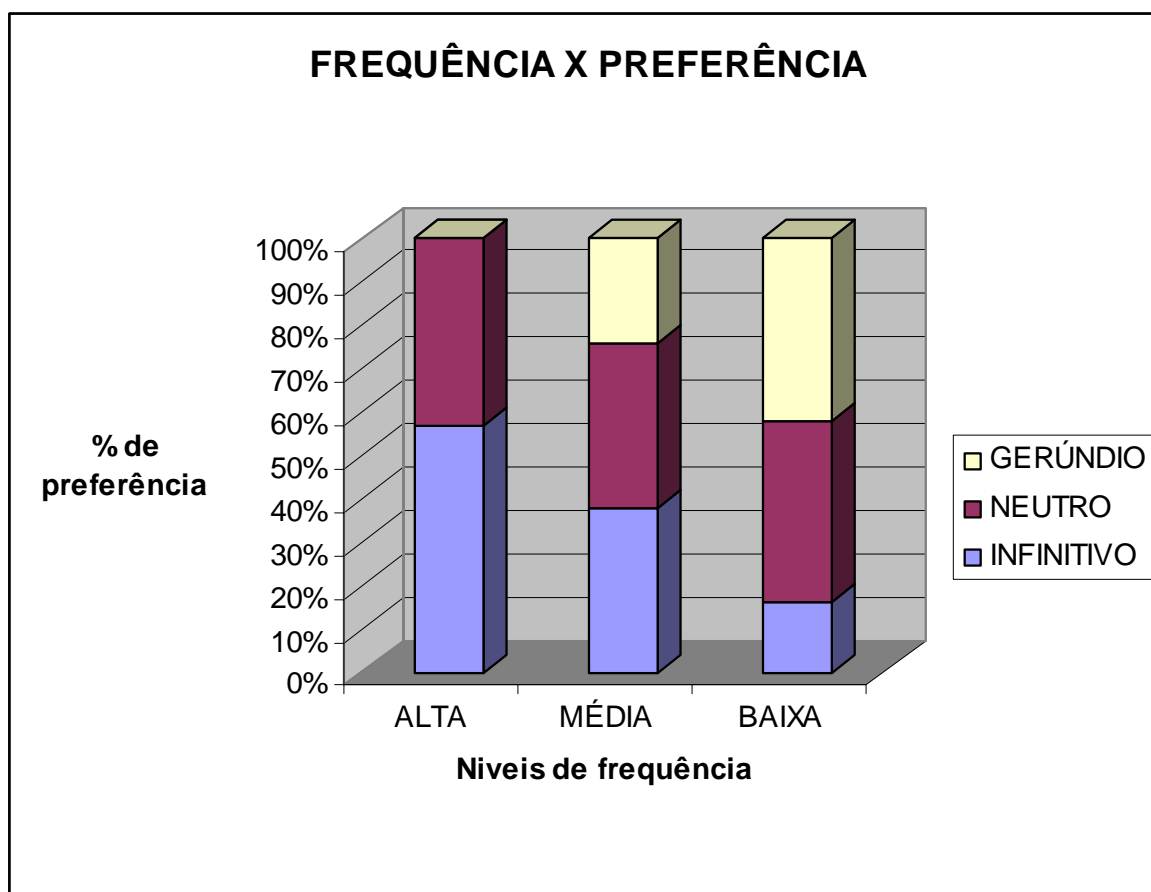
Pelos dados sincrônicos do BNC, são considerados verbos de alta frequência de uso com complementos os com mais de 5.000 (cinco mil) exemplos (7 verbos); de frequência média entre 500 e 5 mil exemplos (18 verbos); de frequência baixa entre 0 e 500 exemplos (19 verbos). Tabela 11 abaixo relaciona as quatro classes de verbos em termos de sua frequência, com sua preferência de complemento verbal.

Tabela 11: Avaliação de preferências de complemento em relação à frequência observada para os verbos estudados.

FREQUÊNCIA	INFINITIVO	NEUTRO	GERÚNDIO	TOTAL
ALTA (> 5.000)	4 (57%)	3 (43%)	0 (0%)	7 (100%)
MÉDIA (5.000 A 500)	7 (38%)	7 (38%)	4 (24%)	18 (100%)
BAIXA (< 500)	3 (16%)	8 (42%)	8 (42%)	19 (100%)
TOTAL	14 (32%)	18 (40%)	12 (27%)	44 (100%)

Em parênteses, estão representadas as porcentagens obtidas para cada grupo de verbos em relação ao total à direita da tabela. O gráfico feito a partir da tabela (figura 7) ilustra que há uma tendência que pode ser quantificada a respeito da variável de frequência de uso pelos dados sincrônicos contemporâneos.

Figura 7: Gráfico ilustrativo demonstrando as porcentagens de verbos com preferência por complementização por infinitivo, neutro ou gerúndio de acordo com as suas respectivas frequências: alta, média e baixa.



Observe-se pelo gráfico que não há ocorrências de complemento verbal na forma do gerúndio associado com verbos de alta frequência (7 verbos). Ao contrário, a categoria de frequência baixa, é a que mais contém exemplos do uso com o gerúndio. A partir dos dados, apresento a hipótese principal do presente trabalho, de que o crescimento recente do uso do gerúndio como complemento verbal pode ser quantificado tanto no número total de exemplos (*tokens*), quanto no número de verbos que aceitam complementos gerúndios, um conjunto em pleno crescimento atualmente. Os dados de frequência sustentam esta hipótese, pois demonstram que as construções mais antigas são as de maior frequência, fato que reforça a novidade do gerúndio. O fenômeno explicativo dos dados é denominado ‘entrenchamento’ (*entrenchment*) nos estudos de sintaxe e semântica dentro da área de gramática cognitiva (LANGACKER, 1988, 1991, 2000). Apoiado pelas experiências em neurolinguística, cognitivistas explicam que conexões entre neurônios e sinapses existem fisicamente como

caminhos de ativação mais fortes ou mais fracos, dependente do número de vezes que eles foram traçados e o tempo passado entre as vezes. O processo de ativar estas conexões se chama, metaforicamente, entrincheiramento (LANGACKER, 1991; KEMMER, 2005). No presente trabalho, os dados indicam que as construções relativamente novas com o complemento gerundivo encontram-se em estágio de pouco entrincheiramento, ao comparar com outros complementos, como o infinitivo, o complemento definido com *‘that’*, as frases introduzidas por preposições, e o onipresente sintagma nominal simples. No próximo capítulo apresento uma proposta do mecanismo que atua no crescimento do gerúndio, processo que depende do conceito de entrincheiramento.

4.9 *‘Intend returning’*

Uma conclusão a que vários autores, tais como Stowell (1982) e Bolinger (1968), chegaram sobre a escolha de complemento verbal, é que ela reflete um aspecto temporal. Vários autores ainda associaram o infinitivo com o *‘futuro’* no sentido de um ato que acontecerá após o tempo ao qual o verbo principal está se referindo. Ao explicar o gerúndio, os autores geralmente caracterizam tais complementos com simultaneidade (WIERZBICKA, 1988) ou coincidência temporal com o verbo matriz (LANGACKER, 1991). Egan (2008) segue a opinião de Givon (1993), de que a qualidade de iconicidade compartilhada entre o sentido do verbo matricial e do verbo complementar determina a escolha entre os complementos, sendo no caso do *‘intend’*: ato pretendido + complemento indefinido que refere ao objetivo—*to infinitive*. Parece-me que o conceito proposto por Givon (1990) funciona muito bem para a alternância entre os usos **não sinônimos** de *‘remember’* com gerúndio para atos já realizados e com infinitivo para atos potenciais. Não obstante, o conceito de iconicidade falha, bem como todos os outros conceitos dos sintaticistas sincronistas ao explicar a alternância em questão quando for aplicado ao verbo *‘intend’*, que por esta razão se tornou o verbo mais estudado ao longo da presente pesquisa.

Duffley (2003) avalia as contribuições de quase todos os pesquisadores que já consideraram a questão da escolha do complemento verbal. Na conclusão, ele se declara capaz de explicar por que as conclusões dos demais pesquisadores têm poder explicativo somente para certos exemplos. Contrastando-se deles, ele introduz uma explicação mais baseada nos contextos discursivos que admite de menos exceções do que os demais

pesquisadores. Visto por um outro ângulo, o problema se resume ao método dedutivo escolhido pelos autores para chegar às suas conclusões, bem como nos exemplos escolhidos por eles. Os estudos anteriores ao de Duffley (2003) não foram baseados em *corpora*, e serviram apenas para exemplificar uma posição tomada *a priori* pelo pesquisador a partir de uma intuição de falante nativo. Duffley (2003, 2006) oferece um meio-termo ao basear suas conclusões em dados de corpus, que demonstram muito mais variação de uso, sendo exemplos de uso real, mas exemplifica as conclusões com orações de invenção própria. Eu tomei uma posição de pesquisa indutiva, permitindo que os dados me levassem a uma descoberta, ao invés de usar os dados para justificar uma posição previamente decidida. Nesse sentido, também dei um passo além de Duffley (2003) ao não incluir nenhum dado inventado.

4.9.1 Construções que se referem a atos futuros

Os verbos ‘*intend*’ e ‘*promise*’ apresentam os exemplos mais nítidos das construções que remetam a atos **no futuro**. Ou, nos termos do Langacker (1991) significa que o ato do complemento sempre seria algo previsto para um tempo marcado após o tempo do verbo matriz. Nos termos do Givón (1993) a iconicidade inerente do verbo ‘*intend*’ (bem como o ‘*promise*’) sinaliza uma combinação perfeita com a iconicidade do complemento infinitivo. Já presumindo um sentido diferente ou contrário para o complemento gerúndio, ele não deve combinar com o verbo ‘*intend*’ em termos de iconicidade. Se fossem válidas as explicações que contrapõem o infinitivo como referente ao futuro e o gerúndio como simultâneo ao tempo do verbo principal, não deveria constar nenhum exemplo destes verbos com o complemento verbal gerúndio. Destaque-se que no BNC constam 338 exemplos válidos¹³¹ de ‘*intend*’ seguido por complemento verbal gerúndio, **com exatamente o mesmo sentido** dos 4.639 exemplos com o complemento infinitivo.

¹³¹ O processo de pós-edição descrito no capítulo sobre metodologia garante que não foram inclusos exemplos inválidos do tipo ‘*the constructivist intends something much broader than "motor behaviour"*’ (BNC).

4.9.2 Mais sobre o verbo ‘*intend*’

O verbo ‘*intend*’ foi o verbo mais estudado do presente projeto, sendo 54 exemplos deste verbo com o complemento verbal registrado no bdHB. Sua construção ‘*intend* + complemento verbal indefinido no infinitivo’ é argumentavelmente a mais entrenchada de todas as construções estudadas nesta pesquisa, sendo a sétima mais frequente entre as 88 construções em foco. Além das construções com variadas formas verbais, ele é frequentemente usado como adjetivo na forma do particípio passado, como no exemplo 10 a seguir.

EXEMPLO 10: The tool is **intended to be** an accessible reference source (BNC: 1990).

Também é comumente usado na forma do particípio presente: *intending*. O substantivo derivado do verbo ***intend***, ‘*intention*’, muitas vezes, é seguido também por um complemento verbal infinitivo, como por exemplo, “Given **an intention to make** a business agreement enforceable in the courts” (BNC, 1987). Lembre-se, porém, que há outras construções com o verbo ***intend*** e seus derivados como o objeto simples (substantivo) e orações com preposição, como por exemplo, a construção negativa muito comum no exemplo 11 a seguir:

EXEMPLO 11: Williams maintained he has **no intention of** bowing to pressure from the French government (BNC, 1990).¹³²

O uso muito frequente da construção ‘***intend* + to-infinitive**’ é um constante na língua inglesa desde o século XIV. Proponho que sua própria frequência funciona simultaneamente de um sintoma e catalisador do uso gradativamente em mais contextos, como será elaborado no próximo capítulo: Discussão.

‘***Intend***’ já possuía complementos desde seu primeiro registro na língua inglesa, ao contrário da maioria dos 44 verbos, que começaram a aceitar complementos verbais apenas a partir da época de Inglês Moderna (começando cerca 1650). ‘*Intend*’ foi um empréstimo do francês como 2/3 dos verbos estudados. Sua origem é latina, como sinônimo de estender, porém este senso literal de extensão no espaço físico não consta nos primeiros registros da

¹³² Há 664 registros no BNC com a oração exata “*no intention of*” + algum objeto.

língua inglesa. Ao contrário, o verbo estava em uso metafórico no francês Medieval e foi emprestado com o significado do francês (ter um propósito fixo na mente)¹³³ que é o único em vigor no inglês moderno. Enquanto 10 dos 44 verbos estudados mudaram radicalmente seus significados, possibilitando novas construções com complementos verbais, o verbo ‘*intend*’ tem como seu único significado ‘pretender’ entre os 54 exemplos do bdHB, tal como pode ser visto nos exemplos de número 12 a 17 a seguir:

EXEMPLO 12: O mais antigo exemplo do verbo ‘*intend*’ pelo OED

c1385: Al the longe day they tweye **Entendedyn to spekyn** & to pleye. *Chaucer L.G.W.* (bdHB 11).

Modernizado: All the long day they two **intended to speak** and to play.

Tradução: Durante todo o longo dia eles **pretenderam falar** e brincar.

Ainda no Inglês Medieval, o verbo ‘*intend*’ consta usado com todas as variações de forma do verbo que eram aceitas na época da construção básica ‘*intend* + complemento verbal infinitivo’. Os exemplos a seguir ilustram a variedade sintática em que se manifesta esta construção ao longo da história:

EXEMPLO 13: ‘*intend*’ no passado simples (1 de 14 tais exemplos no bdHB)

ano 1413: Flaterers...only **entendedn to plese** for the time. OED: *Pilgr. Sowle (Caxton 1483)* iv xxx 78 (bdHB 756).

Modernizado: Flatterers...only **intended to please** for a time.

Tradução: Bajuladores...apenas pretenderam agradar por um tempo.

EXEMPLO 14: ‘*intend*’ no presente simples (1 de 24 tais exemplos no bdHB)

ano 1478: Syr, I wold have written you som tidynges but I know none as yit þat be trew, save we **intend** here, with Godes grace, **to begynne** shippyng epon Monday next. (bdHB 58).

Modernizado: Sir, I would have written you some tidings, but I know none as yet that be true, save we **intend** here, with God’s grace, **to begin** shipping upon Monday next.

Tradução: Senhor, eu teria lhe escrito algumas notícias, mas não conheço nenhuma que seja verdadeira, tirando que nós **pretendemos** aqui, com a graça do Deus, **a começar** a transportar na segunda-feira próxima.

¹³³ Tradução nossa da definição que consta no OED “to have in mind a fixed purpose; to purpose, design.”

EXEMPLO 15: ‘*intend*’ no presente composto (com auxiliar modal ou auxiliar ‘*do*’ e verbo não conjugado = 1 de 8 tais exemplos no bdHB).

ano 1582: She could not **intend to speake** to them, being troubled with so many other suters. *Munday Eng. rom. Life in Harl. Misc. (Malh) II 195.* (bdHB 753).

Modernizado: She could not **intend to speak** to them, being bothered by so many other suitors.

Tradução: Ela não podia **ter a intenção de conversar** com eles, sendo incomodada por tantos outros pretendentes.

EXEMPLO 16: ‘*intend*’ no passado composto (com o auxiliar no pretérito, e particípio também no pretérito = 1 de 3 tais exemplos no bdHB).

ano 1460: Now, thou³ it so had be that this bischop **hadde not intendid** this to be done for him into this eende, that his greet benefeting whiche he dide to London...*Recock, R.* (bdHB 27).

Modernizado: Now, though it so had been that this bishop **had not intended** this to be done for him toward that end, that his great benefiting which he did for London...

Tradução: Agora, embora tenha sido que este bispo não **havia pretendido** que isto fosse feito para ele com tal propósito, que o grande benefício que ele fez para Londres...

EXEMPLO 17: com o auxiliar ‘*be*’ em várias formas concordantes seguido pela forma *-ing* do verbo *intend* = *intending*, isto é com aspecto durativo (1 de 6 tais exemplos no bdHB); complementado pelo gerúndio.

ano 1992: This is—this was the, the cloakroom and what we were, what we **were intending doing** originally is turn it into an office. *BNC SPOKEN data recorded by PS03W* (bdHB 694).

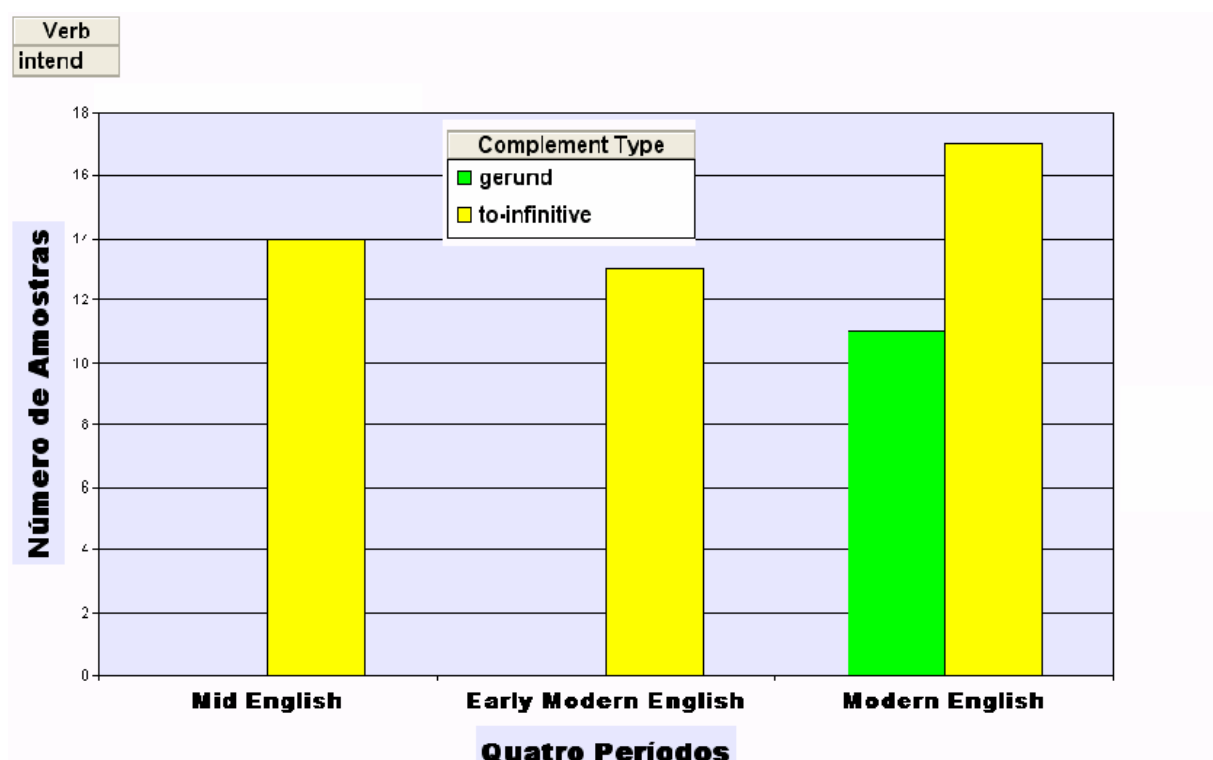
Tradução: Isto é—isto foi o guarda-roupa e o que nós estávamos, o que nós **estávamos pretendendo fazer** no início é transformá-la em um gabinete. Dados gravados para BNC por PS03W.

Ao observar a rica variedade das formas da construção ‘*intend* + complemento indefinido’ ao longo da sua história, pode-se concluir, em primeiro lugar, que ela não se restringe a categorias sintáticas associadas com referência ao futuro. Portanto, a hipótese de que o complemento verbal infinitivo ‘refere-se a um ato no futuro’ se mostra comprovado somente no sentido limitado de que o ato expresso pelo complemento necessariamente ocorre

após o momento do verbo principal *'intend'*. Além disso, as construções com este verbo não são limitadas aos verbos no indicativo, nem aos verbos na voz passiva, como visto no exemplo 16 acima sobre o bispo para quem foi feito atos que **ele** não pretendia que fossem feitos. A variação sintática encontrada indica que a melhor definição dessas construções não deve especificar a forma do verbo principal, mas deve incluir o item lexical do verbo específico, e também o tipo de complemento que ele aceita, num esquema semi-abstrato do tipo sugerido por Goldberg (1995) *'intend + complemento verbal infinitivo'*.

A partir de meados do século XX, o verbo *'intend'* com sua plena e longa história de uso com o complemento infinitivo começou a ser usado com o gerúndio. O último exemplo acima (17) demonstra o uso típico da nova construção *'intend + gerúndio'*. O gráfico abaixo ilustra o surgimento e uso desta construção tal como consta no bdHB.

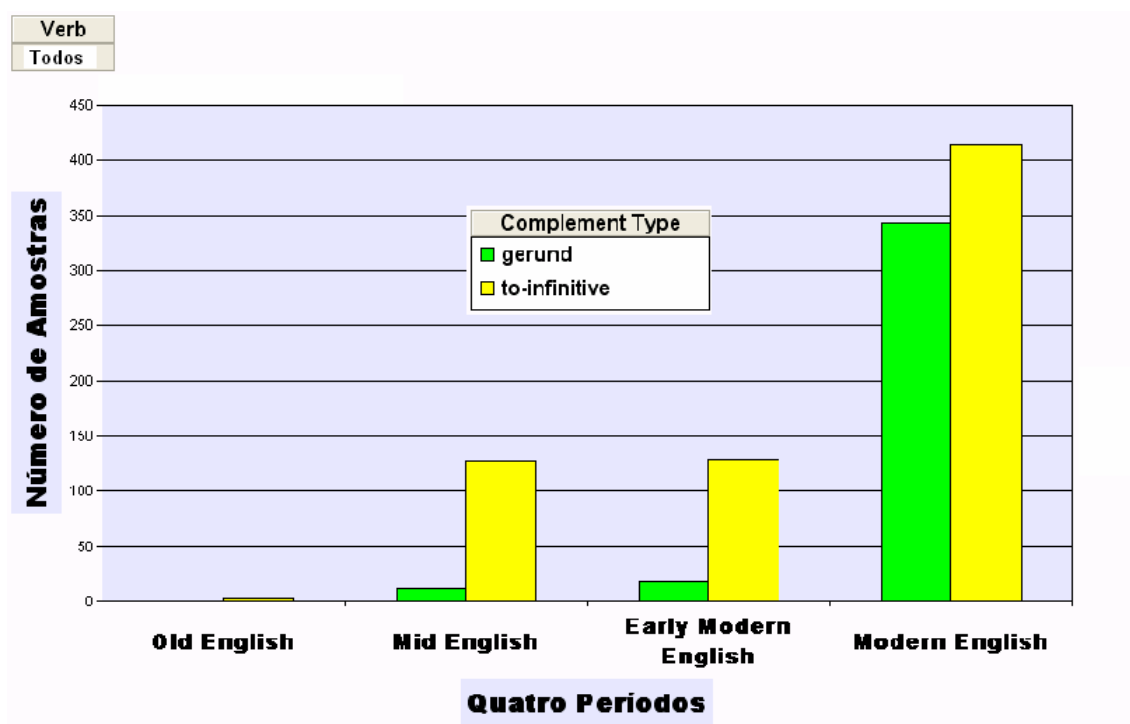
Figura 8: Uso do verbo *'intend'* com complementos verbais nos quatro períodos de tempo



Percebe-se acima que a nova construção não foi impedida pelo grande uso da construção existente de *'intend + infinitivo'*. Entretanto, pode-se dizer que seu primeiro uso na língua foi retardado, sendo que a maioria dos outros verbos (40 dos 44 estudados) já vem sendo usada com o gerúndio durante todo o século XIX. A figura (9) abaixo possibilita a

comparação do uso dos dois tipos de complementos com todos os 44 verbos com o uso do verbo *'intend'*.

Figura 9: Uso de todos os 44 verbos estudados com complementos verbais nos quatro períodos



O surgimento do uso de *'intend'* com o gerúndio representa uma novidade na gramática de inglês, porém não uma novidade isolada. Destaque-se o último fato por sua importância para entender da mudança em questão. O complemento indefinido na forma do gerúndio existia desde século XV, e ganhava mais verbos principais gradativamente, um processo que continua hoje. O fato de *'intend'* ser entre os novos verbos que aceitam o gerúndio indica dois fatos interessantes: Primeiro, a iconicidade não impediu o uso novo do gerúndio, contradizendo Givón (1993). Segundo que a ocorrência da nova construção não foi impedida pelo entrincheiramento da construção alternativa existente muito bem conhecida com o mesmo significado (do complemento infinitivo).

Os dois fatos proporcionam duas conclusões: de fato não há uma diferença de sentido entre as duas construções com os complementos indefinidos distintos. Ao contrário dos usos com verbos polissêmicos, *'try'* e *'want'* e os outros com significados distintos *'remember, forget, chance, stop'*, as construções com *'intend'* representam apenas alternativas equivalentes. Na minha perspectiva, a existência das construções paralelas compromete

explicações da diferença entre os dois tipos dos complementos em si, principalmente, a posição defendida pela maioria dos sincronistas de que há uma diferença para todas as construções que incluem complementos indefinidos. Muitos sintaticistas (BOLINGER, 1968; DUFFLEY, 2003, 2006; HUDDLESTON e PULLUM, 2002), e particularmente Wierzbicka (1988) defendem o significado do infinitivo para referir ‘atos futuros, potenciais e não realizados’, e o gerúndio para referir situações opostas. Diferentemente, Egan (2008), propõe significados distintos para algumas construções com complementos indefinidos, enquanto sugere que outros pares das construções (como as usadas com ‘*intend*’) não expressem algo diferente. Os dados diacrônicos, portanto, apóiam as conclusões de Egan nesse assunto.

4.9.3 O Verbo ‘*promise*’

Entre os cinco verbos¹³⁴ que quase nunca se encontram complementado pelo gerúndio no presente momento de inglês, há o verbo que se assemelha ao ‘*intend*’, por referir-se apenas aos atos que ocorrem **depois** da ação marcada pelo verbo principal: ‘*promise*’. Ele é usado ao longo da sua história apenas com o complemento infinitivo, conforme o exemplo 18 abaixo.

EXEMPLO 18: ‘*promise*’ com complemento infinitivo (1 de 35 tais exemplos no bdHB).

ano 1364: Ranulf Higden: levenge hym in the weye, in that he **promisede to be** tributary to hym. (bdHB 50).

Modernizado: leaving him on the way, in that he **promised to give** tribute to him.

Tradução: ao deixá-lo no caminho, já que ele lhe **prometeu dar** tributos.

Distinto do ‘*intend*’, a construção mais comumente associada ao ‘*promise*’ é de objeto simples, seguido por uma frase preposicional, quase sempre começando com ‘to’ e indicando a quem foi feita a promessa, como no Exemplo 6 apresentado no capítulo 3: Metodologia, página 70. No obstante, o uso com o complemento infinitivo foi crescente ao longo dos séculos, sendo hoje responsável pela maioria das ocorrências com *promise* no BNC (1.683). A pergunta mais relevante decorrente dos fatos históricos será: o ‘*promise*’ pode ser usado com o gerúndio? A resposta é sim, mas os números não são impressionantes, como no

¹³⁴ Há apenas 5 verbos que constam com menos que 10 exemplos de uso com o complemento gerúndio no BNC: *refuse* (9 exemplos); *decide* (4); *promise* (5); *resolve* (3); *chance* (6).

caso do ‘*intend*’. Encontrei no *British National Corpus* apenas 5 exemplos do verbo ‘*promise*’ com o gerúndio, começando na mesma época da introdução desta construção para o ‘*intend*’, que foi em meados do século XX. Por outro lado, no *Corpus of Contemporary American English*, há 61 exemplos do verbo com gerúndio, nas formas a seguir: *promise* = 37; *promises* = 14; *promised* = 10; mas nenhum exemplo do ‘*promising* + *-ing*.’

Exemplos do verbo ‘*promise*’ com complemento gerundivo retirados do *British National Corpus*:

EXEMPLO 19:

ano 1942: The publicity material **promised landing**, weather permitting. The weather was fine, if grey (bdHB 422).

EXEMPLO 20:

ano 1977: then we went to the "Little Goose Pagoda" built in the 8th cent. (I sent a card of it), then we went to the park, and were **promised boating** on the lake. (bdHB 423).

EXEMPLO 21:

ano 1993: Reluctantly I agreed that goalie John Slack should have a ten-man defence in front of him. However, as I had **promised attacking**¹³⁵ football, I named them all as forwards. (bdHB 424)

Sendo apenas 5 exemplos contra o total massivo do 1.683 exemplos da construção com infinitivo, estes exemplos sofreriam exclusão por muitos linguistas. Ao contrário do Duffley (2003, 2006), Givon (1990, 1993), e outros que procuram apenas padrões estabelecidos, eu sou favorável ao posicionamento de Goldberg (1995) com sua asseveração de que as ‘exceções’ são objetos de estudo até mais válidos que os exemplos repetidos mil vezes nos corpora. Uma das *raisons-d’être* da Gramática de Construções (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT, 2001) foi de poder dar conta das exceções que foram deixadas de lado por gerativistas. As chamadas exceções às vezes apontam para fenômenos de linguagem que não seriam descobertos apenas pela observação do que é comum ou padronizado. Acredito que os três exemplos acima citados do uso de ‘*promise*’ com o gerúndio indicam uma tendência

¹³⁵ Provavelmente, ‘*attacking*’ aqui é um adjetivo em função de modificador do nome ‘*football*’ e, portanto, não deve constar como um gerúndio objeto do verbo ‘*promise*’. Na dúvida, eu incluí o exemplo, deixando o leitor decidir por si mesmo a categorização correta.

ainda em seus primórdios, mas é provável que cresça gradativamente, como é o caso de ‘*intend*’ e mais outros 18 verbos do presente estudo.

4.10 Sobre construções de ‘-ing + -ing’

Em toda a análise dos dados, insisti em usar apenas dados de *corpus* e valorizar as quantidades específicas de tais dados, que representam a frequência de uso das construções estudadas, indicações de graus de entrenchamento. Assim prossigo, porque não interessa o que seria possível em inglês, mas o que está em uso atualmente, bem como no passado. A respeito da estrutura com a forma de ‘-ing + -ing’ a questão de que seria possível, na perspectiva gerativista de estruturas julgadas ‘gramatical’ como parte da sua competência nativa, vem sendo estudado ao longo dos anos a partir da década de sessenta até hoje, sendo assim, bem discutida na literatura específica: confira Rudanko (2002, 2006), Rodenburg (1995, 2006), Mukherjee (2005), Wherrity (2004), Duffley (2003, 2006), Givon (1990, 1993), Wierzbicka (1988), Quirk (1972), Ross (1972), Bolinger (1968). A partir do meu declarado posicionamento metodológico, cheguei a uma conclusão diferente que todas as publicações anteriores. Os dados comprobatórios do *British National Corpus* serão apresentadas após o esclarecimento do tópico a seguir.

Presume-se que construções do tipo ‘**VERBO-ing + VERBO-ing**’ são evitadas por questões de cacofonia ou redundância aparente. Queria então, com dados de *corpus* determinar até qual ponto as estruturas ‘**to infinitive + to infinitive**’ ex.: “*to want to be*”¹³⁶ e ‘**gerúndio + gerúndio**’ e.g.: “*considering taking*”¹³⁷ são evitadas?

[...] é claro que (em 38) o infinitive foi escolhido em primeiro lugar para evitar o uso de duas formas consecutivas idênticas: -ing. A restrição estilística [referente a esta duplicação] se tornou absoluta. [p 45-46] ... o tipo de diversificação estilística referida aplica a duas SVs indefinidos consecutivos para que sejam produzidas tais sequências: *refusing to make/to refuse making*, ao invés de: *to refuse to make/refusing making*. Uma coisa ainda não desvendada é se essa tendência podia de alguma forma ser relacionada à restrição chamada ‘double-ing’ que explica a inexistência de sequências não gramaticais como por exemplo **Paul was being singing*.¹³⁸ (FANEKO, 1996a, p. 46, nota do rodapé).

¹³⁶ ‘*to want to be*’ consta 26 vezes no BNC.

¹³⁷ ‘*considering taking*’ consta 25 vezes no BNC.

¹³⁸ “[...] it is clear that in (38) the infinitive has been selected primarily so as to avoid the use of two consecutive -ing forms. This stylistic constraint [referring to this formal duplication] has now become a near knock-out factor. (FANEKO, 1996a, p. 45-46) [...] this type of stylistic diversification applies to two consecutive nonfinite

A restrição à qual a autora se refere é citada por todos os subseqüentes artigos que tratam da questão de estruturas com ‘-ing + -ing’. A restrição foi introduzida no artigo chamado simplesmente “Doubl-ing” publicado em 1972 por John Robert Ross. Nesse artigo, Ross (1972) propõe regras transformacionais para explicar o bloqueio da construção “*It is continuing raining.*” Os dados do BNC também apontam pela escassez do uso de ‘*continuing* + gerúndio’ sendo apenas 5 exemplos em todo o corpus. Compare com os 6.031 exemplos com complementos infinitivos, e 624 com gerúndios seguindo outras formas do verbo ‘*continue*’. Porém os dados sugerem que, embora uma palavra de alta-frequência no meu conjunto¹³⁹, o uso do verbo ‘*continue*’ com aspecto durativo é raro em inglês (apenas 682 usos no BNC), além de que o verbo tem uma tendência de preferir o infinitivo, em proporção de 9,59 infinitivos para cada um complemento gerundivo. Porém não se pode dizer que não existe a construção julgada por Ross como ‘não gramatical’: ‘*continuing* + *VERB-ing*’.

Em seguida, Ross (1972) explica a inexistência da construção ‘*attempting* + gerúndio’ pelos exemplos:

“(27) a. *I was attempting playing the ‘Minute Waltz’ with my nose.

b. What I was attempting was playing the ‘Minute Waltz’ with my nose.” (ROSS, 1972, p. 69).”

O conjunto final não inclui a palavra ‘*attempt*’, porém Thomas Egan afirma a existência da construção que Ross julga inaceitável, bem como ‘*attempting* + *VERB-ing*’ consta no BNC 1 vez, e no COCA 2 vezes. O sinônimo do ‘*attempt*’ o verbo ‘*try*’ consta com 5 complementos gerundivos no BNC e no COCA 26. Para mim, sua falta de reconhecer a existência de tais construções se resume na metodologia escolhida por Ross, devido a época em que ele pesquisou, 1972, sem acesso aos dados de um *corpus* com a possibilidade de consultá-los e quantificá-los instantaneamente. O que Ross considera aceitável ou ‘gramatical’ depende do seu ‘*feeling*’ como nativo, uma intuição criticada fortemente nessa tese no capítulo 2: Leituras Pertinentes. Sobre seus julgamentos, Ross escreveu “*Another piece of evidence in favor of this rule derives from such sentences as those in (19), which (though bookish) are certainly grammatical, in my speech.*” (1972, p. 66). Ross apresenta (p.

VPs, producing sequences such as *refusing to make/to refuse making*, rather than *to refuse to make/refusing making*. Something that remains to be determined is whether this tendency can in any way be related to the so-called ‘double-ing’ constraint which accounts for the ungrammaticality of PE structures like **Paul was being singing.*” (FANEGO, 1996a, p. 46, footnote 9).

¹³⁹ A busca no BNC para ‘*continue**’ revela 27.923 instâncias, para ‘*continuing*’ 5.257, sendo assim uma palavra de alta frequência de uso: 33.180 (dados excluem ‘*continuity*’ mas incluem o substantivo ‘*continuation*’ e vários adjetivos com formas homógrafas aos verbos).

78-79) uma hierarquia de orações que contêm a estrutura ‘-ing + -ing.’ A hierarquia demonstra, segundo ele, um contínuo gradativo de aceitabilidade não diferenciável por sua proposta regra que necessariamente aplicam a toda estrutura similar. Portanto ele admite:

Aparentemente há fatores adicionais, no momento desconhecidos, que interagem aqui com [a regra transformacional proposta] (52) e que resultam em uma hierarquia assim. Exatamente quais fatores, porém, resta como um problema para pesquisas futuras.¹⁴⁰ (ROSS, 1972, p. 79).

Trinta e sete anos após essa declaração, tenho uma posição privilegiada de poder identificar quais são os ‘fatores desconhecidos’ que Ross apontou. São relacionados a entrenchamento que é resultado de frequência de uso: especificamente, quantas vezes são ativadas as sinapses responsáveis pela construção ‘-ing + -ing’, quanto tempo real passa entre tais ativações, e com quais verbos acontecem as ativações. Além disso, a questão estilística apontada por Fanego (1996a, 1997, 2007), Rohdenburg (1995) Rudanko (2002) e Mair (2006) é significativa. Mais explicações seguem o exemplo e dados relevantes a seguir.

EXEMPLO 22: 1 de 37 exemplos no BNC da construção ‘gerúndio + gerúndio’ com o verbo ‘*enjoy*’.

BNC SPOKEN: I mean what, what psychological characteristics would make one person more groupie than another or more needing or wanting or **enjoying belonging** to a group than another? (bdHB 660).

A evidência de que falantes evitam essas construções é sua escassez de uso comparada com outras construções de ‘VERBO + GERÚNDIO’, mesmo para verbos com uma frequência alta deste tipo, tal como ocorre no exemplo acima com o verbo ‘*enjoy*’. Há 37 registros de ‘*enjoying* + gerúndio’ no BNC. Apesar de que o verbo ‘*start*’ é usado com 3.747 complementos gerundivos no BNC há apenas 32 registros de ‘*starting* + gerúndio’ sendo 16 deles de língua falada. A construção ‘*cease* + gerúndio’ é muito frequente em toda a história, mesmo no Inglês Medieval. Porém, embora a forma sinalizando aspecto durativo ‘*be* + VERBO-*ing*’ fosse comum e crescente a partir do Inglês Medieval,¹⁴¹ não há evidência do uso da construção ‘*be* + *ceasing*’ complementado pelo gerúndio, nem no Inglês Medieval, nem nos outros séculos antes do século XX. No BNC ‘*ceasing* + gerúndio’ consta apenas 1 vez.

¹⁴⁰ “Apparently there are additional factors, at present unknown, at work here which interact with (52) and which have the effect of producing such a hierarchy. Exactly what factors, however, must be left as a problem for future research.” (ROSS, 1972, p. 79).

¹⁴¹ ZIEGELER, D. Agentivity and the history of the English Progressive. *Transactions of the Philological Society* 97:1, p. 51-101. 1999.

Ainda que seja um fato óbvio, eu gostaria de salientar que não há corpora de registros do inglês falado para os períodos antes do final do século XX, fato que impede uma compreensão mais completa do uso da construção analisada e sua frequência.¹⁴²

O período com ‘*enjoying*’ no exemplo 22 acima foi retirada das gravações do corpus BNC, cujos dados mostram uma frequência mais alta desta construção do que os dados escritos do mesmo período (corpora BNC e COCA). Apresento duas razões já conhecidas pelos autores acima citados:

1. Tempo real versus planejamento: a fala espontânea contém inúmeros itens mal elaborados, hesitações, repetições e outros ‘erros’ que não estão presentes em gêneros escritos. Isto é devido ao o trabalho dobrado de processamento cognitivo, dividido entre falar e planejar a fala simultaneamente. Logo, a fala real gravada sempre conterà mais cacofonia e redundância, as ditas ‘expressões feias’ que escapam ao falante sem querer.
2. Mudança linguística: Afirmo que esta construção evidencia uma mudança em andamento, que é a crescente aceitabilidade do gerúndio como complemento numa distribuição cada vez mais ampla. Naturalmente, a fala real teria mais exemplos da nova construção, seguida por exemplos na escrita, que é sempre mais conservadora e mais lenta a incluir formas linguísticas em mudança. Essa força conservadora é bem conhecida entre diacronistas (CLARIDGE, 2001; McMAHON, 1994; BARBER, 1993; HOCK, 1991). Uma outra força conservadora menos reconhecida e relacionada com entrincheiramento é referida na seguinte citação como um efeito frequência de uso:

Com essa classe [semântica de verbos com implicatura negativa] o uso do gerúndio se nota na época III [anos 1640 a 1710], mas, geralmente os itens mais comuns do grupo, especificamente ‘*refuse*’ e ‘*fail*’, não participam na mudança até a época IV [1710 a 1760]. Como já foi observado...isto pode ser visto como uma manifestação do conservadorismo maior e resistência a mudança que as vezes se exibem itens de alta frequência.”¹⁴³ (FANEGO, 1996a, p. 58).

Na citação acima, Fanego aponta que verbos com uma frequência mais alta resistia para mais tempo o novo complemento, explicável por sua entrincheiramento como parte da

¹⁴² Vide o Capítulo de Metodologia, páginas 60-61, a respeito das limitações de dados escritos.

¹⁴³ “With this class [negative implicative verbs] the use of the gerund becomes noticeable in stage III [1640-1710], though typically, the most common items in the group, namely *refuse* and *fail*, do not take part in the move until stage IV [1710-1760]. As already noted...this can perhaps be seen as a manifestation of the greater conservatism and resistance to change that is at times exhibited by high-frequency items.” (FANEGO, 1996a, p. 58).

construção ‘verbo + infinitivo’. Fanego não oferece referências a sua ideia acima, portanto não se pode dizer se outras diacronistas compartilham a ideia da pressão de frequência como fator influente em mudanças sintáticas. Pode-se afirmar apenas que Suzanne Kemmer (2005) a compartilha. A partir das interpretações acima apresentadas, concluí que a nova estrutura de complemento gerundivo será usada mais com ‘novos’ verbos, e com verbos de menos frequência de uso geral na língua, tendências já apontadas pelos dados expostos no presente trabalho.

Afinal, até qual ponto existe o que Mair (2006) chama “o princípio polêmico do Rohdenburg (1995) de *horror aequi*”¹⁴⁴ (MAIR, 2006, p. 220): “Como é bem conhecido, há muitas restrições no uso de duas sucessivas (imediatas) formas *-ing* no inglês atual”¹⁴⁵ (ROHDENBURG, 1995, P. 380). Os dados a serem apresentados a seguir me levou a discordar com a presumida proibição de um gerúndio seguido por um outro. Confere os dados do quadro abaixo em que se baseia a afirmação que tal estrutura não é de fato ‘proibido’ no inglês atual.

¹⁴⁴ “Rohdenburg’s not uncontroversial principle of *horror aequi*” (MAIR, 2006, p. 220).

¹⁴⁵ “As is well-known, there are many restrictions on the use of (immediately) successive *-ing* forms in present day English” (ROHDENBURG, 1995, P. 380).

Tabela 12: Demonstra o número de formas idênticas (-ing + -ing), comparados com os complementos infinitivos e gerúndios. Nota-se que a quantidade na última coluna está contida na quantidade da penúltima.

Na ordem de frequência	complementos verbais	total INFINITIVOS	total GERÚNDIOS	<i>ing + ing</i>
1. want	34.769	34.548	221	1
2. try	21.972	21.121	851	5
3. like	14.986	11.293	3.693	0
4. begin	12.774	11.159	1.615	7
5. start	6.276	2.529	3.747	32
6. continue	6.193	6.031	624	5
7. refuse	5.216	5.207	9	0
8. intend	4.977	4.639	338	4
9. decide	4.587	4.582	4	1
10. manage	4.042	4.017	25	11
11. allow	3.651	3.562	89	6
12. stop	3.569	614	2.955	33
13. remember	3.031	507	1.264	4
14. consider	2.902	1604	1298	373
15. prefer	2.021	118	1903	0
16. promise	1.688	1683	5	0
17. cease	1.686	1486	200	1
18. offer	1.642	1.454	188	12
19. avoid	1.542	2	1.540	98
20. enjoy	1.291	8	1.283	37
21. forget	978	953	25	0
22. risk	641	2	629	16
23. permit	554	516	38	2
24. admit	539	61	478	20
25. advise	525	468	57	0
26. understand	492	447	45	23
27. deny	380	1	379	1
28. suggest	373	60	313	6
29. resolve	347	344	3	0
30. imagine	289	34	255	5
31. recommend	275	129	146	6
32. recall	222	18	204	1
33. regret	198	65	133	5
34. practise	178	16	162	11
35. miss	159	13	146	8
36. commence	111	31	80	5
37. dislike	100	0 ¹⁴⁶	100	1
38. mention	97	7	90	1
39. resent	68	0	68	1
40. approve	58	20	38	1
41. chance	46	40	6	0
42. appreciate	35	2	33	0
43. adore	19	3	16	0
44. repent	1	1	0	0

¹⁴⁶ Zero complementos com o infinitivo constam no BNC, porém 5 constam no COCA.

Principalmente, vide o número de exemplos no BNC da construção ‘*considering VERB-ing*’: 373.¹⁴⁷ Com estes dados, não se pode dizer que ‘*doubl-ing*’ como concebido por J. R. Ross é evitado na língua inglesa. Confere também as outras quantidades. Frente tais dados, é seguro afirmar que a estrutura é usada bastante apesar da resistência à redundância aparente, ou cacofonia. A partir dessa afirmação, restam dois comentários pertinentes.

EXEMPLO 23: (1 de 373 exemplos do BNC de ‘*considering + VERB-ing*’).

ano 1991: ...crook my index finger and beckon slowly at any commuters passing along the corridor outside who are **considering invading** my territory. *Esquire Magazine*. (bdHB 548)

Vide o exemplo acima. Ele usa uma construção comum no *corpus* de ‘gerúndio + gerúndio’. Em primeiro lugar, não se comprova que a estrutura seja apenas um resultado de processamento em tempo real. Com novos recursos, (COCA foi disponibilizado em fevereiro de 2008) há a possibilidade de conferir as fontes dos dados dos *corpora* usados no presente trabalho, bem como seus gêneros. Por exemplo, dos 373 exemplos de ‘*considering VERB-ing*’ no *British National Corpus*, apenas 20 (5%) são de dados gravados, sendo que 145 (38%) foram publicados em jornais (gênero jornalístico impresso) inclusive o exemplo 23 acima. Infelizmente, a maioria dos exemplos (270, 72%) são classificados com fontes ‘miscelâneas’, uma categoria não muito expressiva para os propósitos do presente estudo. Por outro lado, constam no *Corpus of Contemporary American English* 1.521 exemplos de ‘*considering VERB-ing*’ que são classificados assim: 300 falados, 112 de ficção, 284 de revistas, 669 de jornais, 156 textos acadêmicos. Nota-se que apenas 19% de todos os exemplos no COCA são de fala gravada. A categoria em que a estrutura mais consta é de jornais (43%). Frente estes dados, não é seguro afirmar que a estrutura é evitada em inglês formal, e emerge apenas na fala, por causa de erros naturais de processamento em tempo real.

O segundo comentário é sobre a classificação de estruturas com ‘VERBO-ing + VERBO-ing’ de exemplos verdadeiros do gerúndio como complemento. Ross explica a proibição das estruturas nos exemplos a seguir como parte da proibição de gerúndios como complementos.

“(55b.) * Tillie’s being working on presentences is tragic.

(58b.) * Alice’s being going to vote is doubtful.” (ROSS, 1972, p. 79).

¹⁴⁷ 1.168 exemplos de ‘*considering + VERB-ing*’ constam no COCA.

O problema é que o verbo ‘*be*’ não aceita complementos indefinidos. As construções citadas necessariamente seriam interpretadas como instâncias de verbos com aspecto durativo, sem um objeto na forma aceitável, ou seja, eles são do esquema ‘*be* (conjugado) + VERBO *-ing* + Sintagma Nominal ou Adjetivo’.

Deve-se, neste ponto, tomar um passo para traz e perguntar o que ‘*conta*’ como um gerúndio. Parte-se pela descrição de Fanego (1996a, p. 32-33) sobre as funções sintáticas exercidas pelo gerúndio sob a perspectiva diacrônica.

Enquanto o tipo do complemento em ‘*I love to learn languages*’ consta desde Inglês Arcaico, o ancestral do padrão moderno em ‘*I love learning languages*’ é uma estrutura em que a forma *-ing* é de fato apenas um nome verbal na função de núcleo não de uma oração complementar, mas apenas de um sintagma nominal comum: (6) a 1387 Trevisa *Higden’s Polychronicon* 5.153 [MED s.v. *Dreden* v.2(a)]: He hadde i-trespased, and **dredde the chatisynge** of his maister. De Inglês Medieval em diante, este tipo de nome, que pode ocorrer com funções além de um objeto simples, gradativamente adquiriu certas propriedades de um verbo, (e.g. “*I hate playing tennis*”, “*I don’t like being ill*”); b) podia ser modificado por um adverbio adjunto que se retringe apenas ocorrer em colocações com verbos; c) adquiriu traços de tempo verbal e voz (e.g. “*of having done it*”, “*the necessity of loving and being loved*”); também podia ter um sujeito em uma casa diferente que o [tradicional] genitivo (e.g. “*I didn’t know about the weather being so awful in this area*”). . . o gerúndio verbal foi lento em evoluir como um objeto, sendo que até [recentemente] *late Modern English* ainda não foi julgado aceitável depois de um grande número de verbos com quais hoje ele está em uso normal estabelecido.¹⁴⁸

Bem como meu trabalho, Fanego (1996a) acima identifica no uso do gerúndio como complemento um processo em andamento desde inglês medieval, que ainda não terminou. Sua caracterização do gerúndio é típica da literatura relevante: como uma híbrida entre um nome e um verbo, que às vezes ganha o rótulo de ‘nome verbal’ ou ‘substantivo verbalizado’. Destaque-se as funções exercidas pelo ‘gerúndio’ ao longo da sua história na língua inglesa, e a evolução das mesmas. Portanto, apresento agora uma descrição clássica de Quirk et al.

¹⁴⁸ “Whereas the complement type *I love to learn languages* has been on record since OE times, the ancestor of the modern pattern *I love learning languages* is a structure in which the *-ing* form is in fact just an abstract verbal noun functioning as head not of a complement clause, but of an ordinary noun phrase:

(6) a 1387 Trevisa *Higden’s Polychronicon* 5.153 [MED s.v. *Dreden* v.2(a)]: He hadde i-trespased, and **dredde the chatisynge** of his maister.

From ME onwards, this type of noun, which as such could occur in syntactic functions other than that of object, gradually acquired a number of verbal properties, namely, a) it became capable of governing an object or a predicative complement (e.g. “*I hate playing tennis*”, “*I don’t like being ill*”); b) it could be modified by adverbial adjunct restricted to co-occurring only with verbs; c) it showed tense and voice distinctions (e.g. “*of having done it*”, “*the necessity of loving and being loved*”); and it could take a subject in a case other than the genitive (e.g. “*I didn’t know about the weather being so awful in this area*”). . . the verbal gerund was slow to develop as object, so that by late Modern English it was not yet regarded as fully acceptable after a number of matrix verbs with which it has now become established usage.” (FANEGO, 1996a, p. 32-33).

(1972, p. 133-134) das funções sintáticas e papéis semânticas que pertencem a forma única de VERBO-ing.

- [1] Some paintings of Brown's (*i.e.* some paintings that Brown owns)
- [2] Brown's paintings of his daughter (*i.e.* paintings owned by Brown, depicting his daughter but painted by someone else)
- [3] Brown's paintings of his daughter (*i.e.* they depict his daughter and were painted by him)
- [4] The painting of Brown is as skillful as that of Gainsborough (*i.e.* Brown's (a) finished product *or* (b) the technique of painting *or* (c) the action of painting)
- [5] Brown's deft painting of his daughter is a delight to watch (*i.e.* it is a delight to watch while Brown deftly paints his daughter)
- [6] Brown's deftly painting his daughter is a delight to watch (= [4c], [5] in meaning)
- [7] I dislike Brown's painting his daughter (*i.e.* I dislike *either* (a) the fact *or* (b) the way Brown does it)
- [8] I dislike Brown painting his daughter (= [7a])
- [9] I watched Brown painting his daughter (*i.e.*: *either* I watched Brown as he painted *or* I watched the process of Brown('s) painting his daughter)
- [10] Brown deftly painting his daughter is a delight to watch (= [4c], [5])
- [11] Painting his daughter, Brown noticed that his hand was shaking (*i.e.* while he was painting)
- [12] Brown painting his daughter that day, I decided to go for a walk (*i.e.* since Brown was painting)
- [13] The man painting the girl is Brown (*i.e.* who is painting)
- [14] The silently painting man is Brown (*i.e.* who is silently painting)
- [15] His is painting his daughter" (QUIRK et al. 1972, p. 133-134).

Quirk, et al. (1972) rejeitam o rótulo 'gerúndio' e classificam o contínuo apresentado com apenas os rótulos 'deverbal nouns' [1,2,3], 'verbal nouns' [4,5], e 'participles' [6 a 15]. Na minha opinião, exemplos 4 a 10 'contam' como gerúndios, mas apenas os [7 e 8] seriam de gerúndios como complementos por minha definição. Destaque-se que as buscas no BNC e COCA não teriam achado nenhum dos exemplos do Quirk et al. como exemplos de complementos indefinidos por causa do material interposto entre o verbo principal e o gerúndio. Rohdenburg (1995, 2002, 2006) define seu princípio de *horror aequi* baseado na presunção que formas de verbos com '-ing' são evitadas em inglês, em posição depois de uma outra forma '-ing'. Penso que seria muito mais aconselhável definir o princípio em termos das funções de cada palavra que compõe a estrutura, devido a multiplicidade de funções acima expostas para tal forma. Para fornecer apenas um exemplo, certamente seria estranho dizer que a construção, 'considering taking' é evitada em inglês, ou apenas restrita à fala, sendo que existem 49 exemplos no *corpus* COCA, 16 deles do gênero jornalístico impresso.

O próximo capítulo apresenta explicações elaboradas a partir dos resultados acima expostos. A base teórica é retomada por seu poder explicativo, e novas hipóteses são inseridas nas teorias identificadas no primeiro capítulo. A maior contribuição do presente trabalho à ciência de linguística se encontra no capítulo da discussão, onde novas interpretações são oferecidas pelos dados acima apresentados à luz dos conceitos da gramática cognitiva.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão elaboradas as interpretações dos resultados anteriormente apresentados. Tais interpretações serão devidamente inseridas nas perspectivas das teorias linguísticas cognitivas tomadas como base esta pesquisa. Implicações decorrentes para teorias de gramática cognitiva serão discutidas. Como conclusão do presente capítulo, serão oferecidas sugestões pedagógicas referentes à alternância sintática central do presente trabalho a partir dos resultados e discussão dos mesmos.

O capítulo anterior a esse identificou as mudanças que resultaram na situação caótica de uso do complemento verbal em inglês contemporâneo. Além disso, no capítulo 4 foram categorizadas duas classes: a dos últimos verbos que entraram na língua inglesa e a dos verbos de baixa frequência de uso. Estas classes apontam para os processos envolvidos nas mudanças identificadas. Portanto, os objetivos do presente capítulo incluem a identificação do processo de difusão das mudanças e suas possíveis causas. Necessariamente, uma postura teórica foi adotada nesse estágio da pesquisa, pois não se trata apenas da descoberta de padrões, mas sim, de suas interpretações. A teoria fundamental adotada foi de Modelos Baseados em Linguagem de Uso (*Usage-Based Models of Language*) (BARLOW e KEMMER, 2000) e a Gramática Cognitiva (LANGACKER 1987, 1991, 2000) baseado exclusivamente em dados de *corpora*.

5.1 Caracterização dos processos envolvidos nas mudanças sintáticas identificadas

As metas de uma análise da sintaxe diacrônica são bem expressas pelo diacronista Winfred Lehmann (1973, p. 185) da seguinte forma: “quando lidarmos com mudanças sintáticas precisaremos descobrir as mudanças, os processos envolvidos nelas e na sua difusão, e quando for possível, suas causas”.¹⁴⁹ Embora Lehmann não descreva o mecanismo de propagação da mudança, ele sugere uma fonte da analogia que resultou na construção central do presente trabalho: **‘verbo + gerúndio’**. O que Lehmann (1973) propunha serve para apoiar a interpretação da distribuição amplificada do complemento gerundivo:

¹⁴⁹ “...when we deal with syntactic change, we must determine the changes, the processes involved in those changes and their spread, and where possible their causes.” (LEHMANN, 1973, p. 185).

Vários verbos em inglês que antes aceitavam um objeto no caso genitivo eram, até bem recentemente [1850, segundo os dados do bdHB], seguidos por uma construção com ‘of’, ex. *miss, desire, remember, forget, hope, thirst, wait*. Sir Walter Scott escreveu: *I remember of detesting the man* [aprox. ano 1800]. Em contraste, o padrão transitivo comum do inglês consiste em um verbo seguido imediatamente por um objeto; esse padrão foi então generalizado e estendido aos verbos citados.¹⁵⁰ (LEHMANN, 1973, p. 197)

Em seguida, dentro da linguística cognitiva, usando conceitos de estudos de corpora, *Usage-Based Conceptions of Language* (BARLOW & KEMMER, 2000) explico os processos citados por Lehmann de “generalizar e estender o padrão” a outros verbos.

Eu proponho uma interação de **realimentação em ciclo** como resposta à pergunta: quais foram os processos de propagação e extensão da mudança identificada nos complementos verbais? As duas classes identificadas nos resultados do presente estudo combinam-se da seguinte forma: a baixa frequência de uso do gerúndio como complemento verbal indica que tais construções são menos entrincheiradas no uso dos falantes, i.e. menos salientes no seu inventário de opções para complementação. A classe identificada como a dos últimos verbos a entrar na língua inglesa comprova esta hipótese. Os verbos de entrada tardia são também os com a maior proporção de uso do gerúndio como complemento. Além disso, foi demonstrado no capítulo dos resultados que a complementação verbal com o gerúndio está crescente, sendo que, a cada década, há mais verbos que aceitam o gerúndio como complemento. Ainda mais, o número de verbos que uma vez foram complementados com o infinitivo e hoje aceitam também o gerúndio está gradativamente aumentando. A interpretação de todos estes fatos integrados é que mais construções de **‘verbo + gerúndio’** estão sendo criadas baseadas no padrão de verbos já familiares dentro desta construção.

O que significa ‘ter um pensamento’ para o neurolinguista é o movimento de elétrons de uma célula do cérebro, chamado sinapse, para uma outra célula, processo repetido muitas vezes em microsegundos. Para dizer apenas ‘*start working*’ um número ainda não identificado de células no cérebro são ativadas por passagem de eletricidade entre eles, visível em tomografia computadorizada como uma trilha de brilho para microsegundos conectando vários pontos. Uma metáfora é frequentemente usada entre linguistas cognitivos por este processo, porque é uma atividade cotidiana que mais assemelha o que se pode observar no

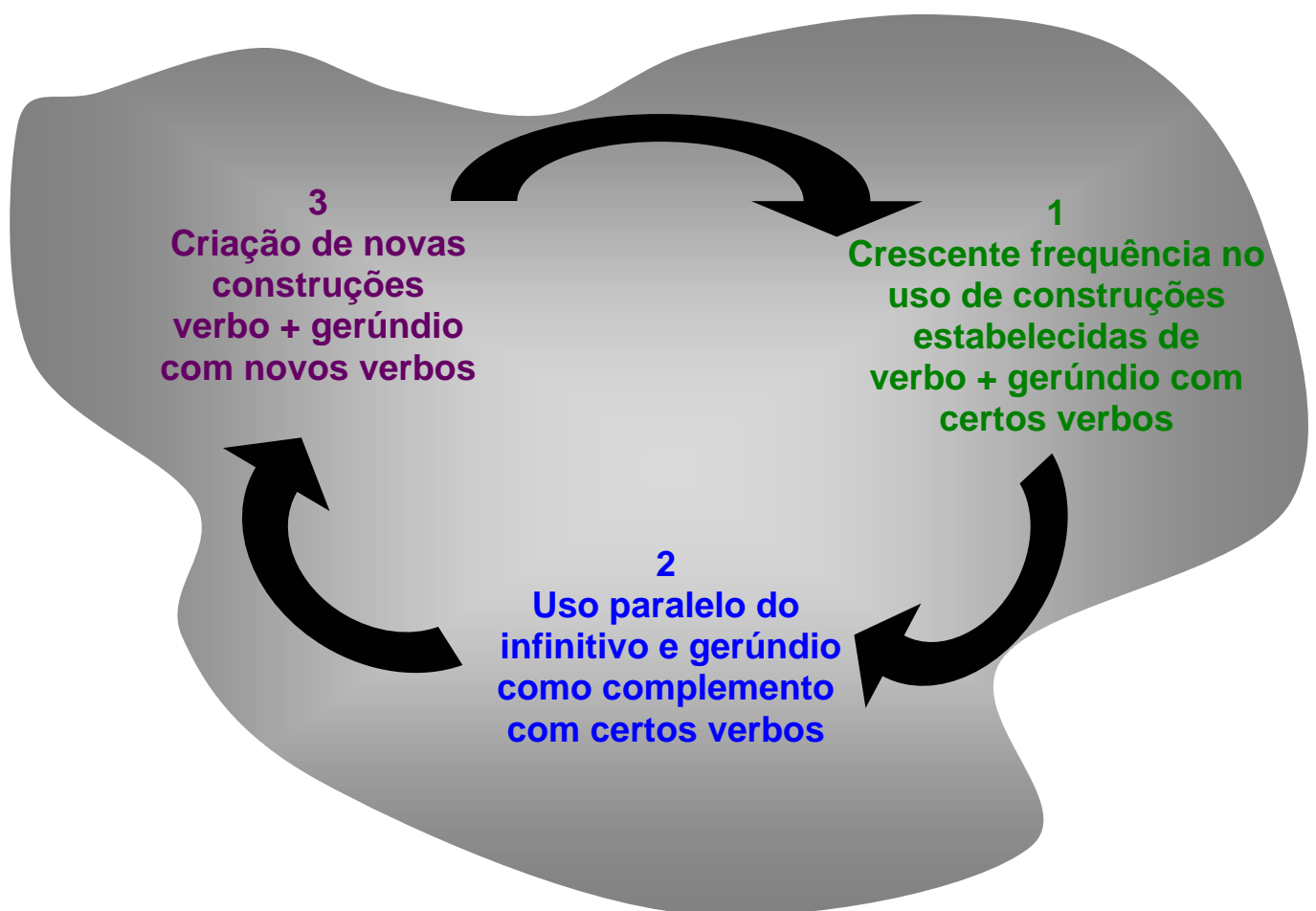
¹⁵⁰ “Several English verbs that formerly took an object in the genitive case were until quite recently [1850, according to bdHB] followed by an of construction, e.g., miss, desire, remember, forget, hope, thirst, wait. Sir Walter Scott wrote: *I remember of detesting the man* [approx. 1800]. By contrast, the common transitive pattern in English consists of a verb followed immediately by an object; this pattern accordingly was generalized and extended to the verbs cited.” (LEHMANN, 1973, p. 197).

nível anatômico. A metáfora é de trilhar um caminho. Em um primeiro momento, a floresta densa carece de passagem, que serve para nossos propósitos como o cérebro sem linguagem. Uma trilha será aberta com muito esforço, como aprendizagem da língua materna. Na metáfora, uma vez existente, o caminho pode ser usado por outros viajantes, que assemelha novos pensamentos formados e expressados usando uma nova combinação de palavras e estruturas bem conhecidas. Um caminho entre as árvores já muito bem usado teria a tendência de atrair novos viajantes, por ser bem demarcado. Isto é o que significa entrincheiramento. Idéias novas serão expressadas usando estruturas conhecidas ligadas a palavras conhecidas por serem entrincheiradas. Somos humanos, portanto, gostamos de criar e seguir costumes das coisas mais simples (andar na floresta) até as mais complexas, como as cerimônias mais significativas das nossas vidas (casamentos, funerais).

Uma outra característica humana é que gostamos de categorizar tudo na nossa volta (como caminhos) e costumamos a mudar tais categorizações, uma vez estabelecidas para bastante tempo. A analogia da trilha para um pensamento é bem conhecida, portanto, enfatize-se a idéia de que o conceito de entrincheiramento não pertence apenas ao domínio de neurolinguística, mas sim, ao cotidiano de humanos, que são animais como qualquer outro. Gostamos de ritmos, ritos, categorizações e acima de tudo repetições, para atingir uma certa ordem e buscar sentido na natureza caótica de nosso meio. Proponho que a introdução no inglês do novo tipo do complemento (gerúndio) analogicamente possa ser vista como uma trilha nova, aberta a muito custo, desbravando a floresta. Uma vez aberta gradativamente ganha aceitação por mais pessoas. Como podemos dizer que ainda estamos na fase de crescimento do gerúndio na função do complemento verbal, é normal ver um número crescente de verbos associados com ele, bem como uma trilha nova que gradativamente alarga-se. Em contraste, o infinitivo vem sendo usado como complemento há mais tempo, como uma trilha velha e larga, sem muita vegetação entrando pelos lados. O complemento velho resiste a mudanças e demonstra menos novidade em termos do verbo principal que com que ele é associado. Espero que essa metáfora tenha iluminado o processo proposto, que a seguir será exemplificado novamente com dados linguísticos.

Como visto no capítulo anterior, o uso crescente da construção '*intend + doing*' é uma novidade do século XX, provavelmente criada por analogia à construção mais antiga de '*continue + doing*' ou semelhante. Ressalta-se o fato de que tal extensão de construção baseada em analogia não tenha sido com sinônimos, antônimos ou verbos semanticamente relacionadas. O gráfico abaixo relaciona-se a uma **realimentação em ciclo**, similar ao que foi proposto por Kemmer (2005): uma interação proposta para tais construções.

Figura 10: Ciclo de Realimentação, demonstrando os catalisadores mútuos envolvidos no crescimento de construções com o complemento gerúndio na língua inglesa ao longo dos últimos séculos



5.2 Funcionamento de ‘realimentação em ciclo’ proposta

Segue uma explicação detalhada com exemplos de como funciona o proposto ciclo de realimentação ilustrado na figura 10 acima:

PASSO 1: Desde sua introdução com os verbos ‘*cease*’ e ‘*continue*’ (1382), a construção de verbos + gerúndio está crescendo até o presente momento.

PASSO 2: Certos verbos previamente usados apenas com o infinitivo começaram a ser usados com o gerúndio com exatamente o mesmo sentido a partir de século XV com o verbo ‘*admit*’. Usos paralelos estão aumentando até hoje.

PASSO 3: Novos verbos vêm sendo usados com o gerúndio ao longo dos séculos, em duas classes:

Classe 1: Os que foram usados apenas com infinitivos e passam a ser usados com gerúndio também (como ‘*admit*’ no século XV). Novas construções desta classe estão sendo criadas de forma crescente até hoje.

Classe 2: Os verbos que entraram na língua após a grande aceitação do gerúndio como complemento verbal (como ‘*appreciate*’ em 1742). Eles são usados hoje e sempre foram usados apenas com o gerúndio (*appreciate, risk, resent, dislike*) ou na vasta maioria dos exemplos com o gerúndio (*recall, mention, suggest*).

5.3 Relação do ciclo de realimentação com sintaxe diacrônica¹⁵¹

Com o intuito de iluminar o funcionamento do mecanismo proposto para propagação e difusão da nova estrutura sintática que é realizada como complemento gerundivo, apresento a seguir um exemplo histórico bem conhecido da introdução do auxiliar ‘*do*’ na língua inglesa. Para muitos leitores, os fatos da estrutura verbal que passou pelos estágios de novidade sintática, opção estilística e finalmente uso obrigatório serão bem conhecidos. Não obstante, o mecanismo nunca fora identificado da forma que ofereço aqui: como um exemplo do funcionamento da realimentação em ciclo proposto.

O período do Inglês Medieval é marcado pela redução radical do sistema de flexões herdado do Inglês Antigo, tanto que o Inglês Medieval é frequentemente chamado de o período das flexões enfraquecidas. Existem várias razões por isso, entre elas, a mistura de Inglês Arcaico com o Nórdico Arcaico. Muitas vezes as palavras inglesas e escandinavas eram similares o

¹⁵¹ Favor consultar a figura 10 acima para sua descrição gráfica.

suficiente para serem reconhecidas, porém, com conjuntos bem distintos de flexões. Nessas situações, dúvidas e confusões surgiam a respeito de qual seria a terminação correta a ser empregada, e falantes em situações bilingues tendiam a recorrer a outros recursos gramaticais disponíveis na época. A própria existência e o crescimento dos outros recursos devem ter contribuído para a deterioração do sistema de flexões, *ao mesmo tempo que o crescimento foi estimulado pela deterioração*¹⁵² (BARBER, 1993, p. 157, grifo nosso).

Na época da sua introdução na língua inglesa, o verbo *'to do'* em construções de duas verbas não representou um auxiliar, mais um verbo matricial seguido por um complemento verbal. Exemplos de Barber (1993) seguem:

Originalmente, o *'do'* não era um auxiliar vazio, mas sim tinha sentido causativo. Portanto, encontra-se no Inglês Medieval, sentenças com a estrutura *'He did them build a castle'*, que significava *'Ele fez com que eles construíssem um castelo.' Nos dialetos do Sudoeste, havia uma variante dessa construção em que não havia um elemento correspondente ao *'them'*, como por exemplo *'a kastle he did reyse'*, que significa 'ele causou um castelo a ser construído' (que, de fato, é uma tradução da oração em francês: *Chastel fet lever*). Porém, uma oração desse tipo é potencialmente equívoca. Se dissermos *'He built a castle'*, já existe implícito na oração um elemento causativo no sentido do *'built'*, pois não queremos necessariamente dizer que ele o construiu com suas próprias mãos. Então, períodos do Inglês Medieval, como por exemplo, *'He did build a castle'* poderiam ter o sentido idêntico das orações assim *'He built a castle'*. Em seguida, os falantes começariam a considerar iguais o *'did build'* e *'built'*; apenas um pequeno passo será necessário para essa igualdade a ser transferida aos contextos não causativos. A partir daí, *'did'* se tornou semanticamente vazio e as orações que o contêm, meras variantes estilísticas, como em *'He did build'* e *'He built'*.¹⁵³ (BARBER, 1993, p. 190).

¹⁵² "The Middle English period is marked by a great reduction in the inflectional system inherited from Old English, so that Middle English is often referred to as the period of weakened inflections. There were a number of causes for this. One was the mixing of Old English with Old Norse. Frequently, the English and Scandinavian words were sufficiently similar to be recognizable, but had decidedly different sets of inflections. In these circumstances, doubt and confusion would arise about the correct form of ending to use, and speakers in bilingual situations would tend to rely on other grammatical devices where these lay to hand. The existence and growth of such other devices must itself have contributed to the decay of the inflectional system, while itself being stimulated by this decay." (BARBER, 1993, p. 157).

¹⁵³ "Originally, however, [do] was not a dummy auxiliary, but had a *causative* sense. Thus we find ME sentences with the structure *He did them build a castle*, which meant 'He caused them to build a castle'. In the South-Western dialects there was a variant of this construction, with nothing corresponding to them, as in *a kastle he did reyse*, meaning 'he caused a castle to be built' (it is in fact a translation of the French *Chastel fet lever*). But sentences of this type are potentially equivocal. If we say 'He built a castle' there is already a causative element in the meaning of built, since we do not necessarily mean that he built it with his own two hands. So ME sentences like *He did build a castle* could be identical in meaning with ones like *He built a castle*. Speakers would thus equate *did build* with *built*, and it is only a small step for this equation to be transferred to non-causative contexts. At that point *did* becomes semantically empty, and 'He did build' is merely a stylistic variant of 'He built'." (BARBER, 1993, p. 190).

Eu gostaria de chamar a atenção do leitor para o fato de que a construção sem ambiguidade possui dois sintagmas verbais e dois agentes de atividades expressados pelos verbos: *Ele causou (fez com) que eles construísem um castelo. Na estrutura alternativa, a oração verbal complementar não tem um agente especificado, embora se presuma não ser idêntico ao agente da causativa (agente da oração principal). Precisamente, é a elisão do agente da oração complementar que torna a construção ambígua e, que, por sua vez, possibilita a eventual mudança de interpretação. Em outras palavras, uma ação causativa será necessariamente acrescida se dois agentes forem explicitados, mas **pela forma da construção alternativa** ‘*a castle he did build*’ é possível abstrair da interpretação da frase como um todo a informação de causa, sendo a nova interpretação a de uma única ação com um único agente. A oração complementar se torna a oração única; portanto a construção contém apenas um sintagma verbal. Essa transformação, a meu ver, é fascinante, mas, de fato, não muito rara em inglês, como também é comum em outras línguas, de acordo com relatos de Harris e Campbell (1995).¹⁵⁴

Esse novo auxiliar ‘*do*’ aparece inicialmente na poesia (por questões de estilo e rima) nos dialetos do Sudoeste da Inglaterra no final do século XIII, mas se espalha a partir daí para outras regiões geográficas e para outros gêneros da língua escrita (presumivelmente para a fala também). O seu uso se ampliou lentamente no século XV e, no século XVI, mais rapidamente. Ao mesmo tempo, o sentido velho causativo do verbo ‘*do*’ desapareceu, sendo gradualmente substituído pelos verbos mais usados no inglês atual para essa função: ‘*make*’ e ‘*cause*’. Conclusão do Barber (1993):

Então, até o final do século XVI, ‘*do*’ é muitas vezes usado como um auxiliar semanticamente vazio, simplesmente como uma variante estilística. A restrição de seu uso acontece no século XVII: ‘*do*’ deixa de ser usado nas orações afirmativas (exceto no uso enfático) e passa a ser usado cada vez mais em orações negativas e interrogativas. O seu uso atual se tornou prevalente cerca do ano de 1700¹⁵⁵ (BARBER, 1993, p 191).

A disseminação da nova função (auxiliar) e o desaparecimento da velha função (causativa) do verbo ‘*do*’ não são relacionados por Barber em seu relatório da mudança. A razão disso é porque em estudos históricos é imprescindível cautela ao concluir sobre causas e

¹⁵⁴ Vide exemplos em Harris e Campbell, 1995: páginas 61-96, particularmente p. 62 com discussão da reanálise da construção em inglês ‘*for + Noun Phrase + Infinitive*’.

¹⁵⁵ “So, by the sixteenth century, *do* is commonly used as a semantically empty auxiliary, simply as a stylistic variant. The restriction in its use takes place during the seventeenth century: *do* gradually drops out of affirmative sentences (except for the emphatic use), and comes to be used more and more regularly in negative and interrogative ones. The present-day situation is reached by about 1700” (BARBER, 1993, p 191).

consequências de mudanças. Muitas delas podem representar tendências paralelas (simultâneas) e independentes. Não obstante, acredito que as mudanças que transformaram o ‘do’ causativo em ‘do’ auxiliar são do tipo que geralmente se reforçam uma a outra de forma crucial em um **ciclo de realimentação**. O mecanismo será o mesmo que proponho como responsável pelo crescimento do complemento gerundivo. Para facilitar entendimento do conceito, forneço a seguinte definição do denominado ciclo de realimentação: o resultado de uma única mudança linguística serve como condição catalisadora para uma outra mudança (ou mudanças) que, por sua vez, repete(m) o processo, servindo como estímulo para a mudança original. O processo envolve no mínimo duas mudanças distintas, mas não se limite a apenas duas.

5.4 Origem do gerúndio como complemento

A história informa que em 1382 John Wycliff traduziu a bíblia sagrada do latim para o inglês conforme o exemplo abaixo do livro Efésios. O manuscrito do Wycliff inclui a oração da sua fonte original: a bíblia traduzida por São Jerônimo em 375 D.C., chamado de *Vulgate* em inglês.

EXEMPLO 24: c. 1382 I...**ceesse not doyng** thankyngis [Vulg. non cesso gratias agens] for you. *Ephes. i. 16, Wyclife* (dbHB 599).

Modernizado: I **cease not doing** thanksgiving for you.

Tradução: Eu não **cesso de dar** graças a Deus por você.

Com a enorme influência da bíblia, proponho que o gerúndio como complemento passou a ser usado num curto período de tempo por outros autores e com outros verbos principais, além de ‘cease’ e ‘continue’ usados por Wycliffe. *Repent, practise, prefer* e *imagine* estão entre os primeiros verbos usados com gerúndio a partir do século XV e em diante. Percebe-se que estes verbos não formam uma classe semântica.

Após sua introdução na língua inglesa, o leitor deve imaginar que o uso do gerúndio como complemento cresceu de forma regular e continua. Não foi o caso. Os registros de uso que compõem o banco de dados analisados no presente trabalho indicam que o gerúndio não foi usado em grande escala até o final do período de Early Modern English (1500-1650). O próprio Shakespeare, que emprega um leque de opções sintáticas impressionante na sua obra

completa (1590-1613) não se goza da opção de complementação por gerúndio.¹⁵⁶ A situação de hoje na língua inglesa, de muita complementação por verbos indefinidos, representa uma mudança linguística em andamento, certamente não terminada. Isto é, o uso do gerúndio ainda está crescendo atualmente. Diante estes fatos históricos, resolvi descobrir porque os gerúndios não foram usados em larga escala pelo falante de inglês comum durante o período de Inglês Medieval. De fato, toda conclusão a respeito terá que ser caracterizada como especulação, pois infelizmente não haverá falantes vivos que podem ser entrevistados. Minha opinião se resume na especulação que as traduções de latim não representam muito bem a fala normal do povo inglês, conforme a discussão apresentada a seguir.

O livro *Macaronic Sermons: Bilingualism and Preaching in Late-Medieval England*, objetiva demonstrar a mistura complexa de latim e inglês nos sermões dos séculos XIV e XV. No capítulo 5 especificamente, o autor procura motivos para a mistura das duas línguas nos sermões escritos entre o final do século XIV e início do século XV. Sobre os primeiros exemplos do capítulo dedicado à questão da mistura aparentemente aleatória, Wenzel concluiu: “Do latim vem a matriz em que os elementos ingleses são sempre plenamente integrados, uma matriz que obedece aos padrões da morfologia e sintaxe do Latim clássico indubitavelmente.”¹⁵⁷ (WENZEL, 1994, p. 82).

No entanto, essa afirmação é seguida por exemplos categoricamente opostos aos anteriores, com sintaxe puramente inglesa, preenchida por elementos menores de Latim. Sobre esses últimos, Wenzel comenta:

Esses exemplos contam apenas uma parte de toda a história, porque as fronteiras entre o inglês e o latim raramente coincidem com as fronteiras das unidades sintáticas, sejam sintagmas, orações ou períodos inteiros. Ao contrário, a troca [entre inglês e latim] muitas vezes acontece dentro de uma estrutura sintática, e por outro lado, estruturas sintáticas em inglês às vezes são justapostas sem descontinuidade.¹⁵⁸ (WENZEL, 1994, p. 85).

Na conclusão desse capítulo, Wenzel (1994) se confessa incapaz de explicar a razão e os motivos específicos nos casos estudados da complexa mistura das duas línguas. Ele conclui que:

¹⁵⁶ Na obra completa de Shakespeare (1590-1613) há 56 exemplos de complementação indefinida dos 44 verbos estudados. Há 19 verbos usados com complementos infinitivos, um verbo apenas com complemento gerúndio, e 3 verbos com complementos na forma gerundiva após material interposto.

¹⁵⁷ “Latin forms the syntactic matrix into which the English elements are always fully integrated, a matrix that follows the patterns of classical Latin morphology and syntax without question.” (WENZEL, 1994, p. 82).

¹⁵⁸ “These examples tell only part of the whole story, because the boundaries between English and Latin by no means always coincide with the boundaries of syntactic units, be they phrases, clauses or entire sentences. On the contrary, the switch often occurs in the middle of a syntactic structure, and conversely syntactic structures in English are occasionally juxtaposed without a break.” (WENZEL, 1994, p. 85).

As trocas [macarônicas] nos sermões então penetram o próprio coração do léxico inglês e acontece ainda mais frequentemente em áreas em que o vocabulário é menos idiomático ou técnico. Portanto, se torna mais difícil encontrar um motivo linguístico ou psicológico para as trocas de línguas.¹⁵⁹ (WENZEL, 1994, p. 101).

Para os propósitos do presente trabalho, a seguinte análise de um exemplo é a mais pertinente, uma vez que ela trata das construções de sintagma verbal:

Em contraste aos elementos em inglês que estendem além das fronteiras de unidades sintáticas, também encontramos muitos casos de troca de língua dentro de uma estrutura sintática menor. Tais trocas acontecem, talvez mais dramaticamente, dentro de uma forma verbal composta ou dentro de um sintagma verbal, como por exemplo ‘*fuit capella **bild** in honore omnium sanctorum*’.¹⁶⁰ (WENZEL, 1994, p. 85).

O exemplo acima citado e sua análise por Wenzel (1994) têm importância para o presente trabalho porque os autores que foram escritores plenamente bilíngues em latim e inglês (inclusive John Wycliffe) também foram os primeiros a usar complementos gerundivos. Diante dos fatos históricos seria imprudente afirmar que houve empréstimo sintático da estrutura que utiliza o gerúndio em posição de complemento de um verbo. Portanto, de acordo com a análise de Wenzel (1994), não se deve dizer que eles utilizaram a sintaxe do latim e nem a do inglês exclusivamente, mesmo ao traduzir de uma língua para a outra. De fato, a situação é demasiadamente complexa para se dizer com alguma certeza se o gerúndio foi comumente usado na fala em outras construções e emprestado para uso singular como complemento ou se uma outra razão explicaria o seu uso no inglês medieval. Pode-se dizer com segurança apenas que o complemento gerundivo era raro nesse período, entre os anos de 1100 e 1500.

Vale perguntar se o ciclo de realimentação proposto se aplica apenas à história do complemento gerúndio, pois a história do uso do infinitivo como complemento é paralela à do gerúndio. Destaque-se que três fatos sobre o infinitivo: o uso do infinitivo como complemento é mais antigo do que o mesmo uso do gerúndio, existe de forma similar em todas as línguas indo-europeias e continua crescente em inglês atualmente. Em sua obra mais extensiva, David Lightfoot (1979) traça o nascimento do infinitivo como uma entidade que se refere a um

¹⁵⁹ “Macaronic switching thus penetrates to the very heart of the English lexicon, and it occurs even more frequently in areas where the vocabulary is less idiomatic or technical. Hence it becomes all the more difficult to find a good linguistic or psychological reason for the switches.” (WENZEL, 1994, p. 101).

¹⁶⁰ “In contrast to English elements that extend beyond the boundaries of syntactic units, we also find many cases in which the language changes within the boundary of a smaller syntactic structure. Such switches occur perhaps most dramatically within compound verb forms or verb phrases, such as ‘*fuit capella bild in honore omnium sanctorum*’.” (WENZEL, 1994, p. 85).

tempo indefinido. Começando como uma frase preposicional, como por exemplo, ‘*they prepared for to away*’, ela exercia uma função adverbial de definir o ponto do destino, significando ‘em direção ao [lugar]’. Neste caso, a tradução seria ‘eles prepararam-se a [ir] embora’.¹⁶¹ O infinitivo rapidamente passou a ser usado com o verbo não conjugado, como por exemplo ‘*he prepared for to go*’. Em seguida, houve uma simplificação de ‘*for to go*’ para a forma atual ‘*to go*’, que passou a significar não apenas um lugar de meta, mas também, objetivos mais abstratos.

Construções com complementos infinitivos cresceram rapidamente após a sua introdução na língua, sendo responsável por 87% de todas as ocorrências de complementos indefinidos durante o período de Inglês Medieval, pelos dados da amostra no bdHB. Retornarei a questão do surgimento do complemento infinitivo mais a diante, após a discussão do gerúndio como novidade. Confere a explicação da diacronista que mais publicou pesquisas sobre o gerúndio, Fanego (1996):

Em outras palavras, o que estou sugerindo é que a grande expansão do uso de preposições ao longo do período do Inglês Medieval, permitiu uma consequência do declínio do sistema de flexões no Inglês Arcaico, isso deve à situação em que, muitas vezes, era necessária uma forma verbal que podia ser regida por uma preposição; o gerúndio pode ter passado a preencher essa lacuna.¹⁶² (FANEKO, 1996b, p. 125).

O que a autora quer dizer com a situação descrita é que o infinitivo não podia (e ainda não pode) ser objeto de uma preposição, como no seu exemplo: “(57) c1375 *William of Palerne* 1024 [Visser 1120]: For drede **of descueryng of that** was do there.” (FANEKO, 1996b, p. 125). Modernizado: For dread **of discovering what** was done there. Tradução: Por medo **de descobrir o que** foi feito lá.

No exemplo 57 de Fanego: a forma infinitiva ‘*to discover*’ não podia ser regida pela preposição ‘*of*’, a qual frequentemente acompanhava o substantivo ‘*dread*’. Isto é, pela seleção do nome ‘*dread*’, o ‘*of*’ foi obrigatório ou estilisticamente preferido; a partir do ‘*of*’ o verbo ‘*discover*’ obrigatoriamente teria uma forma que pudesse ser regida pela preposição ‘*of*’, o que efetivamente exclui a forma infinitiva ‘*to discover*’. (Presume-se que um simples nome ‘*discovery*’ não era disponível a esse escritor naquela exata época, ou foi rejeitado por motivos estilísticos). Enfim, o uso do gerúndio foi escolhido nessa oração e em um número

¹⁶¹ Além dos exemplos de uso real do corpus diacrônico, David Lightfoot (1979) oferece por motivos de comparação frases simplificadas da invenção própria, que são citadas aqui da mesma forma.

¹⁶² “In other words, what I am suggesting is that the great expansion in the use of prepositions in the course of the Middle English period, as a consequence of the decay of the Old English inflectional system (cf. Mustanoja 1960:348ff), must have given rise to a situation in which a form of the verb capable of being used prepositionally was often called for; the gerund may have come to fill this gap.” (FANEKO, 1996b, p. 125).

crescente de construções semelhantes ao longo dos anos de 1100 a 1500. Entretanto, resta ainda um problema com o propósito de Fanego quanto a esse caso. Não procede a presunção que o notável crescimento das construções ‘preposição + gerúndio’ no Inglês Medieval afetou necessariamente o aumento do uso dos complementos com gerúndios e sem preposições. Portanto, a meu ver, seria imprudente aceitar a explicação de Fanego como um motivo para a principal mudança no presente estudo: o crescimento no uso do gerúndio como complemento.

Em um artigo publicado 11 anos depois do acima citado, Fanego repete a explicação de uso com preposição como fonte do uso sem preposições: “[...] o gerúndio verbal surgiu no Inglês Medieval provavelmente como resultado da pressão pelo sistema a evoluir um padrão de cláusula capaz de combinar com uma preposição introdutória, porque o infinitivo foi proibido naquela posição.”¹⁶³ (FANEKO, 2007, p. 219-220).

Esse argumento é imediatamente seguido por uma que a contradiz:

Desde que o gerúndio continuava a ser restrito a objetos das preposições, sua função permanecia diferente do que a do infinitivo, mas essa distribuição foi instável porque o gerúndio verbal, em si fortemente associado com preposições, também se encontrava em outras posições sintáticas.¹⁶⁴ (FANEKO, 2007, p. 220).

Percebe-se que a explicação está com um conflito interno: se o gerúndio já estava em uso em outras posições sintáticas, a fonte do seu ‘surgimento’ em concorrência com o infinitivo não necessariamente foi pelo seu uso como objeto de preposição. A explicação que proponho é que o uso do gerúndio sem a preposição é motivado pelas poucas construções em que ele já estava em uso como complemento de um verbo principal. Originalmente, conforme a discussão acima das obras bem influentes de John Wycliffe e outros religiosos, seu uso em inglês provavelmente deve ao uso como tradução do latim, uma que mantém a mesma forma morfológica do original. Do mesmo artigo de Fanego (2007) uma outra afirmação referente ao crescimento do gerúndio carece de provas históricas:

Desde o século XVI, o gerundivo gradativamente tomou o lugar do infinitivo em ambas posições de objeto e sujeito. Na posição de objeto gerúndios logo invadiram o domínio do infinitivo nos complementos [dos verbos] implicativos negativos (*I avoided meeting her*) e muitos verbos de aspecto, entre outras classes de verbos.¹⁶⁵ (FANEKO, 2007, p. 219).

¹⁶³ “[...]the verbal gerund arose in Middle English probably as a result of systemic pressure to develop a clausal pattern capable of following prepositions, as the infinitive was disallowed in that environment.” (FANEKO, 2007, p. 219-220).

¹⁶⁴ “As long as the gerundive continued to be restricted to prepositional contexts, it remained functionally different from the infinitive, but this distribution was unstable because the nominal gerund, though itself closely associated with prepositional use, could also occur in other clausal slots.” (FANEKO, 2007, p. 220).

¹⁶⁵ “From around the sixteenth century, therefore, the gerundive gradually gained ground at the expense of the infinitive in both object and subject position. In object position gerundives soon invaded the domain of the

Embora Fanego (2007, p. 219) afirma que o gerúndio ‘invadiu o domínio’ infinitivo gradualmente, uma explicação mais evidenciada pelos dados do presente estudo é que o próprio crescimento do infinitivo apoiou o do gerúndio. No caso próprio em que Fanego cita do verbo ‘*avoid*,’ os dados do bdHB indicam que ele foi usado apenas com objetos com a forma de sintagma nominal desde seu primeiro registro na língua inglesa (c. 1300) até 1599. Nos 37 usos da palavra na obra completa de Shakespeare, o verbo ‘*avoid*’ nunca foi usado com um complemento frasal, nem definido nem indefinido. O primeiro uso de ‘*avoid*’ com o gerúndio pelas fontes do bdHB foi em ano 1722. Além disso, a história da palavra ‘*avoid*’ é representativa de todos os 44 verbos estudados sendo suas datas relevantes na média comparadas com as dos outros verbos. A partir da minha sugestão que os dois tipos de complementos indefinidos estão em crescimento paralelo, vale perguntar o porquê. Suponho que o gerúndio não ‘tomou o lugar’ do infinitivo, como afirma Fanego (2007). Ao responder à pergunta, começo com uma caracterização dos dois tipos aparentemente concorrentes.

5.5 Caracterização dos dois complementos indefinidos

Os dois complementos são indefinidos por tempo, enquanto complementos subordinados começando com ‘*that*’ são definidos. A evidência de *pidgins* e crioulos, com sua alternância binária de complementos apoia a explicação de crescimento paralelo.

Crioulos geralmente indicam complementos não realizados usando uma partícula especial [palavra gramatical], enquanto complementos realizados, que descrevem ações realmente acontecidas, são indicados por ‘nada’ ou um complementizador distinto. Em Sranan (vide exemplo número 7 abaixo), complementos não realizados são introduzidos pela palavra ‘*foe*’ e os realizados, por ‘nada’; no Crioulo Mauriciano, complementos realizados contêm ‘*al*’ e os não realizados: ‘*pu al*’. Essa diferença se manifesta em poucas ou em nenhuma língua não-crioulo.

(7) Sranan (dados de Bickerton 1981:60)

a teki a nefi foe koti a brede, ma no koti en

‘he took a knife to cut the bread, but he didn’t cut it’

‘ele pegou uma faca *para* cortar o pão, mas não o cortou.’

***a teki a nefi koti a brede, ma no koti en*”¹⁶⁶ (McMAHON, 1994, p. 264).

infinitive in the complements of negative implicatives (“I avoided meeting her”) and of many aspectuals, among other verb classes.” (FANEKO, 2007, p. 219).

¹⁶⁶ “Creoles tend to mark unrealised complements using a particular particle, while realised complements, which describe an action which actually took place, are marked by zero or a different complementiser. In Sranan (see (7)), unrealised complements are introduced with *foe*, and realised ones with zero; in Mauritian Creole, realised complements have *al* and unrealised ones, *pu al*. This distinction is realised in few if any non-creole languages. (7) Sranan (Bickerton 1981:60)

No exemplo acima, a oração marcada por ‘***’ indica uma hipótese não realizada na língua crioulo de ‘Sranan’. Sendo a oração complementar ‘cortar o pão’ negada pela oração seguinte, ela conta como uma ação não realizada. Em Sranan, é necessário sinalizar essa falta de realização com uma partícula gramatical, no caso, *foe*, cujo ancestral da língua inglesa foi ‘*for*’ com o significado ‘com o propósito de’. Destaca-se que o complemento indefinido infinitivo ‘*to do*’ evoluiu da forma ‘*for to do*’ bem como o uso de ‘*foe*’ em Sranan.

Neste ponto, recomendo que o leitor confira o gráfico que ilustra o uso dos dois tipos dos complementos indefinidos ao longo da história desde Inglês Arcaico que encontra na página 114 dessa tese. Ambos os complementos indefinidos cresceram em uso nos séculos XVI a XXI, sendo que o crescimento do gerúndio foi mais recente e mais rápido do que o infinitivo. O gerúndio começou a expandir logaritmicamente a partir do século XIX e continua assim até hoje. Por outro lado, o uso dos complementos de oração subordinada (*that-clauses*) diminuiu recentemente. Meu proposto é que o uso de complementos indefinidos em ambas as formas de infinitivo e gerúndio continua crescendo, em número e tipo de construções. Essa mudança na língua é uma repetição do fenômeno que foi observado por Bettelou Los (1998) na transição do Inglês Arcaico para Inglês Medieval.

Nesse artigo, argumentei que o surgimento do *to-infinitive* como complemento verbal em inglês, aconteceu basicamente em função da substituição do complemento subordinado com ‘*that*’, ao invés da substituição do infinitivo nu [sem o ‘*to*’]: a suposição tradicional a respeito. No final do processo, o infinitivo nu também caiu em desuso total, porém a frequência do complemento definido [com ‘*that*’] caiu ainda mais rapidamente. Manabe (1989) também relata um aumento nos complementos infinitivos no Inglês Medieval, e uma redução nos complementos definidos, mas não distingui entre os infinitivos nus, e os com ‘*to*’. Fischer (1995) sugere que o infinitivo nu foi substituído no final das contas pela form *-ing* [complemento gerundivo].¹⁶⁷ (LOS, 1998, p. 28).

De acordo com as conclusões acima apresentadas por Los, sugiro que o sistema sintático inglês como um todo, ao aceitar gradativamente mais complementos não definidos (na forma do *to-infinitive*) abriu o caminho para mais complementos gerundivos, ao invés de

a teki a nefi foe koti a brede, ma no koti en
‘he took a knife to cut the bread, but he didn’t cut it’

***a teki a nefi koti a brede, ma no koti en” (McMAHON, 1994, p. 264).

¹⁶⁷ “In this paper I have argued that the rise of the *to*-infinitive as a verb complement in English occurred mostly at the expense of the *that*-clause, rather than wholly at the expense of the bare infinitive, which appears to be the traditional position. The bare infinitive was ultimately also ousted in the process, but the frequency of the finite complement clause fell even more sharply. Manabe (1989) also reports an increase in infinitival complements in ME, and a decrease in finite complements, but he does not distinguish between bare and *to*-infinitival complements. Fischer (1995) suggests that the bare infinitive was ultimately replaced by the *-ing* form.” (LOS, 1998, p. 28).

estabelecer uma concorrência direta com o infinitivo e o gerúndio, como Fanego alega. Além disso, especulo que a diferença **de sentido** eventualmente evoluída entre os dois tipos usados com o mesmo verbo (*remember, forget, etc.*) depende do crescimento e uso mais frequente dos dois tipos, tomando o lugar do complemento com *that*, porque a diferença semântica seria mais fácil de aprender a usar com menos ambiguidade, se a diferença sintática for mais óbvia: se foi entre um complemento não definido e um definido, bem como acontece com *pidgins* e crioulos. Portanto, imagino que o surgimento da **diferença semântica**, por ironia, depende crucialmente na falta de diferença em uma dada época. Segundo as evidências apresentadas na seção 5.6.4 abaixo referentes ao verbo *remember*, os dois complementos expressavam ambas as situações hoje diferenciadas: ações realizadas, ou não realizadas. Esta situação permanecia durante um período aproximadamente coincidente com o século XIX. Nesse período, o uso de ambos os tipos do complemento aumentou consideravelmente. No final do período, a diferença semântica convencionou-se. Um complemento que sinaliza uma ação realizada obrigatoriamente foi formado com o gerúndio, uma não realizada (ou então não lembrada) foi formado com o infinitivo, situação que persiste hoje a respeito dos verbos *remember, forget, e try*.

Lembre-se de que no período de Inglês Medieval o infinitivo representa 87% de todas as ocorrências de complementos indefinidos pelos dados. No período do *Early Modern English*, a proporção diminui para 82%, mas o número total de verbos usados com infinitivo continua crescendo (28 dos 40 estudados que foram em uso no século XVI). No Inglês Moderno, o infinitivo consta como apenas 54% de todos os complementos no bdHB, apesar do seu uso com cada vez mais verbos. Destaque-se que há muito mais verbos que podem ser complementados com o infinitivo do que com o gerúndio na língua inglesa atual. Não será possível estudar todos eles. Porém, sua frequência nos *corpora* da língua inglesa vem aumentando, bem como o gerúndio. Os dados indicam que o ciclo de realimentação dos passos ilustrados pela figura 10 acima foi iniciado no Inglês Arcaico para o complemento infinitivo e no século XIV para o gerúndio. Cerca de 1850 os dois tipos de complemento indefinido começaram a ser usados com significados diferentes, processo discutido na seção 5.6.2.

5.6 Complementos indefinidos na atualidade

The point of philosophy is to start with something so simple as not to seem worth stating, and to end with something so paradoxical that no one will believe it. (Bertrand Russell)

Ao contrário das seções anteriores, os objetivos para 5.6 não incluem convencer o leitor de que minha interpretação é uma verdadeira e adequada explicação dos resultados. Ao invés disso, bem como a citação acima de Bertrand Russell aponta, pretendo apenas levar o leitor ao entendimento de minhas especulações a respeito dos fenômenos descobertos e já descritos nos capítulos anteriores.

Classifiquei o uso dos 44 verbos usados com complementos indefinidos na atualidade em sete categorias explicadas a seguir. Ilustrado nas Figuras 11 e 12 abaixo, para o todo do século XX (dados contidos no bdHB), entre os 43 verbos estudados, apenas 6 são usados com ambos os tipos de complementos dentro de construções diferenciadas pelos significados. Em contraste, 17 verbos são usados em construções de sintaxe diferenciada entre os dois tipos de complemento. Será exposta na seção 5.6.3 o que quer dizer na Figura 12 abaixo o rótulo de ‘distribuições sintáticas distintas’. Restam 20 verbos usados com ambos os complementos, em estruturas sintáticas idênticas e com significados iguais: em proporções iguais (3); com preferência ao infinitivo (8); com preferência ao gerúndio (5); ou então com tendência ao infinitivo (3); ou com tendência ao gerúndio (1). Entre os verbos usados apenas com o gerúndio, quatro dos cinco também pertencem à classe dos verbos de entrada tardia no inglês. Por fim, restam oito verbos com preferência na atualidade ao infinitivo, que contrastam com os vinte e um usados assim no século XVI, dado que aponta para diminuição do infinitivo como complemento exclusivo que, portanto, apóia a hipótese geral dessa tese de crescimento do gerúndio.

Figura 11: Diagrama ilustrativo do universo amostral avaliado neste trabalho. Em destaque, no círculo cinza estão representados os verbos que apresentam diferenciação semântica quando complementados por gerúndio e infinitivo

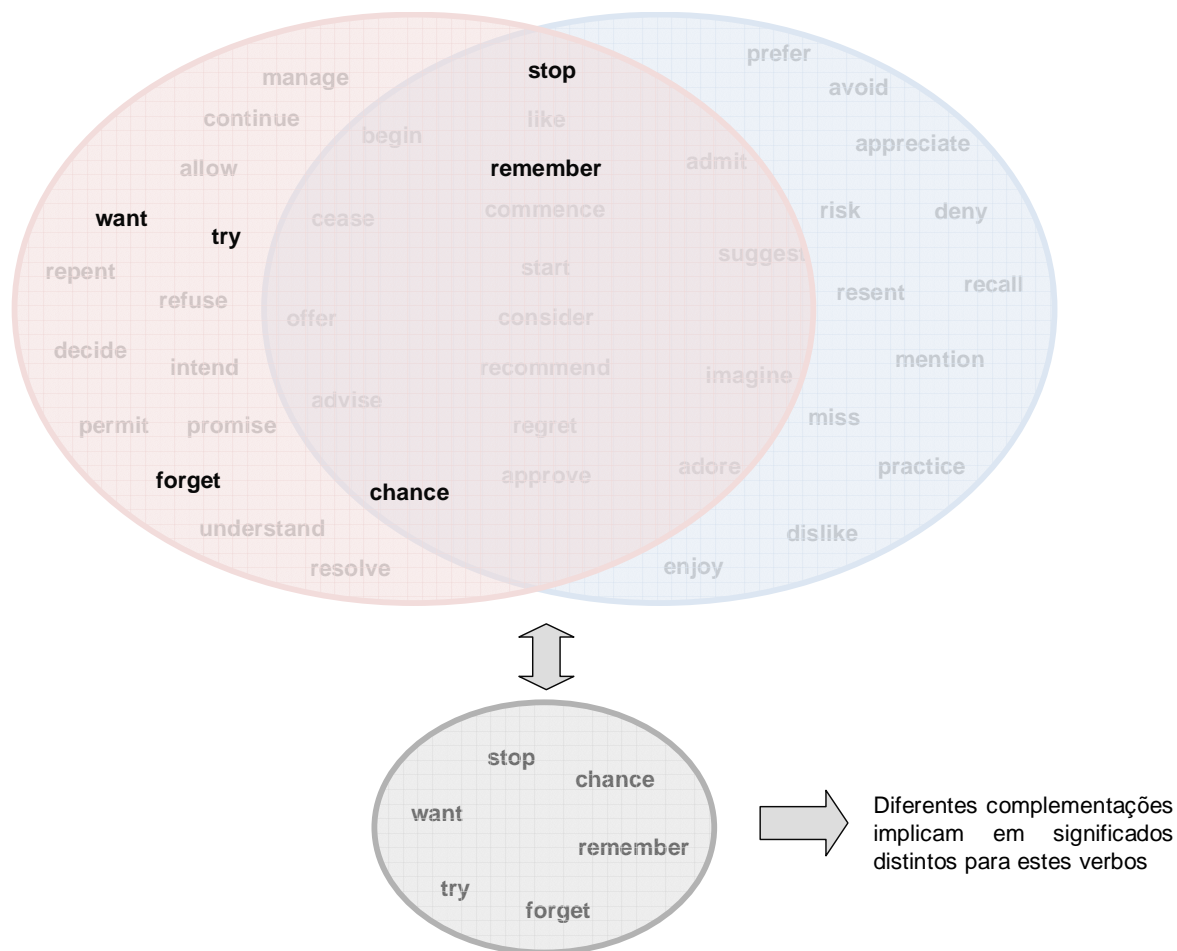
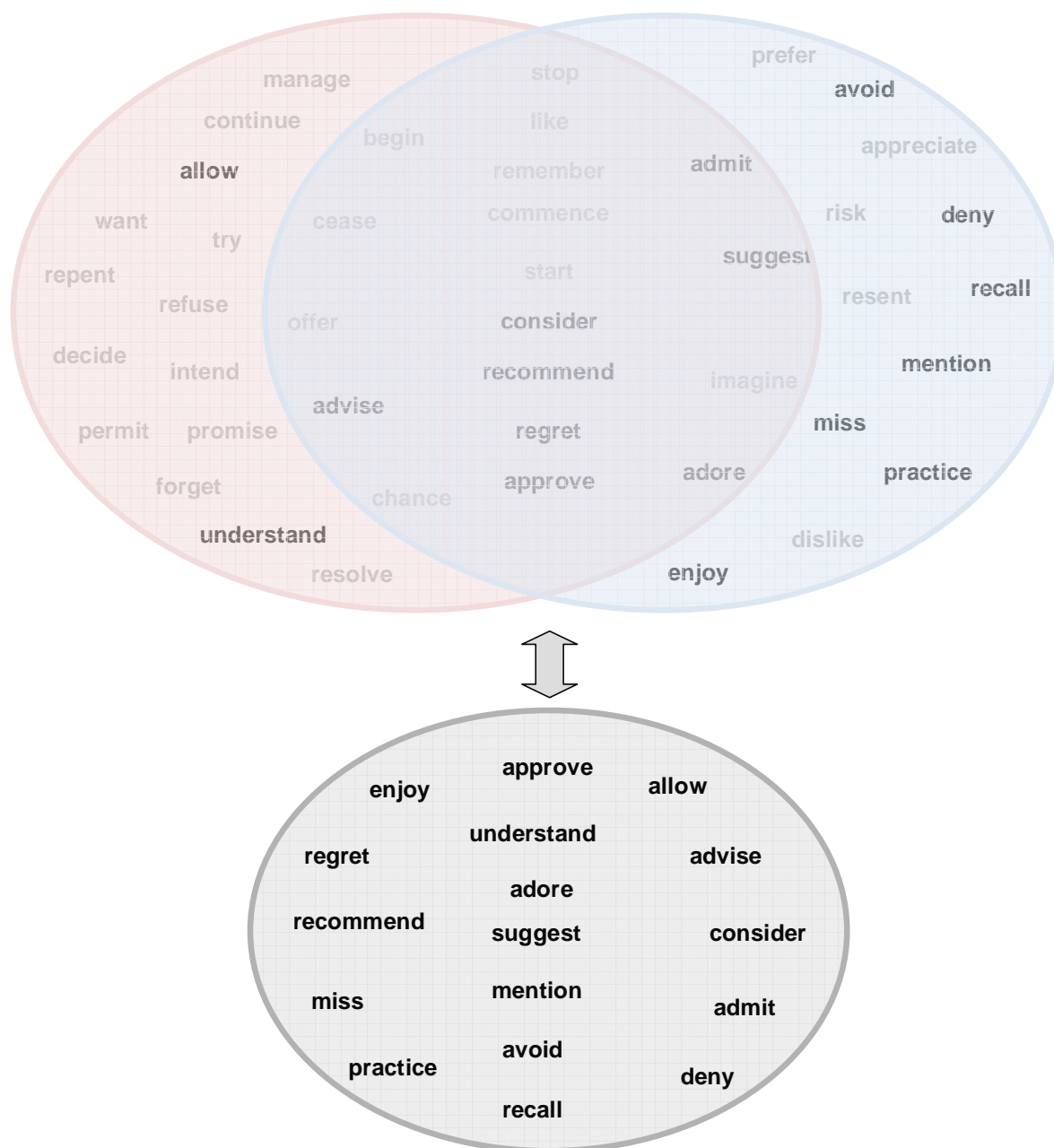


Figura 12: Diagrama ilustrativo do universo amostral avaliado neste trabalho. Em destaque, no círculo cinza estão representados os verbos que apresentam distribuição sintática distinta com complementos indefinidos.



5.6.1 Verbos com poucos complementos gerundivos

Os seguintes 5 verbos são usados menos que 10 vezes com o gerúndio pelos dados do BNC: ‘*decide*’ (RV 1145,50) ‘*refuse*’ (RV 578,56) ‘*promise*’ (RV 336,60), ‘*resolve*’ (RV 114,67), ‘*chance*’ (RV 6,67). Com exceção do verbo ‘*refuse*’¹⁶⁸ os mesmos são membros da classe de 23 verbos usados com o gerúndio apenas a partir do século XX. Os exemplos não mostram nenhuma diferença de significado entre as construções com o infinitivo e com o gerúndio, como foi discutido no capítulo de resultados a respeito do verbo ‘*intend*’. A classe formada por estes verbos é a que mais demonstra a tendência crescente de uso da construção com o gerúndio, e que a tendência de se utilizar esta construção é atual, pelo menos no que consta até 1994 (última data de exemplos do presente trabalho).

5.6.2 A hipótese de diferenciação como resultado de uso igual

No século XIX, algo espantoso ocorreu no uso das construções paralelas de infinitivo e de gerúndio como complemento de verbos: as construções começaram a divergir nos seus respectivos significados. Os dados usados pela presente pesquisa indicam que essa **reanálise**,¹⁶⁹ ou novo significado dado a um membro do par das construções, representa uma mudança ainda em curso. Enquanto hoje, apenas os seis verbos (*chance, forget, remember, stop, try, want*) são automaticamente interpretados com significado distinto nas suas respectivas construções com complemento verbal indefinido, outros 18¹⁷⁰ que se encontram em estruturas sintáticas idênticas ainda são interpretados com significados iguais. Ainda para 17 dos verbos que podem ser usados com ambos os tipos de complemento verbal, suas respectivas construções não poderiam ser comparadas com objetivos de determinar significados iguais, já que os detalhes da sua distribuição sintática não coincidem (em geral).

¹⁶⁸ ‘*refuse*’ consta no bdHB com usos gerundivos nos anos 1753 e 1766 com o mesmo sentido dos usos com complementos infinitivos.

¹⁶⁹ Consulte uma explicação lúcida e bem exemplificada do conceito de reanálise na língua portuguesa por Maria Antonieta Amarante Cohen (1988) particularmente páginas 88 a 91.

¹⁷⁰ Especificamente estes 18: *manage, continue, refuse, decide, intend, permit, promise, resolve, begin, cease, offer, like, commence, start, prefer, appreciate, risk, imagine*; excluindo *repent, resent* e *dislike* porque eles não constam com complementos infinitivos no BNC.

Este último grupo consiste nos 17 verbos destacados da Figura 12 acima que serão interpretados em seguida.¹⁷¹

5.6.3 Sobre distribuição distinta

O verbo ‘*consider*’ entrou na língua inglesa (empréstimo francês) no século XIV, constando seu primeiro registro no ano 1340. A partir da época do *Early Modern English*, ele é usado com o complemento infinitivo, porém com a distribuição mais comum, com o verbo indicativo, e nunca na voz passiva, conforme os exemplos 25 e 26 abaixo. Somente a partir do século XVII, o verbo começa a ser usado apenas com a voz passiva, seguido pelo complemento infinitivo, conforme exemplos 27 e 28 abaixo. A partir do Inglês Moderno (século XVII), o verbo ‘*consider*’, quando seguido pelo complemento verbal infinitivo, está sempre na voz passiva, sendo o SN anterior ao verbo sempre interpretável como paciente da ação. Persiste no inglês atual esta restrição do uso do verbo ‘*consider*’ **exclusivamente com o complemento infinitivo**. Entre seus 1.604 exemplos de orações no BNC, a grande maioria (1.082) contém a construção exata de ‘*considered to be*’. A história do seu uso com o gerúndio é exemplificada abaixo.

EXEMPLO 25: do verbo ‘*consider*’ em voz ativa.

ano 1646: Let them **consider to get** loose; or they will find a worse state behinde. *OED: 1646 H. Lawrence Comm. Angells 60* (bdHB 624).

EXEMPLO 26: do verbo ‘*consider*’ em voz ativa.

ano 1678: The said Committee do **consider to make** a distinction of Popish Recusants from other Dissenters from the Church of England. *OED: 16778 Marvell Corr. Wks. 18725 II. 598* (bdHB 625).

EXEMPLO 27: do verbo ‘*consider*’ em voz passiva.

ano 1781: A pamphlet..which **was..enough considered to be** both seriously and ludicrously answered *OED: 177981 Johnson L.P., Milton Wks. II. 118* (bdHB 626).

¹⁷¹ Especificamente estes 17: *admit, adore, advise, allow, approve, avoid, consider, deny, enjoy, mention, miss, practice/practise, recall, recommend, regret, suggest, understand*.

EXEMPLO 28: do verbo ‘*consider*’ em voz passiva.

ano 1830: He **was** often **considered to speak** in anger, when nothing was so intended. *OED*: 1830 *D’Israeli Chas. I, iii. v. 73* (bdHB 627)

O verbo ‘*consider*’ começou a ser usado com o complemento verbal gerúndio apenas a partir do século XIX, cerca de 100 anos após sua restrição de uso com a voz passiva como descrito acima, sendo que o gerúndio é usado hoje exclusivamente com o verbo na voz ativa, e nunca na passiva, conforme os exemplos 29 e 30 abaixo. Existe, portanto, uma exclusividade na distribuição sintática deste verbo com complementos: sendo suas respectivas construções restritas a uma forma sintática, no que refere à voz.

EXEMPLO 29: do verbo ‘*consider*’ em voz ativa.

ano 1867: Twain: His special preface explains that he **had considered revising** the book before putting it on exhibition (bdHB 265).

EXEMPLO 30: do verbo ‘*consider*’ em voz ativa.

ano 1987: if recruitment involves relocation on the part of the employee, the company **considers extending** its relocation package for existing staff to new recruits. (bdHB 550).

Deve-se comparar o comportamento sintático do grupo que contém ‘**consider**’ com o outro grupo dos 13 verbos que são usados em construções com exatamente a mesma forma, apenas trocando o tipo de complemento, como, por exemplo, as construções paralelas do verbo ‘*start*’:

EXEMPLO 31: do ‘*start*’ em voz ativa, com o auxiliary ‘*has*’ e complemento gerúndio.

BNC: Illinois-based Open Business Systems Inc **has started selling** the Tsunami-based SparcClassics over the Internet to the home market. (bdHB 1043).

EXEMPLO 32: do ‘*start*’ em voz ativa, com complemento infinitivo.

BNC: He glanced at me, saw the discomfort in my expression and **started to laugh**. (bdHB 1050)

No passado, os 17 verbos do grupo destacado na Figura 12 acima também foram usados em construções exatamente iguais, apenas trocando o tipo do complemento, como

demonstram os exemplos 25 a 30 acima para o verbo ‘*consider*’. Em contraste, na atualidade, os 17 verbos do grupo que contém ‘*consider*’ são usados com distribuição sintática exclusiva, mas não se pode dizer que as duas construções reflitam **significados distintos**. Sugiro o contrário: embora a voz difira, sendo o sujeito gramatical um paciente ou agente da ação do verbo, não há uma justificativa por presumir significados distintos do verbo ‘*consider*’.

Na minha perspectiva, não há nenhuma diferença no sentido do verbo ‘*consider*’ nas duas construções abaixo exemplificadas (33 e 34) que eu traduziria como ‘refletir sobre/julgar as qualidades do (objeto)’.

EXEMPLO 33: do ‘*consider*’ em voz **passiva** com complemento **infinitivo**

ano 1991: BNC: The half-point is awarded for techniques which are **considered to meet** 90% of the requirements for a full point score...(bdHB 554).

EXEMPLO 34: do ‘*consider*’ em voz **ativa** com complemento **gerúndio**

ano 1992: BNC: The final push --; intended to win over waverers, particularly those **considering voting** Liberal Democrat --; was given added impetus with the Tories' final election...(bdHB 547).

Explicações sincrônicas na literatura¹⁷² do uso do grupo que eu denominei ‘com distribuição distinta’ (de 17 verbos destacados na Figura 12 acima) propõem uma diferença no sentido do verbo ou do complemento para poder explicar seu uso distinto. No entanto, defendo que há uma história de distinção na **distribuição sintática** dos verbos, e que seu uso distinto pode ser definido apenas considerando a construção como um todo do verbo e seu tipo de complemento. Duas interpretações são decorrentes da minha categorização desse grupo específico. Em primeiro lugar, sugiro que é necessário, ao comparar duas construções com uso paralelo, considerar cada construção como uma entidade de uso, e não somente usos distintos do mesmo constituinte, por exemplo. Em segundo lugar, afirmo, pelas conclusões formuladas no presente trabalho, que um estudo apurado da história de uma construção certamente leva até uma maior compreensão de tal construção na atualidade. Em outras palavras, o ‘ciclo de realimentação’ proposto originalmente por Kemmer¹⁷³ (2005) e demonstrado em ação nas construções contempladas nessa tese, indica que a evolução de uma

¹⁷² Vide referências de sintaxe sincrônica analisadas na seção 2.3, páginas 43 a 53.

¹⁷³ O *feedback loop* de Kemmer é distinto de minha, mas representa o mesmo mecanismo para mudança sintática.

construção informa a interpretação das suas manifestações em uso na língua contemporânea estudada.

5.6.4 Sobre os dois tipos de complementos na distribuição idêntica e com significados distintos

Começo essa seção com um devido *caveat*: a hipótese é de invenção própria, não mencionada por nenhum autor prévio na literatura especializada. Além disso, trata de uma contradição ou ironia. Havia dito isso, pretendo apenas apresentar para a consideração do leitor uma explicação possível que me parece razoável ao analisar os dados diacrônicos do presente trabalho.

O ponto de partida dessa tese foi o sistema aparentemente caótico apresentado ao aluno de inglês como língua estrangeira em explicação de como usar certos verbos com complementos verbais na forma infinitiva ou gerundiva. A alternância entre os dois tipos de complementos, ao contrário do uso mais tranquilo do complemento definido é o que mais confunde aprendizes de inglês contemporâneo. Portanto, qualquer linguista interessado na questão deve explicar o uso dos dois tipos de complemento, principalmente quando se trata de usos **com significado distinto**. Os seis verbos que regem complementos resultando em construções com significados distintos são indicados pelo destaque na Figura 11 da página 143: *chance, forget, remember, stop, try* e *want*.

Os seguintes exemplos são dados do período (basicamente coincidente com século XIX) quando os verbos começaram a diferenciar em sentido entre os dois complementos indefinidos. Enfatize-se que anteriormente a este século, todos os verbos do presente estudo foram usados com significados idênticos.

EXEMPLO 35: ‘*stop*’+ infinitive.

ano 1867: Twain: At two o'clock we **stopped to lunch** and rest at ancient Shechem, (bdHB 304).

EXEMPLO 36: ‘*stop*’ + gerúndio.

ano 1867: Twain: the water was so fearfully cold that they were obliged **to stop singing** and scamper out again. (bdHB 301).

Pelos exemplos com o verb o ‘*stop*’ percebe-se que Mark Twain escolheu o complemento indefinido baseado nos seus **significados distintos**: ‘*stop*’ + infinitivo’ significava ‘parar (uma atividade não mencionada) com o objetivo de fazer uma outra’. Por outro lado, ‘*stop*’ + gerúndio’ significava ‘parar uma mencionada atividade’. Minhas definições coincidem com as do uso atual de ‘*stop*’ de Duffley (2003, 2006) para razões diferentes: não propõe que o complemento infinitivo contém em si uma noção de propósito, oriundo da sua origem na preposição ‘*to*’ significando ‘em direção de’. Porém reconheço que a estrutura mais elaborada ‘*in order to lunch*’ substitui perfeitamente bem o ‘*to lunch*’ da citação acima.

The Longman Grammar of Spoken and Written English (BIBER et al. 2002, p. 198-199) aponta para oito ‘papéis sintáticos’ exercidos pela forma ‘*infinitivo*’ em inglês:

1. Subject
2. Extraposed Subject
3. Subject Predicate
4. Direct Object
5. Object Predicative
6. Adverbial
7. Part of Noun Phrase
8. Part of Adjective Phrase

Recomendo que o leitor recorra à obra original para conferir as diferenças sutis dos exemplos de *corpus* usados para exemplificar cada ‘papel sintático’. Ambas as estruturas expressando uma meta ‘*in order to lunch*’ e o resumido em ‘*to lunch*’ correspondem à função de adverbial (6) identificada acima por Biber et al. Por outro lado, o gerúndio corresponde à função de ‘objeto direto’ (4) identificada na seguinte lista dos nove ‘papéis sintáticos’ exercidas pela forma *VERB-ing*, segundo Biber, et al. (2002, p. 199-200):

1. Subject
2. Extraposed Subject
3. Subject Predicative
4. Direct Object
5. Prepositional Object
6. Adverbial
7. Part of Noun Phrase
8. Part of Adjective Phrase
9. Complement of Preposition

É uma curiosidade que entre as funções acima identificadas, os dados do bdHB representam três funções para o infinitivo (3,4,5) mas apenas uma (4) para o gerúndio. Este fato pode explicar porque existe um número muito elevado de possíveis construções com o infinito em posições diversas, enquanto há menos usos de gerúndio em inglês como um todo.

Da mesma forma de ‘*stop*’ Mark Twain usa o ‘*remember*’ com significados distintos.

EXEMPLO 37: ‘*remember*’+ infinitive.

ano 1867: Twain: [the location] is exceedingly festive and picturesque, especially if one is careful **to remember to stick in** a cat wherever, about the premises (bdHB 295).

EXEMPLO 38: ‘*remember*’+ gerúndio.

ano 1867: Twain: this must be so, for I see plenty of blind people every day, and I do not **remember seeing** any children that hadn't sore eyes. (bdHB 294).

Todos os exemplos de 35 a 38 foram retirados da mesma obra de Mark Twain, publicado em ano 1867, isto é na segunda metade de século XIX. Porém, proponho que não seja a data quando foram escritos que determine seu uso com significados distintos. Vale comparar o uso de Mark Twain com o de Robert Louis Stevenson em ano 1895.

EXEMPLO 39: ‘*remember*’+ gerúndio

ano 1895: Stevenson (NAN): I **remember wondering** how long the tragedy had taken, (bdHB 247)

EXEMPLO 40: ‘*remember*’+ infinitive

ano 1895: Stevenson (NAN) I do not **remember even to have seen** an assailant; and I believe we deserted . . .(bdHB 246)

Embora a comparação não possa ser direta, pois o último contém o material interposto adverbial ‘*even*’ mais a forma do infinitivo conjugado, uma coisa é certa. Ao invés do que Stevenson escreveu hoje certamente qualquer escritor colocaria: ‘*I do not remember even having seen an assailant*’. O motivo é que o uso do gerúndio hoje sinaliza um ato **já realizado no passado**, que está sendo lembrado (ou não) no tempo do verbo matricial ‘*remember*’. Bem como *pidgins* e línguas crioulos, a diferença se situa entre realização e não realização. Para ‘*remember*’ esta diferença está marcada hoje pela escolha entre os dois tipos de complemento indefinido. Porém isto é estado recente na língua inglesa. Não foi assim no passado, comprovado pelo uso paralelo dos verbos que hoje se diferenciam. Até a data da publicação do Stevenson acima citada, no final do século XIX, houve uso dos dois para dizer a mesma coisa.

A **reanálise** da construção ‘*remember* + infinitivo’ foi estudado por Fanego (2007) e Mair (2006). Mair demonstra que a construção em questão não pode mais expressar atos prévios do ato do verbo matricial (de lembrar-se), função que ele define como ‘infinitivo retrospectivo’. Conforme a citação a seguir, a mudança se completou no final do século XIX:

Todas as instâncias foram classificadas como ‘*to infinitive* prospectivo’ e ‘*-ing* retrospectivo’, os dois tipos atuais, e ‘*to infinitive* retrospectivo’ o tipo usado no passado e hoje obsoleto.[...] a quantidade de textos disponíveis para cada quarto de século varia dramaticamente. No entanto, a tabela mostra claramente que o período crítico de transição foram os anos entre 1775 e 1875. Antes de 1775, o ‘*-ing* retrospectivo’ não foi observado, e, depois do ano 1875, o ‘*to + infinitive*’ retrospectivo é raro. [...] Além das esperadas variações de preferências estatísticas, houve uma mudança de categoria: a eliminação do infinitivo retrospectivo. Estudos de casos similares podem mostrar que não somente esse verbo, mas o inteiro sistema de complementação por orações não finitas merece um maior estudo – sendo uma das áreas que sofreu muita mudança, até então despercebida, na história recente do inglês.¹⁷⁴ (MAIR, 2006, p. 226).

Os dados do presente trabalho confirmam os do Mair (2006), utilizando *corpora* diferentes. Trata-se de uma mudança abrangente complexa, com partes de sub-mudanças interagindo entre si. Interessantemente, a mudança não se encontra em andamento, mas sim, terminada para o verbo ‘*remember*’. Além de confirmar o fato exposto por Mair, sugeri um mecanismo para essa mudança global e uma explicação do processo pelo que ela ocorreu, detalhando as pequenas mudanças que a compõem.

Por outros verbos (a maioria deste estudo, sendo 38) não há diferenciação de sentido perceptível entre as duas formas. Também para maioria dos verbos, não se pode dizer que, baseado na alternância evoluído entre de *pidgins* e línguas crioulos, houve diferenciação porque o complemento definido não foi disponível. Compare a seguir três formas de complementos do verbo ‘*recommend*’ na atualidade:

¹⁷⁴ “All instances thus collected were classified as ‘prospective to’ and ‘retrospective –ing’, the two extant types, and as ‘retrospective to’, the formerly attested but now obsolete type. [...] the amount of quotation text available for each quarter century varies drastically. Nevertheless, it is clear from the table that the critical period of the transition was the years between 1775 and 1875. Before 1775, retrospective *-ing* are not attested, and after 1875 retrospective *to* is rare. (MAIR, 2006, p. 219).[...] In addition to the expected shifts in statistical preferences there has been one categorical change, namely the elimination of the retrospective infinitive. Similar case studies may show that not just this verb, but the entire system of non-finite clausal complementation deserves more scholarly attention – as one of those areas in which there has been much previously unnoticed grammatical change in the recent history of English.” (MAIR, 2006, p. 226).

EXEMPLO 41:

c. 1990: BNC SPOKEN: Earlier this evening at the Tory twins were **recommending to read** the city council funding handbook, I would also like **to recommend that they** also learn something about Tory housing policy. (bdHB 956)

EXEMPLO 42:

ano 1989: BNC: He **recommends shampooing** hair at least twice a week, more often if it looks as if it needs it or you live in a city. (bdHB 963)

Não houve diferenciação no sentido dos três usos exemplificados do ‘*recommend*’. Além disso, percebe-se que não há uma diferenciação de distribuição sintática, sendo todos os exemplos de voz ativa. O sujeito gramatical bem como o agente da ação do verbo ‘*recommend*’ é sempre diferente do sujeito (e agente) da ação do complemento: respectivamente ‘*to read*’ ‘*learn*’ e ‘*shampooing*’.

Gostaria que o leitor considerasse uma pergunta: Por que houve divergência entre os significados das duas formas de complemento indefinido nos casos descritos acima? ¹⁷⁵ Um motivo se encontra no Princípio do Bloqueio do Kiparsky (1997): “Duas formas servindo como o signo para o mesmo significado não serão estáveis. Precisam-se diferenciar ou então uma desaparecerá.” ¹⁷⁶ Presumido esse princípio, como explicar a permanência das formas existentes em inglês desde Inglês Medieval exemplificadas a seguir:

EXEMPLO 43: ‘*continue*’ + gerúndio.

ano 1382: And thei **contynueden axinge** with greete voices, that he schulde be crucified. *OED: Wyclif Luke xxiii. 23* (dbHB630).

Modernizado: And they **continued asking** with great voices, that he should be crucified.

Tradução: E eles **continuavam a pedir** em voz alta que ele seja crucificado.

EXEMPLO 44: ‘*continue*’ + infinitive.

ano 1651: By whose authority they now **continue to be** Lawes. *OED: 1651 Hobbes Leviath. ii. xxvi. 139* (bdHB 633)

Tradução: Pela sua autoridade que hoje **permanecem a ser** leis.

¹⁷⁵ Dos verbos ‘*remember, forget, try, stop, chance e want*’.

¹⁷⁶ Kiparsky (1997) Blocking Principle: Two forms serving as the sign for the same meaning will not be stable. They must differentiate, or one must disappear.

Uma sugestão muito recente que parece uma boa resolução ao dilema é que alguns verbos diferenciaram por sua natureza referente à importância do estado realizado ou não dos atos expressos por seus complementos (EGAN, 2008). No caso, *'remember'*, *'forget'*, *'try'* e *'stop'* pertencem à categoria proposta.¹⁷⁷ Quando alguém *'lembra-se'* de um ato, ele necessariamente aconteceu. Por outro lado, *'intend'* trata de atos ainda para realizar, da mesma forma que *'start'* e *'begin'* refere ao início de uma atividade e não o fim, como o *'stop'*. Em um momento posterior a diferenciação do *'remember'* o verbo *'forget'* começou a ter significados distintos com analogia ao seu antônimo *'remember'*. No entanto, sinônimos de *'remember'*: *'recall'* e *'recollect'* são usados atualmente apenas com o gerúndio, e não demonstra a diferenciação baseado em realização do ato expressado. Este fato remete a afirmação que sinônimos não demonstram comportamento sintático igual (ou ainda similar), mas que comportamento será mais preditivo baseado em frequência, assunto retomado na próxima seção sobre o tópico no ensino da língua inglesa.

Nos casos de construções distintas com *'try'* há polissemia, sendo uma diferença no sentido do verbo matrix, fora e aparte do sentido da construção como um conjunto, assunto discutido no capítulo 2. Os verbos *'chance'* e *'want'* também são usados com significados distintos devido a sua polissemia, sendo assim, não relacionados aos casos de significado único acima discutidos dos verbos *'remember, forget, stop'*.

5.7 Sugestões pedagógicas referentes aos complementos indefinidos

O capítulo 2 contém uma série de citações de Bourke (2007), com o intuito de resumir suas avaliações de várias abordagens pedagógicas à questão central dessa tese: a alternância entre complementos verbais indefinidos. A conclusão do Bourke (2007) é pessimista:

Parece, portanto, que a 'nova' gramática descritiva não diz nada de diferente da 'velha' gramática descritiva, exceto que ela é mais cheia, rica e com exemplos abundantes do 'inglês real'¹⁷⁸ (BOURKE, 2007, p. 47).

¹⁷⁷ Vide a discussão no capítulo 2, páginas 51 a 53 referentes ao verbo *'try'* com os dois complementos.

¹⁷⁸ "It seems, therefore, that the 'new' descriptive grammar is not saying anything different from the 'old' descriptive grammar, except that it is fuller, richer, and attested to by copious examples of 'real English'." (BOURKE, 2007, p. 47).

Discordo da avaliação de Bourke, principalmente ao que se refere a gramáticas baseadas em estudos de *corpus*. Justifico minha opinião contrária com base nos tratamentos da alternância que serão apresentados a seguir, além das interpretações dos próprios dados do presente trabalho.

Publicou-se em 2007 um artigo citado abaixo e intitulado, “*The role of frequency in SLA: an analysis of gerunds and infinitives in ESL written discourse.*” A análise da alternância à luz dos dados diacrônicos no presente trabalho aponta para entrincheiramento, evidenciado pela **frequência** de uso como um dos fatores determinantes do uso atual de complementos indefinidos. Portanto, imagino que o papel de frequência no processo de aprendizagem da alternância seria também uma grande influência, o que de fato é argumentado por Schwartz e Causarano a seguir:

[...] infinitivos e gerúndios frequentemente encontram-se contrastados na mesma unidade de ensino nos livros didáticos de ensino de ESL [inglês como língua secundária], como por exemplo *Understanding and Using English Grammar* (Azar, 2000) and *Focus on Grammar: High Intermediate* (Fuchs and Bonner, 1995). Juntar essas estruturas pode causar uma grande confusão para alunos, que resultará em erros de produção. Além disso, a exigência cognitiva de lembrar-se de qual verbo pede qual construção pode simplesmente sobrecarregar os alunos. Uma alternativa, sugerida por Petrovitz (2001) seria a reorganizar instrução de ESL para que construções infinitivas, devido a sua alta frequência serão apresentadas mais cedo. Assim os alunos serão permitidos a começar formulando generalizações sobre a estrutura ‘infinitivo + complemento’ e começar a internalizar os verbos que pedem a construção infinitiva. Uma vez a fórmula infinitiva se torne relativamente saliente para o aprendiz, construções gerundivas, com quais verbos, e em quais contextos são de uso provável podem ser introduzidas. Isto pode levar até menos ambiguidade, um conjunto mais manipulável de itens para aprender; portanto aumentando a possibilidade que ELLS [aprendizes] internalizarão a construção gerundiva de inglês. ¹⁷⁹ (SCHWARTZ e CAUSARANO, 2007, p. 53)

¹⁷⁹ “[...] infinitives and gerunds are frequently contrasted within the same unit in ESL grammar texts, such as *Understanding and Using English Grammar* (Azar, 2000) and *Focus on Grammar: High Intermediate* (Fuchs and Bonner, 1995). Lumping these structures together may cause students a great deal of confusion, resulting in production errors. Furthermore, the cognitive demands of remembering which verb triggers which construction may simply be overwhelming for students. An alternative, suggested by Petrovitz (2001) may be to reorganize ESL instruction where infinitive constructions, because of their high frequency, are presented earlier. This would allow students to begin to formulate generalizations about the infinitive + complement structure and to begin to internalize the verbs that trigger the infinitive construction. Once the infinitive formula becomes relatively salient for the learner, gerund constructions, the verb triggers and the contexts in which gerunds are likely to be used could be introduced. This may lead to less ambiguity, a more manageable set of items to learn; thus, enhancing the possibility that ELLS will internalize the gerund construction of English.” (SCHWARTZ e CAUSARANO, 2007, p. 53).

5.7.1 *Ranking* das construções em termos de frequência absoluta (BNC)

Ofereço uma ilustração da sugestão acima com dados do presente trabalho. Descobri muitas construções ao longo do presente estudo. A lista abaixo de 24 construções em uso atualmente está em ordem de frequência absoluta que constam no *British National Corpus*. Os verbos incluídos são de alta e média frequência:

- 34.548 ‘want/wants/wanted/wanting + to-infinitive’
- 21.121 ‘try/tries/tried/trying + to-infinitive’ (‘trying’ 2 vezes mais comum que as outras formas)
- 11.293 ‘like/likes/liked + to-infinitive’ (a maioria sendo: um modal + ‘like’)
- 11.159 ‘begin/begins/began/begun/beginning + to-infinitive’
- 6.031 ‘continue/continues/continued/continuing + to-infinitive’
- 5.207 ‘refuse/refuses/refused/refusing + to-infinitive’ (a maioria com 1ª pessoa)
- 4.639 ‘intend/intends/intended/intending + to-infinitive’ (few ‘intends’)
- 4.582 ‘decide/decides/decided/deciding + to-infinitive’
- 4.017 ‘manage/manages/managed/managing + to-infinitive’ (22% ‘managed to get’)
- 3.747 ‘start/starts/started/starting + gerund’
- 3.693 ‘like/likes/liked + gerund’
- 3.410 ‘allow + to infinitive’ (apenas em imperative: não inclui ‘allows, allowed, allowing’, sendo a grande maioria de receitas)
- 2.955 ‘stop/stops/stopped/stopping + gerund’
- 2.529 ‘start/starts/started/starting + infinitive’
- 1.903 ‘prefer/prefers/preferred/preferring + to infinitive’
- 1.683 ‘promise/promises/promised/promising + to-infinitive’
- 1.615 ‘begin/begins/began/begun/beginning + gerund’ (a pequena minoria com have/had begun)
- 1.604 ‘consider/considered/considers/considering + to-infinitive’ (sendo 1082 ‘considered to be’)
- 1.540 ‘avoid/avoids/avoided/avoiding + gerund’
- 1.486 ‘cease/ceases/ceased/ceasing + to-infinitive’ (60% de todos usos deste verbo são com um complemento indefinido)
- 1.454 ‘offer/offers/offered/offering + to-infinitive’ (sendo 87 ‘offer to buy’)
- 1.298 ‘consider/considers/considered/considering + gerund’

1.283 'enjoy/enjoys/enjoyed/enjoying + gerund'

1.264 'remember/remembers/remembered/remembering + gerund'

Eu gostaria de chamar atenção pelo fato, de ter várias vezes manifestado na lista, que uma construção exata e invariável (vide 'considered to be') consta como a maioria esmagadora das construções com tal verbo. Outras variações morfológicas são mais raras. Isto quer dizer que as palavras exatas que compõe 'considered to be'¹⁸⁰ serão mais entrincheiradas pelos falantes de inglês, nos termos da teoria de Gramática Cognitiva. Penso que o aluno deve ser exposto a esta frase como prioridade, pois ela consta com muita alta frequência na língua. A existência de variações, como por exemplo 'considering going', poderia ser apontada em um segundo momento.

Com o propósito de refletir sobre práticas pedagógicas no ensino da língua inglesa, apresento a seguir uma lista diferente: as onze construções mais frequentes com um tipo de complemento, comparado com a construção do mesmo verbo com o outro tipo, novamente em números absolutos de exemplos no BNC.

- | | |
|--------------|---|
| I. want | A. 34.548 'want/wants/wanted/wanting + to-infinitive' |
| | B. 221 'want/wants/wanted/wanting + gerund' (69 de 'wants') |
| II. try | A. 21.121 'try/tries/tried/trying + to-infinitive' |
| | B. 851 'try/tries/tried/trying + gerund' (a maioria no imperativo: 'try') |
| III. like | A. 11.293 'like/likes/liked + to-infinitive' |
| | B. 3.693 'like/likes/liked + gerund' |
| IV. begin | A. 11.159 'begin/begins/began/begun/beginning + to-infinitive' |
| | B. 1.615 'begin/begins/began/begun/beginning + gerund' |
| V. continue | A. 6.031 'continue/continues/continued/continuing + to-infinitive' |
| | B. 624 'continue/continues/continued/continuing + gerund' |
| VI. refuse | A. 5.207 'refuse/refuses/refused/refusing + to-infinitive' |
| | B. 9 'refuse/refuses/refused/refusing + gerund' |
| VII. decide | A. 4.582 'decide/decides/decided/deciding + to-infinitive' |
| | B. 4 'decide/decides/decided/deciding + gerund' |
| VIII. intend | A. 4.639 'intend/intends/intended/intending + to-infinitive' |
| | B. 338 'intend/intends/intended/intending + gerund' |
| IX. start | A. 3.747 'start/starts/started/starting + gerund' |

¹⁸⁰ Podem ser consideradas as partes compositores de um 'chunk' por linguística aplicada ao ELE.

- B. 2.529 ‘start/starts/started/starting +to-infinitive’
- X. allow A. 3.410 ‘allow + to infinitive’ (não inclui ‘allows, allowed, allowing’)
- B. 89 ‘allow/allows/allowed/allowing + gerund’
- XI. avoid A. 1.540 ‘avoid/avoids/avoided/avoiding + gerund’
- B. 2 ‘avoid/avoiding + to-infinitive’

Pela organização da lista acima, percebe-se que infinitivos como complementos são muito mais comuns em termos de frequência absoluta na língua. Os resultados apresentados no capítulo 4 comprovam que o uso do gerúndio está crescente em números de exemplos, e também em números de possíveis construções (com gradativamente mais verbos). Não obstante, o infinitivo seja mais falado atualmente. Salienta-se que o crescimento do gerúndio está em andamento. Poderia dizer para um aluno que hoje, neste exato momento de história, é mais comum dizer ‘I refuse to give up’, porém daqui 20 anos, provavelmente seria aceitável também dizer ‘I refuse giving up’. No entanto, tal observação não passará de ser uma curiosidade para o aluno. Acredito que o objetivo de profissionais de ELE não é transformar alunos em linguístas, mas sim, fornecer ferramentas de uso imediato, além de estratégias de auto-aprendizagem para o presente e o futuro. Sendo assim, sem hesitação alguma, recomendo ensino prioritário das construções que constam como mais frequentes, sem negar a existência das alternativas.

5.7.2 Efeito de frequência na aprendizagem de construções

No presente projeto, foi estudado mais que todos os outros verbos do conjunto o verbo ‘*intend*’. Gunnel Tottie, Sebastian Hoffmann and Hans Martin Lehmann da Universidade de Zurich relatam a utilidade do *British National Corpus* como fonte de pesquisa para alunos de graduação. Uma das monografias analisadas no seu estudo investigou ‘*intend + infinitivo*’ bem como ‘*intend + gerúndio*’ com os seguintes resultados:

[Aluna Franziska Lanter encontrou] uma predominância do infinitivo após o ‘*intend*’ em ambos a fala e escrita, porém a proporção de gerúndios nos dados gravados foi duas vezes maior (6%) do que os dados escritos (3%). Essa diferença é significativa com $p < 0,025$. Os resultados combinam com a observação de Fanego (1996) baseado em material histórico escrito de que

os gêneros informais e orais tendem a favorecer o gerúndio ¹⁸¹ (TOTTIE, et al, p. 13).

Na discussão do presente capítulo expliquei porque o gerúndio é usado em situações menos formais e na fala: porque a pressão de registros formais resulta no uso de formas mais tradicionais, que geralmente são também os mais velhos e entrincheirados. Por outro lado, construções com ‘verbo + gerúndio’ são menos entrincheirados, logo prevalecem em situações de mais espontaneidade quando ‘inovação’ é tolerada, ou encorajada. Para questões pedagógicas, faz sentido ensinar a construção *‘intend to return’*, porém não ignorar a existência da alternativa *‘intend returning’*. Quando surge a segunda em contextos de leitura autêntica em inglês, o professor pode comentá-la com uma explicação simples: que existem as duas construções **sem nenhuma diferença em sentido** da mesma forma que existe o verbo *‘like’* com os dois complementos. Pode-se apresentar um exemplo de um par com *‘like’* ou *‘start’*, mas sem uma lista qualquer de verbos que participam na alternância. Não recomendo o aproveitamento daquele momento da explicação de um par de equivalentes para introduzir um par não equivalente como *‘remember to do’* e *‘remember doing’*.

Ainda no artigo acima citado por Schwartz e Causarano (2007) comparam-se frequências de infinitivos e gerúndios no BNC à frequência dos mesmos usados por grupos de alunos de inglês como língua secundária. Os grupos foram divididos por nível de domínio sobre inglês: (*intermediate, high-intermediate e advanced*). Seus resultados são: em cada 10.000 palavras do BNC, infinitivos são usados aproximadamente 12 vezes. Isto é uma taxa quase nove vezes mais alta que a taxa do uso de gerúndios. Produção escrita dos alunos demonstra proporções similares, mas com gradativamente menos erros de uso nos níveis mais altos. Baseado nos dados, os autores concluem:

Em termos da nossa análise da frequência de erros produzidos com ambas as construções ‘verbo + complemento’ achamos uma tendência para mais erros com gerúndios ao invés dos infinitivos. Este resultado apoia nossa hipótese que alunos de inglês tendem a cometer mais erros com construções de frequência mais baixa. ¹⁸² (SCHWARTZ e CAUSARANO, 2007, p. 52).

¹⁸¹ [Franziska Lanter found a] “predominance of the infinitive after *intend* in both speech and writing, but also that the proportion of gerunds in speech is twice as high in the spoken sample (6%) as in the written (3%). This difference is significant at p .025. The result tallies well with Fanego’s observation (1996), based on historical written material, that informal and oral modes of expression tend to favour the gerund.” (TOTTIE, et al. no prole, p. 13).

¹⁸² “In terms of our analysis of the frequency of errors produced in both *verb + complement* constructions, we found there was a tendency for more errors to occur with gerunds as apposed to infinitive constructions. This finding supports our hypothesis that ELLs [English Language Learners] will tend to produce more errors with low frequency constructions.” (SCHWARTZ e CAUSARANO, 2007, p. 52).

Pelo ponto de vista de Gramática Cognitiva e levando em consideração toda a argumentação apresentada até este ponto, a interpretação acima citada é óbvia, porque tais construções são menos entrincheiradas por todos os falantes de inglês, inclusive aprendizes. Resultado da baixa frequência é que alunos seriam expostos a elas menos vezes e com mais tempo entre ocorrências, o que leva pouco entrincheiramento, sendo assim menos probabilidade de assimilá-las.

A próxima seria de citações contém dados mais específicos sobre a frequência de uso das construções estudadas no presente trabalho junto com decorrentes sugestões pedagógicas referentes a elas. Citações são de Biber (2000), primeiro autor do *Longman Grammar of Written and Spoken English*, do seu artigo “Investigating Language Use Through Corpus-Based Analyses of Association Patterns”.

Os dois tipos de orações complementares em inglês são ‘*that-clauses*’ e ‘*to-clauses*’. Em alguns contextos as duas têm sentidos similares. [...] enquanto alguns verbos podem controlar ambas as ‘*that-clauses*’ e ‘*to-clauses*’ (e.g. *hope, decide, e wish*), a maioria dos verbos controlam apenas um tipo ou outro das orações complementares. Por exemplo, os verbos *imagine, mention, suggest, conclude, guess* e *argue* pode controlar uma ‘*that-clause*’ mas não uma ‘*to-clause*’; os verbos *begin, start, like love, try* e *want* podem controlar uma ‘*to-clause*’, mas não uma ‘*that-clause*’. Essas diferenças fundamentais de associação léxica são ainda mais forte quando considerarmos frequência relativa. Portanto, as tabelas demonstram que os verbos mais comuns controlando uma ‘*that-clause*’ constituem um conjunto completamente distinto dos verbos mais comuns controlando uma ‘*to-clause*’ apesar que alguns desses verbos são gramaticais com ambos os tipos de oração complementar. (p. 297, ênfase nossa) Em contraste [com verbos que sempre controlam uma ‘*that-clause*’] tirando o verbo ‘*want*’ na fala informal, não há um verbo extremamente comum que controle uma ‘*to-clause*’. No entanto, há um número grande de verbos distintos que podem controlar uma ‘*to-clause*’, sendo eles de muitos e vários domínios semânticos: verbos de processo mental (e.g. *expect, learn*), verbos de comunicação (e.g. *ask, promise*), verbos [que expressam] desejo (e.g. *want, like*), verbos de decisão (e.g. *decide, intend*), verbos [que expressam esforço ou possibilitação] (e.g. *try, attempt, allow, enable*), verbos de aspecto (e.g. *begin, continue*), verbos de probabilidade (e.g. *seem, appear*).¹⁸³ (BIBER, 2000 p. 296).

¹⁸³ “The two most common types of complement clauses are *that-clauses* and *to-clauses*. In some contexts these two are similar in meaning. (BIBER, 2000 p. 296). [...] while a few verbs can control both *that-clauses* and *to-clauses* (e.g. *hope, decide, and wish*), most verbs control only one type or the other type of complement clause. For example, the verbs *imagine, mention, suggest, conclude, guess* and *argue* can control a *that-clause* but not a *to-clause*; the verbs *begin, start, like love, try* and *want* can control a *to-clause*, but not a *that-clause*. These differential patterns of lexical association are even stronger when we consider relative frequency. Thus, Table 6 and 7 below show that the most common verbs controlling a *that-clause* constitute a completely separate set from the most common verbs controlling a *to-clause*, even though some of these verbs are grammatical with both types of complement clause. (p. 297) In contrast [with verbs that always control *that-clauses*], apart from the verb *want* in conversation, no individual verb is extremely common controlling *to-clauses*. However, there are a large number of different verbs that can control a *to-clause*, and those verbs come from many different semantic domains: mental verbs (e.g. *expect, learn*), communication verbs (e.g. *ask, promise*), verbs of desire (e.g. *want,*

A lista de ‘domínios semânticos’ citada por último é similar à lista de qual foi feita uma tentativa de categorização relatada na seção 4.4 capítulo 4: Resultados (páginas 93 a 95). Lembre-se de que os membros das classes semânticas foram revelados a não demonstrar um comportamento sintático similar. Transformando este *insight* em uma diretiva para professores e autores de material didático: não deve se apresentar aos alunos sinônimos ou conjuntos de verbos semanticamente similares, com o intuito de explicar seu comportamento sintático. Em outras palavras, é aconselhável evitar a presunção que ‘like’ prefere complementos da mesma forma de ‘dislike’ ou ‘love’ ou ‘adore’ etc. por causa da sua semelhança semântica. Os dados apontam para uma situação contrária. Na gramática nova baseada em *corpus*: *Longman Grammar of Spoken and Written English*, há a seguinte observação:

“Por exemplo, quase 75% das ocorrências de ‘like + to-clause’ em ficção e imprensa seguem o modal ‘would’. Em contraste, ‘-ing-clauses’ raramente ocorrem com um sentido hipotético.”¹⁸⁴ (BIBER, et al. 1999, p. 757). Os dados de preferência de complemento demonstram porcentagens coincidentes:

Tabela 13: Uso do verbo ‘like’ com complementos verbais indefinidos (dados do BNC)

verbo	com complementos	com infinitivo	porcentagem infinitivo do total	com gerúndio	porcentagem gerúndio do total
like	14.986	11.293	75,36%	3.693	24,64%

Pergunto: seria melhor apresentar apenas as construções em contexto de ‘like to do’ e ‘like doing’ sem comentar sobre sua frequência na língua como um todo? De fato ‘would like to do’ é muito mais comum do que ‘like doing’; porém o segundo é mais comum do que a construção sem modal. Será mais eficaz apresentar um par que representa construções de uso muito alto em todo o corpus como os seguintes em que o ‘like’ com gerúndio contraste com ‘like’ modificado pelo modal ‘may’:

like), verbs of decision (e.g. *decide, intend*), verbs of effort or facilitation (e.g. *try, attempt, allow, enable*), aspectual verbs (e.g. *begin, continue*), and likelihood verbs (e.g. *seem, appear*).”¹⁸³ (p. 299)

¹⁸⁴ “For example, c. 75% of the occurrences of *like + to-clause* in fiction and news are preceded by *would*. In contrast, *-ing-clauses* rarely occur with a hypothetical meaning.” (BIBER, et al. 1999, p. 757).

EXEMPLO 4: Fonte BNC: For example, if you like swimming, this exercise is good for strength, stamina, and suppleness; three swimming sessions a week will make you considerably fitter. (bdHB 705).

EXEMPLO 5: Fonte BNC: For example, you may like to swim on Mondays and Fridays, play squash on Wednesdays, and go for a long brisk walk or jog on Saturdays and Sundays. (bdHB 706).

Outro exemplo pertinente é sobre o verbo discutido no capítulo dos resultados, páginas 115 a 117: *'promise'*. Biber conclui seu artigo de 2000 assim: “Orações complementares e infinitives ocorrem frequentemente em ambos os registros orais e literários, no entanto, eles frequentemente combinam com outras feições marcantes de atitude pessoal ou persuasão.”¹⁸⁵ (BIBER, 2000, p. 307). Como exemplo das ‘feições marcantes’ ele apresenta a diferença no uso sintático de *'tell'* e *'promise'* que, segundo ele, refletem diferenças nas funções discursivas que cada um exerce.

Esses padrões de associação parecem refletir uma diferença fundamental entre as funções discursivas típicas de *tell* e *promise*: Com o verbo *promise*, o conteúdo da promessa (dado como o objeto direto) é a consideração mais importante, enquanto a pessoa a que foi feita a promessa é muitas vezes irrelevante. Em contraste, a pessoa sendo abordada é muito mais importante com o verbo *tell*, enquanto o conteúdo da fala é irrelevante em alguns casos. Resultante das funções discursivas distintas, as associações gramaticais dos dois verbos é bastante diferente, apesar das suas potencialidades gramaticais idênticas.¹⁸⁶ (BIBER, 2000, p. 295-296).

A análise do Biber (2000) acima significa que os dois verbos participam na construção comum: ‘SN-sujeito *tells* / *promises* SN-dativo + complemento infinitivo com função de objeto direto’. No caso da elipse do SN-dativo, o agente será interpretado como idêntico ao agente do verbo *'promise'*. Por outro lado, com *'tell'* a presença do SN é obrigatório, sendo assim, um agente identificado distinto do agente do verbo matrix. Dados de *corpus* facilitam observar a diferença entre os dois.

¹⁸⁵ “Complement clauses and infinitives occur frequently in both oral and literate registers, but they frequently co-occur with other features marking personal stance or persuasion.” (BIBER, et al. p. 307)

¹⁸⁶ “These association patterns seem to reflect a fundamental difference between the typical discourse functions of *tell* and *promise*: With the verb *promise*, the content of the promise (given as the direct object) is the most important consideration, while the person to whom the promise was made is often irrelevant. In contrast, the person being addressed is much more important with the verb *tell*, while the content of the speech act is in some cases irrelevant. As a result of these discourse functions, the grammatical associations of these two verbs are strikingly different, even though they have identical grammatical potentials.” (BIBER, et al. p. 295-296).

Além disso, o fato que *'promise'* recentemente (e de forma crescente) pode ser complementado com o gerúndio reflete a diferença na função discursiva dos dois verbos. A tendência identificada no presente trabalho é em direção a um princípio: onde é possível o infinitivo, o gerúndio será. O princípio não aplica a um verbo como *'tell'* que obrigatoriamente destaca ¹⁸⁷ o SN-dativo que *'recebe'* o conteúdo de que seria *'told'*.

Encerra-se neste ponto a apresentação de sugestões pedagógicas com uma observação direcionada ao professor ou a quem elabora material didático. O recomendável uso de material autêntico escrito originalmente em inglês resulta muitas vezes no surgimento de construções raras sobre quais alunos terão dúvidas. No entanto, a frequência de uso de qualquer unidade sintática deve orientar a ordem em que as construções são explicadas.

¹⁸⁷ O uso do verbo *'destacar'* neste contexto equivale o uso técnico do verbo *'foreground'* pela teoria de Gramática Cognitiva, como, por exemplo, em Langacker (1988).

6 CONCLUSÕES

Deparei várias vezes durante a pesquisa que sinônimos, bem como classes semânticas, não exibem comportamentos sintáticos iguais. Entretanto, o fato não é de admirar. A Jules Gillieron é atribuída a famosa citação: “chaque mot a son histoire” (IORDAN-ORR, 1970, p. 170). As análises diacrônicas aqui apresentadas me levaram a valorizar essa observação que, embora simples, não deixa de ser verdadeira: cada palavra têm sua história. Dentro do possível procurei padrões históricos e atuais, encontrando tendências. Contudo, percebe-se que nenhum verbo, nenhuma alternância entre dois complementos e nenhuma construção estudada é igual a outra.

6.1 Resumo dos capítulos

Essa tese começa como uma boa narrativa, com o primeiro evento do projeto em tempo real. Um aluno do nível avançado me perguntou em 2002: seria correto o ‘*to analyze*’ ou então ‘*analyzing*’ após o verbo ‘*suggest*’? Percebi a partir da pergunta simples que eu tinha a capacidade de responder apenas com intuição do que ‘soa correto’ e sem nenhuma informação além disso. Isto é, na hora não tive para iluminar a alternância, nenhuma regra, classe de verbos que sempre se comportam assim, ou padrão existente que podia fornecer ao aluno em explicação. A pesquisa realizada e relatada na tese nasceu naquele momento.

Embora, não dentro da área de linguística aplicada ao ensino de linguagens, o trabalho envolve assuntos de interesse de professores, alunos, e principalmente a quem elabora material didático. Por esta razão também, o tópico foi introduzido pela perspectiva de aprendizagem de inglês com foco nas construções com complementos verbais indefinidos. Havendo definido o tópico, passei a apresentar o marco teórico que foi usado como base nas análises. A teoria sintática atual que guiou a análise também sugeriu, e certamente restringiu, a metodologia adotada pela coleta dos dados e organização dos mesmos.

Trabalhei com um modelo dinâmico de linguagem em uso (*A dynamic usage-based model*) de Langacker (2000). A partir dessa escolha, não mais considerei ‘julgamentos de nativos’ como fonte válida de dados, e nem para exemplificar fenômenos que eu encontrei em dados de uso. Pela orientação da supervisora da pesquisa encontrei vários corpora de inglês

atual, sentindo-me especialmente satisfeita com o *British National Corpus* por seu tamanho (100 milhões de palavras) e diversidade impressionante de gêneros e registros de dados escritos e gravados (de fala). Em comparação, *International Corpus of English* apresentou menos vantagens e, eventualmente, foi eliminado como uma fonte. A nova interface montada pela equipe de Mark Davies (Brigham Young University) facilitou o acesso e categorização dos dados ainda mais a partir de janeiro de 2008. Resolvi re-fazer toda a contagem dos dados atuais, que resultou em poucas diferenças em números absolutos e nenhuma diferença em preferências dos verbos para um complemento ou outro. Porém, tive a satisfação em imaginar que, com todos os dados re-confirmados, a pesquisa agora poderia ser mais facilmente duplicada por outros linguistas. Essa possibilidade ganhou significância durante a leitura, porque uma das minhas maiores decepções na leitura de Duffley (2006) e certos outros trabalhos foi sua impossibilidade de confirmar os dados ou ainda acessá-los para efetuar minha própria investigação a partir deles.

Uma interface similar a do BNC foi montada novamente por Mark Davies para o *Corpus of Contemporary English* e disponibilizada em fevereiro de 2008. Uma comparação de alguns dados para alguns verbos foi feita com o novo corpus, porém uma contagem de todas as construções relevantes para todos os 44 verbos não foi realizada. Um dos objetivos originalmente contemplados foi comparar usos da alternância entre britânicos e falantes de inglês em outras partes do mundo, visando descobrir padrões diferentes e os categorizar por dialeto regional. Por fim, a presente escrita não inclui comentários sobre diferenças regionais no uso da alternância estudada. Pelos dados disponíveis, julguei que tais comentários sobre diferenças regionais seriam muito pouco comprovados e demasiadamente especulativos. Além disto, existem artigos cuja meta principal é estudar a variação regional de certas construções sintáticas relacionadas com as minhas, embora não haja ainda algo precisamente focado em complementos indefinidos.

Estabelecido então os objetivos de encontrar padrões de uso no inglês atual através de dados de *corpus*, e sem a invenção de nenhum dado, simultaneamente, comecei a leitura abrangente a respeito da alternância estudada. A maioria dos sintaticistas com perspectiva estritamente sincrônica fizeram, no entanto, alguma referência aos usos do gerúndio no passado, aparentemente bem conhecidos a partir das publicações de Teresa Fanego em 1996. Obviamente, era interessante familiarizar com todos os escritos por essa autora que tocam no assunto. Descobri que ela estuda a história do gerúndio desde 1992 até hoje quase exclusivamente. Através das escritas de Fanego, cheguei a conhecer os outros diacronistas interessados na questão (Rudanko, Rohdenburg, Verspoor, Mair, entre outros).

Não mais me lembro quando foi tomada a decisão de estudar dados diacrônicos. A partir da minha insatisfação com análises sincrônicas, que quase sempre estudam classes de sinônimos, parti para estudos na história do gerúndio ainda no princípio das leituras e coleta dos dados. Comecei com o *Oxford English Dictionary* em CD-ROM, por sua abrangência e reputação como autoridade em etimologia. A partir do estudo preliminar dos verbos do primeiro conjunto, (que continha apenas 30 verbos na época) investiguei a possibilidade de que as origens dos verbos revelam um padrão de uso com complementos. Não foi comprovada tal hipótese. Por outro lado, descobri uma classe por acidente que realmente coincide com uso tanto atualmente quanto ao longo da história. Constata-se que os verbos que entraram em inglês por último foram usados sempre e até hoje com mais gerúndios, ao comparar com infinitivos.

A partir da constatação do crescimento do gerúndio como complemento, tornou-se necessário a busca por outras leituras específicas, descritas nas próximas linhas. Apesar da preferência para obras cognitivas (Langacker, Kemmer, Egan, Taylor, Lee, Tomasello, Biber et al.), consultei ainda, e de forma contínua, gerativistas (Lightfoot, Wierzbicka, Rohdenburg, Fanego); funcionalistas (Quirk, Bolinger, Givon, Lock); e construcionistas (Goldberg, Croft, Wulff, Gries, Rudanko). Encontrar o proposto *'feedback loop'* de Suzanne Kemmer marcou o princípio da hipótese de pouco entrenchamento para o complemento 'novo' na história: o gerúndio. Tal hipótese é de invenção própria, bem como o ciclo de realimentação em três partes proposta no capítulo de discussão (vide p. 130). Para ser mais preciso, análises de mudanças sintáticas por diacronistas desde os Neogramáticos propunham mecanismos para mudanças identificadas, não muito diferentes das minhas. Um linguista particularmente perspicaz do século XIX Leon Kellner, (1890) iluminou a quase extinção da construção 'impessoal' que, eu acredito, foi substituído em grande parte pela nova construção de verbo matrix complementado por um gerúndio. Os mecanismos propostos ao longo da história foram de forma variada denominados por reanálise: McMahon (1994), Cohen (1988), Lehmann (1972); reinterpretação: Barber (1993), Fanego (1997), Kellner (1890); nova aplicação de velhas restrições à luz de princípios e parâmetros: Rohdenburg (2006); gramaticalização: Cohen (2002), Harris e Campbell (1995), Hock (1991) e outros rótulos ainda (vide citações variadas de Fanego ao longo da tese). O que é original nessa tese é a apresentação do funcionamento do mecanismo proposto, e sua associação com a alternância estudada bem como os dados históricos apresentados.

6.2 Diversas funções da forma verbo-*ing*

Foi levantado a possibilidade que o princípio chamado *horror aequi* não se realiza de fato em termos presumidos por todos os autores que o mencionaram anteriormente. Ainda pode ser que, como sugere Fanego (1996a, p. 46) autores no passado evitaram a combinação de dois ‘*to infinitives*’ ou então dois gerúndios para questões de redundância de forma ou cacofonia. Os dados do presente estudo apoiam a sugestão que, no passado, a combinação de dois gerúndios foi usada mais nos gêneros que refletem registros mais informais. Porém demonstrei com dados do BNC e COCA que, na atualidade, não há um número maior de ‘*-ing* + *-ing*’ em conversação do que em gêneros escritos. A explicação resume no fato que a forma ‘*-ing*’ vem exercendo mais funções sintáticas ao longo da história de inglês até que hoje uma única forma coincide com muitas funções sintáticas. Portanto, as proibições estudadas por Ross in “*Doubl-ing*” (1972) coincidem somente parcialmente com os complementos gerundivos. Os não coincidentes casos de ‘*VERBO-ing*’ proibidos por Ross são de outras construções não relacionadas. Em comparação ao gerúndio, o ‘*to-infinitive*’ em inglês exerce ainda mais funções sintáticas. Portanto, esperei encontrar muitos casos de ‘*to + VERBO*’ seguido por ‘*to + VERBO*’ o que de fato é comprovado por dados atuais não somente de fala mais sim, de todos os gêneros escritos.

6.3 Estudos sincrônicos

O sistema usado atualmente de complementos verbais e suas combinações com verbos matriciais é demasiadamente complexo, declaração que inicia todas as tentativas abrangentes de explicá-lo. As duas obras mais abrangentes no assunto (DUFFLEY, 2006; EGAN, 2008) usam dados de corpus (embora Duffley inventa exemplos ao comparar com dados reais). Com todo respeito aos *insights* de Patrick Duffley (2003, 2006), cheguei a discordar com sua insistência de que existe uma diferença de sentido inerente no ‘*to-infinitive*’ (de movimento em direção a uma meta) e no gerúndio (realização de um ato, muitas vezes genérico); e de que o sentido inerente leva à construção como um todo a ter um significado diferente considerando um par como ‘*try to do*’ e ‘*try doing*’. Além disso, como muitos precedentes, Duffley analisa as classes de sinônimos, explicando o comportamento distinto de cada

membro individualmente. Os dados históricos me levaram a desconfiar de explicações baseadas em classes de sinônimos, portanto evitei essa prática no presente trabalho.

Por outro lado, Thomas Egan (2008) também estudou dados de corpus, com exclusividade no seu caso. Ele não parte com uma presunção de sentido inerente. Suas classes semânticas são baseadas no uso das construções comuns de mais de 300 verbos que combinam com complementos indefinidos. Ele utiliza um método indutivo a estabelecer muitas classificações detalhadas dentro de outras classificações até que no nível mais abrangente, a meu ver, algumas definições são muito vagas e ambíguas, enquanto no nível mais detalhado, algumas determinações são muito sutis. Observe-se que, apesar do sistema funcionar de fato em organizar um conjunto caótico, Egan ainda precisa recorrer a idéia de que existem exceções e ‘erros’ de uso, para explicar dados que não cabem dentro do seu sistema classificatório. Espero que a perspectiva diacrônica aqui apresentada tenha fornecido um poder explicativo mais abrangente, embora não retiro nenhum mérito da obra de Thomas Egan (2008).¹⁸⁸

6.4 Sugestões pedagógicas

Não resisti à tentação de completar o círculo com que comecei essa tese. A seção 2.1 voltou ao assunto da alternância estudada no ensino da língua inglesa (ELE). Seção 5.7 associou os resultados com sugestões pedagógicas. Arrisco, então, encerrar o presente trabalho com uma ironia. Ainda não tenho uma resposta à pergunta que o aluno levantou em 2002 sobre o complemento correto de ‘*suggest*’. Porém, não seria mais por falta de entendimento do sistema dos complementos indefinidos de inglês em toda sua complexidade atual e histórica. Por outro lado, reconheço que o foco na alternância em si entre os dois tipos de complemento indefinido não levará o aluno ao entrenchamento do uso dos dois que é essencial para sua assimilação das construções. Responderia hoje com a resposta de que o gerúndio é mais comum neste contexto, e o infinitivo é mais comum em outros. Acrescentaria que existe ainda uma outra opção válida por este verbo: o complemento subordinado e definido iniciado com ‘*that*’ (similar ao de ‘*que*’ em português) sendo que este último complemento deve ser evitado se o período for muito comprido.

¹⁸⁸ Nota-se que a obra de Egan preocupa em explicar exceções ao invés de simplesmente ignorar dados conflitantes.

Afirmada pela análise do capítulo anterior, acredito que as gramáticas mais eficazes no ELE, baseiam-se em dados de corpus. É interessante que o *Longman Student Grammar of Spoken and Written English* não apresenta os dois complementos em termos de uma escolha entre eles. Cada um é apresentado a parte, em um conjunto de possíveis complementos organizados pelas funções pragmáticas expressas por cada forma. Recomendo a abordagem de tais gramáticas para a elaboração de material didático que explica ou apresenta o objeto da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

AZAR, B. S. **Understanding and Using English Grammar**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1989, p. 154-162.

BAILEY, R. et al. **The Michigan Early Modern English Materials (MEMEM)**. Disponível em: <<http://quod.lib.umich.edu/m/memem/simple.html>>. Acesso em: 09 abr. 2008.

BARBER, C. **The English Language: a historical introduction**. Cambridge: CUP, 1993.

BAR-ILAN, L.; BERMAN, R. Developing register differentiation: the Latinate-Germanic divide in English. **Linguistics**: Walter de Gruyter, [S.I.], 2007.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). **Usage-Based Models of Language**. Stanford: CSLI, 2000.

BIBER, D. Investigating Language Use Through Corpus-Based Analyses of Association Patterns. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). **Usage-Based Models of Language**. Stanford. [S.I]: CSLI, 2000. p. 287-313.

BIBER, et al. **Longman Grammar of Spoken and Written English**. Essex: Pearson Education LTDA, 1999.

_____. **Longman Student Grammar of Spoken and Written English**. Essex: Pearson Education LTDA, 2002.

BOLINGER, D. Entailment and the meaning of structures. **Glossa**, [S.I], n. 2, p. 119-127, 1968.

BOURKE, J. Verbal complementation: A pedagogical challenge. **Reflections on English Language Teaching**, [S.I], v. 6, n. 1, p. 35-50, 2007.

BRAIDI, S. **The Acquisition of Second-Language Syntax**. London: Arnold, 1999.

CARVALHO, U. **Dicionário dos Erros Mais Comuns em Inglês**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

_____. **Gramática: Gerúndio ou Infinitivo?** Disponível em: <<http://www.teclasap.com.br/blog/2007/04/12/gramatica-gerundio-ou-infinitivo/>>. Acesso em: 08 abr. 2008.

CELCE-MURCIA, M; LARSEN-FREEMAN, D. **The Grammar Book**. 2. ed. Boston: Heinle & Heinle, 1999.

CLARIDGE, C. Multi-word Verbs in Early Modern English: a Corpus-based Study, **Rodopi. Language and Computers (22)**, Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/rodopi/>>. Acesso em: 17 fev. 2008.

COHEN, M. Gramaticalização e Reanálise no Sintagma Verbal. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ROMÂNICOS, 1., 1988, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 1988. p. 85-92.

_____.; RAMOS, J. **Dialeto mineiro e outras falas**: estudos de variação e mudança linguística. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DANIELSON, D.; PORTER, P. **Using English, your second language**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1990. p. 300-302.

DE SMET, H.; CUYCKENS, H. Pragmatic Strengthening and the Meaning of Complement Constructions: the case of like and love with the to-infinitive. **Journal of English Linguistics**, [S.I.], v. 33, n. 1, p. 3-34, mar. 2005.

DE SMET, H. Functional motivations in the development of nominal and verbal gerunds in Middle and Early Modern English. **English Language and Linguistics**, [S.I.], v. 12, n.1, p. 55-107, 2008.

DUFFLEY, P.; TREMBLAY, R. The infinitive and the –ing as complements of verbs of effort. **English Studies**, [S.I.], 1994.

DUFFLEY, P. **The English Gerund-Participle**: a comparison with the infinitive. New York: Peter Lang, 2006.

DUFFLEY, P. The gerund and the to-infinitive as subject. **Journal of English Linguistics**, [S.I.], n.31, 2003.

EGAN, T. Pronominal and Full Nominal Subjects in Expanding Constructions. In: DALTON-PUFFER et. al (Org.). **Syntax, Style and Grammatical Norms**: English from 1500-2000. Bern: Peter Lang. 2006, p. 143-166.

_____. **Non-finite Complementation**: A usage-based study of infinitive and ing clauses in English. Amsterdam: Rodopi, 2008.

FANEGO, T. Variation in sentential complements in eighteenth- and nineteenth-century English: A processing-based explanation. In: HICKEY, R (ed.). **Eighteenth-century English**: Ideology and change. Cambridge: Cambridge University Press, no prole.

_____. Is Cognitive Grammar a usage-based model? Towards a realistic account of English sentential complements. **Miscelánea**: a Journal of English and American Studies, [S.I.], n. 29, p. 23-58, 2004.

_____. Drift and the development of sentential complements in British and American English from 1700 to the present day. In: PEREZ-GUERRA et al (ed.). **'Of varying language and opposing creed'**: New insights into Late Modern English. Bern: Peter Lang, 2007. p.161-235.

FANEGO, T. On Patterns of Complementation with Verbs of Effort. **English Studies**, [S.I], n. 78, p. 60-67, 1997.

_____. On the Historical Development of English Retrospective Verbs. **Neurolinguistische Mitteilungen**. [S.I], n. 97, p. 71-79, 1996c.

_____. The Development of Gerunds as Objects of Subject-Control Verbs in English (1400-1760). **Diachronica**, [S.I], n. 13, p. 29-62, 1996a.

_____. The Gerund in Early Modern English: Evidence from the Helsinki Corpus. **Folia Linguistica Historica**, [S.I], n.17, p. 97-152, 1996b.

GIVON, T. **English Grammar: a function-based introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIES, S.; WULFF, S. Do foreign language learners also have constructions? Evidence from priming, sorting and corpora. **Annual Review of Cognitive Linguistics** v.3, p. 182-200, 2005.

HARRIS, A.; CAMBELL, L. **Historical Syntax in cross-linguistic perspective**. UK: CUP, 1995.

HOCK, H. H. **Principles of Historical Linguistics**. 2. ed. rev.e at. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. CD-ROM: Versão 1.0. 2001.

HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. **The Cambridge Grammar of the English Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

IORDAN, I.; ORR, J. (Trad.) **An introduction to romance linguistics: its schools and scholars**. Oxford: Basil Blackwell, 1970.

JAESCHKE, R. et al. Users' guides to the medical literature. III. How to use an article about a diagnostic test. B. What are the results and will they help me in caring for my patients? The Evidence-Based Medicine Working Group. **JAMA**. n. 271, p. 703-07, 1994.

KELLNER, L. **Caxton's Blanchardyn and Eglantine, c. 1489: from Lord Spencer's unique imperfect copy, completed by the original French and the second English**. London: Oxford University Press, 1890.

KEMMER, S. **Constructional Profiles as the Basis of Semantic Analysis**. Dubrovnik, Croatia. Keynote speaker, Converging and Diverging Trends in Cognitive Linguistics. Disponível em: <http://www.ruf.rice.edu/~kemmer/>. Acesso em: 04 mar. 2008.

KIPARSKY, P. The rise of positional licensing. In: COLEMAN, F. (Org.). **Parameters of morphosyntactic change, series: Edinburgh studies in the English Language**. Edinburgh: John Donald, 1997.

KYTÖ, M; ROMAINE, S. Adjective comparison in nineteenth-century English. In: Kytö, M et al. (Org.). **Nineteenth Century English: stability and change**. Cambridge: CUP, 2006.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-63.

_____. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. _____. v. 2. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LEE, D. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LEHMANN, W. P. **Historical linguistics: and introduction**. 2.ed., [S.I]: 1972.

LIGHTFOOT, D. **Principles of Diachronic Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

LOCK, G. **Functional English Grammar: an introduction for second language teachers**. Cambridge: CUP, 1996.

LOS, B. The rise of the *to*-infinitive as verb complement. **English Language Linguistics**. v. 2, n. 2, p. 1-36, 1998.

MAIR, C. The changing forms of complementation in late Modern English: a real-time study based on matching text corpora. **English Language and Linguistics**, v. 6 n.1, p. 105-131, 2002.

_____. Nonfinite complement clauses in the nineteenth century: the case of *remember*. In: MERJA K. **Nineteenth-Century English: Stability and Change 2006**. Cambridge: [s.n], 2006.

McMAHON, A. **Understanding Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MOLZ, C. **Reasons for the English vocabulary increase in 16th century**. Belo Horizonte, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

MUKHERJEE, J. **English Ditransitive verbs: aspects of theory, description and a usage-based model**. Amsterdam: Rodopi, 2005.

OXFORD English Dictionary. Verson 1.13. Oxford: Oxford University Press, 1994. CD-ROM.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2002.

QUIRK, et al. *To- vs. ing-* complementation: Corpus- and psycholinguistic evidence on their meaning and distribution 1972. In: WULFF, S.; GRIES, S.; INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE GERMAN COGNITIVE LINGUISTICS ASSOCIATION 3, 2008: LEIPZIG, GERMANY. **Anais**. Leipzig. Disponível em <www.uni-leipzig.de/>. Acesso em: 09 fev. 2009.

_____. *A Grammar of Contemporary English*. Harlow: UK Longman. 1972.

ROHDENBURG, G. On the replacement of finite complement clauses by infinitives in English. **English Studies**. v.76, n.4, p. 367-388, 1995.

_____. The role of functional constraints in the evolution of the English complementation system. In: DALTON-PUFFER, et. al (Org.). **Syntax, Style and Gramatical Norms: English from 1500-2000**. Bern: Peter Lang, 2006.

ROSCH, E. Human categorization. In: WARREN, N. (Org.). **Studies in Cross-Cultural Psychology**. v. 1; London: Academic Press, p. 1-49, 1977.

ROSS, J. R. Doubl-ing. **Linguistic Inquiry**, [S.I], v.3, p. 61-86, 1972.

RUDANKO, J. **Complements and constructions: corpus-based studies on sentential complements in English in recent centuries**. Lanham: University Press of America, 2002.

_____. The *in -ing* construction in British English, 1800-2000. In: Kytö, S. et al (Org.). **Nineteenth Century English: stability and change**. Cambridge: CUP, p. 229-241, 2006.

SAMUELS, M. **Linguistic Evolution: with special reference to English**. Cambridge: CUP, 1972.

SCHWARTZ, M.; CAUSARANO, P. The role of frequency in SLA: an analysis of gerunds and infinitives in ESL written discourse. **Arizona working papers in SLA & Teaching**, [S.I], v.14, p. 43-57. 2007.

STOWELL, T. The Tense of Infinitives. **Linguistic Inquiry**, [S.I], v.13, p. 561-570, 1982.

TAYLOR, J. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TOMASELLO, M. **Constructing a language**: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TOTTIE, G. et al. Bigger is Better: using the british national corpus for undergraduate term papers. In: MARTÍNEZ, I.P.; POSSE, E.S. (orgs.). *Text Types and Corpora. Studies in Honour of Udo Fries*. Santiago de Compostela: University of Santiago de Compostela, no prole.

VERSPOOR, M. To infinitives. In: EGAN, T. **Non-finite Complementation**: a usage-based study of infinitive and –ing clauses in English. Amsterdam: Rodopi, 2008.

WENZEL, S. **Macaronic sermons**: bilingualism and preaching in Late-Medieval England. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.

WHERRITY, M. P. The Gerund / Infinitive Contrast in English Verb Complementation. In: NINTH NORDIC CONFERENCE FOR ENGLISH STUDIES, 2004. Aarhus, Denmark: **Proceedings**, 2007. Disponível em <<http://www.hum.au.dk/engelsk/naes2004/papers.html>>. Acesso em: 09 fev. 2009.

WIERZBICKA, A. **The Semantics of Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

WULFF, S.; GRIES, S.; Prefer to construe vs. prefer construing: a corpus-linguistics perspective on non-finite sentential complementation. In: CURRENT TRENDS IN COGNITIVE LINGUISTICS, 2004, Hamburg. **Anais**. Hamburg: Universidade de Hamburg, 2004.

_____. *To-* vs. *ing-* complementation: Corpus- and psycholinguistic evidence on their meaning and distribution. INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE GERMAN COGNITIVE LINGUISTICS ASSOCIATION, 3. 2008, Germany. **Anais**. Germany: German Cognitive Linguistics Association, 2008. Disponível em: <www.uni-leipzig.de/>. Acesso em 09 fev. 2009.

ZIEGELER, D. Agentivity and the history of the English Progressive. **Transactions of the Philological Society**, v. 97, n.1, p. 51-101, 1999.

Anexo 1:
Abreviações encontradas no bdHB

2GV
A&C
AMND
AYLI
CoE
Cor
Cym
KHIVi
KHVii
KHViii
KHViiii
KHVIII
KJ
KL
KRII
KRIII
LLL
M4M
MAAN
Mac
MoV
MWW
PPoT
R&J
Rape of Lucrece
Sonnet 33
T&C
TA
Temp
ToShrew
WT

Correspondentes obras de William
Shakespeare que forneceram
exemplos ao banco de dados de
Heather Blakemore

Two Gentlemen of Verona
Antony and Cleopatra
A Midsummer Night's Dream
As You Like It
A Comedy of Errors
Coriolanus
Cymbeline
King Henry IV, part i
King Henry VI, part i
King Henry VI, part ii
King Henry VI, part iii
King Henry VIII
King John
King Lear
King Richard II
King Richard III
Love's Labour's Lost
Measure for Measure
Much Ado About Nothing
Macbeth
The Merchant of Venice
Merry Wives of Windsor
Pericles: Prince of Tyre
Romeo and Juliet
(poema)
(poema)
Troilus and Cressida
Titus Andronicus
The Tempest
The Taming of the Shrew
The Winter's Tale

Anexo 2: Banco de dados de Heather Blakemore

Figura 1 – Ilustração do formulário utilizado para coleta de dados.

The image shows a screenshot of a software application window titled "main : Formulário" with a subtitle "HB Verb Database". The window contains a data entry form with the following fields and values:

Phrase code:	1119	7- MV COMPOUND: Participle type:	
Phrase:	BNC SPOKEN: we er did a er a list of what wants doing , exactly what wants	8- Translation from Latin?:	No
1- Source:	9	9- Period:	Modern English
2- Date Accessed:	29/1/2008	10- Main Verb Origin:	Parish Council meeting (Pub/instit). Rec. on 21 Apr 1993
3- Verb:	want	11- Year:	1993
4- Complement Type:	gerund	12- Region:	UK
5- Main Verb Type:	Simple		
6- MV SIMPLE: tense:	Simple present		

At the bottom of the form, there is a navigation bar with the text "Registro: 1104 de 1115" and several navigation icons.

Code	Phrase
442	BNC: Even before Desmond Boal stepped down from the chairmanship of the Party to advocate his idea of a federal Ireland, the Party was very much what even DUP activists admit to have been "Paisley's fan club"
394	Thirde Order of Seynt Franceys for the brethren and sisters of the Order of Penitents ALSO when eny shalbe admitted to enter into this fraternite, the mynisters that bene deputed to receyue them shall enquire
395	Reginald Pecock's Book of faith; a fifteenth century theological tractate: that the lawe and the feith, which thi chirche at eny tyme kepith, be receyved and admittid to falle undir this examinacioun, whether it be the
396	Lydgate's Horse, Goose, and Sheep. Incipit Disputacio inter Equum, Aucam, & Ouem./ of hih or lowe degre,[or] and HR.] / Weren admittid / to shewen in sentence
397	Lincoln diocese documents, 1450-1544: that then thei be in no wyse admitted to syng in the said Chapell; but then, after notice had therof, the said lord Lovell name a
398	Lincoln diocese documents, 1450-1544: William Bennet's wife admitted having 'used some words of strife, and vnkynde words, towards some of her neighbors'.
437	BNC: so civilization can have its drawbacks. Nevertheless, I do admit relishing its other benefits, particularly water on tap.
435	BNC: UVF admit trying to kill Protestant AN east Belfast man injured in a gun attack at his Palmerston Park home on Monday night remains "seriously ill but stable".
434	BNC: they would be embarrassed the reasons were "too shy" (63, 33%), "too personal --; a topic not spoken of" (54, 28%), "wouldn't like to admit wetting myself" (25, 13%).
433	BNC: Employers may be reluctant to admit using them because the terms of their employment are embarrassing.
438	BNC: in a recent survey reported by Eason (1989) involving 1576 motorists, when asked whether they obeyed speed limits and other road laws, 5% admitted driving while over the alcohol limit.
439	BNC: CASE 1: FURIOUS BUSINESSMAN NORMAN Waller was cleared of murder this week after he admitted stabbing to death a man he believed was trying to break into his neighbour's car.
441	BNC: The two leftish books to which he referred were duly reviewed, and I admit to have rather enjoyed undertaking the "thorough cutting up" which he declared the Levy book to deserve (it did).
566	OED: 1660 Jer. Taylor Worthy Commun. i. §2. 38 We are admitted to pardon of our sins if we repent.
567	OED: 1747 in Col. Rec. Penn. V. 113 The Ship was admitted to come up to the City.
568	OED: 1538 Starkey England 192 Only such..schold be admyttyd to practyse in causys.
569	OED: 1413 Lydg. Pylgr. Sowle i. viii. (1859) 6 In euery ryghtwys court skyle is that the actour is admytted to maken his compleynt.
578	OED: 1483 Caxton Gold. Leg. 169/1 They wold not accorde that he shold be amytted to be worshypped.
440	BNC: Santa Cruz doesn't admit to be working on a COSE version of Microsoft Corp's Windows
446	BNC: Her parents, Lord and Lady Harmer Nicholls, were delighted when Sue became an actress and adore watching her now, even if her cultured voice is obscured by
250	MacLeod, Charlotte: "I'd adore to have lunch with you, but people might begin to think things."
443	BNC: Miss Bateman, who had nevertheless been listening, said, "I should adore to see --; "Sir Robert, he had heard too, leaning forward said gallantly, "You shall, my dear, you shall."
444	BNC SPOKEN:Yes. I mean it's lovely because he er he adores to get into does Edmund and that means that he and George go about this lovely big er grounds that they've Yes. got
445	BNC: I adore eating out and always choose something different from my normal home-made menus.
447	BNC: " The horses, the river, race meetings, shopping, I love. And I adore reading. " " Who's your favourite author? "
570	OED: 1950 D. Cusack Morning Sacrifice i. in Three Austral. Three-Act Plays 204 You know I simply adore cooking.
572	OED: c1305 St. Kath. in E.E.P. 31 Here godes noPing nere: Pat hi aourede hem to.
448	BNC: I have a wooden Regency garden which I adore setting up and rearranging. I love wooden toys,
576	OED: 1485 Caxton Chas. the Gt. 194 He was taken and not slayn..to thende that he shold be aduysed to byleue in lhesu cryst.
575	OED: 1563 Homilies ii. xvii. iv. (1640) 235 Let us well advise our selves to advouch that certainly, whereof we have no good knowledge.
573	OED: 1578 T. N. tr. Conq. W. India 123 Advising them to be madde and stubborne in their opinion.
449	BNC SPOKEN: What they've been saying is that some authorities might have experiments in the cabinet arrangement we're not advising to go down that road because and on which point
340	Shakespeare (M4M) That is your part: yet I am advised to do it; He says, to veil full purpose.
577	OED: 1728 T. Sheridan Persius iii. (1739) 47 In the next Place he advises to consider the End of our Creation.
455	BNC: Only the Foreign Ministry, still occupied by Serrano Suñer, retained its position as a pro-Falangist stronghold, for the continued dominance of the Axis in the European war advised maintaining a pro-Axis sta
574	OED: 1586 Let. to Earl Leycester 2, I did therefore advise to haue this my letter..to be ready.
454	BNC: He advises setting aside 15 minutes a day to study and consciously interpret her own and other people's gestures and he promises that we will be amazed to find how much our "intuitions" about people car
453	BNC: When first choosing a hairdresser, he strongly advises booking a consultation rather than an appointment.
452	BNC: Hagglers seeking a better rise are therefore advised to "accidentally" drop the business card of a rival firm on the negotiating table.
451	BNC SPOKEN: If you do go to a second investment advisor and John may well advise to do so.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	admit	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	compound verbal complement of verb 'to be' = 'to have been' ; book World Affairs	1990	UK
2	2	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English			UK
3	2	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	elliptical 'be + admitted' followed by infinitive verbal complement 'to fall'	1450	UK
4	2	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	Furnivall, Frederick James, ed. 1825-1910, Publication Info: London,: Pub. for the Early E	1450	UK
5	2	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1454	UK
6	2	admit	gerund	Simple	Simple past		No	Mid English	verbal complment is compoung 'having used'	1468	UK
7	9	admit	gerund	Compound		Present	No	Modern English	autobiography	1926	UK
8	9	admit	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	; periodical Belfast Telegraph	1995	Ireland
9	9	admit	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive 'to admit'; British Medical Journal	1981	UK
10	9	admit	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive 'to admit' followed by gerund verbal compl.;	199?	UK
11	9	admit	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on Nursing	1990	UK
12	9	admit	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	Periodical Today	1992	UK
13	9	admit	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	compound form of verb 'to have rather enjoyed' with interposed ADV intensifier; biography	1988	UK
14	1	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1660	UK
15	1	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1747	UK
16	1	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1538	UK
17	1	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1413	UK
18	1	admit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	passive form of verb 'should be amytted' followed by infinitive complement in passive form	1483	UK
19	9	admit	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	verb in compound negative form 'doesn't admit' followed by 'to be working' compound verb	1993	UK
20	9	adore	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Woman	1991	UK
21	8	adore	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1978	USA
22	9	adore	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1984	UK
23	9	adore	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	14 convs rec. by `Enid' (PS08Y) between 21 and 27 Feb 1992	1992	UK
24	9	adore	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	diet book non-fiction	1990	UK
25	9	adore	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1988	UK
26	1	adore	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1950	Australia
27	1	adore		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1305	UK
28	9	adore	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Country Living	1991	UK
29	1	advise	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	passive form of verb 'to be advised'	1485	UK
30	1	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	with interposed NP-PRO-ANAPHOR 'our selves'	1563	UK
31	1	advise	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Early Modern English	with interposed PRO-NP 'them'	1578	India
32	9	advise	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	Leicestershire County Council: debate (Pub/instit). Rec. on 29 Sep 1993	1993	UK
33	7	advise	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	passive form of verb 'advise' followed by infinitive verbal complement	1604	UK
34	1	advise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1728	UK
35	9	advise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book world affairs	1993	UK
36	1	advise	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	MEANING 'to devise, to purpose'; personal letter	1586	UK
37	9	advise	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical She.	1989	UK
38	9	advise	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on fashion	1991	UK
39	9	advise	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'are advised'; periodical Daily Telegraph	1992	UK
40	9	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	compound MV with interposed ADV intensifier 'may well advise to do'; pre-retirement cou	1993	UK

Code	Phrase
1 457	BNC: At times he advised reverting to a lower potency if the higher potency aggravated; at other times he advised giving a few doses of a partially similar remedy if any aggravation should occur;
2 450	BNC: Everyone was welcome, including prostitutes whom Libion would advise to become models, even drug traffickers, provided their dealings were discreet, as well as Slav families, Russian revolutionaries and
3 341	Shakespeare (Cym) I would this music would come: I am advised to give her music o' mornings; they say it will penetrate.
4 130	Shakespeare (ToShrew): But, sirrah, not for my sake, but your master's, I advise You use your manners discreetly in all kind of companies:
5 134	Shakespeare (Mac): LENNOX And that well might Advise him to a caution, to hold what distance His wisdom can provide.
6 185	Mary Shelley (F): a man of science and not merely a petty experimentalist, I should advise you to apply to every branch of natural philosophy, including math
7 133	Shakespeare (Cym): First Lord Sir, I would advise you to shift a shirt; the violence of action hath made you reek as a sacrifice: where air comes out, air comes in: there's none abroad so wholesome as th
8 132	Shakespeare (PPoT) Antiochus: And with dead cheeks advise thee to desist For going on death's net, whom none resist.
9 571	OED: 1297 R. Glouc. 558 He avisede þe ost suiþe wel.
10 131	Shakespeare (M4M) Duke Vincentio: --we shall advise this wronged maid to stand up your appointment, go in your place;
11 129	Shakespeare (KHVIII): You'll find it wholesome. Lo, where comes that rock That I advise your shunning.
12 456	BNC: wobbly-voiced failed solo star who advised listening to dad (wonder why his career went down the toilet), has swapped allegiances and is now A&R man at Polydor.
13 458	BNC: At times he advised reverting to a lower potency if the higher potency aggravated; at other times he advised giving a few doses of a partially similar remedy if any aggravation should occur;
14 463	BNC: when William Cokar of Halling was sent to gaol for keeping an ale house and allowing gambling i.e. maintaining play at the dice of his own authority
15 469	BNC: conscience of everyman; which same natural law no one should be allowed to violate, even if in error, when that law, if broken, is seen to threaten the very moral fabric of society.
16 468	BNC: in May 1982 and sent to prison. Xishe's wife is allowed to see him for 45 minutes twice a year.
17 467	BNC: Remove the dish from the oven and allow to cool for 5 minutes before serving. Yorkshire apple cake
18 465	BNC: Interpretation is allowed to copy what it finds, and to distort it, and it may be that the novel can be interpreted as an entertainment which
19 399	Kervyng of fische.: they eat like Barbles: they are used by the Lotharingians and Savoyans [says Bellonius] for meat allowed to be eaten on fish-dayes, although the body that beareth them be flesh and unclean
20 464	BNC: The rapid scan NMR allows scanning to take place in selected areas of interest of the spectrum
21 252	Twain: For several ages no woman has been allowed to enter the cavern where that important hole is.
22 461	BNC SPOKEN: This restaurant allows smoking. Restaurants local restaurants can't afford not to dear.
23 186	Mary Shelley (F): you would greatly oblige me if you would allow me to remain a few minutes before the fire.
24 462	BNC: Yellowstone was threatened in 1883-4 by a plan to allow mining, but the park was saved after an intense debate.
25 470	BNC: There is often a tendency for pilots to think that, because they are solo and have managed a few soaring flights and their Bronze C, they should be allowed to go cross-country.
26 466	BNC: If I decide to remove all the fish but the brichardi, how many resultant pairs of offspring should I allow to breed in the same tank as the parents?
27 581	OED: 1637 Decree of Star Chamb. in Milton Areop. xvi. (Arb.) 16 Euery person or persons, now allowed or admitted to have the vse of a Presse.
28 580	OED: 1877 Mozley Univ. Ser. 129 Poetry is allowed to border upon the horizon of mysticism.
29 579	OED: a1300 Cursor M. 20034 þou nu will mi wil a-lou.
30 254	Twain: so much so that when poor ragged Arabs see one they beg to be allowed to kiss it.
31 253	Twain: It was plain that it must not be allowed to gain ground.
32 460	BNC: Several pieces of stiff paper or card, attached at the top, which allow viewing of only the top leaf; it can be free-standing or attached to the top of an easel or blackboard.
33 477	BNC: but the more seductive charms of the Corrado G60 will woo the hearts of those who appreciate driving a great-handling car.
34 471	BNC: compared to the Staffordshire Way. All letters would be greatly appreciated to assist me with my dissertation. Please send them to me,,
35 473	BNC: They say they'd appreciate knowing what I originally had in mind, so they can see if it still sounds suitable.
36 474	BNC: He will also appreciate having his memory jogged as to what he should record at any given time.
37 476	BNC: So the very few that were still on the road I really treasured and appreciated seeing.
38 582	OED: 1742 Bailey, Appretiate, to set an high Price, Value, or Esteem upon anything.
39 583	OED:1798 Ferriar Illustr. Sterne iv. 124 The physiological reader only can appreciate the profound sagacity of this conclusion.
40 475	BNC: In it, Elvis tells "Dear Liz" how much he appreciates receiving her letters and looks forward to seeing her during a trip

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	advise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	pamphlets; Norfolk: The Homeopathic Supply Company, 1991,	1991	UK
2	9	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	biography	1990	UK
3	7	advise	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	passive form of verb 'advise' followed by infinitive verbal complement	1609	UK
4	7	advise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	WITHOUT "to" and WITH pronoun "you" imposed between verb and verbal complement	1593	UK
5	7	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	Before the infinitive complement the preposition "to" and article "a" and noun "caution".	1605	UK
6	5	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	advise + interposed pronoun 'you' + infinitive 'to apply'	1818	UK
7	7	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1609	UK
8	7	advise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1608	UK
9	1	advise		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1297	UK
10	7	advise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1604	UK
11	7	advise	gerund	Simple	Simple present		No	Early Modern English	possessive pronoun "your" imposed between verb and gerund verbal complement	1612	UK
12	9	advise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical pop music	1991	UK
13	9	advise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	pamphlets; Norfolk: The Homeopathic Supply Company, 1991,	1991	UK
14	9	allow	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present participle 'allowing' followed by gerund verbal complement; book on history	1979	UK
15	9	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	Ireland book on religion	1991	Ireland
16	9	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	periodical on Human Rights	1991	UK
17	9	allow	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	Imperative form of verb 'allow' followed by infintive complement; periodical Good Food	1992	UK
18	9	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	book of essays	1989	UK
19	2	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	this is not a complete verb 'allow' but only its past participle, in an ADJ phrase; more sour		UK
20	9	allow	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on chemistry	1992	UK
21	5	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1867	USA
22	9	allow	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	228 convs rec. by `Chris' (PS05X) between 31 May and 1 Jun 1991	1991	UK
23	5	allow	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	verb allow followed by interposed pronoun 'me' followed by infinitive 'to remain'	1818	UK
24	9	allow	gerund	Compound	Simple present	Present	No	Modern English	verb 'to allow' in infinitive, followed by gerund verbal complement; book on history	1992	UK
25	9	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	book on gliding	1991	UK
26	9	allow	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	periodical Practical Fishkeeping	199?	UK
27	1	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	past participle form of verbs 'allowed' and 'admitted'	1637	UK
28	1	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'is allowed'	1877	UK
29	1	allow		Compound		Present	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1300	UK
30	5	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	infintive + infinitive "to be allowed to touch"	1867	USA
31	5	allow	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1867	USA
32	9	allow	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	A handbook of English Language Teaching terms and practice. Seaton, Brian. London: M	1982	UK
33	9	appreciate	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on cars	1990	UK
34	9	appreciate	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'appreciate' Scotland periodical on mountaineering	199?	Scotland
35	9	appreciate	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1989	UK
36	9	appreciate	gerund	Compound		Present	No	Modern English	compound verbal complement 'having NP jogged' periodical on boating	1991	UK
37	9	appreciate	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	autobiography	1990	UK
38	1	appreciate		Compound		Present	No	Modern English	EARLIEST OED ENTRY (differs from current meaning)	1742	UK
39	1	appreciate		Compound		Present	No	Modern English	verb 'appreciate' with current meaning OED earliest entry	1798	UK
40	9	appreciate	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	tabloid newspaper	1992	UK

	Code	Phrase
1	432	BNC: The clients appreciate being kept in the picture, even if their stay can not be made shorter.
2	472	BNC: Despite what she might say, Laura --; who was definitely a typical Leo lady --; clearly appreciated hearing her virtues praised.
3	479	BNC: District councillors were told that back in 1981 a resolution was approved to conduct a series of pigeon culls in Alton and Petersfield.
4	480	BNC: a building programme had been approved to provide about 600 new places: no decision had been taken about how or where they should be deployed.
5	481	BNC: Assessment centres will be approved to offer the awards from April.
6	482	BNC: the paper makes it clear that the role of the Lord President would be no different from the one he currently exercises when approving training and professional rules.
7	483	BNC: Aug. 10 Twelve of 20 Arab League members approve sending of forces to Saudi Arabia.
8	484	BNC: Members agreed to approve spending £2,500 on design work.
9	485	BNC SPOKEN: I regret that the committee decided it would not approve funding as detailed in your application.
10	478	BNC: As at September 1992 there were 137 companies listed by the Industrial Development Authority as approved to carry out activities in IFSC.
11	487	BNC: Dallas-based Recognition Equipment Inc says that its shareholders approved changing the company's name to Recognition International Inc.
12	488	BNC:On Jan. 10 the Federal Assembly had approved opening a new inquiry into those working in parliament, government and the president's office in order to unmask former StB agents and collaborators.
13	187	Mary Shelley (F): in my father's upright mind which rendered it necessary that he should approve highly to love strongly.
14	489	BNC: MIDDLESBROUGH council formally approved spending £50,000 to develop a health suite at the town's Southlands Leisure Centre, despite objections from minority party members.
15	584	OED: 1340 Hampole Pr. Consc. 4746 Yhit for certayn approves noght he þat þa fitten days of takens sal be.
16	585	OED: 1475 Caxton Jason 36 That thing that thou approuedest to seche aboue alle other.
17	586	OED: 1667 Milton P.L. iv. 880 Others who approve not to transgress By thy example.
18	587	OED: 1591 Raleigh Last Fight Rev. 24 Vnto them a spectacle, and a resolution sildome approued, to see one ship turne toward so many enemies.
19	486	BNC: if the US Congress were to approve funding for " the deployment of US mobile missiles', the multi-warhead rail-based MX and the single-warhead road-based Midgetman systems,
20	494	BNC: detection initially by staying very still. If caught, they can avoid arousing the predator's urge to kill through not wriggling, and then panic the predator into dropping them by making a sudden unexpected attack
21	495	BNC: In this section, we shall describe a method of avoiding cycling, allowing us to conclude that parametric programming problems can be solved in a finite number of steps.
22	493	BNC: Q: What should you avoid reading if you like to eat junk? A: Pure, White And Deadly, by Professor John Yudkin. Yudkin is a campaigner against processed sugar,
23	497	BNC: I rang room service. The waiter, when he came, archly avoided looking at Masha.
24	496	BNC: This needs to be done skilfully, and is usually done by trained researchers, who are adept at getting people to talk and at avoiding asking leading questions --;
25	499	BNC: Since for most of his reign he avoided going to war, he hardly deserves the reputation for belligerence which contemporaries conferred on him.
26	500	BNC: Parliament avoided taking the decision on the acceptance of Théodore, which was necessary for the replacement of the current interim Prime Minister, Jean Jacques Honorat.
27	589	OED: 1530 Palsgr. 441/1 Never have to do with hym, if thou mayst avoyde hym.
28	590	OED: 1599 Hakluyt Voy. II. i. 23 Because he by that meanes would auoid to marry with Alice.
29	591	OED: 1853 F. Newman Odes of Horace 185 Horace..in praising the emperor and congratulating Marcellus, avoids to make either seem his main subject.
30	592	OED: 1722 De Foe Moll. Fl. (1840) 148, I ventured to avoid signing a contract.
31	216	Stevenson (NAN): The private secretary, to whose entrance they paid no regard, could not avoid overhearing a part of their conversation.
32	175	The Federalist Papers: in its progress to the throne, to avoid being reduced to the dilemma of permitting
33	174	The Federalist Papers: This would give her the fairest chance to avoid being the Flanders of America.
34	588	OED: a1300 Cursor M. 3622 Avoyde scho hir, and vmbethoght.
35	491	BNC: In all cases, you would be wise to avoid waiting until the last minute.
36	490	BNC SPOKEN: I thought she's just the type of person which everybody would avoid to speak to, this girl! You know, the one that gets on your nerves!
37	492	BNC: and if the software can detect whether the required record is in overflow quickly enough to avoid missing the start of the next record.
38	498	BNC: at the village of Villers Perwin situated at a short distance from the Charleroi road near Quatre Bras. He, and others, appear to have avoided mentioning the landau, possibly through ignorance of its identity
39	251	MacLeod, Charlotte: "I'd adore to have lunch with you, but people might begin to think things."
40	405	by reason of the sharpe shot of Arowes & strokes gyuen by them of the kynges partes began to drawe backe.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	appreciate	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book: Citizens Advice Bureaux	1989	UK
2	9	appreciate	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1992	UK
3	9	approve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'was approved' ; local periodical	1992	UK
4	9	approve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'had been approved'; book on secondary education	1984	UK
5	9	approve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'will be approved' followed by infinitive verbal compl. 'to offer; Scottish	1990	Scotland
6	9	approve	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Independent	1989	UK
7	9	approve	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Keesings	1990	UK
8	9	approve	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb is itself a verbal complement in infinitive form 'to approve', followed by gerund 'apend	199?	UK
9	9	approve	gerund	Compound		Past	No	Modern English	compound form of verb with interposed NOT 'would not approve' followed by gerund 'fund	1991	UK
10	9	approve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	only past participle 'approved' followed by infinitive verbal complement; periodical on acco	1992	UK
11	9	approve	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on computing	199?	UK
12	9	approve	gerund	Compound		Past	No	Modern English	periodical Keesings	199?	UK
13	5	approve	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	verb approve followed by adverb of intensity: 'highly' followed by infinitive complement 'to	1818	UK
14	9	approve	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Northern Echo	199?	UK
15	1	approve		Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY verb 'approve' is followed by 'that' & subordinate clause	1340	UK
16	1	approve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1475	UK
17	1	approve	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1667	UK
18	1	approve	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	ADJ past participle 'approved' to see	1591	UK
19	9	approve	gerund	Compound		Present	No	Modern English	conditional form of verb 'were to approve'; periodical Keesings	1990	UK
20	9	avoid	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on animals	1991	UK
21	9	avoid	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	verb 'avoiding' is OBJ of PREP 'of', followed by gerund verbal compl. 'cycling'; book on pro	1985	UK
22	9	avoid	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1991	UK
23	9	avoid	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1990	UK
24	9	avoid	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	verb in gerund form 'avoiding' is OBJ of PREP 'at', followed by gerund 'asking'; manual on	1993	UK
25	9	avoid	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1994	UK
26	9	avoid	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Keesing	1992	UK
27	1	avoid		Compound		Present	No	Mid English	verb 'avoid' OED earliest entry with current meaning	1530	UK
28	1	avoid	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1599	UK
29	1	avoid	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1853	UK
30	1	avoid	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive form 'to avoid' followed by gerund 'signing'	1722	UK
31	5	avoid	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
32	5	avoid	gerund				No	Modern English	verb in infinitive "to avoid" + GERUND being + past participle "reduced"	1787	USA
33	5	avoid	gerund	Compound	Simple present	Present	No	Modern English	"would give" + her (DAT experiencer NP) the chance (ACCU obj patient NP) + to avoid +	1787	USA
34	1	avoid		Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY (differs from current meaning)	1300	UK
35	9	avoid	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb 'to avoid' in infinitive form followed by gerund 'waiting'; how-to book on jobs	1991	UK
36	9	avoid	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	12 convs rec. by `Margaret2' (PS6RG) between 20 and 27 Feb 1992	1992	UK
37	9	avoid	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive form 'to avoid' followed by gerund 'missing'; book on computer data	1989	UK
38	9	avoid	gerund	Compound		Past	No	Modern English	compound form of verb 'to have avoided' followed by gerund 'mentioning'; book on history	1991	UK
39	8	begin	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1978	USA
40	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	more source info: Peter Langtoft's Chronicle, (as illustrated and improv'd by Robert of Bru	1307	UK

	Code	Phrase
1	404	He was fayne and began to cry
2	320	Shakespeare (KHVliii): What! can so young a thorn begin to prick?
3	403	Robert Henryson: Quhill we haif liggit full neir / Bot mawgre haif i and i byd / Fra thay begin to steir / Quhat lysis on hairt i will nocht hyd / Makyn than mak gud che
4	259	Twain: of the devil in the desert, he came here and began his teachings;
5	258	Twain: He began to heal the sick, and his fame soon spread so widely that sufferers
6	257	Twain: and you go up three flights of stairs before you begin to come upon signs of occupancy.
7	256	Twain: We begin to comprehend what life is for.
8	402	'Well, yet the old proverbe to disprove I purpose to begin, / Which always saith that cowardly hearts fair ladies never win:
9	530	BNC: "They began growling, man," said Hopper. "Straightaway they got the mood of what we wanted." He used other personal experiences in the script.
10	415	Romance of Guy of Warwick: well sir Gyoun. / Ameraunt tho at the laste / Began for to febyll faste:
11	414	Chaucer (Canterbury Tales) And girt him in þe neke þat he began to brake / And toke him be þat on arme and þrewe him in a welle
12	413	Than began she to grone / And lowde out to crye,
13	412	A gude tale: For on þe palme-sonondaie, / When folk in kirk began to praie, / A voyse was in þe mynstir herde — / Þat made all þe folk full ferde;
14	411	Anon þe thonder began to berst — / The pepull fled away full fast.
15	410	Carl Horstmann: Altenglische legenden. Þe clerk began ite for-to rede, / And Eufemiane began to wede / When he þate lettir vndirstode;
16	531	BNC: She began walking ahead quickly, and Piers kept up with her with long, easy strides.
17	409	John Lydgate: And as I with myne heede began for to bow, / As me well ought to do hyr reuerence,
18	255	Twain: I begin to feel my fierce desire to converse with a genuine Emperor
19	593	OED: c1000 Ælfric Gen. ix. 20 Noe þa began to wircenne þæt land.
20	321	Shakespeare (2GV): How shall I dote on her with more advice, That thus without advice begin to love her!
21	322	Shakespeare (AMND) Puck: Their sense thus weak, lost with their fears thus strong, Made senseless things begin to do them wrong;
22	323	Shakespeare (MWW) Falstaff: I do begin to perceive that I am made an ass.
23	363	Shelley (F) For my own part, I begin to love him as a brother, and his constant and deep grief fills me
24	364	Shelley (F) she began to think that the deaths of her favourites was a judgment from heave
25	365	Shelley (F) he threatened and menaced, until I almost began to think that I was the monster that he said I was.
26	366	Shelley (F) I began to reflect on the best means of securing him;
27	400	Cursor mundi (The cursur o the world). A Northumbrian poem of the XIVth century in four versions. Ed. by the Rev. Richard Morris: pride es þe formast sin, / Of him to spek I wil begin.
28	407	John Lydgate: That seyng, Vyce hys oost began to showt and cry / And seyde, "On in Pluto name!
29	416	The Romance of Guy WarwickHe stirt vp wiþ hert grille, / & sir Gij began to asayle. / ¶ 'Kniʒt,' he seyde, 'ʒeld þe biliue;
30	406	John Lydgate: Apollo, theym beholdyng, began for to say / To the goddes & goddesses beyng there that tyde,
31	594	OED: 1821 T. H. Scott in Parr's Wks. (1828) VII. 242 They have already began to export fine wool.
32	595	OED: 1819 Byron Juan ii. clxvii, He begun To hear new words, and to repeat them.
33	596	OED: a1572 Knox Hist. Ref. Wks. 1846 I. 389 Thay begould to requyre that Messe sould be sett up agane.
34	597	OED: 1957 R. W. Zandvoort Handbook Eng. Gram. i. ii. 27, I felt I did not begin to understand her. (footnote) American, but spreading in England.
35	526	In the mid-1950s only a few of the simpler, standard power stations were beginning commissioning three to three-and-a-half years after the start of work on site,
36	527	It is suitable for those beginning training in Radiology or with limited initial experience.
37	528	BNC: Plums can be harvested as they begin to show colour.
38	408	John Lydgate: To noy nor hurt hym nor hys meyne. / And when he thedyr came he began to see / How Vyce hys purseuaunte, Cryme Oryginall, / Was entryd before
39	401	Scottish alliterative poems in riming stanzas, Amours, François Joseph, 1841-1910 : art vnkawin, / To mak me Lord of my awin; / Sa mot I thriue, I am thrawin, / Begin we to threip."
40	529	BNC: Unfortunately, just as they began to beat their hasty retreat, the bell for the start of school rang.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		Imposs	Mid English	Tundale. Das mittelenglische Gedicht über Die Vision des Tundalus auf Grund von vier H		UK
2	7	begin	to-infinitive	Compound	Simple present	Present	No	Early Modern English		1590	UK
3	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1500	UK
4	5	begin		Simple	Simple past		No	Modern English	Note: today we would probably use the plain GERUND form, not the noun modified by pos	1867	USA
5	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
6	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
7	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
8	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	MV: propose (sic) + to begin + to disprove; Note word order; inf. verb. compl. + SUB-NP +	1595	UK
9	9	begin	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography of actor	1991	UK
10	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	infinitive FOR TO febyll;	1350	UK
11	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	more source info.: the Lansdowne ms. Published for the Chaucer Society by N. Trübner,	1400	UK
12	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	Carl Horstmann, editor, published 1881		UK
13	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	Carl Horstmann, editor, published 1881		UK
14	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	published 1881, Carl Horstmann, editor		UK
15	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	2 infinitive verbal complements: 1 FOR-TO (hyphenated) one simple 'to wede'		UK
16	9	begin	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1992	UK
17	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	infinitive verbal complement FOR TO bow; more source info. By Oscar Lovell Triggs, U. o	1400	UK
18	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
19	1	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Old English	EARLIEST OED ENTRY	1000	UK
20	7	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	simple present 'begin' or elliptical 'shall begin'	1594	UK
21	7	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1595	UK
22	7	begin	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1600	UK
23	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1818	UK
24	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
25	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
26	5	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
27	2	begin	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	Note the word order: Prep + NP; infinitive verbal complement; SUBJ-NP + future modal +	1350	UK
28	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	SAME WORK as 'for to say' here as simple 'to + infinitive'; more source info.: By Oscar Lc	1400	UK
29	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	SAME WORK as FOR TO febyll, here simple to + infinitive 'asayle'	1350	UK
30	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	infinitive verbal complement FOR TO say; more source info. By Oscar Lovell Triggs, 189	1400	UK
31	1	begin	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1821	UK
32	1	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1819	UK
33	1	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1572	Scotland
34	1	begin	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	'begin' + infinitive verbal complement with NEW meaning = American innovation spread to	1957	UK
35	9	begin	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	book on electrical supply	1993	UK
36	9	begin	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	verb is an ADJ present participle 'beginning' followed by gerund 'training'	1994	Scotland
37	9	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on gardening	1991	UK
38	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	SAME WORK as 'for to say', here with simmple 'to + infinitive'; more source info. By Osca	1400	UK
39	2	begin	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English	Note the word order: MV 'begin' + SUBJ-NP 'we' + infinitive verbal complement 'to threip' =		UK
40	9	begin	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on Christianity	1992	UK

Code	Phrase
92	John Wycliffe: for ʔf men dreden bodili peynes and dep, and þefore ceessen to telle openly þe treupe, þei ben wiþ þis vnable to resceyue þe blisse of heuene
115	Shakespeare (KHVli): And when the lion fawns upon the lamb, The lamb will never cease to follow him.
114	Shakespeare (2GV) Cease to persuade, my loving Proteus: Home-keeping youth have ever homely wits.
113	John Wycliff: . . . but þei wolen not ʔyve siche goodis ne value of hem to helpe þer breperen, ne ceesse to anoye hem silf in bilding of hye housis, ne to gaderen sich veyn goodis
112	Mandeville's Travels: and þefore will I now ceesse of tellyng of diuerse thingez þat I sawe in þase cuntreez,
111	The Towneley Plays: Thay carp of a kyng, / thay seasse not sich chateryng. / Herodes Bot I shall tame thare t
110	Towneley Plays: That ryett radly shall thay rew, / we shall not seasse to thay be slayn, / ffor to the see we shall thaym sew;
109	Le Morte Arthur: For folyse fele that myght by-falle; / yiff thay will not ther sege sease, / Full sore I hope for-thynke hem shall."
108	The Towneley Plays: Jesus My moder mylde, thou chaunge thi chere! / Sease of thi sorow and sighyng sere
97	Chaucer: Canterbury Tales: Therefore / cesseth / hir langlyng and hir wonder / ¶ As soore wondren somme / on cause of thonder
96	The lanterne of lizt: þei ceessid not teching and preching Crist lesu
95	Holy Bible, Maccabees: the chaar for to be led, with out ceesyng doynge iourney; heuently dom dryuynge[constreynyng]
117	Shakespeare (KL): By all the operation of the orbs From whom we do exist, and cease to be;
93	John Wycliffe: Late wordly prelatis ceesse to schlaundre pore men, seyng þat þei wolen not obesche to here souereyns
102	Melusine. Part I Author: Jean, d'Arras, 14th century: by a Fortresse named the Castel Duras. But as now I shal cease of them to speke / and shal begynne to speke of the kyng of anssay, that had grete warre ay
598	OED: a1300 Cursor M. 6032 Prai for me now, moyses þi lauerd to do þis thoner ses.
599	OED: 1382 Wyclif Ephes. i. 16, l..ceesse not doynge thankyngis [Vulg. non cesso gratias agens] for you.
600	OED: c1440 Gesta Rom. 34 (Harl. MS.), þei cessid neuer drinking by þe space of iij. days or iiij.
601	OED: a1533 Ld. Berners Huon xciii. 301 Desyre of hym in my name to sease fyghtyng.
602	OED: 1611 Bible Numb. viii. 25 From the age of fiftie yeeres they shall cease waiting upon the service thereof.
603	OED: 1860 Tyndall Glac. 215 Throughout the entire measurement the snow never ceased falling.
101	Forthwith that Alderman shall cease to hold office, and shall give the indenture to the new Alderman
100	Caxton's Blanchardyn and Eglantine: A lytl shal here cease oure matere to speke of hym, unto tyme and oure shal be for to retorne to the same.
99	Higden, Ranulf, d. 1364.trans by Trevisa & anon.: This pecuʔliarity I shall cease to notice.
98	Early English Text Society, Printed by Trübner: French army arrives at Troyes, where a battle takes place, and lasts until sundown; the armies then cease fighting, neither side having gained the victory.
94	Holy Bible: in the eyen of ful manye wymmen; and thou shalt faile, or ceese, for to do fornycacioun,
218	Stevenson (NAN): The alarming manners and more than equivocal life of his father ceased from that moment to prey upon his mind;
188	Mary Shelley (F): I felt then that I should survive to exhibit what I shall soon cease to be— a miserable spectacle of wrecked humanity
189	Mary Shelley (F): for the bitter sting of remorse will not cease to rankle in my wounds until death shall close them forever.
194	Mary Shelley (F): The murderous mark of the fiend's grasp was on her neck, and the breath had ceased to issue from her lips.
195	Mary Shelley (F): poke of a power mighty as Omnipotence— and I ceased to fear or to bend before any being less almighty than that which
116	Shakespeare (KHVli): And this fell tempest shall not cease to rage Until the golden circuit on my head,
172	Federalist Papers: pure and unmixed. There is no point at which they cease to operate. They serve to embarrass and
171	Federalist Papers: may acquiesce in the necessity, yet he will not cease to regard and to regret a departure from
217	Stevenson (NAN) Can I cease to interest myself in the fortunes of the unhappy young man who
107	And ye kyng & his knyghtes ceassed not to make ioye for the victory that god had sente to theym thrughe the grete prowes of the
260	Twain: I can not cease to be astonished at the simplicity of Fulbert;
261	Twain: more execrable for the space of three weeks, till at last it had ceased to be coffee altogether
262	Twain: As we marched along, we began to get over our fears, and ceased to care much about quarantine scouts or any body else.
106	/ And thenne he sware our lorde he sholde never ceasse to goo / tyll he had seen reynawde and his brethern, his good cosyns

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	2	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1350	UK
2	7	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1590	UK
3	7	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1594	UK
4	2	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1384	UK
5	2	cease		Compound		Present	No	Mid English	NOT a verbal complement: chosen as an instance of highest frequency at this period.		UK
6	2	cease	gerund	Simple	Simple present		No	Mid English		1460	UK
7	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1460	UK
8	2	cease		Compound		Present	No	Mid English	NOT an example of verbal complement; chosen as an instance of highest frequency for th	1469	UK
9	2	cease		Simple	Simple present		No	Mid English	NOT a verbal complement: chosen as an instance of highest frequency at this period.	1460	UK
10	2	cease	gerund	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
11	2	cease	gerund	Simple	Simple past		Imposs	Mid English		1450	UK
12	2	cease	gerund	Compound		Present contin	Imposs	Mid English		1450	UK
13	7	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1605	UK
14	2	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1384	UK
15	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	Imposs	Mid English		1350	UK
16	1	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1300	UK
17	1	cease	gerund	Simple	Simple present		Yes	Mid English		1382	UK
18	1	cease	gerund	Simple	Simple past		No	Mid English		1440	UK
19	1	cease	gerund	Compound		Present	No	Mid English		1533	UK
20	1	cease	gerund	Compound		Present	Imposs	Early Modern English	BIBLE (translation from 'unknown' language)	1611	UK
21	1	cease	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1860	UK
22	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	English guilds: from manuscripts of the fourteenth and fifteenth centuries Author: Smith,	1870	UK
23	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1489	UK
24	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	Yes	Mid English		1364	UK
25	2	cease	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1884	UK
26	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	Imposs	Mid English		1450	UK
27	5	cease	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	verb cease followed by adverbial time phrase 'from that moment' followed by infinitive 'to p	1895	UK
28	5	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1818	UK
29	5	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1818	UK
30	5	cease	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1818	UK
31	5	cease	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
32	7	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1590	UK
33	5	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1787	USA
34	5	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
35	5	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
36	2	cease	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	Beginning of the four sones of Aymon, taken from Copland's edition (C. 12, i. 7), British M	1489	UK
37	5	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
38	5	cease	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1867	USA
39	5	cease	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
40	2	cease	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	Beginning of the four sones of Aymon, taken from Copland's edition (C. 12, i. 7), British M	1489	UK

Code	Phrase
105	French army arrives at Troyes, where a battle takes place, and lasts until sundown; the armies then cease fighting, neither side having gained the victory. Next day Beuves and his chief Barons appear
104	And ceased not for to ryde tyll that they cam afore Bourdews in IX dayes
169	Federalist Papers: degenerate in America— that even dogs cease to bark after having breathed awhile
103	Chaucer, Canterbury Tales Knight's Tale: Love cannot be given up as thou deemest: and he loves but little, who ceases loving in order to keep a promise.
170	Federalist Papers: is the use of such a provision, if it cease to operate the moment there is an inclinat
605	OED: 1596 Spenser F.Q. i. ii. 12 At last him chaunst to meete upon the way A faithlesse Sarazin.
610	OED: 1867 Trollope Chron. Barset II. xlvi. 23 If he chanced to be at home.
611	OED: 1711 Budgell Spect. No. 77 _6, I chanced the other Day to go into a Coffee-house.
609	OED: 1628 Hobbes Thucyd. (1822) 11 Where any discord chanced to arise.
608	OED: 1553 Eden Treat. New Ind. (Arb.) 5 There chaused..to come to my handes, a shiete of printed paper.
606	OED: c1400 Destr. Troy 7701 Than Achilles with a chop chaunset to sle Philles.
533	BNC: but before he chanced giving it to her he had asked her what she would like, and she told him.
604	OED: 1393 Gower Conf. III. 163 Flaterie passeth alle..For upon thilke lot it chaunceth To be beloved now a day.
536	BNC SPOKEN: and he had a double hernia through that. And er whatever whatever it was they said that er they wouldn't chance operating on him.
607	OED: 1551-6 Robinson tr. More's Utop. (Arb.) 124 Yf anything in her body afterward should chaunce to offend and myslyke them.
263	Twain: it was a police-boat on the lookout for any quarantine-breakers that might chance to be abroad. So we dodged—
142	Shakespeare (Cor): Lest you shall chance to whip your information And beat the messenger who bids beware Of what is to be dreaded.
141	Shakespeare (T&C) Ay, to the leavening; but here's yet in the word 'hereafter' the kneading, the making of the cake, the heating of the oven and the baking; nay, you must stay the cooling too, or you may c
140	Shakespeare (MAAN) Benedick: I may chance have some odd quirks and remnants of wit broken on me, because I have railed so long against marriage: but doth not the appetite alter?
139	Shakespeare (ToShrew): And if he chance to speak, be ready straight And with a low submissive reverence
138	Shakespeare (KHVIII) Sands: If I chance to talk a little wild, forgive me; I had it from my father.
137	Shakespeare (KHIVi) This gallant Hotspur, this all-praised knight, And your unthought-of Harry chance to meet.
136	Shakespeare (KHVIiii) But if you ever chance to have a child, Look in his youth to have him so cut off
135	Shakespeare (KHVIiii) I fear her not, unless she chance to fall.
535	BNC: She sprang up and all the children rushed towards their father save the baby, who was not, even for that prize, going to chance losing his throne.
219	Stevenson (NAN): lled him by name like a child or a domestic servant, "that you never by any chance do what the General tells you.
264	Twain: Therefore, if we chance to discover that from Dan to Beersheba seemed a mighty stretch of
525	P.A.Bien: When from time to time he did chance to speak to us, the moment he pronounced Christ's name he would lick his lips as though they had been daubed with honey.
532	BNC: At university I chanced to meet a detective sergeant who had been in the Durham drug squad outside the Sociology building in New Elvet, Durham city.
534	BNC: Yet because I could not bear to lie where I was and chance being seen, I jumped up with a great bound
540	BNC: Gould found he "had arrived at a good time, the birds having just commenced breeding",
622	OED: 1875 Jevons Money 48 The Russian government..commenced to coin it.
621	OED: 1871 Lytton Coming Race (ed. 6) 139 Commenced to exist.
620	OED: 1868 Helps Realmah i. (1876) 3 And now I shall commence to tell who I am.
619	OED: 1858 Sat. Rev. V. 270/2 The landholders..commenced to plunder indiscriminately.
618	OED: 1824 Landor Wks. (1853) I. 146 The barbarians have commenced..to furbish their professions and vocations with rather whimsical skirts and linings.
617	OED: c1325 Lai le Freine 264 And comenced to loue hir anon~right.
616	OED: c1320 Orfeo 247 Thei it commenci to snewe and frese.
615	OED: a1873 Mill Autobiog. 9, I commenced learning Latin.
614	OED: 1850 D. G. Mitchell Reveries of a Bachelor 159, I commence crying aloud.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	2	cease	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	The right plesaunt and goodly historie of the foure sonnes of Aymon. Englisht from the Fre	1884	UK
2	2	cease	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	The right plesaunt and goodly historie of the foure sonnes of Aymon. Englisht from the Fre	1489	UK
3	5	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1787	USA
4	2	cease	gerund	Simple	Simple present		No	Mid English	Title: The Cambridge ms (University library, Gg. 4.27) of Chaucer's Canterbury tales Auth	1400	UK
5	5	cease	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	subjunctive use of verb "cease" without auxiliary followed by infinitive verbal complement	1787	USA
6	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1596	UK
7	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	UK
8	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	interposed ADV Phrase of time	1711	UK
9	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1628	UK
10	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1553	UK
11	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1400	UK
12	9	chance	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction stories	1990	UK
13	1	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1393	UK
14	9	chance	gerund	Compound		Present	No	Modern English	Gwynedd County Council	1987	UK
15	1	chance	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1556	UK
16	5	chance	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
17	7	chance	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	subjunctive verb in "lest" clause "shall chance" followed by infinitive verbal complement	1607	UK
18	7	chance	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	Many gerunds! Verb is subjunctive "may chance" with infinitive verbal complement	1601	UK
19	7	chance		Compound		Present	No	Early Modern English	verbal complement infinitive without "to"; subjunctive verb in form "may chance"	1598	UK
20	7	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	subjunctive verb in "if" clause	1593	UK
21	7	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	subjunctive verb in "if" clause	1612	UK
22	7	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	subjunctive verb in "whenever" clause	1597	UK
23	7	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	subjunctive verb in "if" clause	1590	UK
24	7	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	subjunctive verb in "unless" clause	1590	UK
25	9	chance	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1993	UK
26	5	chance		Simple	Simple present		No	Modern English	subjunctive form of verb 'chance' followed by 'do' WITHOUT 'to'	1895	UK
27	5	chance	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
28	10	chance	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	TRANSLATION from Greek	1962	USA
29	9	chance	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on police	1991	UK
30	9	chance	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction stories	1993	UK
31	9	commence	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography of ornithologist	1991	UK
32	1	commence	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1875	UK
33	1	commence	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1871	UK
34	1	commence	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1868	UK
35	1	commence	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1858	UK
36	1	commence	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1824	UK
37	1	commence	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1325	UK
38	1	commence	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1320	UK
39	1	commence	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1873	UK
40	1	commence	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1850	UK

Code	Phrase
1	613 OED: 1797 Coleridge Biog. Lit. (1847) II. 314 He commenced being a severe and ardent student.
2	612 OED: 1314 Guy Warw. (A.) 2008 þat fiyt he wil comenci.
3	537 BNC: asked the drillers who were subcontracted to do the work to commence drilling, but they refused.
4	539 BNC: She commenced wrapping a blood pressure cuff around his arm.
5	541 BNC: a pseudospawning will take place where no eggs will be produced. The male now commences nest-building.
6	543 BNC: JOSEPHINE WILLIAMS was introduced to Medau in 1962 by Jean Parmiter and began training in 1963; qualifying and commencing teaching in 1966.
7	544 BNC: Also in commencing to draw, select a part of the picture which is least likely to move position, so that you may have stability in your drawing.
8	545 BNC: I will make a brash prediction: that by the year 2000 the social sciences, in conjunction with brain studies, will commence to replace biology in the central role.
9	546 BNC: Judith rolled up her sleeve and commenced to clean out the hen's entrails preparatory to stuffing the carcass.
10	542 BNC: Rule 5--;17 requires a firm to give the SFA seven business days' notice before commencing making unsolicited calls on private investors in respect of, inter alia, futures and options funds.
11	538 BNC: Plans were commissioned, and it was hoped to commence building in June 1973 and have the work finished within a year.
12	266 Twain: a coffee-colored piece of sculpture which he said was considered to have come from the hand of Phidias,
13	626 OED: 1779-81 Johnson L.P., Milton Wks. II. 118 A pamphlet..which was..enough considered to be both seriously and ludicrously answered.
14	625 OED: 1677-8 Marvell Corr. Wks. 1872-5 II. 598 The said Committee do consider to make a distinction of Popish Recusants from other Dissenters from the Church of England.
15	624 OED: 1646 H. Lawrence Comm. Angells 60 Let them consider to get loose; or they will find a worse state behinde.
16	623 OED: 1375 Barbour Bruce i. 114 Had ye..consideryt his vsage, That gryppyt ay, but gayne-gevyng.
17	552 BNC: After a year, Jakki considered leaving and secured a job at a tiny radio station just off Australia's Great Barrier Reef.
18	550 if recruitment involves relocation on the part of the employee, the company considers extending its relocation package for existing staff to new recruits.
19	554 BNC: The half-point is awarded for techniques which are considered to meet 90% of the requirements for a full point score.
20	549 BNC: raising problems of both theory and practice, particularly when a major institution considers computerising this information.
21	267 Twain: the transition was considered to be rather abrupt;
22	265 Twain: His special preface explains that he had considered revising the book before putting it on exhibition
23	547 BNC: The final push --; intended to win over waverers, particularly those considering voting Liberal Democrat --; was given added impetus with the Tories' final election
24	627 OED: 1830 D'Israeli Chas. I, iii. v. 73 He was often considered to speak in anger, when nothing was so intended.
25	553 BNC: He specialised in collecting the work of four artists he considered to be the true Cubists, Picasso, Braque, Leger and Gris.
26	551 BNC: She considered taking a "normal" job, perhaps making use of her practical skills.
27	548 BNC: crook my index finger and beckon slowly at any commuters passing along the corridor outside who are considering invading my territory.
28	630 OED: 1382 Wyclif Luke xxiii. 23 And thei contynueden axinge with greete voices, that he schulde be crucified.
29	359 Stevenson (NAN): The din at the door, so far from abating, continued to increase in volume,
30	357 Stevenson (NAN) A man must continue to eat, if it were only that he may continue to repent.
31	324 Shakespeare (WT): Is piled upon his faith and will continue The standing of his body.
32	635 OED: 1722 Lond. Gaz. No. 6041/10 The Pills continue to be sold by him.
33	634 OED: 1667 Milton P.L. ix. 138 In one day to have marr'd What he..six Nights and Days Continu'd making.
34	633 OED: 1651 Hobbes Leviath. ii. xxvi. 139 By whose authority they now continue to be Lawes.
35	360 Stevenson (NAN): Then he sat down suddenly, all of a heap, upon a stool, and continued laughing bitterly as though he would shake himself to pieces.
36	631 OED: 1526 Tindale Acts xii. 16 Peter contynued knockinge.
37	358 Stevenson (NAN) A man must continue to eat, if it were only that he may continue to repent.
38	629 OED: 1667 Milton P.L. ii. 1029 A Bridge of wondrous length From Hell continu'd reaching th' utmost Orbe Of this frail World.
39	356 Stevenson (NAN): and descend by the Rue Lepic itself while his pursuer should continue to follow after him on the other line of street.
40	345 The Federalist Papers: In every State there have been made, and must continue to be made, regulations on this subject which will,

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	1	commence	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	earliest GERUND verbal complement in OED following verb 'commence'	1797	UK
2	1	commence		Compound		Present	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1314	UK
3	9	commence	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive form 'to commence' followed by gerund form; book on Ireland	1990	UK
4	9	commence	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1984	UK
5	9	commence	gerund	Compound		Present	No	Modern English	periodical on fishkeeping	1992	UK
6	9	commence	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical local news	1985	UK
7	9	commence	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	present participle 'commencing' is OBJ of PREP 'in'; followed by to-infintive 'to draw'; peric	1992	UK
8	9	commence	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on evolution	1985	UK
9	9	commence	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1993	UK
10	9	commence	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present participle 'commencing' is OBJ of PREP 'before'; followed by gerund verbal comp	1993	UK
11	9	commence	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive form 'to commence' followed by gerund; book on history	1987	UK
12	5	consider	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb "consider"	1867	USA
13	1	consider	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'consider' in passive form followed by infinitive verbal complement 'to be'	1781	UK
14	1	consider	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1678	UK
15	1	consider	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1646	UK
16	1	consider		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1375	UK
17	9	consider	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical on fashion	1991	UK
18	9	consider	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on relocation	1987	UK
19	9	consider	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on karate	1991	UK
20	9	consider	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical of British Museum Press	1991	UK
21	5	consider	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive verb form of "consider"	1867	USA
22	5	consider	gerund	Compound		Past	No	Modern English		1867	USA
23	9	consider	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present participle form of verb 'considering' as ADJ, followed by gerund verbal compl. 'vot	1992	UK
24	1	consider	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'consider' in passive form followed by infinitive verbal complement	1830	UK
25	9	consider	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on art criticism	1991	UK
26	9	consider	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography singer	1989	UK
27	9	consider	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical Esquire	1991	UK
28	1	continue	gerund	Simple	Simple past		Imposs	Mid English	BIBLE = TRANSLATION from ??	1382	UK
29	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
30	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
31	5	continue	gerund	Compound		Present	No	Early Modern English	gerund verbal complement 'standing' but used as NP OBJ following article 'the'	1610	UK
32	1	continue	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1722	UK
33	1	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1667	UK
34	1	continue	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1651	UK
35	5	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
36	1	continue	gerund	Simple	Simple past		Imposs	Early Modern English	BIBLE = TRANSLATION from ??	1526	UK
37	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
38	1	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1667	UK
39	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
40	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Passive compound infinitive verbal complement 'to be made' following modal compound f	1787	USA

	Code	Phrase
1	344	The Federalist Papers: but continues to be pursued in all the conversations and writings of
2	343	The Federalist Papers: and will continue to do so as long as the same obstacles to a uniformity of measur
3	342	The Federalist Papers: they continue to be the favorite and fruitful topics from which the adversarie
4	632	OED: 1611 Bible 1 Sam. i. 12 As she continued praying before the Lord.
5	374	Shelley (F) I continued to wind among the paths of the wood, until I came to its boundary
6	368	Shelley (F) She left me, and I continued some time walking up and down the passages of the house
7	369	Shelley (F) I continued walking in this manner for some time, endeavouring by bodily exercise
8	628	OED: c1340 Hampole Prose Tr. 25 He continued alle night in prayers alone.
9	370	Shelley (F) Clerval continued talking for some time about our mutual friends and his own good
10	371	Shelley (F) I rushed out of the room and continued a long time traversing my bed-chamber, unable to compose my mind
11	372	Shelley (F) and I continued to read with the greatest avidity.
12	373	Shelley (F) This account rather alarmed us, and we continued to search for him until night fell,
13	375	Shelley (F) and calling on heaven to support me, I continued with unabated fervour to traverse immense desert
14	268	Twain: and they may possibly continue to stand there until they see the Napoleon dynasty swept away
15	637	OED: 1875 Jevons Money (1878) 83 They will continue to circulate as token coins.
16	367	Shelley (F) the men, unsupported by ideas of glory and honour, can never willingly continue to endure their present hardships.
17	269	Twain: from whence the friend of my childhood, Santa Claus, departed on his first journey, to gladden and continue to gladden roaring firesides on wintry mornings
18	636	OED: 1776 Trial of Nundocomar 24/1 Kissen Juan Doss continues reading from the Rosenamma.
19	270	Twain: Therefore this guide must continue to suffer.
20	558	BNC SPOKEN: Are you going Going where? You, We're not haven't you decided going! Er? Are we going or going or what?
21	560	BNC: When the Europeans decide to return, their guide decides to stay, and is immediately killed.
22	556	BNC SPOKEN: but he has questioned local planning authorities' deciding planning proposals that they themselves have originated and in particular the position of the county council in relation to the district coun
23	557	BNC SPOKEN: We have, we started again, nineteen eighty nine, we decided taking on board some of the Japanese ideas which we felt we could use.
24	562	BNC: However, the Ministry of Defence decided to prosecute Hamadi Jebali.
25	565	BNC: She picked up her candle and decided to go along to Mildred's room and have a grumble at her.
26	563	BNC SPOKEN: He visited Edinburgh, saw what they were doing there, liked it and decided to see whether it could be done at Sussex and approached the university through the Bi-Medical Engineering Group,
27	564	BNC: and Miriam Leah, who stunk of fish, decided to go into something more glamorous.
28	559	BNC: There is no such thing as deciding to do something, at least as this is usually understood. What we might think of as a process of deliberation and choice about our desires is, for him, simply the interplay ar
29	271	Twain: The Prophet was wise without knowing it when he decided not to go down into the paradise of Damascus.
30	561	BNC: It is only a matter of time before somebody decides to rubbish the whole global warming theory out of sheer desperation at finding a new angle.
31	220	Stevenson (NAN): When Northmour took his degree and I decided to leave the University without one, he invited me
32	555	BNC: Julie and Tim married in August 1984 and later Julie, deciding teaching was too tame, set up an import and export business
33	639	OED: 1830 D'Israeli Chas. I. III. i. 8 An English monarch now decided to reign without a Parliament.
34	638	OED: c1380 Wyclif Sel. Wks. III. 429 Bifore bis cause were descided bytwene wyse men.
35	732	OED: 1577-87 Holinshed Chron. I. 103/1 They flatlie denied to doo anie of those things.
36	640	BNC: Denying vote-catching, Mr Fallon said the rule change was good news for Darlington.
37	122	Shakespeare (KRIII) You may deny that you were not the cause Of my Lord Hastings' late imprisonment.
38	731	OED: c1300 K. Alis. 3999 Antiochus saide..Thow hast denied thyself here.
39	648	BNC: and draws me by it with cords of custom, and indebtedness, and love, and guilt. And still I deny to answer.
40	647	BNC: it has only been shown to have a "statistical association," much in the same way that sexual intercourse might be denied to "cause" pregnancy.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1787	USA
2	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
3	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1787	USA
4	1	continue	gerund	Simple	Simple past		Imposs	Early Modern English	BIBLE = TRANSLATION from ??	1611	UK
5	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	infinitive = identical to meaning of gerund complement	1818	UK
6	5	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'continue' followed by adverbial phrase of duration 'some time' followed by GERUND	1818	UK
7	5	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
8	1	continue		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1340	UK
9	5	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
10	5	continue	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'continue' followed by adverbial phrase of duration 'a long time' followed by gerund ve	1818	UK
11	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
12	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
13	5	continue	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'continue' + adverbial phrase of manner + infinitive verbal complement 'to traverse' =	1818	UK
14	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
15	1	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1875	UK
16	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1818	UK
17	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	verb "continue" in infinitive with elipsis of the "to"	1867	USA
18	1	continue	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1776	UK
19	5	continue	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
20	9	decide	gerund	Compound		Past	No	Modern English	6 convs rec. by `Robert2' (PS58H)	199?	UK
21	9	decide	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book of essays	1989	UK
22	9	decide	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	gerund OBJ 'deciding' followed by gerund verbal complement OR present participle ADJ 'teac	1992	UK
23	9	decide	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	Rotary Club meeting	1989	UK
24	9	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical by Amnesty Int'l	1991	UK
25	9	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction for children	1988	UK
26	9	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	radio broadcast	199?	UK
27	9	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction British anthology	1990	UK
28	9	decide	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	verb in gerund form 'deciding' followed by infinitive verbal compl. ; history of philosophy	1988	
29	5	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
30	9	decide	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical The Independent	1989	UK
31	5	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
32	9	decide	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	ADJ phrase headed by present participle 'deciding' followed by gerund verbal compl. 'teac	1992	UK
33	1	decide	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1830	UK
34	1	decide		Compound		Past	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1380	UK
35	1	deny	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1577	UK
36	9	deny	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	verb 'deny' is ADJ present participle follwed by compound verbal complement N + GERUN	199?	UK
37	7	deny		Compound		Present	No	Early Modern English	NOT an example of verbal complement; and instance of high frequency for this period.	1592	UK
38	1	deny		Compound		Past	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY 'deny' has meaning here 'contradict' NOT current meaning	1300	UK
39	9	deny	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1987	UK
40	9	deny	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	conditional passive form of verb 'might be denied' followed by infinitive verbal compl. 'to ca	1993	UK

Code	Phrase
1 646	BNC: But he denies harassing Miss Donna Van Den Berghen, 21, by putting his arm around her, touching her breasts and giving her a bear hug in front of colleagues.
2 645	BNC: Mr Browning, 36, of Cwm-parc, Mid Glamorgan, denies murdering Mrs Wilks, 22, whose body was found below an embankment on the M50 near Tewkesbury.
3 641	BNC: "Why do you suppose Mr Griffith might deny possessing the letters, Mr Fairfax?"
4 643	BNC: Timothy Jack Robson, 28, a carpenter, denied murdering Suzanne Greenhill, 20, on 28 June 1988.
5 733	OED: 1647 May Hist. Parl. ii. iii. 34 The King denied to give any other Answer.
6 734	OED: 1725 Butler Serm. vii. (1726) 125 He absolutely denied to curse Israel.
7 417	Apology for Lollard Doctrines: And ?et þey deny to men þe undir standing of þe gospel, and seyn men may not undirstond it, and þei graunt þat þei
8 644	BNC: He denied knowing anything about it, but I'm not sure I believe him."
9 126	Shakespeare (R&J): Ah ha, my mistresses! which of you all Will now deny to dance?
10 125	Shakespeare (LLL): If you deny to dance, let's hold more chat.
11 124	Shakespeare (ToShrew): If she deny to wed, I'll crave the day When I shall ask the banns and when be married.
12 123	Shakespeare (KRIII) My lord, he doth deny to come.
13 642	BNC: The couple, from north London, deny murdering seven-month-old Christopher Palmer last December.
14 655	BNC: Sustad does not give interviews because he dislikes reading about climbing about as much as he dislikes talking about it.
15 650	BNC: the little tape-recorder I had brought with me. I dislike using them in conversation, for they can add a measure of artificiality to what should otherwise be casual.
16 735	OED: c1555 Harpsfield Divorce Hen. VIII (1878) 301 God..disliked with the divorce, and liked well of the marriage with Queen Katherine.
17 736	OED: 1873 Black Pr. Thule (1874) 36 He disliked losing a few shillings at billiards, but he did not mind losing a few pounds.
18 656	BNC: Two other common reasons for disliking cleaning concern technical aspects of the work environment and one's "mood".
19 651	BNC: local parties are reluctant to adopt women candidates (the folklore being that women voters dislike voting for them) and anyone aged under 30 or over 50 years.
20 653	BNC: Mrs Ada Gaily decided to defrost the refrigerator. She had no idea how to go about it but she disliked waking an hour early from her rest and having nothing to do
21 649	BNC SPOKEN: that is subjective feelings we have, often of an emotional nature to make us want to do certain things and an an and dislike doing others, and it may be that we, we're really kind of lumbered with t
22 654	BNC: Monica loves to entertain and cook for visitors, but dislikes spending all her time away from them in a separate room, so linking the two rooms was the perfect solution.
23 652	BNC: Modigliani disliked writing letters, but during the winter of 1919 he wrote several times to Zborowski in Paris on practical matters,
24 737	OED: c1380 Wyclif Tracts Wks. (1880) 243 Enyoie ye to him wiþ quakyng.
25 668	BNC: He is the "front of house" person at The Mill, and enjoys chatting to guests over drinks in the lounge before dinner.
26 738	OED: 1864 Realm 22 June 3 She would greatly enjoy to dance at a ball once more.
27 274	Twain: that it is worth while to get tired out, because one so enjoys resting afterward.
28 273	Twain: How did he enjoy having another man following his wife every where and making her name a familiar word
29 272	Twain: Perhaps the reason I used to enjoy going to the Academy of Fine Arts in New York was because
30 667	BNC: Top: Kate enjoys celebrating Christmas at home Above: The crimson felt mantelpiece
31 665	BNC: "a wild harum-scarum youth apparently without a serious thought of any kind", who enjoyed galloping through the streets at full tilt on a fine thoroughbred.
32 664	BNC SPOKEN: I'll read a bit. I tell you the learners. Int you Brian, you enjoy guessing it all?
33 663	BNC: But from my experience, the majority of the nasties now enjoy headbutting people all around them (in time to the music, admittedly)
34 662	And because he thought he could cheat death. Of course, he is rather enjoying flying again.
35 661	BNC: That's why the best magazine is one which give you all the practical information and advice you need, so you can get on with enjoying bringing up your children your way.
36 660	BNC SPOKEN: I mean what, what psychological characteristics would make one person more groupie than another or more needing or wanting or enjoying belonging to a group than another?
37 659	BNC: Opening this month's Guitarist, any pleasure I was enjoying to find that my name still ranked highly in the opinion of guitar players
38 658	BNC: a video prepared by the Welsh Institute of Sport which manager Robert Norster said that his charges enjoyed to watch as relaxation "over and above the analytical stuff!"
39 657	BNC: I can walk," she began, and might have added that she would have enjoyed to do that --; had she got the chance.
40 666	BNC: He was in an expansive mood, and enjoyed chatting to the sales assistants.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	deny	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Daily Telegraph	1992	UK
2	9	deny	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical The Independent	1989	UK
3	9	deny	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1993	UK
4	9	deny	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical The Independent	1989	UK
5	1	deny	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1647	UK
6	1	deny	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1725	UK
7	2	deny		Simple	Simple present		No	Mid English	NOT an example of verb. compl.; included for typicality	1350	UK
8	9	deny	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1993	UK
9	7	deny	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1594	UK
10	7	deny	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1594	UK
11	7	deny	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1593	UK
12	7	deny	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1592	UK
13	9	deny	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical The Guardian	1989	UK
14	9	dislike	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on mountaineering	1991	Scotland
15	9	dislike	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	biography	1991	UK
16	1	dislike		Simple	Simple past		No	Early Modern English	EARLIEST OED ENTRY meaning 'be displeased with' NOT current meaning	1555	UK
17	1	dislike	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1873	UK
18	9	dislike	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	verb in gerund form 'disliking' is an OBJ of PREP 'for' followed by gerund verbal compl. 'cl	1990	UK
19	9	dislike	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on UK politics	1984	UK
20	9	dislike	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1969	UK
21	9	dislike	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	London School of Economics: lecture on the psychoanalytical study of society (Edu/inf). R	1991	UK
22	9	dislike	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Ideal Home	1991	UK
23	9	dislike	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1990	UK
24	1	enjoy		Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY; imperative form of verb with SUBJ-NP 'ye'	1380	UK
25	9	enjoy	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on tourism	1990	UK
26	1	enjoy	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	NB: OED declares infinitive verbal compl. of 'enjoy' to be vulgar or colloquial, i.e. ungramm	1864	UK
27	5	enjoy	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
28	5	enjoy	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
29	5	enjoy	gerund	Compound		Present	No	Modern English	infinitive "used to enjoy" followed by gerund "going"	1867	USA
30	9	enjoy	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Ideal Home	1991	UK
31	9	enjoy	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1991	UK
32	9	enjoy	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	28 convs rec. by `Arthur2' (PS50T) between 27 Feb and 2 Mar 1992	1992	UK
33	9	enjoy	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on pop music	1992	UK
34	9	enjoy	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1993	UK
35	9	enjoy	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; periodical Parents	1991	UK
36	9	enjoy	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; London School of Economics: lecture on the psychoanalytical stud	1992	UK
37	9	enjoy	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical Guitarist	199?	UK
38	9	enjoy	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical The Scotsman	199?	Scotland
39	9	enjoy	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	fiction	1993	UK
40	9	enjoy	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1990	UK

Code	Phrase
1 670	BNC: familiar as those passport photos you keep forgetting to chuck out of your wallet.
2 328	Shakespeare (KRII) Servant My lord, I had forgot to tell your lordship, To-day, as I came by, I called there; But I shall grieve you to report the rest.
3 327	Shakespeare (A&C): Who's born that day When I forget to send to Antony, Shall die a beggar.
4 326	Shakespeare (R&J): Be ruled by me, forget to think of her.
5 325	Shakespeare (KRII) Because we thought ourself thy lawful king: And if we be, how dare thy joints forget To pay their awful duty to our presence?
6 419	Paston Letters: No mor, but i beseche yow of youyr blssyng as lowly as i can, whyche i beseche yow forget not to geue me euery day onys.
7 679	BNC: This resulted in farce: "I have never forgotten seeing footage of a British manager which began on his moccasined feet, wafted over his monogrammed door mat,
8 361	Stevenson (NAN) Your conscience is tanned like South American leather-- only you forgot to tan your liver,
9 362	Stevenson (NAN) the sum, as you will remember, is five hundred a year--and unburdened, I forgot to add, unburdened."
10 669	BNC: She spoke about the book fluently and with passion, almost forgetting to eat her ice-cream.
11 330	Shakespeare: (Cym) I forgot to ask him one thing; I'll remember't anon:
12 418	Rolle, Richard, of Hampole, tr. 1290?-1349: Thi lufers loues the. bot be menand, that thou forget noght to venge of this that thi fa. that is, he that lufis syn that thou hatis, vpbraydid
13 420	I had forgotten to reherce, howe that very [unclear] night was shewed vnto the yong Turke / that, but if he were cristened / he might not be receyued vnto the tournay /
14 671	BNC: Too often the executive forgets to phone back until the next day.
15 672	BNC: Rodney approved. "Sara always forgets to dry them separately."
16 673	BNC: She forgot to mention the noise.
17 674	BNC: "I forgot to lock the door. Now somebody is in the school. Perhaps it's a thief! What can I do?"
18 675	BNC: It's like being in a house where you used to live, but you can't quite remember its danger points. Forget to duck --; whack; your head hits a lintel.
19 676	BNC: Don't forget to contact your house insurance company, and ask them to increase the buildings cover accordingly to include the new building.
20 677	BNC SPOKEN: let's integrate cos X. cos cos X. Trying to integrate that you say Mhm. well just forget trying to integrate it.
21 678	BNC: Constance never forgot standing in front of one on the main staircase. It was full of knights, one of whom was dying in the arms of a fair maiden.
22 681	BNC: She hadn't forgotten going to the pictures with Vernon to see The Song of Bernadette.
23 680	BNC: On returning from Court some days later, Lady Elizabeth enquired the whereabouts of her son, William, having completely forgotten locking the child in before she left, and not telling the servants she had d
24 307	Twain: I should be an ingrate if I forgot to make honorable mention of him in these pages.
25 744	OED: 1842 Tennyson Gardener's Dau. 85 The steer forgot to graze.
26 746	OED: 1592 — Ven. & Ad. 1061 Her joints forget to bow.
27 743	OED: 1718 Rowe tr. Lucan ix. 1389 Straight His Blood forgot to flow, his Heart to beat.
28 742	OED: 1710 Pope Windsor For. 353 The winds forget to roar.
29 741	OED: 1697 W. Dampier Voy. l. xvi. 444, I quite forgot to put it into my Journal.
30 740	OED: 1548 Hall Chron., Edw. IV (an. 10) 216 God dyd neither forgeve nor forget to punishe the duke.
31 739	OED: c888 K. Ælfred Boeth. xlii, Næfre nauht he ne forgeat.
32 745	OED: c1200 Vices & Virtues (1888) 7 Hie foryiteð to swiðe hem seluen wið-innen.
33 163	And certeynly this shal bee a pytuously worke [tha]-t all people tho that ben alyue. goyng sytting stan&edth;ing liggynge etyng or drynking. shullen be hurt so shortly wyth the lencie of deth sudenly;
34 752	OED: 1687 A. Lovell tr. Thevenot's Trav. ii. 83 You must not imagine to find such lovely Grass-plats and borders of Flowers as are in Europe.
35 747	OED: 1340 Hampole Pr. Consc. 6847 Alle þe men of cristianté Couthe noght, thurgh witt, ymagyn right, Ne descryve swa hydus a sight.
36 748	OED: c1391 Chaucer Astrol. i. §14 This forseide grete Pyn in maner of an extre is ymagyn[e]d to be the Pol Artyk.
37 749	OED: c1426 Paston Lett. No. 4 l. 12 Purposyng and imaginyng to putte William Paston in drede.
38 751	OED: 1839 Keightley Hist. Eng. II. 29 Fisher..also was arraigned for imagining to deprive the king of his title and dignity.
39 144	Shakespeare (KHIVii): Behold yourself so by a son disdain'd; And then imagine me taking your part And in your power soft silencing your son:
40 692	BNC: She had never imagined wearing clothes like this, or that they could make such a difference.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	forget	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + to-infinitive; periodical on pop music	1992	UK
2	7	forget	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1595	UK
3	7	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	'forget' has meaning of current 'forgo'	1606	UK
4	7	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	verb 'forget' in imperative form, followed by infinitive verbal complement 'to think'	1594	UK
5	7	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1595	UK
6	2	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English	infinitive verbal complement with NOT interposed between MV and 'to geue'	1450	UK
7	9	forget	gerund	Compound		Past	No	Modern English	quote from American in UK publication; book on consumption	1991	USA
8	5	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
9	5	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
10	9	forget	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	ADJ present participle 'forgetting'; fiction	1992	UK
11	7	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English	with current meaning exactly = opposite of remember	1609	UK
12	2	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English	infinitive verbal complement with NOT interposed between MV and 'to venge'	1349	UK
13	2	forget	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	more source info: The Three Kings' Sons. Part I. The Text / edited from its unique MS, Ha	1500	UK
14	9	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on business	1984	UK
15	9	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction stories	1991	UK
16	9	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1991	UK
17	9	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book for children	1989	UK
18	9	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	elliptical generic 2nd person SUBJ -you; fiction	1992	UK
19	9	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	verb in imperative form; periodical Do It Yourself	1992	UK
20	9	forget	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	VP + GERUND verbal compl. + to-infinitive verbal compl.; Tutorial lesson (Edu/inf). Rec. d	1993	UK
21	9	forget	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1991	UK
22	9	forget	gerund	Compound		Past	No	Modern English	fiction	1990	UK
23	9	forget	gerund	Compound		Past	No	Modern English	book on local history	1990	UK
24	5	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	Form simple past, but really subjunctive expressing unreal conditional 'if I forgot'	1867	USA
25	1	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1842	UK
26	1	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	NOT current meaning; 'forget HOW to bow'	1592	UK
27	1	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1718	UK
28	1	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1710	UK
29	1	forget	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1697	UK
30	1	forget	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1548	UK
31	1	forget		Simple	Simple present		Yes	Old English	EARLIEST OED ENTRY	888	UK
32	1	forget	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1200	UK
33	6	--gerunds--					Imposs	Early Modern English	NOT an example of a verbal complement: an instance of many gerunds typical of the peri	1505	UK
34	1	imagine	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1687	UK
35	1	imagine		Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1340	UK
36	1	imagine	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1391	UK
37	1	imagine	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Mid English	SUBJ-GERUND + to-infinitive	1426	UK
38	1	imagine	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + infinitive verbal compl.; NOT current meaning; 'imagine' = 'conspire or plot'	1839	UK
39	7	imagine	gerund	Simple	Simple present		No	Early Modern English	Verb imagine with interposed pronoun "me" followed by gerund verbal complement "taking	1590	UK
40	9	imagine	gerund	Compound		Past	No	Modern English	fiction	1990	UK

Code	Phrase
1 691	BNC: As the women talked and asked stupid questions about his novels he imagined putting them in the next one.
2 690	BNC: Socially, it is not too difficult to imagine getting rid of some of the provocations which produce aggression.
3 689	BNC: "I was just imagining spending an entire life closeted with only the company of your own sex ..."
4 688	BNC: Next time she had a nightmare, she would try imagining smashing, like eggs, the faceless looters and killers of her dreams.
5 687	BNC: "It's harder than anyone imagines to outrun destiny, I think." He got into the car and started the engine to drive back down the path.
6 686	BNC: Reform tends now to be seen not as treatment which is imagined to work independently of the will of the offender
7 685	BNC: They are the last people on earth one could imagine to be dancers. However, some are very good.
8 684	BNC: Ann Jones is the Great Britain captain, soon we imagine to succeed Sue Mappin as national women's team manager.
9 683	BNC SPOKEN: She says I always go with my bike shopping --; I couldn't imagine to go by car ... there are no problems parking
10 682	BNC SPOKEN: her bumper caught Mick's wing and right up against the wheel so imagine to pull it out to drive it and the driver said oh won't claim on the insurance
11 750	OED: 1548 Hall Chron., Hen. VIII 112 Now that the Frenchemen..daily imaged to destroye the Englishe pale.
12 143	Shakespeare: (KRIII): Look, what thy soul holds dear, imagine it To lie that way thou go'st, not whence thou comest:
13 145	Shakespeare (M4M): To be imprison'd in the viewless winds, And blown with restless violence round about The pendent world; or to be worse than worst Of those that lawless and incertain thought Imagine
14 38	coke, z. logick (scolar facs., 1969): Those that primarily imposed names, intended to name first the things themselves...As the word Man, is to express primarily the conceit which we form of Humane Nature,
15 36	Raymond, T (autobiography) Haveing spent about three yeres in this schoole, an unkle of myne being a courtier sent for me to London, intending to place me there.
16 37	anon. doctrynnall servauntes: All ye seruauntes that good intende to be, Beholde in this treatyse here present, In the whyche wryten ye shall se Ryght good doctrynes playne and euydent.
17 27	Recock, R. Now, thou? it so had be that this bischop hadde not intendid this to be doon for him into this eende, that his greet benefeting whiche he dide to London ...
18 26	Higden, Ranulf, d. 1364.trans by Trevisa & anon.: Hugutio, capit. Clarus. When the Romanes intendede to ?ffe batelle to eny cuntre, oon of theyme scholde goe to the costes of theire enmyes a ...
19 29	Chaucer, Canterbury Tales: I haue my sone snybbed / and yet shal / ffor he to vertu / listneth nat entende / But for to pleye at dees / and to despense / And lese al that he hath / is his vsa / ...
20 30	Northumbrian Poem: XIV Century: Baptized þre hundride men & wyues / þat bisily ful ofte þere / Entendaunt to þe apostles were / And eet breed wip hem to fare / whenne þei had nou? / ...
21 31	To loue myn enemyes, y wolde not entende; / But ?it schal y hem neuere curse, y weene; / Merciful ihesu! y wole amende.
22 32	Romance of Guy of Warwick: And many odur for hys sake. / To the kyng wolde he fare / And entenyd to leue þere full yare / He þoght of hym to haue honowre / And ryche caste
23 33	Rice Vaughan: I intend to prove that this increase of price and . . . Then I intend to prove that this real increase of Propo. . .
24 25	Higden, Ranulf, d. 1364.trans by Trevisa & anon.: ge to folowe the descriptores of the storye quadriualle, and as provocate thro the xemple of theim, intende to compile a tretys of the state of the yle of Breteyne, e
25 782	Rosamunde Pilcher: "Does your Editor know you intend returning?"
26 57	that in Wytson Weke[This letter was written on Whitsun Eve.] next I intend to þe marte ward. And I trust you will praye ffor me: ffor I shall pray ...
27 23	Cousine Stoner, I commaunde me to yow as hertely as I can, latynge yow have knowledge that I intendide to have bene with the King at the feste of Seynt John Baptist now late passid, to have att / ...
28 34	Rice Vaughan: And then I intend to set down the Benefits that do grow by . . .
29 22	Mandeville's Travels: at last, through his advice and with his assistance, the present treatise was composed, of which I intended to write nothing until I finally reached my own country in England. And I believe tha
30 698	BNC: Norman hadn't brought any rockboots, and intended climbing in the old green trainers he was wearing.
31 757	OED: 1529 More Suppl. Soulys Wks. 332/2 In dede he intendeth to goe ferther.
32 16	As it was, he was merely looking for that safest of all telephone lines, the one belonging to a public call box one has never used and never intends using again.
33 275	Twain: Now that I have begun this pilgrimage, I intend to go through with it,
34 276	Twain: These Neapolitans always ask four times as much money as they intend to take,
35 58	... etson. / Syr, I wold have written you som tidynge but I know none as yit þat be trew, save we intend here, with Godes grace, to begynne shippyng on Monday next. Syr, John Saye is deed, our lor / ...
36 277	Twain: They intended to let him die there, but Reuben intended to liberate him secretly.
37 28	Chaucer, Canterbury Tales: The day is short and it is passed pryde / And yet ne wan I no-thing in this day / I wol entende / to wynnen if I may / And nat entende / hir wittes to declare / ffor broth / ...
38 21	Mandeville's Travels: .elped the younger Jean d'Outremeuse in the composition of a work dealing with Eastern geography and intended to serve certain political interests in England. So much we may venture to g
39 24	The pilgrimage of the life of man, English by John Lydgate, A. D. 1426, from the French of Guillaume de Deguileville for, save to play and to solace, / I dar sey she, in hir werkyng, / Intendeth to noon other thyng.'
40 39	eden decades: priuilye to lay many bundels of those herbes in a certeyne house, whiche shortly after they intended to set on fyer, to thintent that owre men makynge haste to quenshe the same, myght take theyr

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	imagine	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1991	UK
2	9	imagine	gerund	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive form 'to imagine' followed by GERUND verbal complement; biography	1991	UK
3	9	imagine	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	verb in present continuous form 'imagining' followed by GERUND verbal compl. 'spending	1993	UK
4	9	imagine	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND verbal compl. + GERUND verbal compl.; book for children	1991	UK
5	9	imagine	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1992	UK
6	9	imagine	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	book on justice	1992	UK
7	9	imagine	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on ballet	1983	UK
8	9	imagine	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on sports	1989	UK
9	9	imagine	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Central News Broadcast	199?	UK
10	9	imagine	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	59 convs rec. by `Wendy' (PS0X8) between 21 and 28 Feb 1992	1992	UK
11	1	imagine	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English	NOT current meaning; 'imagine' = 'conspire or plot'	1548	UK
12	7	imagine	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	Verb imagine with interposed pronoun "it" before the infinitive verbal complement	1592	UK
13	7	imagine	gerund	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1604	UK
14	6	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1654	UK
15	6	intend	to-infinitive	Compound	Simple past	Present contin	No	Modern English		1681	UK
16	6	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1500	UK
17	2	intend	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1460	UK
18	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1364	UK
19	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
20	2	intend		Compound		Past continuo	No	Mid English	NOT an example of verbal complement	1350	UK
21	2	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	Pub. for the Early English Text Society, by K. Paul, Trench, Trübner & co., limited, 1866, r	1350	UK
22	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1450	UK
23	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1675	UK
24	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1364	UK
25	11	intend	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1987	UK
26	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1476	UK
27	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1482	UK
28	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1675	UK
29	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		Yes	Modern English		1919	UK
30	9	intend	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical on mountaineering	199?	UK
31	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1529	UK
32	4	intend	gerund	Compound		Past	No	Modern English		1967	NZ
33	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
34	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
35	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1478	UK
36	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
37	2	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1400	UK
38	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		Yes	Modern English		1919	UK
39	2	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1426	UK
40	6	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1555	UK

Code	Phrase
431	BNC: slowing noticeably to finish in a modest 14 mins 20.3 secs. "I didn't intend running so quickly early in the race," admitted Hudspith, whose training had taken second place to his studies.
89	Shakespeare (KHVlii): That if your highness should intend to sleep And charge that no man should disturb your rest.
11	c1385 Chaucer L.G.W. 1155 (Dido) Al the longe day they tweye Entendedyn to spekyng & to pleye.
90	Shakespeare (KRIII): As I intend to prosper and repent, So thrive I in my dangerous attempt Of hostile arms!
430	BNC: An Inspector from the local water company may well visit your house if you intend making extensive alterations or additions and may be able to help you by spotting any bad practice or likely contravention of
179	The Federalist Papers: everal smaller STATES agree to become members of a larger ONE, which they intend to form.
696	BNC SPOKEN: Yeah. Mm mm. Are you intending approaching health and safety in clients in the Employee Handbook?
191	Mary Shelley (F): What do you intend to do?
693	BNC SPOKEN: If I live, and I certainly am intending doing, until the twenty seventh of August of this year, I shall have reached the ripe old age of seventy five.
192	Mary Shelley (F): I do not intend to hurt you; listen to me.
193	Mary Shelley (F): In this expedition we did not intend to follow the great road to Edinburgh, but to visit Windsor, Oxford
40	hatton mm: To close an Accompt is to make an end or shut up an Accompt when you intend to write no more thereto,
190	Mary Shelley (F): I do not intend to sail until the month of June;
1130	Rosamund Pilcher: I'd intended taking her myself and staying the weekend, but I've got tied up with a man. . . ."
178	The Federalist Papers: It is not otherwise to be supposed, that the Constitution could intend to enable the representatives of the people to substitute their
41	At his comming into commons hee must enter into a bonde, in which I intend to bee one suretie, and either of your nephewes will serve for another.
759	OED: 1875 W. S. Hayward Love agst. World 79 What do you intend to do?
758	OED: 1624 Heywood Gunaik. 207 Alcippus intended to abrogate and adnichilate their lawes.
753	OED: 1582 Munday Eng. Rom. Life in Harl. Misc. (Malh.) II. 195 She could not intend to speake to them, being troubled with so many other suters.
754	OED: 1589 Puttenham Eng. Poesie i. xxxi. (Arb.) 74 No man or very few entended to write in any laudable science.
755	OED: 1590 P. Barrough Meth. Physick i. xxiii. (1639) 39 That he..may with all his power intend to amend it.
756	OED: _1413 Pilgr. Sowle (Caxton 1483) iv. xxx. 78 Flaterers..only entenden to plesse for the tyme.
697	BNC SPOKEN: No. Well, a bit I intend carrying on as the parliamentary candidate and somebody had obviously asked Dave why
35	but for in As moche As in soche pasportes or saluconduites often tymes may chaunce grete leop[ar]dy, Therefore I intende to schewe here a certen forme off the makynge off them,
695	BNC: Ask kind neighbours or friends if they can mow the lawn if you are intending being away a couple of weeks or more.
694	BNC SPOKEN: This is this was the, the cloakroom and what we were what we were intending doing originally is turn it into an office.
91	Shakespeare (KL) Suspend thy purpose, if thou didst intend To make this creature fruitful. To make this creature fruitful!
82	The Towneley Plays: The noytys that we haue nevened now; / And if thou lyke to abyde here styll, / And with vs won, welcom art thou. /
387	Stevenson (NAN) Would you like to take her to Graden House?" "Thank you," replied I;
81	The Towneley Plays: Therfor ouer all / Shall I make a cry, / That ye busk not to brall / nor lyke not to ly / This tyde;
386	Stevenson (NAN) He would like to use all his tallow before the light was blown out and the lantern
385	Stevenson (NAN) his safe-conduct was like to serve him little on a chance encounter.
80	Title: The Lyfe of Ipomydon, Author: Hue de Rotelande: Tho passyd he fforthe, as I yow say, / There he lyked best to play. / Ipo[m]adon, in hall there he stod,
384	Stevenson (NAN) and tell me the answer to all these riddles, and what, in God's name, is like to be the end of it."
380	Shakespeare (2GV) How now! are you sadder than you were before? How do you, man? the music likes you not.
381	Mary Shelley (F) indeed, none of our judges like to condemn a criminal upon circumstantial evidence,
382	Stevenson (NAN) "I should like to see you!"
383	Stevenson (NAN) For my part, I admire the stars, and like to have them shining--it's so cheery--
64	Purity: Who so hym lyked to lyft, on lofte watz he sone, / And quo so hym lyked to lay, watz lo?ed bylyve.
83	Thomas Hoccleve: Right as thi selffë liketh to assigne.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	intend	gerund	Compound		Present	No	Modern English	periodical--sports	199?	UK
2	7	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1590	UK
3	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1385	UK
4	7	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1592	UK
5	9	intend	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	how-to plumbing book	1992	UK
6	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1787	USA
7	9	intend	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present continuous form 'are + intending' followed by gerund verbal compl. 'approaching';	1993	UK
8	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1818	UK
9	9	intend	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present continuous 'am + intending' followed by gerund 'doing'; Bradford Metropolitan Cou	1991	UK
10	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1818	UK
11	5	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1818	UK
12	6	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1695	UK
13	5	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1818	UK
14	11	intend	gerund	Compound		Past	No	Modern English		1987	UK
15	5	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
16	6	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1626	UK
17	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1875	UK
18	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1624	UK
19	1	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1582	UK
20	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1589	UK
21	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1590	UK
22	1	intend	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1413	UK
23	9	intend	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	24 convs rec. by `Barry' (PS03W) between 1 and 6 Feb 1992	1992	UK
24	6	intend	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1500	UK
25	9	intend	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present continuous form 'are + intending' followed by gerund 'being'; periodical on garden	1991	UK
26	9	intend	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	present continuous 'were + intending' followed by gerund form 'doing'; 24 convs rec. by `B	1992	UK
27	7	intend	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1605	UK
28	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1460	UK
29	5	like	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Compound conditional in question form 'would you like' followed by infinitive verbal compl	1895	UK
30	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1460	UK
31	5	like	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	compound conditional 'would like' followed by infinitive verbal complement 'to use'	1895	UK
32	5	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'like' followed by infinitive verbal complement 'to serve' meaning current 'likely' = ADJ	1895	UK
33	2	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1520	UK
34	5	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	'like' here followed by 'to be' meaning current 'likely' ADJECTIVE	1895	UK
35	7	like		Simple	Simple present		No	Early Modern English	verb 'like' like current 'please' with dative SUBJ = experiencer	1594	UK
36	5	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	main verb 'like' ; followed by infinitive verbal complement 'to condemn', meaning current 'li	1818	UK
37	5	like	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
38	5	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
39	2	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English			UK
40	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK

Code	Phrase
1 388	Twain: Our pilgrims would have liked very well to get out their lampblack and stencil-plates and paint t
2 65	John Lydgate: And yef hit lyke yow to do in thys wyse, / And to foryeue hym clerely hys offense
3 63	Purity: Who so hym lyked to lyft, on lofte watz he sone, / And quo so hym lyked to lay, watz lo?ed bylyve.
4 699	BNC: I like going shopping with Marie, even if we don't buy nothing.
5 700	BNC: I just like looking in shop windows.
6 701	BNC: She thought too that Mrs Carson liked having her there.
7 702	BNC: In fact, he liked standing, especially when telephoning, which, as he disliked that form of communication, may have rendered it less irksome.
8 84	Karl Boeddeker: iesu, do me þat for þi name / me likeþ to dre?e pyne & shame
9 704	BNC: Jack thought hard for a moment, almost not liking to confirm his suspicion.
10 705	BNC: For example, if you like swimming, this exercise is good for strength, stamina, and suppleness; three swimming sessions a week will make you considerably fitter.
11 706	BNC: For example, you may like to swim on Mondays and Fridays, play squash on Wednesdays, and go for a long brisk walk or jog on Saturdays and Sundays.
12 66	John Lydgate: And bade hym awake & make hym sylf strong, / For he was lyke to endure that day / A gret mortall shoure, er hit were euesong, /clerely hys offense
13 763	OED: 1819 Shelley Cyclops 532 How does the God like living in a skin?
14 762	OED: 1568 Satir. Poems Reform. xlvi. 1 Off cullouris cleir quha lykis to weir, Ar sindry sortis in to this toun.
15 761	OED: c1450 St. Cuthbert (Surtees) 11 Who so lykys to luk it oure.
16 760	OED: c888 K. Ælfred Boeth. xviii. §3 (Sedgefield) Forðy sceolde ælc mon bion on ðæm wel gehealden Þæt he on his agnum earde licode.
17 703	BNC: I'm due to be married next Easter, and my fiancé has just told me he likes dressing up in women's clothes.
18 74	John Lydgate: But that the Lord, wych al hath wrouht, / Hath lordshepē sovereyne, / What hym lyketh to ordeyne, / As the Lord most pryncypal / With-uten any mene at al:
19 67	Thomas Hoccleve: The Regement of Princes: O liberal prince! ensample of honour! / Vnto your gracē lyke it to promoote / Mi poore estat, and to my woo beth boote!
20 79	Title: The Lyfe of Ipomydon, Author: Hue de Rotelande: Euery lord to his contre, / Or where them lyked best to be,
21 78	John Gower: Confessio amantis: Sche leith no peis in the balance, / Bot as hir lyketh forto weie; / The trewe man fulofte aweie
22 77	Vernon ms.: As princes is preised & proued for prys. / What leode þis lesson lykys to lere, / Be token hit is þe fflourdelys
23 392	Twain: Still we found an interest in the thing, because we naturally liked to know who were English and Americans among the passers-by.
24 707	BNC: "I like to swim in the nude." She spoke in a matter-of-fact tone,
25 75	John Lydgate: The causē off my stonyng here / Yiff yt lykē yow to lere.
26 73	W. Aldis Wright: Generydes: Ye are not lyke to speke with hym nomore.
27 72	Chaucer Canterbury Tales: O seruant traitur fals holy hiew / .y-lyke to þe nadder slei?e and in bosom vntrewe / God schelde vs al fro ?oure iniquitance / ...
28 389	Twain: It was said she could not sing well, now, but then the people liked to see her, anyhow.
29 68	Altenglische legenden, Carl Horstmann: It was ordan, who lykys to luke, / For resons foure, we find in buke:
30 76	Rev. Richard Morris A Northumbrian Poem of XIV Century: That make hem lyke to angill myght / Another skille also we fynd / yf angill had take mannys kynd
31 69	Altenglische legenden, Carl Horstmann: Ware his will was to wende / Or hym lyked to lende, / Bathe myldely and still, / Pou helde þe ay with þat hende
32 71	Chaucer Canterbury Tales: To euery man .y.-lyke tel me howe / It is an impossible it mai nou? be / A nyce cherle god lat him neu
33 70	Chaucer: Canterbury Tales: Now herkyth ?f ?ow lyke for to heere / But fyrst I ?ow be-seke in this matiere / Thow I be ordere telle nat these
34 390	Twain: and of course I'd of liked to run up to town and see them, but I dasn't,
35 391	Twain: And so he went a-mooning on and on, liking to hear himself talk, and every little while he fetched
36 223	Stevenson (NAN): But the weather was cool, and the trunk still managed to contain his shocking secret.
37 222	Stevenson (NAN): It thus became a problem how the thieves, if thieves they were, had managed to enter the house.
38 714	BNC SPOKEN: to ensure that they manage to implement the sensible planning that comes from being able to run their own affairs,
39 221	Stevenson (NAN): Externally he managed to keep pretty calm; but within, he was now boiling
40 765	OED: a1715 Burnet Own Time (1724) l. 580 He..was so frightened, that he was easily managed to pretend to discover any thing that was suggested to him.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	5	like	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	3-part compound conditional verb 'would have liked' followed by ADverbial phrase of emp	1867	USA
2		like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
3	2	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English			UK
4	9	like	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1990	UK
5	9	like	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1990	UK
6	9	like	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1992	UK
7	9	like	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1988	UK
8	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English			UK
9	9	like	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1983	UK
10	9	like	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on fitness	1989	UK
11	9	like	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on fitness	1900	UK
12	2	like	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1400	UK
13	1	like	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1819	UK
14	1	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1568	Scotland
15	1	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1450	UK
16	1	like		Simple	Simple past		No	Old English	EARLIEST OED ENTRY	888	UK
17	9	like	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical She	1989	UK
18	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1426	UK
19	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
20	2	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1520	UK
21	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1350	UK
22	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English			UK
23	5	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'liked' in simple past; followed by ADV phrase of manner; followed by infinitive verbal	1880	USA
24	9	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1992	UK
25	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1426	UK
26	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1440	UK
27	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
28	5	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
29	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Old English			UK
30	2	like	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1350	
31	2	like	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Old English			UK
32	2	like		Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
33	2	like	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1400	UK
34	5	like	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	compound conditional 'I would have liked' in dialect of period, followed by infinitive verbal	1885	USA
35	5	like	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	main verb in present participle heading ADJ phrase 'liking' followed by infinitive verbal cor	1885	USA
36	5	manage	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
37	5	manage	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1895	UK
38	9	manage	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	parliamentary debate	1992	UK
39	5	manage	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
40	1	manage	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1715	UK

Code	Phrase
1 720	BNC: "Picta" manages to creep all over the place but is far too lovely a plant to write off just for that reason.
2 719	BNC: LIFE on the Airliners by Bob Price is one of those books that manages to combine humour with facts.
3 718	BNC SPOKEN: The boy managed to struggle free. But tonight police are warning children in the area to take care.
4 717	BNC: complaining of his treatment by the Eighth Army, and had managed to extract promises of greater cooperation in future.
5 764	OED: 1561 T. Hoby tr. Castiglione's Courtyer i. (1577) D v b, It is the peculiar prayse of vs Italians..to manege wyth reason, especially rough horses.
6 713	BNC: Responsibilities. Manages accounting, finance and cash-flow projections.
7 712	BNC: A system of managed floating enables exchange rates to be determined essentially by private market forces,
8 711	BNC: If she can manage A levels and a baby she can manage doing this work.
9 710	BNC: We have to find ways of managing waiting more effectively and keeping the customer (be it general practitioner or patient) informed.
10 278	Twain: leaving it to others to determine how these people manage to make endless ranks of lofty forest trees grow
11 279	Twain: they have the article itself in such an attractive aspect, they ought to manage to get along without the word.
12 280	Twain: She gave it to him and he managed to spill it so as to ask for another cup,
13 766	OED: 1838 Macready Diary 3 Aug. Remin. (1875) II. 117, I find I managed to lose..£2,500.
14 147	Shakespeare (R&J) Benvolio: I do but keep the peace: put up thy sword, Or manage it to part these men with me.
15 708	BNC: Using a "time out" procedure for managing hitting, biting, and destructive behaviour is an effective way of setting limits for the child.
16 715	BNC: These are balls too big and important to juggle carelessly and Hooto (TM), earnest, needy, industrious but essentially an intellectual featherweight, doesn't even manage to lift them off the ground.
17 709	BNC: has become a commission for whale protection, not for controlling whaling ... I believe that we should establish a different international organization that is up to the task of managing whaling. "
18 716	BNC SPOKEN: But er I didn't manage to grow it. Oh lovely, you know, some nice big leaves for, flower arranging.
19 728	BNC: John always mentioned having appeared in one or two small parts when the ballet from the Cape came to Johannesburg.
20 767	OED: 1530 Palsgr. 634/2, I mencyon, I make rehersall or remembraunce of a thyng paste or a person absent, je mencionne.
21 729	BNC: Finally, the experiment with the additional capacitance has been mentioned to illustrate that the route can be changed by a small modification of the system.
22 727	BNC: written about 1250. Tolkien never mentions reading this, but it is unlikely that as a medievalist he did not.
23 726	BNC SPOKEN: Y you mentioned folding. Is there a, is there a proper way to fold cos I haven't Yeah nor seen it.
24 725	BNC: Earlier, I mentioned discovering that I was the owner of an immune system.
25 724	BNC: Apparently tired of watching his guests pick their teeth with knives, not to mention stabbing each other during drunken arguments, he ordered all the points to be ground from his cutlery --; thus the modern t
26 723	BNC: In any case they would never sanction sex with a man for whatever reason, not to mention taking the risk of giving birth to a male child.
27 722	BNC: we had to visit, not to mention collecting food and injured birds.
28 721	BNC: and I remembered her mentioning visiting you here a few months ago." "She told you'bout that?"
29 730	BNC: Wednesday I had to listen to Radio Suffolk this morning and Debenham was a school mentioned to be closed today.
30 127	Shakespeare (TA): SATURNINUS [Reads] 'An if we miss to meet him handsomely -- Sweet huntsman, Bassianus 'tis we mean
31 793	BNC: "I'm very excited about joining them. I've missed playing football badly."
32 779	OED: 1687 A. Lovell tr. Thevenot's Trav. i. 75 They very narrowly missed being taken by the Christians.
33 787	BNC: It was Saturday night, and this was the first time Shelley would miss seeing Miguelito and his flamenco performance at Pepe's Bar.
34 786	BNC: it is just the time that is missing to allow staff to participate" ... "The problem is more one of dire under-staffing
35 785	BNC: Now, as will have been noticed, in all the examples I have given, one very crucial element has been missing to make the expressions grammatical as instances of standard English --; we need determiners
36 789	BNC: was "The Congo", which linked savage chants and jazz rhythms in a rather bathetically facile way that just misses being electrifying.
37 790	BNC: By 1988, having joined the show in 1986, I was desperately missing gigging, and I was asked to put my old band The Y-Fronts back together
38 791	BNC: Bardot was still recovering from shock after narrowly missing being shot earlier this year by hunters killing her pets.
39 792	BNC: whether as boss of a catering-equipment firm or, later, as a humble taxi-driver, never missed going home to his wife for supper.
40 794	Rosamunde Pilcher: She missed her friends and the theatre and concerts at the Albert Hall and shopping and meeting people and going away for weekends.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	manage	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on gardening	1991	UK
2	9	manage	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on aviation	1991	UK
3	9	manage	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	[Central television news scripts]. Abingdon: Central TV, 1993	1993	UK
4	9	manage	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	book on history	1991	UK
5	1	manage		Compound		Present	No	Early Modern English	EARLIEST OED ENTRY	1561	UK
6	9	manage	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Business	1991	UK
7	9	manage	gerund	Compound		Past	No	Modern English	'managed' here is an ADJ describing the following gerund 'floating'; book on finance	1989	UK
8	9	manage	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on teen mothers	1987	UK
9	9	manage	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUDN + GERUND; British Medical Journal	1975	UK
10	5	manage	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
11	5	manage	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	verb in infinitive form "to manage" object of "ought" followed by infinitive	1867	USA
12	5	manage	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1867	USA
13	1	manage	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1838	UK
14	7	manage	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	Verb manage with interposed object pronoun "it" followed by infinitive verbal complement.	1594	UK
15	9	manage	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on child behaviour	1992	UK
16	9	manage	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	periodical pop music	1992	UK
17	9	manage	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; Keesing Periodicals	1997	UK
18	9	manage	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Flower-arranging demonstration (Leisure). Rec. on 1 Jul 1993	1993	UK
19	9	mention	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1983	UK
20	1	mention		Simple	Simple present		No	Early Modern English	EARLIEST OED ENTRY	1530	UK
21	9	mention	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	DOUBTFUL true infinitive verbal complement; book on physics	1988	UK
22	9	mention	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on literary criticism	1982	UK
23	9	mention	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	Talk on fire prevention (Pub/instit). Rec. on 27 Apr 1993	1993	UK
24	9	mention	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on cancer	1989	UK
25	9	mention	gerund	Compound		Present	No	Modern English	conatins construction 'not to mention + gerund'; periodical Today	1992	UK
26	9	mention	gerund	Compound		Present	No	Modern English	contains construction 'not to mention + gerund'; book on lesbians	1988	UK
27	9	mention	gerund	Compound		Present	No	Modern English	contains construction 'not to mention + gerund'; autobiography	1991	UK
28	9	mention	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; Kellner comment is applicable; fiction	1990	UK
29	9	mention	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	DOUBTFUL: CHILD WRITING	1997	UK
30	7	miss	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1593	UK
31	9	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical sports section	1997	UK
32	1	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	NOT current meaning; 'miss' = 'escape or avoid'	1687	UK
33	9	miss	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1993	UK
34	9	miss	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	DOUBTFUL 'missing' in passive form could be ADJ, followed by infinitive verbal complem	1986	UK
35	9	miss	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	DOUBTFUL; book on language teaching	1990	UK
36	9	miss	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on literary criticism	1990	UK
37	9	miss	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical Guitarist	1997	UK
38	9	miss	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUDN + GERUND; periodical Today	1992	UK
39	9	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Today	1997	UK
40	11	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1987	UK

Code	Phrase
1 783	BNC: The opportunity has not been missed to point unfavourably at the controversial plans for the Bode Museum in Berlin which,
2 781	OED: 1814 Scott Wav. lxi, She..once very narrowly missed introducing Waverley to a recruiting-sergeant of his own regiment.
3 788	BNC: His major problem is that he misses taking his medicine, and he travels too much.
4 780	OED: 1756 W. Toldervy Hist. 2 Orphans IV. 94 A hollier, who narrowly missed taking off the toes of Humphry with his carriage.
5 784	BNC: when privatisation takes place, the golden opportunity will not be missed to set up the Scottish bus passenger consultative committee,
6 778	OED: 1600 Hakluyt Voy. III. 257 [This] made mee and my company as narrowly to escape staruing..as euer men did that missed the same.
7 777	OED: 1869 Browning Ring & Bk., Pope 1658 So, never I miss footing in the maze.
8 776	OED: 1820 Keats Isabella xxvi, I was in pain Lest I should miss to bid thee a good morrow.
9 775	OED: 1816 Scott Old Mort. xxxiv, The whigs never miss to find it [sc. good ale] out.
10 774	OED: 1733 Tull Horse-Hoeing Husb. xiv. 196 In a dry Summer both sorts of Clover are apt to miss growing.
11 773	OED: 1664 Chas. II. in Cartwright Madame (1894) 159 Pardon me for haveing mist writing to you so many posts.
12 772	OED: 1568 Jacob & Esau Prol., To send him a son by Sara he did not misse.
13 771	OED: c1540 J. Heywood Four P.P. 368 (Manly), I thought ye wolde nat haue myst To make men lyue as longe as ye lyste.
14 770	OED: 1477 Norton Ord. Alch. v. in Ashm. (1652) 77 Which would not misse..to make lac virginis.
15 769	OED: c1381 Chaucer Parl. Foules 75 Thou shalt nat misse To comen swiftly to that place dere.
16 768	OED: Beowulf 2439 He miste mercelses and his mæy ofscet.
17 332	Shakespeare (KRII) I shall not need transport my words by you; Here comes his grace in person. My noble uncle!
18 333	Shakespeare (KRII) For what I have I need not to repeat; And what I want it boots not to complain.
19 334	Shakespeare (KHIVi) Falstaff: I was as virtuously given as a gentleman need to be;
20 335	Shakespeare (ToShrew) I'faith, sir, you shall never need to fear:
21 331	Shakespeare (KRIII) But, God be thank'd, there's no need of me, And much I need to help you, if need were;
22 177	The Federalist Papers: dismissal of his predecessor has proceeded from a dislike to his measures; and that the less he re
23 176	The Federalist Papers: Our principal dislike to the organization arises from the extent
24 904	BNC: The Blackdown Hills, above the Tone valley, offer walking and riding among superb beech woods.
25 798	OED: 1656 Bp. Hall Breath. Devout Soul (1851) 201, I may not offer to look into the bosoms of men, which thou hast reserved for thyself.
26 796	OED: 1540-1 Elyot Image Gov. 29 After that the emperour had concluded in this wise his reson, there was no man offred to reply thereto.
27 797	OED: a1553 Udall Royster D. iii. v. (Arb.) 58, I knocke your costarde if ye offer to strike me.
28 281	Twain: and silently begs that you won't run over him, but he does not offer to get out of the way;
29 282	Twain: The doctor, in jest, offered to kiss the young girl,
30 795	OED: c825 Vesp. Psalter lxx. 15 Onseydnisse merylice ic ofriu ðe [L. holocausta medullata offeram tibi].
31 180	The Federalist Papers: It may perhaps be thought superfluous to offer arguments to prove the utility of the UNION, a point, no doubt, dee
32 905	BNC: Section 6 reads: "A person exposing goods for supply or having goods in his possession for supply shall be deemed to offer to supply them."
33 906	BNC: When seeking mischief, the fenoderee will offer to shake hands, for easily crushing the bones of his victim's hand amuses him greatly.
34 903	BNC: the use of an investigation while side stepping the financial and ethical issues inherent in offering testing to healthy subjects (that is, screening).
35 902	BNC: The main contenders for CD multimedia so far are based on an initial strategy of offering adding value to a base of actual or potential CD-A users.
36 121	Shakespeare (MoV) Well, if any man in Italy have a fairer table which doth offer to swear upon a book, I shall have good fortune.
37 901	BNC: Amendments in the curriculum to placate opinion through offering teaching of Korean history and geography were introduced.
38 900	BNC: Fiona McRae, adds: "When we started there was only one other agency offering counselling that was completely free, and that was for the whole of Edinburgh.
39 226	Stevenson (NAN): The fellow offered to show him to the smoking-room when he had done;
40 225	Stevenson (NAN): "I should have remembered how generously you offered to shield me, even before I had convinced you

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	miss	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	DOUBTFUL; periodical on art	1993	UK
2	1	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1814	UK
3	9	miss	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Esquire	1991	UK
4	1	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1756	UK
5	9	miss	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	DOUBTFUL, NOT a TRUE infinitive verbal complement; House of Commons Report	1989	UK
6	1	miss	gerund	Simple	Simple past		No	Early Modern English	NOT current meaning; 'miss' = 'avoid or escape'	1600	UK
7	1	miss	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	QUESTIONABLE as GERUND verbal complement 'footing'; due to rarity of verb 'to foot'	1869	UK
8	1	miss	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1820	UK
9	1	miss	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1816	UK
10	1	miss	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1733	UK
11	1	miss	gerund	Compound		Past	No	Early Modern English		1664	UK
12	1	miss	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1568	UK
13	1	miss	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	NOT current meaning; 'miss' = 'fail to do'	1540	UK
14	1	miss	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	NOT current meaning; 'miss' = 'fail to do'	1477	UK
15	1	miss	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	NOT current meaning; 'miss' = 'fail to do'	1381	UK
16	1	miss		Simple	Simple past		No	Old English	EARLIEST OED ENTRY	800	UK
17	7	need		Compound		Present	No	Early Modern English	verbal complement WITHOUT 'to'	1595	UK
18	7	need	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	verb 'need' with interposed 'not' before infinitive verbal complement	1595	UK
19	7	need	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	verb in subjunctive signalled by non-current agreement on 3rd person sing. followed by in	1597	UK
20	7	need	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1593	UK
21	7	need	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1592	UK
22	5	--noun--					No	Modern English	noun "dislike" + PREPOSITION "to" = possible source of misinterpretation to future "to infi	1787	USA
23	5	--noun--					No	Modern English	noun "dislike" + PREPOSITION "to" = possible source of misinterpretation to future "to infi	1787	USA
24	9	offer	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	advertising pamphlet	199?	UK
25	1	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	NOT current meaning; 'offer' = 'dare'	1656	UK
26	1	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English	NOT current meaning; 'offer' = 'dare'	1540	UK
27	1	offer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	NOT current meaning; 'offer' = 'dare'	1553	UK
28	5	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
29	5	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
30	1	offer		Simple	Simple present		Yes	Old English	EARLIEST OED ENTRY	825	UK
31	5	offer	to-infinitive				No	Modern English	infinitive verb "to offer" followed by OBJ NP 'arguments' followed by infinitive verbal comp	1787	USA
32	9	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	INFINITIVE VERBAL COMPL. + INFINITIVE VERBAL COMPL.; book on sales law	1989	UK
33	9	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book about gods & myths	1990	UK
34	9	offer	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; British Medical Journal	1978	UK
35	9	offer	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND, book on multimedia	1991	UK
36	7	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1596	UK
37	9	offer	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on history	1989	UK
38	9	offer	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical Scotsman	199?	Scotland
39	5	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
40	5	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK

Code	Phrase
224	Stevenson (NAN): but though more than one of these offered to fall into talk with our adventurers,
899	BNC: Goacher et al (1988) recorded that only 28 per cent of LEAs were offering training to their assistants in order to implement the 1981 Education Act.
898	BNC: humanitarian and ethical considerations which value the lives and well-being of older people; urgent attention is given to offering screening for, and treatment of, osteoporosis;
421	Generydes, a romance in seven-line stanzas. Ed. from the unique paper ms. by W. Aldis Wright: She thought it dede hir good on hym to thynk, / And of hir cuppe she offeryd hym to drynk. / He toke it of hir hand f
799	OED: 1703 Moxon Mech. Exerc. 37 You should not offer to cut the Grooves to their full width at the first.
161	Shakespeare (Cor): COMINIUS I offer'd to awaken his regard, For's private friends:
283	Twain: Then our comrade, always a shrewd business man, offered to take the whole cargo at thirty days,
120	Shakespeare (AYLI) Touchstone: That is another simple sin in you, to bring the ewes and the rams together and to offer to get your living by the copulation of cattle
119	Shakespeare (ToShrew) TRANIO Sir, what are you that offer to beat my servant?
118	Shakespeare (KHIVii) Falstaff: I had as lief they would put ratsbane in my mouth as offer to stop it with security.
804	OED: a1533 Ld. Berners Huon lix. 203 He offeryth to make amendes.
800	OED: 1865 Trollope Belton Est. xxiv. 284 He did not offer to kiss her.
801	OED: 1724 De Foe Mem. Cavalier (1840) 270, I offered to go to the king.
802	OED: 1634 Sir T. Herbert Trav. 185 They have too great plenty, and offred to sell us some.
803	OED: 1588 Hunsdon in Border Papers (1894) l. 306, I..did offer to send Sir John Selby and towe others to confer with them.
152	Shakespeare (KL) Wherefore should I Stand in the plague of custom, and permit The curiosity of nations to deprive me,
151	Shakespeare (TA) QUINTUS Aaron is gone; and my compassionate heart Will not permit mine eyes once to behold The thing whereat it trembles by surmise;
154	Shakespeare, Sonnet 33: Anon permit the basest clouds to ride With ugly rack on his celestial face,
165	Federalist Papers: the evidence, of known facts will not permit us to deny that they are in
911	BNC: (B) MEANING OF TERMS 1. "That you" This point means the identity of the person using, causing or permitting to be used 2. "did use (or cause or permit to be used)"
915	BNC: In 1926 China became the first country in the Far East to permit kissing to be shown on its cinema screens.
153	Shakespeare: Rape of Lucrece: Or if thou wilt permit the sun to climb His wonted height, yet ere he go to bed, Knit poisonous clouds about his golden head.
285	Twain: Not permitted to land, though we showed a clean bill of health.
166	Federalist Papers: reliance of this kind, are too recent to permit us to be the dupes of such
167	Federalist Papers: distance from the central point which will just permit the most remote citizens to assemble
168	Federalist Papers: the more important States or confederacies would permit them long to submit to this mortifying
286	Twain: because of the uncommonly select material that would alone be permitted to pass through the camel's eye of that committee on
916	BNC: Spectra's features include Virtual target, which runs the embedded application on the host and permits debugging before the target hardware is available.
196	Mary Shelley (F): I fear that he will become an idler unless we yield the point and permit him to enter on the profession which he has selected.
197	Mary Shelley (F): that I was again allowed to breathe the fresh atmosphere and permitted to return to my native country.
284	Twain: for no woman is permitted to enter Mars Saba, upon any pretext whatsoever.
502	Lincoln diocese documents: said master william ffranklyn, Clerke, that he and the said william ffrancklyn and katheryn shall permytte and suffer oone lohn hogys peasebly to inioye and occupye ffor terme of Twer
806	OED: 1526 Tindale Acts xxvi. 1 Thow arte permitted to speake for thy silfe.
501	Ranulf Higden: heire of my realme havynge xxti yere in age after the dethe of his fader is permitte to governe hym selfe and his londes."
909	BNC: Later I was told that in criminal trials counsel are not permitted to talk to their witnesses during adjournments.
910	BNC: (Prevention of Pollution) Act 1951, s.2, is committed if a person "causes or knowingly permits to enter a stream any poisonous, noxious or polluting matter ...".
908	BNC: "He was very angry. She is not permitted to talk to anyone about the marriage now."
912	The size characteristics of the flocs may be examined by permitting settling in natural waters in which sediment and ionic concentrations may be high (Peirce &Williams, 1966).
914	BNC: It follows that a refusal to permit felling or the imposition of conditions on operations which are either contrary to the principles of good forestry or destructive of amenity ought not to carry any compensation
907	BNC: It was how most of their arguments started --; the sudden stirring of discord caused by their lack of understanding of one another's attitudes --; an incautious word which stubbornness would not permit to b

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	5	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
2	9	offer	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	book on education	1989	UK
3	9	offer	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on age	1990	UK
4	2	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	verb 'offer' followed by NP-DATIVE OBJ-goal/recipient 'hym' followed by infinitive verbal c	1440	UK
5	1	offer	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	NOT current meaning; 'offer' = 'attempt'	1703	UK
6	7	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1607	UK
7	5	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
8	7	offer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1599	UK
9	7	offer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1593	UK
10	7	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1597	UK
11	1	offer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1533	UK
12	1	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1865	UK
13	1	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1724	UK
14	1	offer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1634	UK
15	1	offer	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1588	UK
16	7	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	verb permit with very large interposed object followed by infinitive verbal complement "to c	1605	UK
17	7	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	Verb permit with interposed object "mine eyes" and adverbial "once" followed by infinitive	1593	UK
18	7	permit	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	Verb permit with interposed object "the basest clouds" followed by infinitive verbal comple	1601	UK
19	5	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
20	9	permit	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	police report	1987	UK
21	9	permit	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book of sexual trivia	1990	UK
22	7	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	Verb permit with interposed object "the sun" followed by infinitive verbal complement "to c	1594	UK
23	5	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form--participle of verb 'permit'	1867	USA
24	5	permit	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1787	USA
25	5	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
26	5	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
27	5	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive form--participle of verb 'permit'	1867	USA
28	9	permit	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Unigram	199?	UK
29	5	permit	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	verb permit + interposed OBJ pronoun + infinitive verbal complement	1818	UK
30	5	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	past participle in passive construction followed by to-infinitive verbal complement WITHOU	1818	UK
31	5	permit	to-infinitive	Compound	Simple present	Past	No	Modern English	Passive --participle form of verb 'permit'	1867	USA
32	2	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	interposed dative (beneficiary) NP between verb 'permit' and infinitive verabl complement	1500	UK
33	1	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	passive form of verb 'are permitted'	1526	UK
34	2	permit	to-infinitive	Compound		Past	Yes	Mid English	participle form of verb 'permitte'	1450	UK
35	9	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'permit' in passive form; fiction	1990	UK
36	9	permit	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	pollution laws	1993	UK
37	9	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'permit' in passive form; periodical The Daily Mirror	199?	UK
38	9	permit	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on sedimentology	1988	UK
39	9	permit	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on city planning	1988	UK
40	9	permit	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1993	UK

Code	Phrase
1 807	OED: 1748 Anson's Voy. ii. vi. 205 They had been permitted to wait on him.
2 805	OED: 1489 Caxton Faytes of A. iii. xii. 192 To a man in deffense is permytted to hurt another.
3 913	BNC: Moreover putting up barriers, banning night driving, giving priority to public transport and permitting cycling the "wrong way in one way streets are other applications of the law.
4 922	BNC: She wound a lime chiffon scarf of Madeleine's around her head, and practised pouting with one hip thrust forward.
5 923	BNC: Two weeks of manoeuvres, in which the two navies practised working together, would follow and they would then set sail for Portsmouth, defeating the British fleet, correctly estimated at around 35 major w
6 924	BNC: As the patient stands up, he practises bringing the ball back towards him by bending his elbows with good control.
7 925	Lesley-Anne, 38, who jetted into Heathrow yesterday from Los Angeles with husband Don Fauntleroy, wants to start a family. "We are going to practise to make sure we know what we are doing," she said.
8 926	BNC: Thousands of years ago, sacred dances were practised to generate energy which influenced crops.
9 928	BNC: "Honestly, darling. Anyone would think that you were practising to become a hermit!"
10 810	OED: 1805 Wordsw. Prelude ix. 488 [She] from the tower..Practised to commune with her royal knight By cressets and love-beacons.
11 929	BNC: "Practising to be a good little wife?" Livid, Polly sucked in a breath.
12 927	BNC SPOKEN: ast year a team from Hereford were the winners and the Castaways raft has been back on the Wye this week practising to make it a double.
13 921	BNC: Practise breathing with the diaphragm, so that the tummy moves out and the bottom of the rib cage expands as you breath in, and vice versa as you breath out.
14 809	OED: 1674-91 Ray Collect. Words 192 He hath practis'd to burn the ends of all the Posts which he sets into the ground to a Coal on the outside.
15 811	OED: 1560 J. Daus tr. Sleidane's Comm. 333 b, Whan they..practise coniuiryng.
16 920	BNC: Holding the arms and hands still, the patient moves his seat sideways a little, then backwards and forwards, so that he is practising using his trunk without provoking any unwanted activity in his affected a
17 919	BNC: Practising bandaging your pet's foot can help to prepare for the real event. Cut pads. often sliced on discarded glass in undergrowth, are sadly all too common.
18 918	BNC: "So you can start practising pretending it never happened," he derided, fleetingly aggressive.
19 148	Shakespeare (KJ) Bastard: Sweet, sweet, sweet poison for the age's tooth: Which, though I will not practise to deceive, Yet, to avoid deceit, I mean to learn;
20 149	Shakespeare: (CoE) LUCIANA Ere I learn love, I'll practise to obey.
21 808	OED:138. in Wyclif's Wks. (1880) 157 þe olde testament for wynnynng of tyPes and offryngis is sumwhat practised.
22 930	BNC: Instead, the vendor will prefer to see the retention monies placed into an escrow account out of the purchaser's control.
23 87	Jonson: Cynthia's rev. : Mer. What? those that were our fellow Pages but now, so soone prefer'd to be Yeomen of the Bottles?
24 86	Turner: Some ther be that do defye All that is newe, and euer do crye The olde is better, awaye with [th]-e new Because it is false, and the olde is true: Let them this boke reade and beholde For it preferreth [th]-
25 939	BNC: If you prefer wearing shoes to boots, Mephisto sells a range of suitable shoes, while Mountain Equipment makes the superb Goretex -lined Sandpiper (£55).
26 942	BNC: At a Bolshoi ballet performance in London Diana much prefers sitting in the body of the auditorium where she can see what is going on on stage.
27 941	BNC: I liked the Pocket Gem, it worked flawlessly, but I preferred using it with WinFax Pro, which even lists the relatively new Gem in its list of supported modems.
28 940	BNC: Léonie's formula was: one magpie in the same field as another magpie, both in view at once, makes two magpies. She preferred saying one-and-one to two.
29 227	Stevenson (NAN): if my wife is going to make my life a piece of perdition all day long, I prefer to go and drown myself out of hand."
30 228	Stevenson (NAN): If you prefer to be bound hand and foot till your bones ache,
31 229	Stevenson (NAN): "_Some may prefer to dine in state,_" wrote Villon,
32 230	Stevenson (NAN): Or would you prefer to go direct to the Home Secretary?
33 815	OED: 1882 Froude in Fortn. Rev. Dec. 734 Warlike races prefer to be under a chief.
34 814	OED: 1815 J. W. Croker in C. Papers (1884) 20 July, He preferred living like a Grecian, to dying like a Roman.
35 932	BNC: One was, for example, offered to Sir Winston Churchill but he preferred to remain a commoner.
36 812	OED: c1386 Chaucer Wife's Prol. 96, I graunte it wel, I haue noon envie, Thogh maydenhede preferre [v.r. profere] Bigamye.
37 931	BNC: Why do workers prefer to take real wage cuts in the form of price rises?
38 938	BNC SPOKEN: A lot of friends and my family, they all prefer watching men's games.
39 937	BNC: Certain students enjoy finding out information for themselves; other students prefer being spoon-fed.
40 936	BNC: Bangladeshi identity remained strong, only one mother preferring to describe herself as "British Asian."

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	1	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1748	UK
2	1	permit	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY; verb in passive 'is permitted' followed by infinitive verbal comple	1489	UK
3	9	permit	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on traffic	1990	UK
4	9	practise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1993	UK
5	9	practise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1991	UK
6	9	practise	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on stroke victims' care	1991	UK
7	9	practise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	INFINIT. VERBAL COMPL. + INFINIT. VERBAL COMPL.; periodical Today	1992	UK
8	9	practise	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'practice' in passive form with meaning 'in order to + Verb'; non-fiction	1990	UK
9	9	practise	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1992	UK
10	1	practise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	OED (obsolete meaning) 'practise' = 'to do habitually'	1805	UK
11	9	practise	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1993	UK
12	9	practise	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	verb 'practice' in passive form with meaning 'in order to + Verb' ; local news broadcast	199?	UK
13	9	practise	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	verb 'practice' is in imperative form, followed by gerund 'breathing'; book on homeopathy	1991	UK
14	1	practise	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	OED (obsolete meaning) 'practise' = 'to do habitually'	1691	UK
15	1	practise	gerund	Simple	Simple present		No	Mid English		1560	UK
16	9	practise	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	book on stroke victims' care	1991	UK
17	9	practise	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on dogs	1991	UK
18	9	practise	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; fiction	1993	UK
19	7	practise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1596	UK
20	7	practise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1592	UK
21	1	practise		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1380	UK
22	9	prefer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on business	1993	UK
23	6	prefer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1601	UK
24	6	prefer	gerund	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1537	UK
25	9	prefer	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on wildlife	1991	UK
26	9	prefer	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on Princess Diana	1991	UK
27	9	prefer	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on computers	1993	UK
28	9	prefer	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1993	UK
29	5	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present	Present	No	Modern English		1895	UK
30	5	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
31	5	prefer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
32	5	prefer	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
33	1	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1882	UK
34	1	prefer	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1815	UK
35	9	prefer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	British constitutional law	1985	UK
36	1	prefer		Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1386	UK
37	9	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on unemployment	1992	UK
38	9	prefer	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	recorded in 1990s	199?	UK
39	9	prefer	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on language teaching	1992	UK
40	9	prefer	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	verb in present participle form introduces ADJ-Phrase; British Medical Journal	1993	UK

Code	Phrase
1 935	BNC: Neighbours say he has kept a low profile since moving in, preferring to stay by the pool than go out on the town.
2 934	BNC: As with so many poisonous animals, the tarantula prefers to keep its venom for feeding time and only employs it against enemies as a last resort.
3 288	Twain: Two or three of us prefer not to run this risk.
4 933	BNC: The whole business sounded so ridiculous, and in any case the past was the past and she preferred to live in the present.
5 505	also ayeinst the wylle of the said Erle beyng Tresorer wuld not be ammoved on lesse the(nne) he myght bene preferred to be third Baron of the seid Eschequier
6 287	Twain: We are surfeited with Italian cities for the present, and much prefer to walk the familiar quarter-deck
7 289	Twain: and here those who may have preferred to make the journey from Beirout through the country,
8 813	OED: 1778 Hist. Eliza Warwick l. 25 He would prefer seeing his daughters dead at his feet, than behold them wedded to the worthiest men without titles and riches.
9 503	Apology for Lollard Doctrines: þat most offriþ him, and most persewiþ wiþ ʔeftis of hand, tunge, or seruise, he schal be preferrid to þe holiar and abler, bi vertu of a ded bulle.
10 59	Altenglische legenden: A syngne it was of grete loue, / That god all-myʔnty of heuen aboue / Prefer(d) hym to kys so lawly,[Ms. prefere.]
11 61	John Lydgate: Which is a stoon Most plenteuous / Of vertu, yif I shal nat tarye, / Preferred in the lapydarye, / With grace and hap a man to avauance. / And touching also the b / ...
12 62	John Gower's confessio amantis: For trouthe only to do justice / Preferred were in thilke office / To deme and juggle commun lawe:
13 504	Leon Kellner: For convenience' sake I prefer to discuss this important point in this place, instead of in the Syntax of the Sentence
14 60	William Caxton, Leon Kellner: Relative pronouns in the sentence.[For convenience' sake I prefer to discuss this important point in this place, instead of in the Syntax of the Sentence, as
15 45	William Caxton: and the Emperor is so enraged by this insult, that he vows to besiege Aigremont, unless Beuves promises to serve him next summer with a powerful army.
16 53	Leon Kellner: Blancandin promises to give Sadoine in marriage the daughter of King Alimodes, a young and beautiful Saraceness
17 52	The Brut / Chronicles of England: Many men deme þat þe breking of þe Kinges promisse to þe suster of perles of Armynak, was cause of this gret losse & Aduersite.
18 51	The Brut / Chronicles of England: his wife, & his tresour þat he brought, with-in a town þat is called Mounse in Henaude, which promised for to be trew to him; nat-with-standing, þei deliuered þe lady to þe Duke of
19 50	Ranulf Higden: levenge hym in the weye, in that he promisede to be tributary to hym.
20 49	Ranulf Higden: Turgesius luffede moche þe doʔnter of kyng Medense, whiche mayde here fader promisede to sende to Turgesius with xv. other maides, whom Turgesius made promyse to mete at a water.
21 48	Ranulf Higden: Turgesius luffede moche þe doʔnter of kyng Medense, whiche mayde here fader promisede to sende to Turgesius with xv. other maides, whom Turgesius made promyse to mete at a water.
22 290	Twain: offered it to his adversary at a time when a blow was descending which promised favorably to be his death-warrant.
23 150	Shakespeare (Cym) Pisanio: I wrote him Imogen was slain: 'tis strange: Nor hear I from my mistress who did promise To yield me often tidings:
24 43	Thou also promisest me to calle me agayn in haste fro myn exile, and that ther sholde nevir be othir archebisshop
25 47	Osney Abbey: parish dues in north suburb of Oxford, ended by Osenev conceding them to Godstow, and God stow promising to offer yearly 2 wax candles at Osenev as homage. / TO all þe soones of ou
26 88	Shakespeare (MWW): By gar, with all my heart. He promise to bring me where is Anne Page; by gar, he deceive me too.
27 44	William Caxton: and Charlemagne consents to this, on condition that Maugis will promise not to escape. The twelve peers give their pledges for his safety, and prepare to watch over
28 428	BNC: It promises to "sort out" poor teachers. Threatened people do not perform well --; their energies tend to be diverted from the primary task.
29 427	BNC: He promised to forward my mail and wished me luck. I wished him farewell and left without further ceremony.
30 426	BNC: I can not promise to make you into a world authority on ingredients, but I do hope to share my passion for good food with you,
31 42	John Frende: the same token that ye were with me the Fryday before that ye departeyd from Ermyngton, and that y promyseyd you to have be with you at Ermyngton the Sunday than next folowyng:
32 425	BNC: The most difficult theoretical surveys are those which seem to promise to answer difficult questions about art in general,
33 424	BNC: Reluctantly I agreed that goalie John Slack should have a ten-man defence in front of him. However, as I had promised attacking football, I named them all as forwards.
34 423	BNC: then we went to the "Little Goose Pagoda" built in the 8th cent. (I sent a card of it), then we went to the park, and were promised boating on the lake.
35 422	BNC: The publicity material promised landing, weather permitting. The weather was fine, if grey
36 19	1467 Mann. & Househ. Exp. (Roxb.) 558 [The parker] hathe promessed me to make it as wel as he kane fore me.
37 18	OED: 1603 Shakes. Meas. for M. i. ii. 75 He promis'd to meete me two howres since.
38 17	a1548 Hall Chron., Edw. IV 228 The Constable had promised to the kyng and the duke, to render vp to them the towne of saint Quintynes.
39 429	BNC: "...Now I promise to devote myself to bringing down the costs of your mortgages because I believe that people should be able to own their own homes and to own them cheaply."
40 816	OED: 1737 Pope Hor. Epist. ii. i. 178 When..we..promise our best Friends to rhyme no more.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	prefer	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	verb in present participle, introduces ADJ Phrase; periodical Today	199?	UK
2	9	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	guide to animals	1991	UK
3	5	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
4	9	prefer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1992	UK
5	2	prefer	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	passive form of verb 'he might been preferred' followed by infinitive verbal complement 'to	1455	UK
6	5	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
7	5	prefer	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1867	USA
8	1	prefer	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1778	UK
9	2	prefer	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English	passive form of verb prefer 'he shall be preferred' followed by infinitive verbal complement	1350	UK
10	2	prefer	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Old English			UK
11	2	prefer	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1400	UK
12	2	prefer	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1350	UK
13	2	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1890	UK
14	2	prefer	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1595	
15	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1489	UK
16	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1890	UK
17	2	promise	to-infinitive				No	Mid English		1388	UK
18	2	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1388	UK
19	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		Yes	Mid English		1364	UK
20	2	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1364	UK
21	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1364	UK
22	5	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'promise' with interposed adverbial of manner + to-infinitive 'to be'	1867	USA
23	7	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1609	UK
24	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1399	UK
25	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1450	UK
26	7	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1600	UK
27	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple future		No	Mid English		1489	UK
28	9	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	social science book	1991	UK
29	9	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	prose fiction	1991	UK
30	9	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	cookbook	1989	UK
31	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English		1462	UK
32	9	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	verb is in 'to infinitive' followed by infinitive verbal complement; art history book	1991	UK
33	9	promise	gerund	Compound		Past	No	Modern English	humorous prose	1993	UK
34	9	promise	gerund	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'were promised' followed by gerund 'boating'; personal letter of acad	1977	UK
35	9	promise	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	some doubt as to REAL gerund status in this context; autobiography	1942	UK
36	1	promise	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1467	UK
37	1	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1603	UK
38	1	promise	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1548	UK
39	9	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	Daily Telegraph--periodical; world affairs	1992	UK
40	1	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	verb 'promise' followed by NP-OBJ, followed by infinitive verbal compl.	1737	UK

Code	Phrase
232	Stevenson (NAN): offered to fall into talk with our adventurers, none of them promised to grow interesting upon a nearer acquaintance.
201	Mary Shelley (F): and perhaps also she thought of the dreadful secret which I had promised to reveal to her on the following day.
231	Stevenson (NAN) "If I agree," she said, "will you promise to do as I tell you from point to point?"
56	The erle saide, "Whanne ye cam in to this land ye made promys forto be rewlied be our counsel, and ye take yeerli moche good of the reme and paie nou?,"
55	Robert Medford: Langford hathe promysed me to pay yow at London þis same weke: and as for Roger,
54	Historium Trium Regum: W promysed for to gyue grete giftes. H yftis. 2
817	OED: c1420 ? Lydg. Assembly of Gods 227 Oon thyng suerly I will yow promyse.
182	The Federalist Papers: passions would lead them to countenance, if not to promote, whatever might promise to diminish her importance;
200	Mary Shelley (F): But he had promised to follow me wherever I might go,
46	Godstow Nunnery: The overlord pro]mises not to seek satisfaction from these lands, for feudal claims, as long as the other lands o]
199	Mary Shelley (F): We may not part until you have promised to comply with my requisition.
943	BNC: you will not get less than the unit price on offer in April 1996. It will not promise to provide the best price in between.
198	Mary Shelley (F): Justine also was a girl of merit and possessed qualities which promised to render her life happy;
952	BNC: suddenly thinking. The dentist! Recalling going into Kyle, while I was at Strome]firry-nofirry, and remembering that nightmare vision of the burned-black man after the blevey --;
948	BNC: one woman recalled employing a succession of unemployed miners' daughters to whom she paid 5&shilling; a week.
949	BNC: he finally got lucky when someone recalled having many times seen my car parked outside this block of flats.
951	BNC: She recalls abandoning the vehicle diagonally skewed across the space and trying discreetly to phone a colleague to ask how to back out --; much to the amusement of all in the office.
945	BNC SPOKEN: And I, I recall seeing the lowest contribution I think was fifty pence, wasn't it?
953	BNC: Hodge was recalled to give evidence. It was envisaged that Congress be requested to approve a grant-in-aid
950	BNC: Ian Walker recalls seeing 4,000 skinheads at a football match in 1968.
944	BNC: I don't recall hearing Robin Cook tell us that "other European countries" manage their health services better than we do.
210	Mary Shelley (F): This letter in a degree recalled me to life, and I determined to quit my island
211	Mary Shelley (F): This idea made me shudder and recalled me to action.
249	Stevenson (NAN): The sight of the lamps and the darkness recalled him to himself.
946	BNC: I recall thanking him for his consideration, but quite probably I said nothing very definite
947	BNC: Back in Ockleton's rooms at Breakspear, seated by a roaring fire and sipping finer port than he could ever recall tasting ,
818	OED: 1582 T. Watson Centurie of Love To Rdr., Nothing is more easlie let flowne,..nothing later recalled backe againe, then the bitter blast of an euill spoken man.
819	c1386 Chaucer 2nd Nun's T. 544, I axed this at hevene king, To han respyt..To recomende to yow er that I go Thise soules.
956	BNC SPOKEN: Earlier this evening at the Tory twins were recommending to read the city council funding handbook, I would also like to recommend that they also learn something about Tory housing policy.
966	BNC: For some time people who study the labour market have been recommending using money paid as benefit, to subsidise the cost of helping unemployed people back into work.
965	BNC: "The Chairman of the FAC Working Group, when recommending preserving the status quo, pointed out that CAA charges for Public Transport operations is by a ticket tax,
963	BNC: He recommends shampooing hair at least twice a week, more often if it looks as if it needs it or you live in a city.
964	BNC: Daniel Toploski, former coach to Olympic, World Championship and Oxford University teams, recommends joining a club that provides training and coaching facilities
960	BNC: Turbulator Aeration: Many experts now recommend aerating your pond filter to increase the activities of aerobic (oxygen using) bacteria.
954	BNC SPOKEN: Conference accept that? Motion two four three. You're being recommended to accept . All those in favour?
959	BNC: We don't recommend bringing your own board; although some succeed, the airlines won't guarantee carriage, local customs don't always allow temporary import, and our transfer buses don't have room.
955	BNC: when recommended to read a work by that great scholar Jones of St. Jude's, goes round to a friend at St. Jude's to ask what sort of chap Jones is, and what bees he has in his bonnet.
961	BNC: The Committee recommended replacing Deeds of Arrangements, by which an insolvent individual could execute a deed assigning his assets to a trustee for the benefit of creditors,
506	soon after 1440, Margaret Paston writes to John Paston: 'Ryth reverent and worsepful husbon, I recomawnde me to ?ow with alle myn sympul herte, and prey you to wete
957	BNC SPOKEN: so that we can make up our minds at that level as to who we feel will be the best person to start recommending to go forward.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	5	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
2	5	promise	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1818	UK
3	5	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
4	2	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1403	UK
5	2	promise	to-infinitive	Compound		Past	No	Mid English		1466	UK
6	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		Yes	Mid English		1375	UK
7	1	promise		Compound		Present	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY (noun appeared 1400)	1420	UK
8	5	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
9	5	promise	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1818	UK
10	2	promise	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1450	UK
11	5	promise	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1818	UK
12	9	promise	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	periodical Daily Telegraph	1992	UK
13	5	promise	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
14	9	recall	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; fiction	1993	UK
15	9	recall	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on women's history	1984	UK
16	9	recall	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1991	UK
17	9	recall	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	unpublished newsletter	199?	Scotland
18	9	recall	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	COHSE/NALGO/NUPE/meeting (Busn). Rec. on 8 Sep 1992	1992	UK
19	9	recall	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	book on history	1989	UK
20	9	recall	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on skinheads	1982	UK
21	9	recall	gerund	Compound		Present	No	Modern English	periodical Daily Telegraph	1992	UK
22	5	recall		Simple	Simple past		No	Modern English	NOT an example of verbal complement, but a possible source of re-interpretation: verb 're	1818	UK
23	5	recall		Simple	Simple past		No	Modern English	NOT an example of verbal complement, but a possible source of re-interpretation: verb 're	1818	UK
24	5	recall		Simple	Simple past		No	Modern English	NOT an example of verbal complement, chosen for it's typicality of the period, as this verb	1895	UK
25	9	recall	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1989	UK
26	9	recall	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1990	UK
27	1	recall		Compound		Past	No	Early Modern English	EARLIEST OED ENTRY	1582	UK
28	1	recommend		Compound		Present	No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY; NOT current meaning 'recommend' = 'commit (someone) to son	1386	UK
29	9	recommend	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	rec'd at St. Lukes School Council meeting (Pub/instit).	199?	UK
30	9	recommend	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	unpublished employment pamphlet	199?	UK
31	9	recommend	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; periodical Pilot	1992	UK
32	9	recommend	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical She	1989	UK
33	9	recommend	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Esquire	1993	UK
34	9	recommend	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on fishkeeping	1992	UK
35	9	recommend	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'recommend'in passive form, followed by infinitive verbal compl.; Trade Union Annua	1993	UK
36	9	recommend	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on sailing	1990	UK
37	9	recommend	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'recommend' in passive form, followed by infinitive verbal compl.; how to study histor	1987	UK
38	9	recommend	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1991	UK
39	2	recommend		Simple	Simple present		No	Mid English	NOT an example of verbal complement; included her for typicality: use of this verb 'recom	1440	UK
40	9	recommend	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	Trade Union Annual Congress: (Busn). Rec. on 9 Jun 1993	1993	UK

Code	Phrase
1 962	BNC: The Law Commission recommended codifying the law of confidence and its report, Breach of Confidence (1980, Cmnd. 8388), contains a draft breach of confidence Bill.
2 821	OED: 1390 Gower Conf. II. 43 Bot otherwise, if thou refuse To love, thou miht so per cas Ben ydel.
3 515	Peter Langtoft's Chronicle: and was chosyn kynge of Jerusalem whiche he refused to take vpon him.
4 155	Shakespeare (CoE): Since mine own doors refuse to entertain me, I'll knock elsewhere, to see if they'll disdain me.
5 156	Shakespeare (AMND): But I beseech your grace that I may know The worst that may befall me in this case, If I refuse to wed Demetrius.
6 157	Shakespeare (MoV): If he should offer to choose, and choose the right casket, you should refuse to perform your father's will, if you should refuse to accept him.
7 158	Shakespeare (AYLI): ROSALIND But if you do refuse to marry me, You'll give yourself to this most faithful shepherd?
8 184	The Federalist Papers: No man would refuse to quit a shattered and tottering habitation for a firm and commod
9 973	BNC: The judge refused to allow the questions to be put.
10 822	OED: c1450 Lonelich Grail lii. 791 Thanne myht he Refusen..with yow to fyhten In bataylle.
11 202	Mary Shelley (F): and I demand it of you as a right which you must not refuse to concede.
12 820	c1330 R. Brunne Chron. (1810) 103 þorgh conseile of som of hise, refused [F. refusa] he þat present.
13 183	The Federalist Papers: No man would refuse to give brass for silver or gold, because the latter had some alloy
14 830	OED: 1753 L. M. Accomplished Woman II. 252 One of the principal actors..refused going upon the stage.
15 975	BNC: Literature is fiction not because it somehow refuses to acknowledge "reality", but because it is not a priori certain that language functions according to principles which are those, or which are like those, of
16 823	OED: 1477 Rolls of Parlt. VI. 187/2 If..the Pleyntif or Pleyntifs, or their attourney, refusen to be sworn in fourme aforesaid.
17 825	OED: 1591 Spenser M. Hubberd 21 Seeing kindly sleep refuse to doe His office.
18 507	Apology for Lollard Doctrines: but many are stille dampnably, sum of vnknowing, þat refuse to be tauʒt, oþer of neligens, þat despice Goddis Word, but noiþer þei nor þei mai be excusid
19 508	William Caxton: & yf that reynawde refuse for to do this, he maye well be sure that werre shall not leue him as long as he shall be aly
20 829	OED: 1874 Green Short Hist. viii. §3. 483 Eliot refused to move from his constitutional ground.
21 828	OED: 1780 Cowper Progr. Err. 498 If stubborn Greek refuse to be his friend, Hebrew or Syriac shall be forced to bend.
22 827	OED: 1719 Young Busiris iii. i, My trembling limbs Refuse to bear their weight.
23 826	OED: 1667 Milton P.L. ii. 451 Wherefore do I assume These Royalties, and not refuse to Reign..?
24 204	Mary Shelley (F): I often refused to accompany him, alleging another engagement,
25 510	Chaucer: and þe lowe see sandes refuse to beren þe heuy weyʒte.
26 203	Mary Shelley (F): who in all probability was to become a thinking and reasoning animal, might refuse to comply with a compact made before her creation.
27 824	OED: 1560 J. Daus tr. Sleidane's Comm. 6 He..will not refuse to stande in judgement herein of the universities of Germany and Paris.
28 511	Chaucer: Who so ʒeueþ þan largely hys sedes to þe feldes þat refuse to receiuen hem.
29 512	wch the saide Master and Wardens refuse to testifie hable to the saide Mayor and bayliffes of the saide Citie;
30 513	and that yf eny citezen, craftesman, or vitteller, refuse to pay suche amercyaments vpon them lawfully affured,
31 514	3 Kings' Sons: I durst not refuse to sey myn opinion, sith that it pleased you so to ordeyne and commaunde me
32 831	OED: 1766 Burrows' Reports II. 1152 The Officer of the inferior Court can not refuse paying obedience to the Writ.
33 509	William Caxton: And yf ye refuse to doo this
34 974	BNC: script offers from Hollywood. One of the reasons he has become so popular is that he has no ego and refuses to take himself seriously.
35 971	BNC: For example, if they refuse to allow their children to attend British schools, do not learn English, or insist on forming ethnically based work-groups, their assimilation will be impeded.
36 291	Twain: saw his poor, shabby eagle, forgetful of its lesson, refuse to perch upon his shoulder;
37 976	BNC: Most of the boat people wanted to go, not to Hong Kong, but to the United States. But the United States was refusing to accept them.
38 293	Twain: They showed us where Jesus rested the second time, and where the mob refused to give him up,
39 1069	BNC: The real mystery about his story is not why two wives refused to make love to him, but how he stopped talking about himself long enough to invite them to bed in the first place.
40 292	Twain: seen famous pictures until our eyes are weary with looking at them and refuse to find interest in them any longer.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	recommend	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on computer law	1993	UK
2	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1390	UK
3	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	as illustrated and improv'd by Robert of Brunne, 1725	1307	UK
4	7	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1592	UK
5	7	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1595	UK
6	7	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1596	UK
7	7	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1599	UK
8	5	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
9	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on law	1992	UK
10	1	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1450	UK
11	5	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1818	UK
12	1	refuse		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1330	UK
13	5	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
14	1	refuse	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1753	UK
15	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on literature	1992	UK
16	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1477	UK
17	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1591	UK
18	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1350	UK
19	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		Imposs	Mid English	verbal complement 'for to do'; TRANSLATED from FRENCH	1489	UK
20	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1874	UK
21	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1780	UK
22	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1719	UK
23	1	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1667	UK
24	5	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
25	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		Yes	Mid English	Richard Morris 1868 Chaucer's Translation of Boethius's "De consolacione philosophiæ"	1400	UK
26	5	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1818	UK
27	1	refuse	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1560	UK
28	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		Yes	Mid English	Richard Morris 1868 Chaucer's Translation of Boethius's "De consolacione philosophiæ"	1400	UK
29	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	14th & 15th Cent. manuscripts on 'English Gilds'	1600	UK
30	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	14th & 15th Cent. manuscripts on 'English Gilds'	1600	UK
31	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		Imposs	Mid English	F.J. Furnivall, editor 1895	1500	UK
32	1	refuse	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1766	UK
33	2	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		Imposs	Mid English	TRANSLATION from FRENCH	1489	UK
34	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Woman	1991	UK
35	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on society	1993	UK
36	5	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
37	9	refuse	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical Guardian	1989	UK
38	5	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
39	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Today	1992	UK
40	5	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA

Code	Phrase
1 977	BNC: Fourteen students were arrested and questioned. None knew the whereabouts of the nine oranges, but three were still put in jail for refusing to give information.
2 972	BNC: Virgin last night refused to comment, but estimates are that the deal could be worth well in excess of £50m, making it one of the largest investments by a Japanese organisation in a UK company.
3 967	BNC: A clear division was to be made then, with all who served their country being enfranchised and all who refused being disfranchised,
4 968	BNC: Early in the afternoon, he became ill with fever and vomiting, and refused feeding.
5 969	BNC SPOKEN: Well, I think they are making great inroads now into catching a lot of people who er simply refuse to pay er their television licence, but of course there are a lot more who er are still escaping the
6 970	BNC: reforms are based upon a conception of case management which takes little account of those people for whom services have, mandatorily, to be provided, but who refuse to accept them.
7 979	BNC SPOKEN: I think I managed to get everybody else, erm but you weren't there, in and then I, I left it I regret to say, erm but we thought perhaps we ought to have the kitchen re-decorated and I've had a wor
8 978	BNC: I turned the switch and I regret to inform you that out of the loudspeaker came a lot of old Irishmen singing maudlin songs.
9 984	BNC: And Dixon himself knew it was unfair, for a little while regretting having said it.
10 983	BNC: Of course, I was right before, he did just feel sorry for me, and now he's regretting kissing me the way he did.
11 233	Stevenson (NAN): I regret to observe that you have had a fall."
12 85	Lady Russell letters: I hear my Lord Gainsborough and my Lady will be shortly at Chiltern. She is one I do truly respect: I can never regret being near her, though my design is to converse with none but lawyers an
13 832	OED: 13.. E. E. Allit. P. A. 243 Art Pou my perle Pat I haf playned, Regretted by myn one..?
14 981	BNC: Two Britons are among the dead. We regret to announce the death of a distinguished man of letters. And his wife.
15 982	BNC: Stella, he regretted to say, had had a slight setback. Her temperature was not falling as rapidly as had been expected, and this, he feared, had been caused by her determination to get out of bed too soon
16 209	Mary Shelley (F): the springing of a leak are accidents which experienced navigators scarcely remember to record,
17 988	BNC: I remember thinking that if I had been trapped in the car, the firemen would not have reached me in time.
18 995	BNC SPOKEN: I interviewed him er last year and he was telling me that he remembers going up into the loft in's erm, the whole of the station yard was full of cattle.
19 996	BNC: John remembers making Tony two red ones, and possibly another three in black ...
20 215	Shakespeare (KL): Such groans of roaring wind and rain, I never Remember to have heard: man's nature cannot carry The affliction nor the fear.
21 214	Shakespeare (Temp): Caliban: Remember First to possess his books;
22 213	Shakespeare (KJ) Bastard: Grandam, I will pray, If ever I remember to be holy, For your fair safety; so, I kiss your hand.
23 212	Shakespeare (KHIVi) Talbot: As who should say 'When I am dead and gone, Remember to avenge me on the French.
24 985	BNC: She opened her eyes again, not remembering closing them to shut out the blueness, but it was still there and her mind was spiked with pain.
25 999	BNC: Daisy murmured. "I hope you remembered to bring a tin-opener," said Sophia, in confusion,
26 993	BNC: I remembered reading the old nursery classic, Herbert Wells's The Time Machine, but Wells's time-traveller had gone ahead in time.
27 1000	BNC: He would be calm and unafraid and, because he had remembered to breathe deeply before starting, he would ask the question in an easy manner without stammering at all.
28 989	BNC: I remember reading that Stevie had said how hard she found that life, living out of the back of a van, which of course you, Chris and Mick grew up with ... "Yes, the back of the Commer van, that was the g
29 516	Also, rememberyt to wrythe to Mayster Wageth as for Flethe and Forde to be Tedyngman
30 998	BNC: you can still create a template file but you must remember to change the file name before saving to disk.
31 837	OED: 1781 Cowper Conversat. 103 But still remember..To press your point with modesty and ease.
32 833	OED: c1330 R. Brunne Chron. (1810) 327 Edward may remembre Pe trauaile & Pe pyn.
33 990	BNC: She could smell the chemical effluent off the agricultural land: she couldn't remember having noticed that stench before.
34 834	OED: 1461 Paston Lett. II. 27 Remembre to take a wryht to chese crowneres in Norfolk.
35 835	OED: 1535 Lyndesay Satyre 3054 My Lords,..Remember to reforme the consistorie.
36 997	BNC: There seemed so much to remember to take when you first take a baby out!
37 991	BNC: I dimly remembered having watched the sun set, copper orange over a colourless world.
38 1002	BNC: But he remembers to throw some directly at the little black ones that are not really ducks, he can't remember what they're called.
39 1001	BNC: The band are slick and smooth, but not sickly; the bongo player is so "relaxed" he barely remembers to jump on stage and play.
40 336	Shakespeare (KHVli): As who should say 'When I am dead and gone, Remember to avenge me on the French.'

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	refuse	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + infinitive verbal compl.; periodical on wildlife	1992	UK
2	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Independent	1989	UK
3	9	refuse	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1978	UK
4	9	refuse	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical The Lancet	1997	UK
5	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	London Talkback Radio: radio broadcast (Leisure). Rec. on 10 Dec 1993	1993	UK
6	9	refuse	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on social work	1993	UK
7	9	regret	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	Harlow Women's Institute committee meeting (Pub/instit). Rec. on 4 Sep 1991	1991	UK
8	9	regret	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Punch	1992	UK
9	9	regret	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1992	UK
10	9	regret	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1993	UK
11	5	regret	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
12	6	regret	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1684	UK
13	1	regret		Compound		Past	No	Mid English	OED EARLIEST ENTRY	1350	UK
14	9	regret	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1993	UK
15	9	regret	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on wilderness	1993	UK
16	5	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1818	UK
17	9	remember	gerund	Compound		Present	No	Modern English	periodical on atomic energy	1993	UK
18	9	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	Suffolk Sound Archive: interview (Leisure). Rec. on ?? ?? 1986	1986	UK
19	9	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Guitarist	1992	UK
20	7	remember	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	Verb 'remember' followed by COMPOUND infinitive verbal complement 'to have heard'	1605	UK
21	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	With interposed adverbial of time 'First'	1611	UK
22	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1596	UK
23	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1591	UK
24	9	remember	gerund	Compound		Past	No	Modern English	present participle form 'remembering' introduces ADJ Phrase + GERUND verbal compl.; f	1993	UK
25	9	remember	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1993	UK
26	9	remember	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	literary criticism	1991	UK
27	9	remember	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	how to: hypnosis	1991	UK
28	9	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Guitarist	1992	UK
29	2	remember	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	The Stonor Letters and Papers	1481	UK
30	9	remember	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	periodical Practical PC	1992	UK
31	1	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	verb in imperative form, followed by infinitive verbal compl.	1781	UK
32	1	remember		Compound		Present	No	Mid English	OED EARLIEST ENTRY	1330	UK
33	9	remember	gerund	Compound		Present	No	Modern English	compound gerund verbal complement 'having noticed'; fiction	1990	UK
34	1	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English	verb in imperative form; followed by infinitive verbal compl.	1461	UK
35	1	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	verb in imperative form, followed by infinitive verbal compl.	1535	UK
36	9	remember	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	INFINITIVE + INFINITIVE verbal compl.; club newsletter	1989	UK
37	9	remember	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	compound gerund verbal compl. 'having watched'; newspaper	1988	UK
38	9	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1993	UK
39	9	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on pop music	1991	UK
40	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	verb 'remember' in imperative form	1591	UK

Code	Phrase
1 337	Shakespeare (KJ) If ever I remember to be holy, For your fair safety; so, I kiss your hand.
2 338	Shakespeare: (Temp) Caliban: Remember First to possess his books; for without them He's but a sot, as I am,
3 339	Shakespeare (KL) Such groans of roaring wind and rain, I never Remember to have heard: man's nature cannot carry The affliction nor the fear.
4 244	Stevenson (NAN): I only remember running like a man in a panic, now carrying Clara altogether
5 987	BNC: He offered these details for the police to confirm but was still unable to remember seeing anyone enter or leave by the rear door of the Post building.
6 994	BNC: none of the survivors I spoke to ever remembers having handled the end-product of her work, in this case the completed book.
7 246	Stevenson (NAN): I do not remember even to have seen an assailant; and I believe we deserted
8 1004	BNC: Simply remembering to put such objects in accustomed places avoids this. Décor can be used imaginatively and helpfully as an aid to location for visually handicapped pupils.
9 247	Stevenson (NAN): I remember wondering how long the tragedy had taken, and whether his screams
10 248	Stevenson (NAN): He remembered his mother telling him the story and pointing out the spot,
11 986	BNC SPOKEN: Erm anyway right that's er a quick observation on the as it were the dynamics of of abuse. Now, remembering being abused as a child. Again this is another contentious area.
12 294	Twain: this must be so, for I see plenty of blind people every day, and I do not remember seeing any children that hadn't sore eyes.
13 295	Twain: is exceedingly festive and picturesque, especially if one is careful to remember to stick in a cat wherever, about the premises,
14 836	OED: 1733-4 Berkeley in Fraser Life vi. 218 You will also remember to take bonds for the money.
15 992	BNC: the lady with Mr Johnston whom one of the waiters had remembered seeing at the sports club. Would the secretary know if Mr Johnston had a wife who might have been with him?
16 1003	BNC: Miss Fluck had not long changed her name to Miss Dors, and anxious to make her feel at home, the vicar decided to call her by her old name --; though he was scrupulous in remembering to include the a
17 245	Stevenson (NAN): "Northmour," I remember saying, "you can kill me afterwards.
18 159	Shakespeare (MoV): PORTIA I never did repent for doing good, Nor shall not now: for in companions That do converse and waste the time together,
19 160	Shakespeare: (KL) EDMUND How malicious is my fortune, that I must repent to be just!
20 843	OED: 1821 Whewell in Mrs. Douglas Life (1881) 65 Hitherto I have had no reason to repent setting off when I did.
21 838	OED: c1290 S. Eng. Leg. I. 52/173 Of hire misdedes heo repentede hire sore.
22 842	OED: 1716 Lady M. W. Montagu Let. to Pope 14 Sept., I was so much pleased with it, I have not yet repented my seeing it.
23 841	OED: 1617 Moryson Itin. i. 179, I could hardly keepe him from falling down most steepe mountaines..which made me repent the buying of him.
24 840	OED: 1537 Cranmer Let. in Misc. Writ. (Parker Soc.) II. 350 Both you and I may repent our dallying.
25 839	OED: c1410 Sir Cleges 422, I repent my grauntetyng, That I to the made.
26 847	OED: 1884 W. C. Smith Kildrostan 72 She'll think It is her place to keep me company, And will resent to see another here.
27 846	OED: 1704 Swift Batt. Bks. To Rdr., The town highly resented to see a person of Sir William Temple's character and merits roughly used.
28 1009	BNC: Belgium had been a part of France till just a year before, and many folk in this part of the province resented being made a part of the Netherlands.
29 844	OED: 1605 Gunp. Plot E 2 b, How infinitely greater cause haue wee to feele and ressent our selues of the smart of that wound.
30 845	OED: 1628-9 Digby Voy. Medit. (Camden) 33 Rissenting my going out of their port to inuade any shippes that came thither.
31 1006	BNC: At first, the puppy is likely to resent wearing a collar, and will paw at its neck in an attempt to remove it.
32 1011	BNC: critics who dismiss her talents as an actress and as a singer. She still resents being called "The Singing Budgie",
33 1005	BNC SPOKEN: You seem to have an emotion, that made you resent making a sacrifice to your brother, and, and presumably, would have stopped you making it, if you'd been free to choose.
34 1007	BNC SPOKEN: Although it's annoying at the time Yeah. and and you just sort of resent one might resent going up there But it's not, she's not having a downer because of your dad
35 1008	BNC: Similarly, within the civil service the engineer or architect may resent being bound by the rules and regulations of administrative practices and accountability rather than those of the profession.
36 1010	BNC: ... he resented sharing the limelight even with activists of longer standing.
37 1013	BNC: always the dilemma of making choices, of greedily wanting everything, of resenting having to let anything go.
38 1012	BNC: he rightly resents missing out on a sponsored car when the county toured Australia;
39 353	Shakespeare (KHVlii) I am resolved to bear a greater storm Than any thou canst conjure up to-day;
40 1020	BNC: you are resolving to recruit staff or reduce staff erm, it would be useful to have an indication from you as to whether you wish the money to be erm

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1596	UK
2	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	verb 'remember' in imperative form with interposed adverbial of sequence 'first' followed b	1611	UK
3	7	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English	Compound Verbal Complement 'to have heard', currently would be 'having heard'	1605	UK
4	5	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
5	9	remember	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on justice	1989	UK
6	9	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	compound gerund verbal compl. 'having handled'; history	1989	UK
7	5	remember	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Verb 'remember' with interposed adverbial intensifier 'even' followed by infinitive verbal compl	1895	UK
8	9	remember	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + INFINITIVE verbal compl.; book on special education	1989	UK
9	5	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
10	5	remember	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	verb 'remember' followed by NP 'his mother' followed by gerund 'telling him'	1895	UK
11	9	remember	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; Lecture on child sex abuse (Edu/inf). Rec. on 28 Jan 1994	1994	UK
12	5	remember	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
13	5	remember	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
14	1	remember	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1734	UK
15	9	remember	gerund	Compound		Past	No	Modern English	fiction	1991	UK
16	9	remember	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + INFINITIVE verbal compl.; book on sexual trivia	1990	UK
17	5	remember	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
18	7	repent	gerund	Compound		Present	No	Early Modern English	NOT a verbal complement: Gerund but following preposition "for"	1596	UK
19	7	repent	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1605	UK
20	1	repent	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1821	UK
21	1	repent		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1290	UK
22	1	repent	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1716	UK
23	1	repent	gerund	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1617	UK
24	1	repent	gerund	Compound		Present	No	Early Modern English	verb 'repent' followed by POSS. PRO. 'our' + gerund 'dallying'	1537	UK
25	1	repent	gerund	Simple	Simple present		No	Mid English	verb 'repent' followed by POSS. PRO 'my' + gerund 'granting'	1410	UK
26	1	resent	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1884	UK
27	1	resent	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1704	UK
28	9	resent	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1990	UK
29	1	resent		Compound		Present	No	Early Modern English	EARLIEST OED ENTRY; elliptical infinitive form 'to resent'; NOT current meaning	1605	UK
30	1	resent	gerund	Compound		Present contin	No	Early Modern English	current meaning of verb 'resent' earliest OED entry	1629	UK
31	9	resent	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on dog training	1991	UK
32	9	resent	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	biography	1989	UK
33	9	resent	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	lecture on the psychoanalytic study of society (Edu/inf). Rec. on 8 Nov 1991	1991	UK
34	9	resent	gerund	Compound		Present	No	Modern English	103 convs rec. by 'Raymond' (PSOPN) between 13 and 19 Mar 1992	1992	UK
35	9	resent	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on civil service	1991	UK
36	9	resent	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book on history	1993	UK
37	9	resent	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + compound gerund verbal complement; fiction	1991	UK
38	9	resent	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on cricket	199?	UK
39	7	resolve	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	Past participle form of verb 'resolve' followed by infinitive verbal complement	1590	UK
40	9	resolve	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	Hertfordshire County Council meeting. Rec. on 11 Jan 1994	1994	UK

Code	Phrase
1 849	OED: 1570-6 Lambarde Peramb. Kent (1826) p. vi, I resolved (for sundrie iust respectes) to begin first with that Shire.
2 348	The Federalist Papers: The people should resolve to recall all the powers they have heretofore parted with
3 349	The Federalist Papers: nder the direction of a common council, we must resolve to incorporate into our plan those ingredients
4 350	Shakespeare (KHVII) God is our fortress, in whose conquering name Let us resolve to scale their flinty bulwarks.
5 354	Twain: I resolved to take a dog and hold him myself; suffocate him a little,
6 352	Shakespeare (LLL) Shall we resolve to woo these girls of France?
7 347	The Federalist Papers: If, to obviate this consequence, it should be resolved to extend the prohibition to the RAISING of armies
8 848	OED: c1374 Chaucer Boeth. iv. metr. v. (1868) 133 No man ne wondreþ whan þe wey_te of þe snowe yhardid by þe colde is resolued by þe brennynghe hete of phebus.
9 377	Shelley (F) as I was unable to rest, I resolved to visit the spot where my poor William had been murdered.
10 850	OED: 1613 Purchas Pilgrimage viii. iii. (1614) 744 He..committed many errorrs, especially in resolving to winter in that desolate place.
11 355	Twain: naturally settled down into a very slow, stay-at-home manner of life, and resolved to be quiet, exemplary people, and roam no more for twenty
12 351	Shakespeare (KRIII) Darest thou resolve to kill a friend of mine?
13 1019	BNC: in 1897, he revisits it, to find it empty and shut up, and resolves to forget the distant figure of the girl he has always hoped to find.
14 346	The Federalist Papers: not content with having conducted us to the brink of a precipice, seem resolved to plunge us into the abyss that awaits us below.
15 376	Shelley (F) and I resolved to ascend to the summit of Montanvert.
16 1018	BNC SPOKEN: And er I note that Selby has accepted or resolved to accept the increased allocation from ten thousand to eleven thousand five hundred
17 378	Shelley (F) Safie resolved to remain with her father until the moment of his departure
18 379	Shelley (F) Being thus provided, I resolved to reside in this hovel until something should occur which might
19 1021	BNC: I leave the school reluctantly, resolving to return whenever I feel depressed. I
20 852	OED: 1856 Froude Hist. Eng. (1858) I. iii. 252 At one time he had resolved..to give way.
21 851	OED: 1719 De Foe Crusoe i. (Globe) 45, I resolv'd to hold fast by a Piece of the Rock.
22 1014	BNC: The problem was resolved using a trick called isotopic substitution. The most abundant isotope of oxygen, ¹⁸ O, has an atomic mass of 16 units
23 1015	BNC: As firmly as you may resolve to leave the sweet foods alone, when the " munchies " arrive, your resistance is often overwhelmed without too much difficulty.
24 1016	BNC: and resolve to seek out that help as soon as possible. Laughing at your own silly mistakes can help to take away any embarrassment
25 1017	BNC: He had almost resolved to make his escape --; it would not be noticed --; when a young woman with dark hair and a plain, wise face came up to him, followed by the bewhiskered precentor he had seen an
26 1029	BNC: you risk losing your job without having been given sufficient opportunity to convince management that you still have something to contribute.
27 1028	BNC: US can not be party to return pre-war status or even give such appearance without risking destroying large amount confidence natives still have in US.
28 1022	BNC: Learn from them the strength to risk to say no to the disease: refuse to cover up, tidy up or pay up but allow the sufferer to take the full consequences of the addiction.
29 1023	BNC: They compel respect for his " venture " life-style risked to win the realities of his faith and also, on occasions, make vividly accessible the mental furniture of his faith.
30 1024	BNC: or else he could blow the hatch prior to landing, risking being either injured or knocked unconscious during an unprotected impact.
31 1025	BNC: keep well back and work the zoom towards the telephoto end of the range for close-ups without risking spoiling your shots through camera-shake.
32 1027	BNC: Put too much stress on "management", and you are risking creating a sterile managerialism, which reduces management to "the right to manage".
33 853	OED: 1687 Villiers (Dk. Buckhm.) Restoration Wks. (1775) 7 Lately the King risqu'd both his kingdoms for offering to imprison Philander.
34 1030	BNC: It is to risk leaving out what religion is really about, rather like music without sound, or mathematics without numbers.
35 1032	BNC: There was a silence. Guy's eyes were very brilliant when she risked looking at him.
36 1033	BNC: Poland risks becoming the target of nuclear attack in any conflict, and resistance to Soviet forces would turn the country into a battleground.
37 1031	BNC: Dorcas risked opening one eye. He'd never been to the barn. Was anyone certain there was food there, or was it just a guess?
38 1026	BNC SPOKEN: You're risking getting caught again. Erm and we're, we're not physical people are we? We're not going to actually try and grapple with someone,
39 164	Copland, Memory: let the collocatoure aduuse him to set alway his frende doynge the thyng that he is accustomed to do comynly, and procede this conclusion clerely, and names knowen
40 1049	BNC SPOKEN: You start to think , well of course, had I done so-and-so yesterday, had I done, and I've missed on so- and-so,

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	1	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Early Modern English		1570	UK
2	5	resolve	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
3	5	resolve	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1787	USA
4	7	resolve	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English	In hortative form 'Let us resolve' followed by infinitive verbal complements	1591	UK
5	5	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
6	7	resolve	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1594	UK
7	5	resolve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	passive compound form of verb 'should be resolved'	1787	USA
8	1	resolve		Compound		Past	Yes	Mid English	EARLIEST OED ENTRY; NOT current meaning, 'resolve' = 'melt'	1374	UK
9	5	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
10	1	resolve	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Early Modern English	GERUND 'resolving' OBJ of preposition 'in', followed by infinitive verbal compl.	1613	UK
11	5	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
12	7	resolve	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1592	UK
13	9	resolve	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	biography	1986	UK
14	5	resolve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	verb 'resolved' in past participle form followed by infinitive verbal complement	1787	USA
15	5	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
16	9	resolve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	public county council meeting (Pub/instit). Rec. on 16 Nov 1993	1993	UK
17	5	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
18	5	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
19	9	resolve	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	present participle introduces ADJ-phrase; nonfiction	1987	UK
20	1	resolve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1856	UK
21	1	resolve	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1719	UK
22	9	resolve	gerund	Compound		Past	No	Modern English	passive form of verb 'resolve' + gerund verbal compl.; periodical on science	199?	UK
23	9	resolve	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on dieting	1990	UK
24	9	resolve	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	verb in imperative form, followed by infinitive verbal compl.; book on nursing	1990	UK
25	9	resolve	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	fiction	1990	UK
26	9	risk	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on employment	1991	UK
27	9	risk	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on history	1990	UK
28	9	risk	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	INFINITIVE + INFINITIVE verbal compl.; book on how to combat alcoholism	1988	UK
29	9	risk	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	DOUBTFUL, verb 'risked' seems to be ADJ in past participle form	1993	UK
30	9	risk	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	presnt participle introduces ADJ-Phrase, fiction	1992	UK
31	9	risk	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	how to video	1989	UK
32	9	risk	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	national curriculum publication	1993	UK
33	1	risk		Simple	Simple past		No	Modern English	EARLIEST OED ENTRY	1687	UK
34	9	risk	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on religious education	1993	UK
35	9	risk	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1991	UK
36	9	risk	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on USSR	1991	UK
37	9	risk	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	book for children	1990	UK
38	9	risk	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	Neighbourhood Watch talk: crime prevention (Pub/instit).	199?	UK
39	6	set	gerund				No	Early Modern English	verb advise with complement "to set" itself followed by noun object and gerund verbal con	1547	UK
40	9	start	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	Tarmac Construction Ltd training session (Busn). Rec. on 19 Jan 1994	1994	UK

	Code	Phrase
1	1039	BNC SPOKEN: Yes. can actually start thinking about what what we're actually going to do. Yeah yeah. So er because there will be certain input from the factories.
2	1038	BNC: People will start talking about Leeds and that can't be all a bad thing. James. From: Date: Wed, 8 Dec 1993 10:51:59 +0000
3	1052	BNC: Nikita Sergeevich started to cry, tears rolled down his cheeks. "If it is so, then I get what I deserve ... Write a resignation application for me, and I'll sign it."
4	1051	BNC SPOKEN: And I sort of started to get itchy feet to come back and do things in the early eighties and that's when I went to Liverpool,
5	1042	BNC: My Hobby Golf I was eleven years old when I started playing golf. It was the summer 1989
6	297	Twain: start to go to a given point and you run in fifty different directions
7	296	twain: I saw a dog of this kind start to nibble at a flea—
8	1056	BNC: The neo-Velikovskians are, refreshingly, starting to apply some of the tools of science in their arguments: such knotty subjects as physics and mathematics are beginning to make their appearance.
9	1055	BNC: In this way, we're starting to get away from the dangers associated with monopolistic suppliers and purchasers,
10	1054	BNC SPOKEN: The sprint can begin 40 kilometres from the line. Someone starts to wind up the pace.
11	1053	BNC SPOKEN: And that's when I think it starts to get into into shady ground where where the woman hasn't actually said no because she feels intimidated not by violence but by social pressure.
12	298	Twain: and Blucher started to ride into the open door-way.
13	1041	BNC SPOKEN: But that probably stopped when I started going in didn't it? Yes yeah.
14	1037	BNC SPOKEN: Er, after that people starting going on leave, is is anybody out away due in the first week in August? Erm, yes, me
15	1043	BNC: Illinois-based Open Business Systems Inc has started selling the Tsunami-based SparcClassics over the Internet to the home market.
16	1044	BNC SPOKEN: Since you first started collecting stamps, has there been any definite period when you lost interest in stamp collecting Yes. That then came back to you Mm.
17	1045	BNC SPOKEN : Yeah. and the moon starts coming across the sky as it does and it gets in the way of the sun.
18	1046	BNC: Sue, the mother of four from Connections, turns up, and Samantha starts necking her.
19	1050	BNC: He glanced at me, saw the discomfort in my expression and started to laugh .
20	1047	BNC: It starts raining and they rush for the car, where they have an afternoon sleep.
21	1040	BNC: What is this garden for? If you start writing down some of the responses to that question, you will find you have along the way acquired a ragbag of elements that will have an important bearing on the design
22	857	OED: 1833 Newman Lett. (1891) l. 434, I had before this written to Rose how we had best start agitating.
23	1036	BNC SPOKEN: what I would like to do is to simultaneously be starting working in erm a particular sets of communities,
24	917	BNC: "So you can start practising pretending it never happened," he derided, fleetingly aggressive.
25	958	BNC SPOKEN: so that we can make up our minds at that level as to who we feel will be the best person to start recommending to go forward.
26	1048	BNC SPOKEN: We've got to continue that restraint even as things start to get better, and that means restraints from the top to the bottom, from board room to shop floor.
27	858	OED: 1891 C. Roberts Adrift Amer. 181 There would be no chance of crossing it [the river] for some days..., even if it started to go down at once.
28	856	OED: 1450 Knt. de la Tour (1868) 113 Atte the dredfulle day he wolle axe acomptes where as there shalle none sterte to yelde ansuere.
29	855	OED: 1821 Scott Kenilw. xxiv, 'To-morrow, madam', he said to his charge, 'we will, with your leave, again start early'.
30	854	OED: a1000 Rit. Dunelm. 57/27 Exiliens claudus stetit stvrtende se halta _istod.
31	519	Thenne the gloton anone starte vp and tooke a grete clubbe in his hand / and smote at the kynge
32	518	Schir be my saull, ze neid not be effraid, / Nor zit for me to start nor fle abak,
33	517	For which cause he was ugly astonyd, and in hys mynd kouth thynk on none other socoure, bot start to the chymney, and toke the tonges of yren that men rightid the fire with
34	1034	BNC SPOKEN: because there is this lag period between starting smoking and developing lung cancer or developing heart disease or developing verofa ves vascular disease. Mhm.
35	1035	BNC: I'll be too puffed to dance properly. Knocked at the door and these Pokes starting yakking away.
36	859	OED: 1914 R. Curle Life a Dream 256 It was most unfortunate that at that instant the outer door bell of his flat should start ringing.
37	301	Twain: water was so fearfully cold that they were obliged to stop singing and scamper out again.
38	1070	BNC: As I held him, he stopped breathing and died in my arms." "I have seen other drivers race around the barriers in the past.
39	1073	BNC: Bribes are given to a child for stopping behaving badly, but rewards are given for behaving well.
40	866	OED: 1873 Ruskin Fors Clav. III. xxx. 10 It seemed to him that everybody stopped as they passed, to look at his cart.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	start	gerund	Compound		Present	No	Modern English	Meeting (Busn). Rec. on 20 Jan 1994	1994	UK
2	9	start	gerund	Compound		Present	No	Modern English	Leeds United e-mail list	1993	UK
3	9	start	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Independent	1989	UK
4	9	start	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	BBC Radio Nottingham: radio broadcast (Leisure). Rec. on 10 Nov 1993	1993	UK
5	9	start	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	child writing	199?	UK
6	5	start	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
7	5	start	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
8	9	start	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	book about space	1990	UK
9	9	start	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	book on accountancy	1993	UK
10	9	start	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	Tour de France 92. Channel 4, 1992	1992	UK
11	9	start	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	James Whale Phone-in: radio broadcast (Leisure). Rec. on 30 Oct 1993	1993	UK
12	5	start	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
13	9	start	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	Careers Service: meeting (Busn). Rec. on 23 Apr 1993	1993	UK
14	9	start	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	Local Government Ombudsman office: planning meeting (Busn).	1993	UK
15	9	start	gerund	Compound		Past	No	Modern English	periodical Unigram	199?	UK
16	9	start	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	Market research interview (Busn). Rec. on 5 Jul 1993	1993	UK
17	9	start	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	20 convs rec. by 'Danny' (PS53C)	199?	UK
18	9	start	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Esquire	1993	UK
19	9	start	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1991	UK
20	9	start	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	fiction	1992	UK
21	9	start	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Independent	1989	UK
22	1	start	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1833	UK
23	9	start	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	Oxford City Council Health and Environmental Protection Committee meeting	199?	UK
24	9	start	gerund	Compound		Present	No	Modern English	GERUND + GERUND; fiction	1993	UK
25	9	start	gerund	Compound		Present	No	Modern English	GERUND verbal compl. followed by INFINITIVE verbal compl.; Trade Union Annual Cong	1993	UK
26	9	start	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	Trade Union Annual Congress (Busn). Rec. on 8 Jun 1993	1993	UK
27	1	start	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	conditional subjunctive form of verb 'if it started' followed by infinitive verbal compl.	1891	UK
28	1	start	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	NOT current meaning; 'start' = 'escape'	1450	UK
29	1	start		Simple	Simple present		No	Modern English	with CURRENT meaning 'to begin' earliest OED entry	1821	UK
30	1	start		Compound		Past	Imposs	Old English	EARLIEST OED ENTRY	1000	UK
31	2	start		Simple	Simple past		No	Mid English	NOT an example of verbal complement, typical of period MID English; Sir Thomas Malory	1450	UK
32	2	start		Compound		Present	No	Mid English	NOT an example of verbal complement; included for typicality of verb use 'start' in this per	1500	Scotland
33	2	start		Simple	Simple present		Imposs	Mid English	NOT an example of verbal compl. merely a typicality instance of this period MID English		Scotland
34	9	start	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; Scottish women: discussion about smoking (Leisure).	199?	Scotland
35	9	start	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	fiction	1988	UK
36	1	start	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1914	UK
37	5	stop	gerund	Compound		Present	No	Modern English	infinitive form of verb 'stop' followed by gerund 'singing'	1867	USA
38	9	stop	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Daily Telegraph	1992	UK
39	9	stop	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on children	1989	UK
40	1	stop	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	with interposed ADV Phrase	1873	UK

Code	Phrase
1 868	OED: 1865 Flor. Marryat Love's Confl. I. xix. 328 She herself never stopped—she dared not stop—to ask herself why or wherefore she felt thus.
2 1071	BNC: the heart stops beating altogether and this is called a cardiac arrest. Unless the heart starts beating again within a few minutes the person will die,
3 1072	BNC SPOKEN: it's dark hair, curlyish Mm. with glasses. And she never stops talking .
4 1074	BNC SPOKEN: and by pausing and er stopping and stopping going er too fast. Giving them plenty of time to absorb.
5 1075	BNC: Stopping smoking is the most effective single treatment for those who have had a heart attack or have developed arterial disease of the legs.
6 306	Twain: no man, no woman, no youth of either sex, ever passes by without stopping to examine.
7 1068	BNC: The real mystery about his story is not why two wives refused to make love to him, but how he stopped talking about himself long enough to invite them to bed in the first place.
8 303	Twain: We could not stop to rest two or three hours out from our camp,
9 1060	BNC: Until recently, nobody stopped to consider the rationale for these practices.
10 300	Twain: they were to slip and let you fall,— is it likely that you would ever stop rolling?
11 299	Twain: But the surest way to stop writing about Rome is to stop.
12 305	Twain: Christ said that if the people stopped from shouting Hosannah, the very stones would do it.
13 1058	BNC: Very few of us stop to ask what it is that is pulling them together.
14 302	Twain: We did not stop to inspect their massive blocks of marble,
15 860	OED: c1375 Sc. Leg. Saints xxiii. (Seven Sleepers) 164 þai..of þe cawe þe mouth of stane stopyt wele.
16 861	OED: 1525 Ld. Berners Froiss. II. ccxxxvii. 306 b/2 Whan they had this warnynge they stopped their comyng to the kyng.
17 862	OED: 1795 Gentl. Mag. LXV. ii. 539/1 Barley was so dear that brewers had stopped brewing.
18 863	OED: 1860 Denison Clocks & Watches (ed. 4) 343 The clock stopped striking.
19 864	OED: 1743 Bulkeley & Cummins Voy. S. Seas 107 The greatest Part of the People must be oblig'd, at every Place we stop, to go on Shore in Search of Provisions.
20 1062	BNC: if they have Lermontov's Grimoire, etc), Thadeus stops to listen . Make the adventurers sweat.
21 1057	BNC: "In those early days I didn't even stop to think how Derrick felt," she admits.
22 1067	BNC: I've just finished taking in all my skirts and trousers from 33 inch waist to 29 inch waist. I can't stop looking in the mirror."
23 1059	BNC: "If I tell anyone that we stopped to look for a ghost, they'll laugh at me, and if I was you, I wouldn't tell your mates either.
24 1061	BNC SPOKEN: it's got ta stop cos he stops Jonathan! he stops talking to, stops to talk to her I said a
25 1063	BNC: Many people have employed a variety of mouse and rat poisons without stopping to think that the initial effect of such toxins is to slow down the victim which then becomes an easy target for a hunting cat
26 1064	BNC: Ankle deep in mud, we squelched across a meadow, stopping to admire the spread of water-violet which filled a tyke, whorls of pale lilac flowers encircling straight stems.
27 1065	BNC: He said: "I was told in effect to bugger off and stop being a pest.
28 1066	BNC SPOKEN: Right er, you lot if you can't stop making that stupid racket, I can't. Okay. was a nice young lady, intelligent.
29 865	OED: 1825 Scott Talism. ix, The baron, however, was a little later of entering the tent.., stopping, perchance, to issue some orders.
30 234	Stevenson (NAN): Suddenly his heart stopped beating
31 304	Twain: At two o'clock we stopped to lunch and rest at ancient Shechem,
32 128	Shakespeare (KHVliii): Ay, ay, for this I draw in many a tear And stop the rising of blood-sucking sighs,
33 235	Stevenson (NAN): As he stopped speaking, a bell began to ring loudly in the interior of the house
34 1090	BNC: Two of the longitudinal studies cited showed a temporal decline in toxoplasma seroprevalence; this was suggested to be due to improved standards of food storage.
35 1076	BNC: Further research needs to be done before Van Gemert and colleagues can be confident in suggesting using pulsed dye lasers as first line treatment for all port wine stains.
36 1077	BNC SPOKEN: if we don't work on the strategy that I've been suggesting putting it on the table If you don't do that, I can guarantee that Bill, Bill is gon na play silly buggers.
37 1082	BNC: He suggested taking £240,000 out of council balances after criticising the ruling Liberal Democrat administration for spending right up to the Government's capping limit.
38 1089	BNC: The tenant may object to the amendments suggested to be made to s 196 and wish to amend or delete them. Clause 9.15.2
39 1081	BNC: The refuge worker suggests ringing up the council to check the arrears and clarify the next move.
40 1087	BNC: Is there anything you can suggest to stop her licking the soil? E. Pool, Astley, Manchester. A. I have never come across the problem of a horse licking the soil

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	1	stop	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1865	UK
2	9	stop	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on dieting	1989	UK
3	9	stop	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	15 convs rec. by 'Frederick' (PS0A8) between 10 and 15 Jan 1992	1992	UK
4	9	stop	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; TNT training session: seminar (Busn). Rec. on 16 Aug 1994	1994	UK
5	9	stop	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; health pamphlet	1991	UK
6	5	stop	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English		1867	USA
7	9	stop	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Today	1992	UK
8	5	stop	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Distinct meaning from gerund	1867	USA
9	9	stop	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on African schools	1979	UK
10	5	stop	gerund	Compound		Present	No	Modern English		1867	USA
11	5	stop	gerund	Compound		Present	No	Modern English	infinitive form of verb 'stop' followed by gerund 'writing'	1867	USA
12	5	stop		Simple	Simple past		No	Modern English	NOT an example of gerund complement, the preposition interferes, BUT, this same work	1867	USA
13	9	stop	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	non-fiction on healing	1991	UK
14	5	stop	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Distinct meaning from gerund	1867	USA
15	1	stop		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY; NOT current meaning 'stop' = 'block up'	1375	UK
16	1	stop	gerund	Simple	Simple past		No	Early Modern English	verb 'stop' followed by POSS. PRO 'their' + gerund verbal compl.	1525	UK
17	1	stop	gerund	Compound		Past	No	Modern English		1795	UK
18	1	stop	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1860	UK
19	1	stop	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	FIRST entry with infintive verbal compl. meaning 'stop in order to VERB'	1743	UK
20	9	stop	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	how to fantasy gaming	1992	UK
21	9	stop	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	periodical Daily Mirror	1992	UK
22	9	stop	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on dieting	1989	UK
23	9	stop	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on ghosts	1992	UK
24	9	stop	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	29 convs rec. by 'Jun' (PS0FP) between 29 Nov and 5 Dec 1991	1991	UK
25	9	stop	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	book on cats	1989	UK
26	9	stop	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	book on birdwatching	1994	UK
27	9	stop	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Daily Mirror	199?	UK
28	9	stop	gerund	Compound		Present	No	Modern English	12 convs rec. by '717' (PS4Y3)	199?	UK
29	1	stop	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	ADJ phrase introduced by present participle 'stopping', followed by ADV of manner, follow	1825	UK
30	5	stop	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
31	5	stop	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
32	7	stop	gerund	Simple	Simple present		No	Early Modern English	article "the" imposed between verb and gerund verbal complement	1590	UK
33	5	stop	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1895	UK
34	9	suggest	to-infinitive	Compound	Simple past	Past	No	Modern English	British Medical Journal	1979	UK
35	9	suggest	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND, Object of PREP 'in'; British Medical Journal	199?	UK
36	9	suggest	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	British Rail team brief meeting (Busn). Rec. on 30 Apr 1993	1993	UK
37	9	suggest	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical East Anglian Times	199?	UK
38	9	suggest	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on leases	1993	UK
39	9	suggest	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	non-fiction	1985	UK
40	9	suggest	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	periodical on horses	1991	UK

Code	Phrase
1079	BNC SPOKEN: Well, what I'm suggesting doing is thi it, what are my outcomes from this?
1083	BNC: The council even suggested resolving the dispute by building a meeting-house next to St Paul's for him and his followers to use.
459	BNC: he advised giving a few doses of a partially similar remedy if any aggravation should occur; he also suggested administering the remedy in liquid form,
1084	BNC SPOKEN: Well I'm going to suggest going back to education.
1085	BNC: However, business analysis may often suggest altering business practices rather than always reveal a need for computer information systems
1086	BNC: a level of cognitive development which Piagetian research would suggest to be beyond the average capacity of Swiss children.
1078	BNC: Although it probably sounds odd that I am suggesting negotiating a written agreement with your teenager, psychologists have been using business-style contracts to resolve family conflicts for some years
1080	BNC: The manual suggests using Card No. 1 to start with. This, as you probably know by now, selects alternate needles automatically.
1088	BNC: defendants had taken every precaution that science could suggest to prevent injury of this sort, and it was held that as Parliament had authorised the use of locomotives
1092	BNC: Two hypotheses have been suggested to account for this: there is a high incidence of subclinical deep vein thrombosis (DVT) in pregnancy and leg ulceration increases with age.
869	OED: 1526 Pilgr. Perf. (W. de W. 1531) 124 b, The aungell of sathanas..euer suggestyng & mouyng some vyce, vnder the colour of vertue.
870	OED: 1886 Baring-Gould Court Royal v, I would suggest your following me into my sanctum sanctorum.
1091	BNC: The Model 810 is suggested to sell for $122,180.
1097	BNC: An Australian lifeguard who tried using the air spade on a recent contract for London Underground gave up in tears after two hours.
980	BNC SPOKEN: oh Florrie I must apologise I did try to ring you, I think I managed to get everybody else, erm but you weren't there, in and then I, I left it
436	BNC: UVF admit trying to kill Protestant AN east Belfast man injured in a gun attack at his Palmerston Park home on Monday night remains "seriously ill but stable".
520	cursor mundi: Alle þe stryffe between hem & þe, / Be Pees it owe tried to be,
236	Stevenson (NAN): "Thank you," replied I; "I shall try to get her to the minister's at Graden-Wester."
237	Stevenson (NAN): "Call a cab in Heaven's name, and let me try to forget in slumber the memory of this night's disgrace."
238	Stevenson (NAN): Out of pure goodwill, I have tried to find your own gallant for you.
393	Allingham: 'I'm not trying to make a case against the chap,' he complained, 'I'm trying not to. We all are. . .'
239	Stevenson (NAN): that it was I whom he had tried to murder on the night of landing;
872	OED: 1642 Declar. Lords & Comm. 2 Sept. 5 Fasting and Prayer having bin often tried to be very effectuall.
1093	BNC SPOKEN: Instead of you saying, oh perhaps something's gone wrong and trying working it out, it's all reflected back yourself with food.
1094	BNC SPOKEN: Without trying looking very heavily at these type of sales, where savings plans have been sold for future mortgages, erm,
308	Twain: You gaze, and stare, and try to understand that it is real
309	Twain: a consistent Christian. I try to do what is right.
310	Twain: But let us try to bear it with fortitude.
1099	BNC: If this leaves the gripper too far from the desired point, the robot tries adjusting each joint a little in turn to see which adjustment moves the torch's image most quickly towards the point
1095	BNC: When applying eyeliner, try using a little water mixed with eye shadow powder --; it gives a softer, less harsh, line.
1098	BNC: They tried phoning , but there was no reply. He had been so tired that he couldn't hear either the telephone or his alarm clock.
874	OED: 1697 Dryden Virg. Georg. iii. 355 To repair his Strength he tries: Hardning his Limbs with painful Exercise.
311	Twain: I tried walking, for exercise—
312	Twain: Finally, they captured the place, and drove the Russians out, who then tried to retreat into the town, but the English had taken the Redan,
313	Twain: But this last new horse I have got is trying to break his neck over the tent-ropes,
205	Mary Shelley (F): At first I perceived that he tried to suppress his emotion;
162	Shakespeare (AWEW): By the luckiest stars in heaven: and, would your honour, But give me leave to try success, I'd venture, The well-lost life of mine on his grace's cure, By such a day and hour.
206	Mary Shelley (F): He tried to make us act plays and to enter into masquerades,
207	Mary Shelley (F): I tried to calm Ernest;
208	Mary Shelley (F): Sometimes I tried to imitate the pleasant songs of the birds but was unable.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	suggest	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	Teachers' conference: discussing tutorial programme (Edu/inf). Rec. on 3 Sep 1992	1992	UK
2	9	suggest	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	199?	UK
3	9	suggest	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	pamphlets; Norfolk: The Homeopathic Supply Company, 1991,	1991	UK
4	9	suggest	gerund	Compound		Present	No	Modern English	BBC Radio Nottingham: radio broadcast (Leisure). Rec. on 3 Nov 1993	1993	UK
5	9	suggest	gerund	Compound	Simple present	Present	No	Modern English	book on Info. technology	1992	UK
6	9	suggest	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on African schools	1979	UK
7	9	suggest	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	book for parents	1989	UK
8	9	suggest	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on knitting	1992	UK
9	9	suggest	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	book on law	1991	UK
10	9	suggest	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical on nursing	1992	UK
11	1	suggest		Compound		Present contin	No	Early Modern English	EARLIEST OED ENTRY	1526	UK
12	1	suggest	gerund	Compound		Present	No	Modern English	'suggest' followed by POSS. PRO 'your' + gerund 'following'	1886	UK
13	9	suggest	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	periodical Unigram	199?	UK
14	9	try	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	periodical Business	1991	UK
15	9	try	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Harlow Women's Institute committee meeting (Pub/instit). Rec. on 4 Sep 1991	1991	UK
16	9	try	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	verb 'trying' is a present participle verbal complement of verb 'admit' itself followed by infin	1995	UK
17	2	try	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Mid English	Northumbrian poem of 14th Cent.	1350	UK
18	5	try	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English		1895	UK
19	5	try	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
20	5	try	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1895	UK
21	4	try	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	Demonstrates the meaning difference between 2 placements of NOT, order makes constr	1945	UK
22	5	try	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English		1895	UK
23	1	try	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English	NOT current meaning 'tried to be' = 'shown/tested to be'	1642	UK
24	9	try	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	Eating disorders: television discussion (Leisure).	199?	UK
25	9	try	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; Abbey Life: training session (Busn). Rec. on 13 Jan 1994	1994	UK
26	5	try	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
27	5	try	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
28	5	try	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
29	9	try	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on robotics	1992	UK
30	9	try	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	book on fitness	1989	UK
31	9	try	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	biography	1990	UK
32	1	try	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1697	UK
33	5	try	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
34	5	try	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1867	USA
35	5	try	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English		1867	USA
36	5	try	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
37	7	try		Compound		Present	No	Early Modern English	NOT an example of verbal complement: Verb in infinitive form "To try" followed by noun "s	1602	UK
38	5	try	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
39	5	try	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK
40	5	try	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1818	UK

Code	Phrase
1096	BNC: It is interesting to try reading in this position oneself for a minimum of ten minutes in order to appreciate its inefficiency, and to experience the uncomfortable and tiring effects of doing so.
873	OED: 1579 Lyly Euphues (Arb.) 84 The quiet life which I haue tryed being a mayden.
871	OED: c1330 R. Brunne Chron. Wace (Rolls) 13260 þey turnde ageyn, And tryde þe Bretons fro ilk Romeyn.
523	John Gower: And after, thou schalt understonde, To mete into the kinges halle Thei come, as thei be beden alle:
1101	BNC: but only the beginner group showed the normal pattern of understanding being better than production. Even when age of acquisition and age at time of test are controlled
522	Richard Rolle de Hampole: He says "he has no wille to fele, / Ne to understand for to do wele".
875	OED: c888 K. Ælfred Boeth. xxxix. §8 Se godcunda foreþonc hit understent eall swiðe rihte, þeah..we ne cunnon þæt riht understandan.
1100	BNC: and fourthly, anagogical understanding relating to ultimate spiritual realities --; this is particularly important for mystical works.
1113	BNC SPOKEN: who unfortunately isn't here today erm doesn't want it in the North of the county for for what I understand to be to be that same reason,
521	Peter Langtoft's Chronicle: Wherfor þe erle of Ba did Gowyn understand, / To leue alle his werre, & take þe lawe of land.
1109	BNC: the phrase could be understood to mean quite simply that capital, or more precisely, the people disposing of it, treats labour, or more precisely, the people employed, so badly as to create resentment.
876	OED: 1566 Pasquine in Traunce 107 That which Christ speaketh..of many false Prophets..may be vnderstand to be the sundry sectes of Monkes and Fryers.
314	Twain: It was the last compliment I had expected. I only understand putting on the buckskin article perfectly.
877	OED: 1645 Docq. Lett. Pat. at Oxf. (1837) 257 Which Forces shalbe vnderstoode to be in the nature of Posse Comitatus.
315	Twain: I can always tell when a gentleman understands putting on kid gloves.
879	OED: 1723 Pres. St. Russia I. 337 A Hatchet, which their Carpenters understand to handle with more Skill than those of any Nation whatsoever.
1111	BNC: What one understands to be the use of computers in spectroscopy is very much a matter of personal prejudice,
1110	BNC: and should restate what she or he understands to be the youngster's argument, so as to be sure of there being no misunderstanding.
878	OED: 1297 R. Glouc. (Rolls) 8877 þe king vor ire eritage him gan vnderstonde To bringe roberd is sone..in is warison þere.
1108	BNC: Italian giants Inter Milan are understood to be watching the situation closely, with Pearce hoping Clough changes his mind and puts him more in line with the kind of wages being picked up by some of his
1107	BNC: the mechanisms of certain important metal-catalysed industrial processes are now being understood using modern spectroscopic techniques.
1106	BNC: The allegory is easily understood using the following key: the owner of the vineyard = God the vineyard = Israel
1105	BNC SPOKEN: er but I think I understand acting more than I understand anything in the world.
1104	BNC SPOKEN: mm, mm I just find it very difficult to understand paying over two thousand for, er to have your tummy bulge removed.
1103	BNC: I understand exercising all the functions of a sovereign government, in maintaining law and order, instituting and maintaining courts of justice,
1102	BNC: He can understand imagining something (a cave, perhaps) as a dwelling; but can not understand imagining a butterfly exactly as it is, but ugly.
1112	BNC: MODEL OF REALITY which we as human beings carry inside our heads, and which consists of all the things we know, believe, judge or understand to be the case in the world in which we live.
886	OED: 1576 Common Conditions 216 (Brooke) Like beggers wee liue and want to pay rent.
885	OED: 1426 Lydg. De Guil. Pilgr. 16733 For thow, lady, ffayllest neuere, nor thow wantest nat to do socour and helpe to alle that deuoutly besechyn and prayen vn-to the.
884	OED: 1553 Eden Treat. Newe Ind. Ded. (Arb.) 6 One whose good will hath not wanted to gratifie your grace with a better thing if mine abilitie were greater.
316	Twain: go on telling him in your kind of French he never will find out where we want to go to.
883	OED: c1400 Rom. Rose 2530 But word and wit, with chere ful pale, Shul wante for to telle thy tale.
882	OED: 1697 Dryden Æneis xii. 937 Then, shall I see Laurentum in a flame, Which only wanted to compleat my shame.
880	OED: c1200 Ormin 13380 All þatt wantteþþ Cristess hald All sinnkeþþ inntill helle.
891	OED: 1791 R. Mylne 2nd Rep. Thames Navig. 13 The Banks of the [Lock] Chamber want to be laid down properly, and some Trees cut down.
881	OED: 1618 J. Wilkinson Treat., Of a Court Leet 79 b, The steward may impanell any stranger, if there want to make xii. of ye lury.
887	OED: 1573-80 Tusser Husb. (1878) 10. I haue no labour wanted to prune this tree thus planted, whose fruite to none is scanted, in house or yet in feild.
888	OED: 1587 Nottingham Rec. IV. 216 We present the Bull Ringe to want raylinge.
890	OED: 1724 R. Fiddes Morality Pref., p. cxix, A train of accusations which, severally, want to be proved themselves.
897	OED: 1902 J. F. Rusling European Days & Ways 299 Blücher wanted to hang or shoot Napoleon as an outlaw and monster.

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	9	try	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on special education	1989	UK
2	1	try	gerund	Compound		Past	No	Early Modern English	NOT current meaning; 'tried being' = 'experienced in being'	1579	UK
3	1	try		Simple	Simple past		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY; NOT current meaning 'try' = 'separate'	1330	UK
4	2	understand	to-infinitive	Compound		Present	Imposs	Mid English	confessio amantis	1400	UK
5	9	understand	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	book on sign language	1993	UK
6	2	understand	to-infinitive	Compound		Present	Imposs	Mid English	infinitive verbal complement 'for to do' Richard Morris editor, 1863	1349	UK
7	1	understand		Simple	Simple present		Yes	Old English	EARLIEST OED ENTRY	888	UK
8	9	understand	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	GERUND + GERUND; book on mysticism	1993	UK
9	9	understand	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	EIP meeting at Strensall Village Hall, day 3, afternoon session: public county council plan	1993	UK
10	2	understand	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	DOUBTFUL: word order makes it difficult to identify this as a true infinitive verbal comple	1307	UK
11	9	understand	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	book on political science	1988	UK
12	1	understand	to-infinitive	Compound		Present	No	Early Modern English		1566	UK
13	5	understand	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
14	1	understand	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1645	UK
15	5	understand	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
16	1	understand	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	NOT current meaning, 'understand + to-infinitive' = 'understand how to VERB'	1723	UK
17	9	understand	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on chemistry	1992	UK
18	9	understand	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	how to parenting	1989	UK
19	1	understand	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English		1297	UK
20	9	understand	to-infinitive	Compound		Past	No	Modern English	periodical Daily Mirror	199?	UK
21	9	understand	gerund	Compound		Past	No	Modern English	periodical on chemisty	199?	UK
22	9	understand	gerund	Compound		Past	No	Modern English	how to read gospels	1990	UK
23	9	understand	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	BBC Radio Nottingham: radio broadcast (Leisure). Rec. on 10 Nov 1993	1993	UK
24	9	understand	gerund	Compound		Present	No	Modern English	Scottish Women: discussion about 'the body beautiful' (Leisure).	199?	Scotland
25	9	understand	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical on laws	1992	UK
26	9	understand	gerund	Compound		Present	No	Modern English	book on philosophy	1991	UK
27	9	understand	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on fiction writing	1987	UK
28	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1576	UK
29	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Mid English		1426	UK
30	1	want	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1553	UK
31	5	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
32	1	want	to-infinitive	Compound		Present	No	Mid English	infinitive verbal compl. introduced with 'for to'	1400	UK
33	1	want	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1697	UK
34	1	want		Simple	Simple present		No	Mid English	EARLIEST OED ENTRY	1200	UK
35	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1791	UK
36	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1618	UK
37	1	want	to-infinitive	Compound		Past	No	Early Modern English		1580	UK
38	1	want	gerund	Compound		Present	No	Early Modern English	verb infinitive form 'to want' + gerund verbal compl.	1587	UK
39	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1724	UK
40	1	want	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1902	UK

Code	Phrase
1 892	OED: 1865 'L. Carroll' Alice in Wonderland vii. (1866) 96 'Your hair wants cutting', said the Hatter.
2 893	OED: 1898 'H. S. Merriman' Roden's Corner xiv. 146 'That loose-shouldered chap Roden is a scoundrel,' he said bluntly... 'and wants thumping.'
3 894	OED: 1706 E. Ward Wooden World Diss. (1708) 2 All such as want to ride in Post-haste from one World to the other.
4 895	OED: 1727 A. Hamilton New Acc. E. Ind. I. v. 52 If either want to be separated during the term limited, there must be a Commutation of Money paid by the separating Party to the other, according as they can agree
5 896	OED: 1751 G. Lavington Enthus. Meth. & Papists iii. (1754) 127 Cheats mingle the Flower or Seed among the Food of those whom they want to defraud.
6 889	OED: 1719 De Foe Crusoe i. (Globe) 160 My goats wanted to be milked.
7 1120	BNC: The mess on that carpet wants cleaning Go and get some water go and get the cloth quickly
8 173	Shakespeare (Rape of Lucrece, 109): On this sad shadow Lucrece spends her eyes, And shapes her sorrow to the beldam's woes, Who nothing wants to answer her but cries, And bitter words to ban her cruel f
9 181	The Federalist Papers: circumstances, will neither be induced to commit the wrong themselves, nor want power or inclination to prevent or punish its commission by others.
10 240	Stevenson (NAN): "Come here, Cassilis, and alone; I want to show you something."
11 1114	BNC SPOKEN: Have you done it like? wheel bearings might want doing that bloke's Who do gon na do it
12 241	Stevenson (NAN): You are my brother's bastard by a fishwife, if you want to know.
13 242	Stevenson (NAN): "Then I want to see your friend's silk hat.
14 243	Stevenson (NAN): "What I want to know," he broke out, "is where the devil Mr. Cassilis comes from,
15 1115	BNC SPOKEN: they haven't got parcels they want moving next Monday, they've got parcels that want moving today.
16 1116	BNC SPOKEN: I done the work and I'll want paying . Fair's fair. Look at the place. You can't deny I done the work."
17 1117	BNC SPOKEN: it had new blades on but they wanted it really tight, and they wanted tightening up and that so yeah.
18 318	Twain: work at any business they please; they can sell brand new goods if they want to;
19 1119	BNC SPOKEN: we er did a er a list of what wants doing , exactly what wants doing . Yes, it really A full specification.
20 524	'witinde bađe god and euel,' swa sođliche berđ ōis ilche trew đat wastme đe mani?e want to liue, and ec sume to deađe,
21 1121	BNC SPOKEN: unless there's somebody else wanting serving isn't it. If you happen to be serving, but I used to serve quite a lot myself.
22 1122	BNC: "what is blocking the path to where I want to be ?"
23 1123	BNC: By contrast, I want to argue that much of what we call teaching quality (or its absence) actually results from processes of a social nature,
24 1124	BNC: I wanted to tell my brother when I started my periods, I was so excited. Some girls wouldn't tell their brother.
25 1125	BNC: "Kress, I just wanted to thank you for what you did to-night. Thank you very much."
26 1126	BNC: The engineer wants to know the simple answer to the question " how much load will this structure or piece of material take
27 1127	BNC: Nobody wants to die but a brush with death makes you feel more intensely alive than ever.
28 1128	BNC SPOKEN: Yes. I mean, erm What's your explanation for Mrs Reed wanting to see Jane again?
29 1129	BNC: SCORPIO (Oct 24/Nov 22) You start the weekend feeling bolshie and wanting to kick over the traces of convention and conformity.
30 317	Twain: does the man want to illuminate the house?— does he want to get up a torch-light procession?— what is he up to, any how?
31 319	Twain: He circled round and round the ship, wanting to light, but afraid of the people.
32 1118	BNC: Neighbours had complained about noise from the church and the council wanted soundproofing,
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	

	1	3	4	5	6	7	8	9	Comentários	11	12
1	1	want	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1865	UK
2	1	want	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English		1898	UK
3	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1706	UK
4	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1727	UK
5	1	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1751	UK
6	1	want	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English		1719	UK
7	9	want	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	12 convs rec. by 'Sheila' (PS59B) between 31 Jan and 4 Feb 1992	1992	UK
8	7	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Early Modern English		1594	UK
9	5	want	to-infinitive				No	Modern English	coordinating (with nor) infinitive verb with ellipsis 'want' followed by OBJ NP coordinated (v	1787	USA
10	5	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
11	9	want	gerund	Compound		Present	No	Modern English	25 convs rec. by 'Alec' (PS01T) between 31 Jan and 7 Feb 1992	1992	UK
12	5	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
13	5	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
14	5	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1895	UK
15	9	want	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	Team focus training course (TNT Express): training session (Busn). Rec. on 10 Feb 1994	1994	UK
16	9	want	gerund	Compound		Present	No	Modern English	fiction	1987	UK
17	9	want	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	13 convs rec. by 'Graeme' (PS0DX) between 22 and 26 Feb 1992	1992	UK
18	5	want	to-infinitive	Compound		Present	No	Modern English	Stranded 'to' of infinitive after verb 'want'	1867	USA
19	9	want	gerund	Simple	Simple present		No	Modern English	Parish Council meeting (Pub/instit). Rec. on 21 Apr 1993	1993	UK
20	2	want	to-infinitive	Simple	Simple present		Imposs	Mid English	edited by Ferdinand Holthausen, 1888	1200	UK
21	9	want	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	Gwynedd County Council tape 3: interview for oral history project (Leisure). Rec. on ?? ??	1984	UK
22	9	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on info. technology	1992	UK
23	9	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	book on schools	1989	UK
24	9	want	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	book on looks	1990	UK
25	9	want	to-infinitive	Simple	Simple past		No	Modern English	fiction	1990	UK
26	9	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	textbook on mechanics	1985	UK
27	9	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English	periodical Harper's & Queen	1990	UK
28	9	want	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	Appreciation of literature: lecture and discussion (Edu/inf). Rec. on 9 Nov 1992	1992	UK
29	9	want	gerund	Compound		Present contin	No	Modern English	periodical Belfast Telegraph	199?	Ireland
30	5	want	to-infinitive	Simple	Simple present		No	Modern English		1867	USA
31	5	want	to-infinitive	Compound		Present contin	No	Modern English	an elliptical main verb be + continuous 'wanting' or an adverbial phrase headed by presen	1867	USA
32	9	want	gerund	Simple	Simple past		No	Modern English	church periodical	199?	UK
33											
34											
35											
36											
37											
38											
39											
40											